

Landesbibliothek Oldenburg

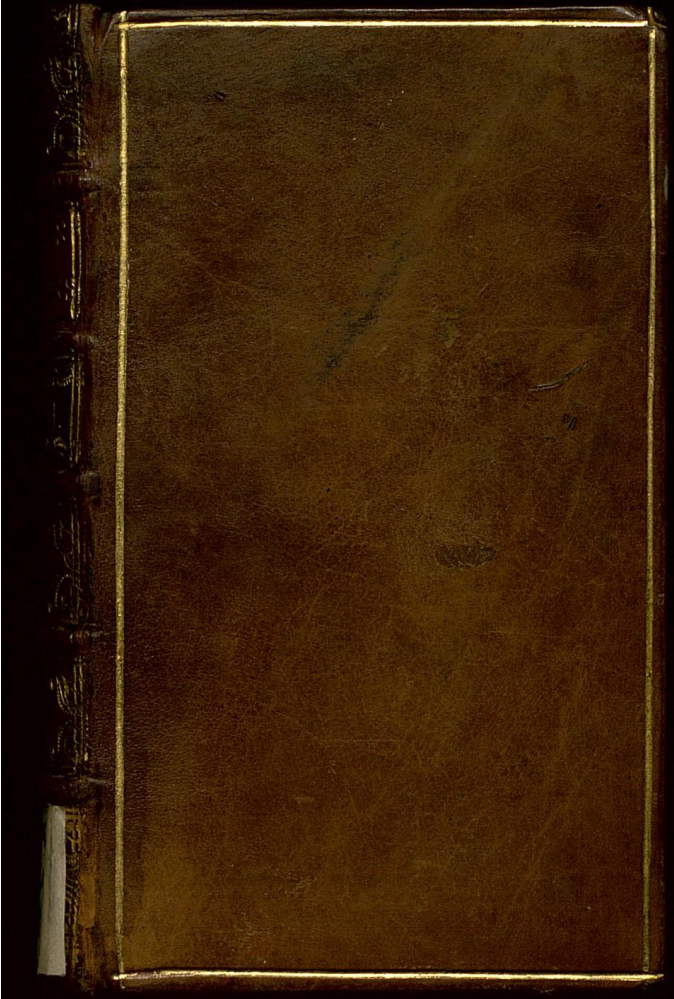
Digitalisierung von Drucken

Obras De Luis de Camoens

Camões, Luis de

Paris, 1759

urn:nbn:de:gbv:45:1-2655



OBRAS
DE
CAMOENS

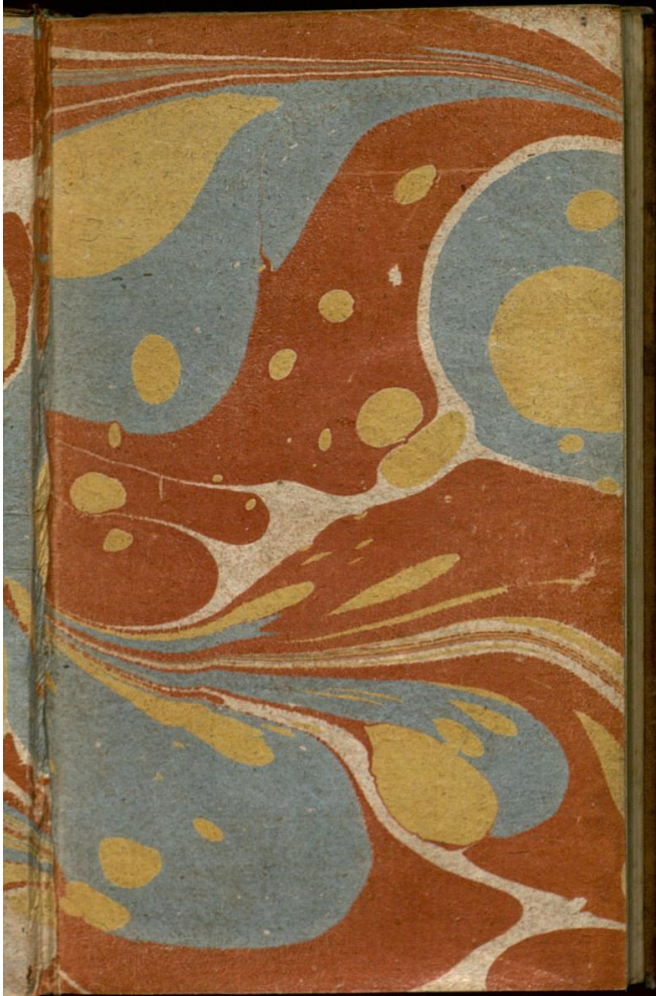
TO. II.

Spr XVII

6

19:2





Spr. XVII 6

19



1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14
Inches
Centimetres

Farbkarte #13

| Blue | Cyan | Green | Yellow | Red | Magenta | White |
|------------|------------|-------------|--------------|-----------|---------------|-------|
| Light Blue | Light Cyan | Light Green | Light Yellow | Light Red | Light Magenta | White |
| Dark Blue | Dark Cyan | Dark Green | Dark Yellow | Dark Red | Dark Magenta | White |



5



OBRAS
DE CAMOENS.
TOMO II.



OPERA
DE CAMOENIS
TOMUS



O B R A S
DE LUIS
DE CAMOENS.

NOVA EDIÇÃO.

TOMO SEGUNDO.



PARIS,
A CUSTA DE PEDRO GENDRON.
VENDESE EM LISBOA,
Em casa de BONARDEL & DUBEUX,
Mercadores de Livros.

M. DCC. LIX.



EX BIBLIOTHECA
OLDENBURGENSI.





R I M A S
D E
L U I S D E C A M O E N S .

S O N E T O S .

i.

EM quanto quiz Fortuna, que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de hum suave pensamento,
Me fez, que seus effeitos escrevesse:

Porém temendo Amor, que aviso desse
Minha escriptura a algum juizo izento,
Escureceome o engenho co tormento,
Para que seus enganos nam dicesse.

O vós, qu'Amor obriga a ser fugeitos
A diversas vontades, quando lerdas
Num breve livro casos tam diversos;

Verdades puras são, & nam defeitos,
E sabeí, que segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

Tóm. II.

A

SONETOS

I I.

Eu cantarei d'amor tam docemente,
Por huns termos em si tam concertados,
Que dous mil accidentes namorados,
Faça sentir ao peito, que nam sente.

Farei qu'amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ouzadia, & pena ausente.

Tambem, Senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda, & rigurosa,
Contentarm'hei dizendo a menos parte.

Porém para cantar de vosso gesto,
A composição alta, & milagrosa,
Aqui falta saber, engenho, & arte.

I I I.

Com grandes esperanças ja cantei,
Com que os Deoses no Olimpo conquistara;
Depois vim a chorar, porque cantara,
E agora choro ja, porque chorei.

Se cuido nas passadas, que ja dei,
Custame esta lembrança sô tam cara,
Qu'a dor de ver as magoas, que passara,
Tenho pela mdr magoa, que: passci.

Pois logo, se está claro, que hû tormento
Dá causa que outro n'alma se acrecente,
Ja nunca posso ter contentamento.

Mas esta fantasia se me mente,
Oh ocioso, & cego pensamento!
Ainda eu imagino em ser contente!

DEPOIS que quis Amor , que eu sô passasse
 Quanto mal ja por muitos repartio ,
 Entregoume à fortuna , porque vio ,
 Que nam tinha mais mal , q̄ em mi mostrasse ,

Ella porque do amor se avantejasse
 No tormento , que o Ceo me permitio ,
 O que para ninguem se consentio ,
 Para mi sô mandou que se inventasse.

Eisme aqui vou com vario som gritando
 Copioso exemplario para a gente ,
 Que destes dous tyranos he sujeita :

Desvarios em versos concertando ,
 Triste , quem seu descanso tanto estreita ,
 Que deste tam pequeno està contente.

EM prisões baixas fui hum tempo atado ,
 Vergonhoso castigo de meus erros ,
 Inda agora arrojando levo os ferrtos ,
 Que amor a meu pefar tem ja quebrado.

Sacrifiquei a vida a meu cuidado ,
 Que amor nam quer cordeiros , nem bezerrtos :
 Vi magoas , vi miserias , vi desterrtos ,
 Parece-me que estãva assi ordenado.

Contenteime com pouco , conhecendo
 Que era o contentamento vergonhoso ,
 Sô por ver , que cousa era viver ledo ,

Mas minha estrella , q̄ eu ja agora entendo ,
 A morte cega , & caso duvidoso ,
 Me fizeraõ de gostos haver medo.

ILLUSTRE, & dino ramo dos Meneses,
 Aos quaes o prudente & largo Ceo
 (Que errar nam sabe) em dote concedeo
 Rompefe os Mahometicos arneses.

Despresando a Fortuna, & seus reveses,
 Ide para onde o Fado vos moveo,
 Erguei flamas no mar alto Erithreo;
 E sereis nova luz aos Portugueses.

Oprimi com tam firme, & forte peito
 O pirata insolente, que se espante,
 E tremia Taprobana, & Gedrolia,
 Dai nova causa à cor do Arabio estreito,
 Assi, que o roxo mar daqui em diante
 O seja, sô co sangue de Turquia.

V I I.

No tempo, que de amor viver sohia,
 Nem sempre andava ao remo ferrolhado,
 Antes agora livre, agora atado
 Em varias flamas variamente ardia;

Que ardesse num sô fogo nam queria
 O Ceo, porque tivesse experimentado,
 Que nem mudar as causas ao cuidado,
 Mudança na ventura me faria.

E se algum pouço tempo andava izento,
 Fui como quem co peso descansou,
 Por tornar a cansar com mais alento.

Louvado seja amor em meu tormento,
 Pois para passatempo seu tomou
 Este meu tam cansado sofrimento.

DE L. DE CAMOENS. } 5

V I I I.

AMOR, que o gesto humano n'alma escreve,
Vivas faiscas me mostrou hum dia,
Donde hum puro cristal se derretia
Por entre vivas rosas, & alva neve.

A vista que em si mesma nam se atreve
Por se certificar do que alli via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao sofrimento doce, & leve,

Jura amor, que brandura de vontade,
Causa o primeiro effeito, o pensamento
Endoucece, se cuida que he verdade:

Olhai como amor gera num momento,
De lagrimas de honesta piedade,
Lagrimas de immortal contentamento.

I X.

TANTO de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio,
Sem causa juntamente choro, & rio,
O mundo todo abarco, & nada aperto,

He tudo quanto sinto hum desconcerto,
D'alma hum fogo me fae, da vista hum rio,
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvatio, agora acerto.

Estando em terra chego ao Ceo voando,
Num hora acho mil annos, & de gesto,
Que em mil annos nam posso achar hũ hora.

Se me pergunta alguem porque assi ando?
Respondo, que nam tei; porém suspeito,
Que sô porque vos vi, minha senhora.

A iij



TRANSFORMASE O amador DA COUSA amada,
 POR virtude do muito imaginar,
 Nam tenho logo mais que desejar,
 Pois em mi tenho a parte desejada.

Se nella estâ minha alma transformada,
 Que mais deseje o corpo de alcançar?
 Em si fômente pôde descansar,
 Pois consigo tal alma estâ liada.

Mas esta linda, & pura semidêa,
 Que como o accidente em seu fugeito,
 Assi com a alma minha se conforma:]

Estâ no pensamento como idêa,
 E o vivo, & puro amor, de que sou feito,
 Como materia simples busca a fôrma.

PASSO por meus trabalhos tam izento,
 De sentimento grande, nem pequeno,
 Que sô pola vontade, com que peno,
 Me fica amor devendo mais tormento,

Mas vai-me amor matando tam atento,
 Temperando a triaga, co veneno,
 Que do penar a ordem desordeno,
 Porque nam mo consente o sofrimento.

Porêem se esta fineza o amor sente,
 E pagarme meu mal com mal pretende,
 Torname ço prazer como ao Sol neve;

Mas se me vê cos males tam contente,
 Fazse avâro da pena, porque entende,
 Que quanto mais me paga, mais me deve.

X I I.

EM flor vos arrancou , de então crescida ,
 Ah Senhor Dom Antonio , a dura forte ,
 Donde fazendo andava o braço forte ,
 A Fama dos antigos esquecida.

Huma sô razão tenho conhecida ,
 Com que tamanha magoa se conforte ,
 Que pois no mundo havia honrada morte ,
 Que nam podieis ter mais larga vida.

Se meus humildes versos pòdem tanto ,
 Que co desejo meu se iguale a arte ,
 Especial materia me fereis ,

E celebrado em triste & longo canto ,
 Se morrestes nas mãos do fero Marte ,
 Na memoria das gentes vivireis.

X I I I.

NUM jardim adornâdo de verdura ,
 A que esmaltão por cima varias flores
 Entrou hum dia a Deosa dos amores
 Com a Deosa da caça , & da espessura.

Diana tomou logo huma Rosa pura ,
 Venus hum roxo Lirio dos melhores ,
 Mas excedião muito às outras flores ,
 As Violas na graça , & fermosura ,

Perguntão a Cupido , que alli estâva ,
 Qual d'aquellas tres flores tomaria ,
 Por mais suave , pura & mais fermosa ?

Sorrindose o minino lhes tornâva ,
 Todas fermosas são , mas eu queria
 Viola antes , que Lirio , nem que Rosa.

Todo animal da calma repoufava,
 Sò Lifo o ardor della nam sentia,
 Que o repouso do fogo, em que ardia,
 Conſistia na Ninfa, que buscava.

Os montes parecia, que abalava
 O triste som das magoas, que dizia,
 Mas nada o duro peito commovia,
 Que na vontade d'outrem posto estàva.

Cansado ja da andar pela espessura,
 No tronco de huma faya, por lembrança,
 Escreve estas palavras de tristeza:

Nunqua ponha ninguem sua esperança,
 Em peito feminil, que de natura
 Sòmente em ser mudavel tem firmeza.

XV.

BUSQUE Amor novas artes, & novo engenho
 Para matarme, & novas esquivanças,
 Que nam pôde tirarme as esperanças,
 Pois mal me tirará, o que eu nam tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho,
 Vede que perigosas seguranças,
 Que nam temo contrastes, nem mudanças,
 Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas com quanto nam pôde haver desgosto,
 Onde esperança falta, là mo esconde
 Amor num mal, que mata, & nam se vé:

Que dias ha que n'alma me tem posto,
 Hum nam sei que, que nasce, não sei donde,
 Vent, nam sei como, & doe, nam sei porque.

XVI.

QUEM vê, senhora, claro, & manifesto
 O lindo ser de vossos olhos bellos,
 Senam perder a vista sô em vellos,
 Já nam paga, o que dêve a vosso gesto.

Este me parecia preço honesto,
 Mas eu por de ventagem merecellos,
 Dei mais a vida, & alma por quercellos,
 Donde já me fica mais de resto.

Assi que a vida, & alma, & esperança,
 E tudo quanto tenho, tudo he vosso,
 E o proveito diiso eu sô o levo:

Porque he tamanha bemaventurança,
 O darvos quanto tenho, & quanto posso,
 Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

XVII.

QUANDO da bella vista, & doce riso
 Tomando estaô meus olhos mantimento,
 Tam enlevado sinto o pensamento,
 Que me faz ver na terra o paraizo.

Tanto do bem humano estou diviso,
 Que qualquer outro bem julgo por vento,
 Assi que em caso tal, segundo sento,
 Assaz de pouco faz, quem perde o siso.

Em vos louvar, senhora, nam me fundo,
 Porque quem vossas cousas claro sente,
 Sentirá que nam pôde conhecellas.

Que de tanta estranheza sois ao mundo,
 Que nam he de estranhar, dama excellente,
 Que, quem vos fez, fizesse Ceo, & Estrellas.

Doces lembranças da passada gloria,
 Que me tirou Fortuna roubadora,
 Deixai-me repouzar em paz huma hora
 Que comigo ganhais pouca vitoria.

Impressa tenho n'alma larga historia
 Deste passado bem, que nunca fora,
 Ou fora, & nam passâra, mas ja agora
 Em mi nam pôde haver mais que a memoria.

Vivo em lembranças, morro de esquecido,
 De quem sempre devera ser lembrado,
 Se lhe lembrâra estado tam contente.

Oh quem tornar pudêra a ser nascido!
 Souberame lograr do bem passado,
 Se conhecer foubêra o mal presente.

XIX.

ALMA minha gentil, que te partiste
 Tam cedo desta vida descontente,
 Repousa là no Ceo eternamente,
 E viva eu cá na terra sempre triste.

Se là no assento ethereo, onde subiste,
 Memoria desta vida se consente,
 Nam te esqueças d'aquelle amor ardente,
 Que ja nos olhos meus tam puro viste.

E se vires, que pôde merecete
 Algum cousa a dor, que me ficou
 Da magoa sem remedio de perderte;

Roga a Deos, que teus annos encurtou,
 Que tam cedo de cá me leve a verte,
 Quam cedo de meus olhos te levou.

NUM bosque , que das Ninfas se habitava ,
 Sybila Ninfa linda andava hum dia ,
 E sobida n'uma arvore sombria ,
 As amarellas flores apanhava.

Cupido , que alli sempre costumava
 A vir passar a festa a sombra fria ,
 Num ramo o arco , & setas , que trazia ,
 Antes , que adormecesse pendurava.

A Ninfa , como idoneo tempo vira ,
 Para tamanha empreza , nam dilata ,
 Mas com as armas foge ao moço esquivo.

As setas traz nos olhos , com que tira ,
 Oh pastores fugi , que a todos mata ,
 Senão a mi , que de matarme vivo.

X X I.

Os Reynos , & os Imperios poderosos ,
 Que em grandeza no mundo mais crescerão ,
 Ou por valor de esforço florecerão ,
 Ou por varoens nas letras espantosos.

Teve Grecia Themistocles famosos ,
 Os Scipioens a Roma engrandecerão ,
 Doze pares a França gloria derao ,
 Cides a Espanha , & Laras bellicosos.

Ao nosso Portugal (que agora vemos
 Tam diferente de seu ser primeiro)
 Os vossos derao honra , & liberdade.

E em vos grão successor , & novo erdeiro ,
 Do Braganção estado ha mil estremos ,
 Iguais ao sangue , & mores , que a idade.

XXII.

De vós me aparto, ò vida, & é tal mudança,
 Sinto vivo da morte o sentimento,
 Nam sei para que he ter contentamento,
 Se mais ha de perder, quem mais alcança.
 Mas douvos esta firme segurança,
 Que posso que me mate meu tormento,
 Polas agoas do eterno esquecimento,
 Segura passará minha lembrança.

Antes sem vós meus olhos se entristeção,
 Que com qualquer cousa outra se contentem,
 Antes os esqueçais, que vos esqueção,
 Antes nesta lembrança se atormentem,
 Que com esquecimento desmereção
 A gloria, que em sofrer tal pena sentem.

XXIII.

CARA minha inimiga em cuja mão
 Pez meus contentamentos a ventura,
 Faltoute a ti na terra sepultura,
 Porque me falte a mi consolação.

Eternamente as agoas lograrão,
 A tua peregrina formosura,
 Mas em quanto me a mi a vida dura,
 Sempre viva em minh'alma te acharão,
 E se meus rudos versos pôdem tanto,
 Que possaõ prometterte longa historia,
 Daquelle amor tam puro, & verdadeiro:
 Celebrada serás sempre em meu canto,
 Porque é quanto no mundo ouver memoria,
 Será minha escriptura teu letreiro.

XXIV.

AQUELLA triste , & leda madrugada ,
 Chea toda de magoa , & de pièdade ,
 Em quanto ouver no mundo faudade ,
 Quero que seja sempre celebrada.

Ella só quando amena , & marchetada
 Sahia dando ao mundo claridade ,
 Vio apartarse de huma outra vontade ,
 Que nunca poderá verse apartada.

Ella só vio as lagrimas em fio ,
 Que de hús , & de outros olhos derivadas
 Se acrescentaõ em grande & largo rio ;
 Ella vio as palavras magoadas ,
 Que puderaõ tornar o fogo frio ,
 E dar descanso às almas condenadas.

Sz quando vos perdi minha esperança ,
 A memoria perdera juntamente
 Do doce bem passado , & mal presente ,
 Pouco sentira a dor de tal mudança :

Mas amor , em quem tinha confiança ,
 Me representa muy miudamente
 Quantas vezes me vi ledo , & contente ,
 Por me tirar a vida esta lembrança.

De cousas , de que nam havia final ,
 Por as ter postas já em esquecimento ,
 Destas me vejo agora perseguido :

Ah dura estrella minha ! ah gram tromento!
 Que mal pôde ser mór , que no meu mal
 Ter lembrança do bem , que he já perdido ?



EM fermosa Lethea se confia,
 Por onde a vaidade tanto alcança,
 Que tornada em soberba a confiança,
 Com os Deoses celestes competia.

Porque nam fosse avante a ousadia
 (Que nascem muitos erros da tardança)
 Em effeito puzerão a vingança,
 Que tamanha doudice merecia.

Mas Oleno perdido por Lethea,
 Nam lhe soffrendo amor, que soportasse
 Castigo duro tanta fermosura,

Quiz padecer em si a pena alhea,
 Mas porque a morte o amor nam apartasse,
 Ambos tornados saõ em pedra dura.

X X V I I.

MALES, que contra mi vos conjurastes,
 Quanto hã de durar tam duro intento?
 Se dura, porque dura meu tormento?
 Baltevos quanto já me atormentastes.

Mas se assi porfiais, porque cuidastes
 Derrubar meu tam alto pensamento,
 Mais pôde a causa delle, em que o sustento,
 Que vós, que della mesma o ser tomastes.

E pois vossa tenção com minha morte
 Ha de acabar o mal destes amores,
 Dai já fim a tormento tam comprido:

Porque de ambos contente seja a forte,
 Vós, porque me acabastes, vencedores,
 E eu, porque acabei de vós vencido.

DE L. DE CAMOENS. 15
X X V I I I.

ESTASSE a Primavera trasladando
Em vossa vista delcitosã , & honesta ,
Nas lindas faces , & olhos , boca , & testa ,
Boninas , Lirios , Rosas dibuxando.

De forte vosso gêsto matizando ,
Natura quanto pôde manifesta ,
Que o monte , o campo , o rio , & a floresta ,
Se estaõ de vòs , fenhora , namorando.

Se agora nam quereis , que quem vos ama ,
Possa colher o fruto destas flores ,
Perderão toda a graça vossos olhos :

Porque pouco aproveita , linda dama ,
Que femeasse amor em vòs amores ,
Se vossa condiçaõ produz abrolhos.

X X I X.

SETE annos de Pastor Jacob servia
Labão , pay de Rachel , ferrana bella ,
Mas nam servia ao pay , servia a ella ,
Que a ella sò por premio pretendia.

Os dias na esperança de hum sò dia
Passava , contentandose com vella ;
Porém o pay usando de cautella ,
Em lugar de Rachel , lhe dava Lya.

Vendo o triste Pastor , que com enganos
Lhe fora assi negada sua Pastora ,
Como se a nam tivera merecida ,

Começa de servir outros sete annos ,
Dizendo , mais servira , senão fora
Para tam longo amor tam curta a vida.



ESTA' o lascivo , & doce passarinho ,
 Com o biquinho as penas odenando ,
 O verso sem medida , alegre , & brando
 Expedindo no rustico raminho.

O cruel caçador , que do caminho
 Se vem calado , & manso , desviando ,
 Na pronta vista a seta endereitando ,
 Em morte lhe converte o caro ninho.

Desta arte o coração , que livre andava
 (Posto que já de longe destinado)
 Onde menos temia , foi ferido.

Porque o frecheiro cego me esperava ,
 Para que me tomasse descuidado ,
 Em vossos claros olhos escondido.

XXXI.

PEDE o desejo , dama , que vos veja ,
 Nam entende , o que pede , está enganado ,
 He este amor tam fino , & tam delgado ,
 Que quem o tem , nam sabe o que deseja.

Nam ha ahi cousa , a qual natural seja ,
 Que nam queira perpetuo seu estado ,
 Nam quer logo o desejo o desejado ,
 Porque nam falte nunca onde fobeja .

Mas este puro affecto em mi se dana ,
 Que como a grave pedra tem por arte ,
 O centro desejar da natureza ;

Assi o pensamento pela parte ,
 Que vai tomar de mi terrestre , & humana ,
 Foi , senhora , pedir esta baixaza .

Porque quereis , senhora , que offereça
 A vida a tanto mal , como padeço ?
 Se vos nasce do pouco , que mereço ,
 Bem por nascer está , quem vos mereça.

Sabei em fim , por muito , que vos peça ,
 Que posso merecer , quanto vos peço ,
 Que nam consente amor , que em baixo preço ,
 Tam alto pensamento se conheça.

Assi que a paga igual de minhas dores ,
 Com nada se restaura , mas deveisima ,
 Por ser capaz de tantos disfavores.

E se o valor de vossos servidores ,
 Houver de ser igual com vosco mesma ,
 Vòs sò com vosco mesma andai de amores.

Se tanta pena tenho merecida ,
 Em pago de soffrer tantas durezas ,
 Provai , senhora , em mi vossas cruezas ,
 Que aqui tendes huma alma offerecida ,

Nella experimentai , se fois servida ,
 Desprezos , disfavores , & asperezas ,
 Que mores sofrimentos , & firmezas
 Sustentarei na guerra desta vida.

Mas contra vossos olhos , quaes serão ?
 He forçado , que tudo se lhe renda ,
 Mas porei por escudo o coração :

Porque em tam dura , & aspera contenda ,
 He bem , que pois nam acho defenão ,
 Com me meter nas lanças me defenda.

QUANDO o Sol encuberto vai mostrando
 Ao mundo a luz quieta, & duvidosa,
 Ao longo de huma praya delectosa,
 Vou na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi os cabellos concertando,
 Alli co a mão na face tam fermosa,
 Aqui fallando alegre, alli cuidosa,
 Agora estando queda, agora andando.

Aqui esteve affentada, alli me vio,
 Erguendo aquelles olhos tam izentos,
 Aqui movida hum pouco, alli segura.

Aqui se entristeceo, alli se rio;
 Em fim nestes cansados pensamentos,
 Passo esta vida van, que sempre dura.

XXXV.

HUM mover de olhos brando, & piedoso
 Sem ver de que, hū riso brando, & honesto,
 Quasi forçado, hum doce, & humilde gesto
 De qualquer alegria duvidoso.

Hum despejo quiéto, & vergonhoso,
 Hum repouso gravissimo, & modesto,
 Huma pura bondade, manifesto
 Indicio d'alma, limpo, & gracioso.

Hum encolhido oufar, huma brandura,
 Hum medo sem ter culpa, hum ár sereno,
 Hum longo, & obediente sofrimento:

Esta foi a celeste fermosura
 Da minha Circe, & o magico veneno,
 Que pode transformar meu pensamento.

TOMOUME vossa vista soberana ,
 Adonde tinha as armas mais à mão ,
 Por mostrar , que quem busca defensão
 Contra effes bellos olhos , que se engana.

Por ficar da vitoria mais ufana ,
 Deixoume armar primeiro da razão :
 Cuidei de me salvar , mas foi em vão ,
 Que contra o Ceo nam val defenfa humana.

Mas porèm se vos tinha prometido
 O voffo alto destino esta vitoria ,
 Servos tudo bem pouco està sabido :

Que posto que estiveffe apercebido ,
 Nam levais de vencerme grande gloria ,
 Mayor a lêvo eu de ser vencido.

NAM passes caminhante , quem me chama ?
 Huma memoria nôva , & nunca ouvida ,
 De hum , que trocou finita , & humana vida
 Por divina , infinita , & clara fama.

Quem he , que tam gentil louvor derrama ?
 Quem derramar seu fangue nam duvida ,
 Por seguir a bandeira esclarecida
 De hum Capitão de Christo , que mais ama,
 Ditofo fim , ditofo sacrificio ,
 Que a Deos se fez , & ao mundo juntamente ,
 Apregoando direi tam alta sorte.

Mais poderás contar a toda a gente ,
 Que sempre deo sua vida claro indicio ,
 De vir a merecer tam fãnta morte.

FORMOSOS olhos, que na idade nosa
 Mostraes do Ceo certissimos finais,
 Se quereis conhecer quanto possais,
 Olhahme a mi, que sou feitura vossa,
 Vereis, que de viver me desa possa
 Aquelle riso, com que a vida dais,
 Vereis, como de amor nam quero mais,
 Por mais que o tempo corra, & o dano possa.

E se dentro nesta alma ver quizerdes,
 Como num claro espelho, alli vereis
 Tambem a vossa angelica, & serena:
 Mas eu cuido, que sò por nam me verdes
 Vervosem mi, senhora, nam quereis,
 Tanto gosto levais de minha pena.

XXXIX.

O fogo, que na branda cera ardia,
 Vendo o rosto gentil, que eu n'alma vejo
 Se acendeo de outro fogo do desejo,
 Por alcançar a luz, que vence o dia.

Como de dous ardores se encendia,
 Da grande impaciencia fez despejo,
 E remetendo com furor sobejo,
 Vos foi beijar na parte onde se via.

Ditosa aquella flama, que se atreve
 Apagar seus ardores, & tormentos,
 Na vista, de que o mundo temer deve,
 Namorãose, senhora, os elementos,
 De vòs, & queima o fogo aquella neve,
 Que queima coraçõens, & pensamentos.

X L.

ALEGRES campos, verdes arvoredos,
 Claras, & frescas agoas de cristal,
 Que em vòs os dibuxais ao natural,
 Discorrendo da altura dos rochedos.

Silvestres montes, asperos penedos,
 Compostos em concerto desigual,
 Sabci, que sem licença de meu mal,
 Já nam podeis fazer meus olhos ledos.

E pois me já não vedes como vistes,
 Nam me alegrem verduras deleitosas,
 Nem agoas, que correndo alegres vem.

Semcarei em vòs lembranças tristes,
 Regandovos com lagrimas faudosas,
 E nascerão faudades de meu bem.

X L I.

QUANTAS vezes do fuso se esquecia
 Daliana banhando o lindo feyo,
 Tantas vezes de hum aspero receyo,
 Salteado Laurenio a cor perdia.

Ella, que a Silvio, mais que a si queria,
 Para podelo ver nam tinha meyo:
 Ora como curará o mal alheyo,
 Quem o seu mal tam mal curar sabia?

Elle, que vio tam claro esta verdade,
 Com soluços dizia (que a espéssura
 Comovia de magoa a piedade)

Como pôde a desordem da natura
 Fazer tam differentes na vontade,
 A quem fez tam conformes na ventura?

X L I I.

LINDO futil trançado , que ficaste
 Em penhor do remedio , que mereço ,
 Se sò contigo , vendote , endoudeço ,
 Que fora cos cabellos , que apertaste ?

Aquellas tranças de ouro , que ligaste ,
 Que os rayos do Sol tem em pouco preço ,
 Não sei , se para engano , do que peço ,
 Se sò para me atar os defataste .

Lindo trançado , em minhas mãos te vejo .
 E por satisfação de minhas dores ,
 Como quem não tem outra , hei de tomarte .

E se não for contente meu desejo ,
 Dirlhehei , que nesta regra dos amores ,
 Pelo todo tambem se toma a parte .

X L I I I .

O CISNE quando sente ser chegada
 A hora , que poem termo a sua vida ,
 Musica com voz alta , & muy subida
 Levanta pela praya inhabitada .

Deseja ter a vida prolongada ,
 Chorando do viver a despedida ,
 Com grande saudade da partida ,
 Celebra o triste fim desta jornada .

Assi , minha senhora , quando via
 O triste fim , que davaõ meus amores ,
 Estando posto já no estremo fio ,

Com mais suave canto , & armonia
 Descantei pelos vossos disfavores ,
 La vuestra falsa fê , y el amor mio .

X L I V.

PELOS extremos raros, que mostrou
 Em saber Pallas, Venus em fermosa,
 Diana em casta, Juno em animosa;
 Africa, Europa, & Asia, as adorou.

Aquelle saber grande, que ajuntou
 Esprito, & corpo em liga generosa,
 Esta mundana machina lustrosa,
 De sò quatro Elementos fabricou.

Mas mòr milagre fez a natureza
 Em vòs, senhoras, pondo em cada huma,
 O que por todas quatro repartio.

A vòs seu resplendor deu Sol, & Lua,
 A vòs com viva luz, graça, & pureza,
 Ar, Fogo, Terra, & Agoa vos servio.

X L V.

TOMAVA Deliana por vingança
 Da culpa do pastor, que tanto amava,
 Cafar com Gil vaqueiro, & em si vingava
 O erro alheyo, & perfida esquivança.

A discrição segura, a confiança,
 As rosas, que seu rosto dibuxava,
 O descontentamento lhas secava,
 Que tudo muda huma aspera mudança.

Gentil planta disposta em seca terra,
 Lindo fruito de dura mão colhido,
 Lembranças d'outro amor, & se perjura:

Tornarão verde prado em dura serra,
 Intereffe enganoso, amor fingido,
 Fizerão desditosa a fermosura.



GRAM tempo ha já que soube da ventura,
 A vida, que me tinha destinada,
 Que a longa experiencia da passada,
 Me dáva claro indicio da futura.

Amor fero, cruel, Fortuna escura,
 Bem tendes vossa força exprimentada,
 Assolai, destrui, nam fique nada,
 Vingai vos desta vida, que inda dura.

Soube amor da ventura, que a nam tinha,
 E por que mais sentisse a falta della,
 De imagés impossiveis me mantinha.

Mas vós, senhora, pois que minha estrellã
 Nam foi melhor, vivei nesta alma minha,
 Que nam tem a Fortuna poder nella.

X L V I I.

SE alguma hora em vós a piedade
 De tam longo tormento se sentira,
 Nam consentira amor, que me partira
 De vossos olhos, minha faudade.

Aparteime de vós, mas a vontade,
 Que pelo natural n'alma vos tira,
 Me faz crer, que esta ausencia he de mentira,
 Mas ainda mal porem, porque he verdade.

Irmehei, senhora, & neste apartamento,
 Tomarão tristes lagrimas vingança
 Nos olhos, de quem fostes mantimento:

E assi darei vida a meu tormento,
 Que em fim me achará minha lembrança
 Sepultado no vosso esquecimento,

O' como se me alonga de anno em anno
 A peregrinação cansada minha !
 Como se encurta , & como ao fim caminha
 Este meu breve , & vão discurso humano !

Vai se gastando a idade , & cresce o dano ,
 Perdesfeme hum remedio , que inda tinha ,
 Se por experiencia se advinha ,
 Qualquer grãde esperança he grande engano.

Corro a poz este bem , que nam se alcança ,
 No meyo do caminho me fallece ,
 Mil vezes cayo , & perco a confiança :

Quando elle foge, eu tardo , & na tardança
 Se os olhos ergo a ver se inda aparece ,
 Da vista se me perde , & da esperança.

X L I X.

TEMPO he já , que minha confiança
 Se deça de huma falsa opinião ,
 Mas se amor nam se rege por razão ,
 Nam posso perder logo a esperança :

A vida si , que huma aspera mudança
 Nam deixa viver tanto hum coração ,
 E eu na morte tenho a salvação ?
 Si , mas quem a deseja nam a alcança.

Forçado he logo , que eu espere , & viva ;
 Ah dura ley de amor , que nam consente
 Quiêtação n'huma alma , que he cativa.

Se hei de viver em fim forçadamente ,
 Para que quero a gloria fugitiva ,
 D'huma esperança van , que me atormenta ?

L.

AMOR, co a esperança já perdida,
 Teu soberano templo visitei,
 Por final do naufragio, que passei,
 Em lugar dos vestidos puz a vida.

Que queres mais de mi, que destruhida
 Me tens a gloria toda, que alcançei?
 Não cuides de forçarme, que não sei
 Tornar a entrar onde não ha sahida.

Vês aqui alma, vida, & esperança,
 Despojos doces de meu bem passado,
 Em quanto quiz aquella, em quem eu mòro,
 Nella pôdes tomar de mi vingança,
 E se inda nam estàs de mi vingado,
 Contentate co as lagrimas, que choro.

L I.

APOLLO, & as nove Musas descantando,
 Com a dourada lyra me influyão
 Na suave armonia, que fazião,
 Quando tomei a pena, começando:
 Ditoso seja o dia, & hora quando
 Tam delicados olhos me ferião,
 Ditosos os sentidos, que sentião,
 Estar-se em seu desejo traspassando.

Assi cantava, quando amor virou
 A roda à esperança, que corria,
 Tam ligeira, que quasi era invisível.
 Converteose-me em noite o claro dia,
 E se algũa esperança me ficou,
 Será de mayor mal, se for possível.

L I I.

LEMBRANÇAS saudosas, se cuidais
De me acabar a vida neste estado,
Nam vivo com meu mal tam enganado,
Que não espere delle muito mais.

De muito longe já me costumais
A viver de algum bem desesperado,
Já tenho co a Fortuna concertado
De sofrer os trabalhos, que me dais.

Atada ao remo tenho a paciencia,
Para quantos desgostos dêr a vida,
Cuide em quanto quizer o pensamento,
Que pois não ha ahi outra resistencia,
Para tam certa queda de subida,
Apararêhehi debaixo o sofrimento.

L I I I.

APARTAVASE Nise de Montano,
Em cuja alma partindose ficava,
Que o pastor na memoria a dibuxava,
Por poder sustentar-se deste engano.

Pelas prayas do Indico Oceano,
Sobre o curvo cajado se encoitava,
E os olhos pelas agoas alongava,
Que pouco se dohiaõ de seu dano.

Pois com tamanha magoa, & saudade
(Dizia) quiz deixarme a em que eu mouro,
Por testemunhas tomo Ceo, & estrellas;

Mas se em vòs ondas mora piedade,
Levai tambem as lagrimas, que choro,
Pois assi me levais a causa dellas.



QUANDO vejo , que meu destino ordena ,
 Que por me experimentar d'vós m'aparte ,
 Deixando de meu bem tam grande parte ,
 Que a mefma culpa fica grave pena.

O duro disfavor , que me condena ,
 Quando pela memoria se reparte ,
 Endurece os sentidos de tal arte ,
 Que a dor d'aufencia fica mais pequena.

Pois como póde fer , que na mudança
 D'aquillo , que mais quero , estè tam fõra ,
 De me nam apartar tambem da vida ,

Eu refrearei tam aspera esquivança ,
 Porque mais sentirei partir , senhora ,
 Sem sentir muito a pena da partida.

L V.

DEPOIS de tantos dias mal gastados ,
 Depois de tantas noites mal dormidas ,
 Depois de tantas lagrimas vertidas ,
 Tantos suspiros vãos vanmente dados.

Como nam fois vós já defenganados ,
 Desejos , que de cousas etquecidas
 Quereis remediar mortaes feridas ,
 Que amor fez sem remedio , o tempo , os Fados!

Senão tivereis já experiencia
 Das sem razoés de amor , a quem servistes ,
 Fraqueza fora em vós a resistencia ;

Mas pois por voffo mal seus males vistes ,
 Que tempo nam curou , nem longa aufencia ,
 Que bem d'elle esperais desejos tristes ?

L V I.

NAYADES vós , que os rios habitais ,
 Que os saudosos campos vão regando ,
 De meus olhos vereis estar manando
 Outros , que quasi aos vossos são iguais :
 Driades , vós que as setas atirais ,
 Os fugitivos cervos derribando ,
 Outros olhos vereis , que triunfando ,
 Derribão corações , que valem mais ,
 Deixai logo as aljivas , & agoas frias ,
 E vinde Ninfas minhas , se quereis
 Saber como de hús olhos nascem magoas ,
 Vereis como se passaõ em vão os dias
 Mas nam vireis em vão , que cá achareis ,
 Nos seus as setas , & nos meus as agoas .

L V I I.

MUDAÕSE os tempos , mudaõse as vontades
 Mudase o ser , mudase a confiança ,
 Todo mundo he composto de mudança ,
 Tomando sempre nõvas qualidades .
 Continuamente vemos novidades ,
 Diferentes em tudo da esperança ,
 Do mal ficaõ as magoas da lembrança ,
 E do bem (se algum houve) as saudades .
 O tempo cobre o chão de verde manto ,
 Que já cuberto foi de neve fria ,
 E em mi converte em choto o doce canto .
 E a fõra este mudar-se cada dia ,
 Outra mudança faz de môr espanto ,
 Que nam se muda já como sohia .



Se as penas, com q' amor tam mal me trata,
 Quizer, que tanto tempo viva dellas,
 Que veja escuro o lume das estrellas,
 Em cuja vista o meu se acende, & mata.

E se o tempo, que tudo desbarata,
 Secar as frescas roças sem colhellas,
 Mostrando a linda cor das tranças bellas,
 Mudada de ouro fino em branca prata.

Vereis, senhora, entao' tambem mudado
 O pensamento, & alpezeza vossa,
 Quando nam sirva ja' sua mudança,
 Suspirareis entao' pelo passado,
 Em tempo, quando executar se possa,
 Em vosso arrepender minha vingança.

LIX.

QUEM jaz no gram sepulcro, que descreve
 Tam illustres sinais no forte escudo?
 Ninguem, que nisso em fim se torna tudo,
 Mas foi, quem tudo pode, & tudo teve.

Foi Rey, fez tudo quanto a Rey se deve,
 Poz na guerra, & na paz devido estudo,
 Mas quam pesado foi ao Mouro tudo,
 Tanto lhe seja agora a terra leve.

Alexandre ferà, ninguem se engane,
 Que sustentar, mais que adquirir se estima,
 Será Adriano gram senhor do mundo?

Mais observante foi da ley de cima,
 He Numa? Numa nam, mas he Joanne,
 De Portugal Terceiro, sem segundo.

L X.

QUEM pôde livre ser , gentil senhora ,
 Vendovos com juizo soffegado ,
 Se o minino , que de olhos he privado ,
 Nas mininas dos vossos olhos mora ?

Alli manda , alli reyna , alli namora ,
 Alli vive das gentes venerado ,
 Que o vivo lume , & o rosto delicado ,
 Imagés são de amor em tod'a hora.

Quem vê , que em branca neve nace[m] rosas ,
 Que fios crespos de ouro vão cercando ,
 Se por entre esta luz a vista passa ,
 Hús rayos de ouro vê , que as duvidosas
 Almas estão no peito traspallando ,
 Assi como hum cristal o Sol traspalla.

L X I.

COMO fizeste , Porcia , tal ferida ,
 Foi voluntaria , ou foi por innocencia ?
 Mas foi fazer amor experiencia ,
 Se podia soffrer tirarme a vida ,

E com teu proprio sangue te convida
 A nam pores à vida resistencia ?
 Ando me costumando à paciencia ,
 Porque o temor a morte nam impida.

Pois porque comes logo fogo ardente ,
 Se a ferro te costumás ? porque ordena
 Amor , que morra , & pene juntamente.

E tens a dor do ferro por pequena ?
 Si , que a dor costumáda nam se sente ,
 E eu nam quero a morte sem a pena.



DE tam divino acento , & voz humana ,
 De tam doces palavras peregrinas ,
 Bem fei , que minhas obras nam são dinas
 Que o rudo engenho meu me defengana.

Mas de vossos escritos corre , & mana
 Licor , que vence as agoas Cabalinas ,
 E com vosco do Tejo as flores finas ,
 Farão enveja à copia Mantuana.

E pois a vòs , de si nam sendo avàras ,
 As filhas de Mnemosine formosa ,
 Partes dadas vos tem ao mundo cãras :

A minha Musa , & a vossa tam famosa ,
 Ambas posso chamar ao mundo rãras ,
 A vossa de alta , a minha de envejosa ,

L X I I I.

DEBATXO desta pedra está metido ,
 Das sanguinosas armas descansado ,
 O Capitão illustre assinaládo ,
 Dom Fernando de Castro esclarecido.

Por todo o Oriente tam temido ,
 E da enveja da Fama tam cantádo ,
 Este pois só agora sepultádo ,
 Está aqui já em terra convertido.

Alegrate , o guerreira Lusitania ,
 Por este Viriato , que criaste ,
 E chora o perdido eternamente.

Exemplo toma nisto de Dardania ,
 Que se a Roma com elle aniquilaste ,
 Nem por isso Cartago está contente.

DE L. DE CAMOENS. 33
L X I V.

QUE vençais no Oriente tantos Reys ,
Que de novo nos deis da India o estado ,
Que escureçais a Fama , que ganhâdo
Tinhaõ , os que a ganháraõ a inficis :
Que do tempo tendes vencido as leys ,
Que tudo em fim vençais , co tempo armâdo,
Mais he vencer na patria defarmâdo ,
Os monstrosos , & as chimeras , que venceis ;
E assi sobre vencerdes tanto imigo ,
E por armas fazer , que sem segundo
Vosso nome no mundo ouvido seja :
O que vos dà mais nome inda no mundo ,
He vencerdes , senhor , no Reyno amigo ,
Tantas ingraticoës , tam grande inveja.

L X V.

Vossos olhos , senhora , que competem
Co Sol em fermosura , & claridade ,
Enchem os meus de tal suavidade ,
Que em lagrimas de velos se derretem.
Meus senridos vencidos se fometem ,
Assi cegos a tanta magestade ,
E da triste prisaõ da escuridade ,
Cheyos de medo por fugir remetem.
Mas se nisto me vedes por acerto
O aspero desprezo , com que olhais ,
Torna a espertar a alma enfraquecida.
Oh gentil cura , & estranho desconcerto ,
Que farâ o favor , que vós nam. dais ,
Quando o vosto desprezo torna a vida ?



FORMOSURA do Ceo a nós descida ,
 Que nenhum coração deixas izento ,
 Satisfazendo a todo pensamento ,
 Sem ferer de nenhum bem entendida.

Que lingua pôde haver tam atrevida ,
 Que tenha de louvar-te atrevimento ,
 Pois a parte mayor do entendimento ,
 No menos, que em ti ha, se vê perdida ?

Se teu valor contemplo , a melhor parte
 Vendo, que abre na terra hum paraíso ,
 O engenho me falta , o espirito mingua :

Mas o que mais me tolhe inda louvar-te
 He, que quando te vejo, perco a lingua ,
 E quando te nam vejo, perco o siso.

Pois meus olhos nam cansão de chorar
 Tristezas, que nam cansão de cansarme :
 Pois nam abranda o fogo, em que abrasarme
 Pôde, quem eu já mais pude abrandar.

Nam canse o cego amor de me guiar,
 A parte donde nam faiba tornarme,
 Nem deixe o mundo todo de escutarme,
 Em quanto me a voz fraca nam deixar.

E se nos montes, rios, ou em vales,
 Piêdade môra, ou dentro môra amor,
 Em feras aves, prantas, pedras, agoas :

Oução a longa historia de meus males,
 Escutem sua dor, com minha dor,
 Que grandes magoas pôdem curar magoas.

L X V I I I.

DAIME húa ley , senhora , de querervos ;
 Que a guarde sopena de enojarvos ,
 Que a fê , que me obriga a tanto amarvos ,
 Farà , que fique em ley de obedecervos .

Tudo me defendei , senam sò vervos ,
 E dentro na minh' alma contemplarvos ,
 Que se assi nam chegar a contentarvos ,
 Ao menos que nam chegue aborrecervos .

E se essa condição cruel , & esquiua ,
 Que me deis ley de vida nam consente ,
 Daima , senhora já , seja de morte :

Se nem essa me dais , he bem que viva ,
 Sem saber como vivo , tristemente ,
 Mas contente porèm de minha sorte .

L X I X.

FERIDO sem ter cura perecia
 O forte & duro Telepho temido ,
 Por aquelle , que na agoa foi metido ,
 A quem ferro nenhum cortar podia .

Ao Apollineo oraculo pedia ,
 Conselho para ser restituído :
 Respondeo , que tornasse a ser ferido ,
 Por quem o já ferira , & fararia .

Assi , senhora , quer minha ventura ,
 Que ferido de vervos claramente ,
 Com vos tornar a ver , amor me cura :

Mas he tam doce vossa fermosura ,
 Que fico como hidropico doente ,
 Que co beber lhe cresce môr secura .



NA metade do Ceo subido ardia ,
 O claro Almo pastor , quando deixavão
 O verde pasto as cabras , & buscavão
 A frescura suave da agoa fria.

Com a folha das arvores fombria ,
 Do rayo ardente as aves se amparávão ,
 O modulo cantar , de que cessávão ,
 Sò nas roucas Cigarras se sentia.

Quando Liso pastor , num campo verde ,
 Natericia crua Ninfa sò buscava ,
 Com mil suspiros tristes , que derrama :
 Porque te vás , de quem por ti se perde ,
 Para quem pouco te ama ? (suspirava)
 O Echo lhe responde , pouco te ama.

LXXI.

JA a saudosa Aurora destoucava
 Os seus cabellos de ouro delicados ,
 E as flores nos campos esmaltados ,
 Do crystallino orvalho borrifava.

Quando o fermoso gado se espalhava
 De Silvio , & de Laurente pellos prados ,
 Pastores ambos , & ambos apartados ,
 De quem o mesmo amor nam se apartava.

Com verdadeiras lagrimas Laurente ,
 Nam sei (dizia) ò Ninfa delicada ,
 Porque nam morre já , quem vive ausente ;
 Pois a vida sem ti , nam presta nada ?
 Responde Silvio , amor nam o consente ,
 Que offende as esperanças da tornada.

QUANDO de minhas magoas a comprida
 Maginação, os olhos me adormece,
 Em sonhos aquella alma me aparece
 Que para mi foi sonho nesta vida.

Là n'uma soledade, onde estendida
 A vista pelo campo desfalece,
 Corro para ella, & ella entao parece,
 Que mais de mi se alonga compelida.

Brádo, nam me fujais sombra benina,
 Ella (os olhos em mi com brando pejo,
 Como quem diz, que já nam pôde ser)

Torna a fugirme, & eu gritando, Dina,
 Antes que diga Mene, acôrdo, & vejo,
 Que neim hum breve engano posso ter.

L X X I I I.

SUSPIROS inflamádos, que cantais
 A tristeza, com que eu vivi tam ledo,
 Eu morto, & nam vos levo, porque ei medo
 Que ao passar do Lethe vos percais.

Escritos para sempre já ficais,
 Onde vos mostrarão todos co dedo,
 Como exemplo de males, que eu concedo,
 Que para aviso de outros estejais.

Em quem pois verdes fallas esperanças,
 De Amor, & da Fortuna, cujos danos
 Alguns terão por bem aventuras;

Dizeilhe, que os servistes muitos annos,
 E que em Fortuna tudo são mudanças,
 E que em Amor, nam ha senam enganoso.

AQUELLA fera humana , que enriquece
 Sua presumptuosa tyrania ,
 Destas minhas entranhas , onde cria
 Amor hum mal , que falta quando crece.

Se nella o Ceo mostrou (como parece)
 Quanto mostrar ao mundo pretendia ,
 Porque de minha vida se injuria ?
 Porque de minha morte se ennobrece ?

Hora em fim sublimai vossa vitoria ,
 Senhora , com vencerme , & cativarme ,
 Fazei disto no mundo larga hitoria :

Que por mais que vos veja maltratarme ,
 Já me fico logrando desta gloria
 De ver , que tendes tanta de matarme.

L X X V.

Ditoso seja aquelle , que sómente
 Se queixa de amorosas esquivanças ,
 Pois por ellas nam perde as esperanças
 De poder algum tempo ser contente :

Ditoso seja , quem estando ausente ,
 Nam sente mais , que a pena das lembranças ;
 Porque inda que se tema de mudanças ,
 Menos se teime a dor , quando se sente.

Ditoso seja em fim qualquer estado ,
 Onde enganos , desprazos , & izenção ,
 Trazem o coração atormentado :

Mas triste , quem se sente magoado
 De erros , em que nam pôde haver perdão ,
 Sem ficar n'alma a magoa do peccado.

DE L. DE CAMOËNS. 39
L X X V I.

QUEM fosse acompanhando juntamente,
Por effes verdes campos a avefinha,
Que deſpois de perder hum bem, que tinha,
Nam ſabe mais, que couſa he ſer contente,
E quem fosse apartandose da gente.

Ella por companheira, & por vizinha,
Me ajudasse a chorar a pena minha,
Eu a ella o pezar, que tanto ſente.

Ditoſa ave, que ao menos ſe a natura
A ſeu primeiro bem nam dá ſegundo,
Dálhe o ſer trille a ſeu contentamento.

Mas trille, quem de longe quiz ventura,
Que para respirar lhe falte o vento
E para tudo; em fim, lhe falte o mundo.

L X X V I I.

O curo divinal ſe celebrava
No templo, donde toda a creatura,
Louva o feitor divino, que a feitura,
Com ſeu ſagrado ſangue reſtaurava.

Alli amor, que a tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais ſegura
Nua ceſte, & angelica figura
A viſta da razão me ſalteava.

Eu crendo, que o lugar me defendia,
E ſeu livre coſtume nam ſabendo,
Que nenhum confiado lhe fugia,

Deixeime cativar, mas já que entendo,
Senhora, que por voſſo me quera,
Do tempo, que fui livre, me arrependo.



LEDA serenidade deleitosa ,
 Que representa em terra hum parayso ,
 Entre rubís , & perlas doce rífo ,
 Debaixo de ouro , & neve , cor de rosa.

Prefença moderada , & graciosa ,
 Onde ensinando estão despejo , & siso ,
 Que se pôde por arte , & por aviso ,
 Como por natureza ser fermosa.

Fala , de quem a morte , & vida pende ,
 Rara , suave , em fim , senhora , vossa ,
 Repouso nella alegre , & comedido ,

Estas as armas são , com que me rende ,
 E me cativa Amor , mas nam que possa
 Despojarme da gloria de rendido.

LXXIX.

BEM sei Amor , que he certo , o que receo ,
 Mas tu porque com isso mais te apuras ,
 De manhoso mo negas , & mo juras ,
 Em teu dourado arco , & eu to creio.

A mão tenho metida no teu seo ,
 E nam vejo meus danos às escuras ,
 E tu com tudo tanto me alleguras ,
 Que me digo , que minto , & que me enleo ,

Nam sómente confinto neste engano ,
 Mas inda to agradeço , & a mi me nego
 Tudo , o que vejo , & sinto de meu dano ,
 Oh poderoso mal , a que me entrego ,
 Que no meyo do justo defengano ,
 Me possa inda cegar hum moço cego.

Como quando do mar tempestuoso,
O marinheiro lasso, & trabalhado,
D'hum naufragio cruel, já salvo anado,
Sô ouvir fallar nelle o faz medroso.

E jura, que em que veja bonançoso
O violento mar, & soffegado,
Nam entre nelle mais, mas vai forçado,
Pelo muito interesse cubiçoso.

Assi, senhora, eu que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvarme,
Jurando de nam mais em outra verme:

Minh'alma, que de vós nunca se auenta,
Dame por preço vovos, faz tornarme,
Donde fugi tam perto de perderme.

AMOR he hum fogo, que arde sem se ver,
He ferida, que doe, & nam se sente,
He hum contentamento descontente,
He dor, que defatina sem doer.

He hum nam querer mais, que bem querer,
He hum andar solitario entre a gente,
He nunca contentar-se de contente,
He hum cuidar, que ganha em se perder.

He querer estar preso por vontade,
He servir a quem vence o vencedor,
He ter, com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pôde seu favor
Nos coraçens humanos amizade,
Se tam contrario a si he o mesmo amor?



SE pena por amarvos se merece ,
 Quem della livre estã , ou quem izento ?
 Que alma , que razão , que entendimento
 Em vervos senam rende , & obedece ?

Que mór gloria na vida se offerece ,
 Que occuparfe em vòs o pensamento ?
 Toda a pena cruel , todo o tormento ,
 Em vervos senam sente , mas esquece .

Mas se merece pena , quem amando
 Contino vos estã , se vos offende ,
 O mundo matareis , que todo he voffo .

Em mi podeis , senhora , ir começando ,
 Que claro se conhece , & bem se entende ,
 Amarvos quanto devo , & quanto posso .

L X X X I I I.

QUE levas cruel morte ? hum claro dia ,
 A que horas o tomaste ? amanhecendo ,
 Entendes o que levas ? nam o entendo ,
 Pois quem to faz levar ? quem o entendia .

Seu corpo quem o goza ? a terra fria ,
 Como ficou sua luz ? anoitecendo :
 Lusitania , que diz ? fica dizendo ,
 Em fim , nam mereci dona Maria .

Matãste quem a vio ? já morta estãva ,
 Que diz o cruel amor ? falar nam oufa ,
 E quem o faz calar ? minha vontade .

Na corte , que ficou ? saudade brava :
 Que fica là que ver ? nenhuma coufa ,
 Mas fica , que chorar sua beldade .

ONDADOS fios de ouro reluzente,
 Que agora da mão bella recolhidos
 Agora sobre as rosas estendidos,
 Fazeis que sua belleza se acrescente.

Olhos, que vos moveis tam docemente,
 Em mil divinos rayos acendidos,
 Se de cá me levais alma, & sentidos,
 Que fora, se de vòs, nam fora ausente?

Honesto riso, que entre a môr fineza,
 De perlas, & coraes nasce, & perece,
 Se n'alma em doces eccos nam o ouviſſe?

Se imaginando sò tanta belleza,
 De si, em nôva gloria a alma se esquece,
 Que será quando a vir? ah quem a viſſe.

Foi já num tempo doce couſa amar,
 Em quanto me enganava a eſperança,
 O coração com eſta confiança,
 Todo ſe desfazia em deſejar;

Oh vam, caduco, & debil eſperar,
 Como ſe deſengana huma mudança!
 Que quanto he môr a bem aventurança,
 Tanto menos ſe cre, que ha de durar.

Quem já ſe vio contente, & prosperado,
 Vendose em breve tempo em pena tanta,
 Razão tem de viver bem magoádo,

Porém quem tem o mundo exprimentádo,
 Nam o magoa a pena, nem o eſpanta,
 Que mal ſe eſtranhará o coſtumádo.

Dos illustres antigos, que deixarão
 Tal nome, que igualou Fama á memoria,
 Ficou por luz do tempo a larga historia
 Dos feitos, em que mais se assinalarão.

Se se com cousas destes cotejãõ
 Mil vossas, cada huma tam notoria,
 Vencerá a menor dellas a mòr gloria,
 Que elles em tantos annos alcançarão.

A gloria sua foi, ninguem lha tome,
 Seguindo cada hum varios caminhos,
 Estátuas levantando no seu templo.

Vòs honra Portugueza, & dos Coutinhos,
 Illustre Dom Jóam, com melhor nome,
 A vòs encheis de gloria, & a nõs de exemplo.

CONVERSAÇÃO domestica affeição,
 Hora em forma de boa, & san vontade,
 Hora de huma amorosa piédade,
 Sem olhar qualidade de peffoa.

Se despois por ventura vos magoa
 Com desamor, & pouca lealdade,
 Logo vos faz mentira da verdade
 O brando amor, que tudo em si perdoa.

Nam saõ isto, que fallo, conjeturas,
 Que o pensamento julga na apparencia,
 Por fazer delicadas escrituras,

Metido tenho a maõ na consciencia,
 E nam fallo senam verdades puras,
 Que me ensinou a viya experiencia.

Esforço grande igual ao pensamento,
 Pensamentos em obras divulgados,
 E nam em peito tímido encerrados,
 E desfeitos despois em chuva, & vento:

Animo de cobiça baixa izento,
 Dino por isso só de altos estâdos,
 Fero açoute dos nunca bem domádos
 Povos do Malabar sanguinolento:

Gentileza de membros corporaes,
 Ornâdos de pudica continencia,
 Obra por certo rara de natura.

Estas virtudes, & outras muitas mais,
 Dinam todas de Homérica eloquencia,
 Jazem debaixo desta sepultura.

L X X X I X.

No mundo quiz hum tempo, que se achasse
 O bem, que por acerto, ou forte vinha,
 E por exprimentar, que dita tinha,
 Quiz que a Fortuna em mi exprimentasse.

Mas porque meu destino me mostrasse,
 Que nem ter esperanças me convinha,
 Nunca nesta tam longa vida minha
 Coufa me deixou ver, que desejasse.

Mudando andei costume, terra, & estâdo,
 Por ver se se mudava a forte dura,
 A vida puz nas mãos de hum leve lenho,

Mas segundo o que o Ceo me tem mostrâdo,
 Já sei, que deste meu buscar ventura,
 Achado tenho já, que nam a tenho.



A PERFEIÇÃO, a graça, o doce geito,
 A primavera chea de frescura,
 Que sempre em vós florece, a que a ventura
 E a razão entregâão este peito:

Aquelle cristalino, & puro aspeito,
 Que em si comprehende toda a fermosura,
 O resplandor dos olhos, & a brandura,
 De que amor a ninguém quiz ter respeito:
 Se isto, que em vós se vê, ver desejaís,
 Como dino de verse claramente,
 Por mais, que em vós de amor vos izentais:

Traduzido o vereis tam bellamente,
 No meyo deste espirito, onde estais,
 Que vendo vos fintaís, o que elle sente.

X C I.

Vos que de olhos suaves, & serenos,
 Com justa causa a vida cativais,
 E que os outros cuidados condenais,
 Por insulsos, por baixos, & pequenos.

Se inda do amor domesticos venenos,
 Nunca provastes, quero que saibais,
 Que he tanto mais o amor despois que a mais,
 Quanto saõ mais as causas de ser menos.

E nam cuide ninguem, que algum defeito,
 Quando na causa amada se apresenta,
 Possa diminuir o amor perfeito:

Antes o dobra mais, & se atormenta,
 Pouco, & pouco desculpa o brando peito,
 Que amor com seus contrarios se acrecenta.

X C I I.

QUE poderei do mundo já queres,
 Que n'aquillo, em que puz tamanho amor;
 Nam vi senam desgosto, defamor,
 E morte em fim, que mais nam pôder fer.

Pois vida me nam farta de viver;
 Pois já sei, que nam mata grande dor,
 Se coufa ha hi, que magoa dê mayor,
 Eu a verei, que tudo possô ver.

A morte a meu pesar me affegurou,
 De quanto mal me vinha, já perdi;
 O que perder o medo me ensinou:

Na vida, defamor sòmente vi,
 Na morte, a grande dor, que me ficou,
 Parece, que para isso sò nasci.

X C I I I.

PENSAMENTOS, que agora nõvamente
 Cuidados vãos em mi resuscitais,
 Dizeime, ainda nam vos contentais,
 De terdes, quem vos tem tam descontente?

Que fantasia he esta, que presente
 Cada hora ante meus olhos me mostrais?
 Com sonhos, & com sombras atentaes,
 Quem nem por sonhos pôde ser contente?

Vejovos pensamentos alterados,
 E nam quereis de esquivos declarar-me,
 Que he isto, que vos traz tam enleados.

Nam me negueis, se andais para negarme,
 Que se contra mi estais alevantados,
 Eu vos ajudarei mesmo a matarme.

SE tomar minha pena em penitencia ,
Do erro , em que cahio o pensamento ,
Nam abranda , mas dobra meu tormento ,
A isto , & a mais obriga a paciencia .

E se húa cor de morto na aparençia ,
Hum espalhar suspiros váos ao vento ,
Em vós nam faz , senhora , movimento ,
Fique meu mal em vossa consciencia .

E se de qualquer aspera mudançã ,
Toda a vontade izenta amor castiga ,
(Como eu vi bem no mal , que me condena

E se em vós nam se entende aver vingança
Serà forçado (pois amor me obriga)
Que eu sò de vossa culpa pague a pena .

X C V.

AQUELLA , que de pura castidade ,
De si mesma tomou cruel vingança ,
Por húa breve , & subita mudançã ,
Contraria à sua honra , & qualidade :

Venceo a fermosura a honestidade ,
Venceo no fim da vida a esperança ,
Porque ficasse viva tal lembrança ,
Tal amor , tanta fê , tanta verdade .

De si , da gente , & do mundo esquecida
Ferio com duro ferro o brando peito ,
Banhando em sangue a força do tyrano .

Oh estranha oufadia , estranho feito ,
Que dando morte breve ao corpo humano ,
Tenha sua memoria larga vida !

Os vestidos Elisa revolvía,

Que lhe Eneas deixára por memoria,
Doces despojos da passada gloria,
Doces, quando o seu Fado o consentia.

Entre elles a fermosa espada via,
Que o instrumento foi da triste historia,
E como quem de si tinha a vitoria,
Com ella assi fallando, lhe dizia:

Fermosa, & nóva espada, se ficaste,
Sò para executares os enganos,
De quem te quiz deixar em minha vida:
Sabe, que tu comigo te enganaste,
Que para me tirar de tantos danos,
Sobejame a tristeza da partida.

X C V I I.

O' quam caro me custa o entenderte,
Molesto Amor, que sò por alcançarte
De dor em dor me tés trazido a parte,
Onde em ti, odio, & ira se converte.

Cuidei, que para em tudo conhecerte,
Me nam faltasse experiencia, & arte,
Agora vejo n'alma acrescentarte
Aquillo, que era causa de perderte.

Estâvas tam secreto, no meu peito,
Que eu mesmo, que te tinha, nam sabia
Que me senhoreâvas deste geito:

Descubriste te agora, & foi por via,
Que teu descobrimento, & meu defeito,
Hum me envergonha, & outro me injuria.



Se depois de esperança tam perdida ,
 Amor pola ventura consentisse ,
 Que ainda alguma hora alegre visse ,
 De quantas tristes vio tam longa vida :

Huma alma ja tam fraca , & tam cahida ,
 Por mais alto , que a forte me subisse ,
 Nam tenho para mi , que consentisse
 Alegria tam tarde consentida .

Nam tam sòmente Amor , me nam mostrou
 Hum hora , em que vivesse alegremente ,
 De quantas nesta vida me negou :

Mas inda tanta pena me consente ,
 Que co contentamento me tirou
 O gosto d'algum hora ser contente .

X C I X.

NAO vás ao monte , Nise , com teu gado ,
 Que eu là vi , que Cupido te buscava ,
 Por ti sòmente a todos perguntava
 No gesto menos placido , que irado :

Elle publica , em fim , que lhe has roubado
 Os melhores farpoés da sua aljava ,
 E com hum dardo ardente assegurava
 Traspassar esse peito delicado :

Fuge de verte là nesta aventura ,
 Porque se contra ti o tens iroso ,
 Póde ser que te alcance com mão dura :

Mas ay ! que em vão te advirto temeroso ,
 Se à tua incomparavel fermosura
 Se rende o dardo seu mais poderoso .

No mundo poucos annos, & cansados
 Vivi, cheos de vil miseria dura,
 Foime tam cedo a luz do dia escura,
 Que nam vi finco lustros acabados,
 Corri terras, & mares apartados,
 Buscando à vida algum remedio, ou cura;
 Mas aquillo, que em fim nam-quer ventura,
 Nam no alcanção trabalhos arriscados.

Crioume Portugal na verde, & cara
 Patria minha Alam-quer, mas ar corruto,
 Que neste meu terreno vaso tinha,
 Me fez manjar de peixes, em ti bruto
 Mar, que bates na Abasia fera, & avara,
 Tam longe da ditosa patria minba.

C I.

QUE me quereis perpetuas faudades,
 Com que esperanza ainda me enganais?
 Que o tempo, que se vai, nam torna mais,
 E se torna, nam tornão as idades:

Razão he já, ò annos, que vos vades,
 Porque estes tam ligeiros, que passais,
 Nem todos para hum gosto são iguais,
 Nem sempre são conformes as vontades:

Aquillo, a que já quiz, he tam mudado,
 Que quasi he outra cousa, porque os dias
 Tem o primeiro gosto já danado.

Esperanças de nôvas alegrias,
 Nam mas deixa a Fortuna, & o tempo errado,
 Que do contentamento são espias.



VERDADE, amor, razão, merecimento,
 Qualquer alma farão segura, & forte,
 Porém Fortuna, caso, tempo, & forte,
 Tem do confuso mundo o regimento.

Effeitos mil revolve o pensamento,
 E nam sabe, a que causa se reporte,
 Mas sabe, que o q he mais, q vida, & morte,
 Que nam o alcança humano entendimento.

Doutos yaroens darão razoens subidas,
 Mas são experiencias mais provadas,
 E por isto he melhor ter muito visto.

Coufas hàhi, que passaõ sem ser cridas,
 E coufas cridas ha, sem ser passadas,
 Mas o melhor de tudo he crer em Christo.

C I I I.

FROUSE o coração de muito izento,
 De si, cuidando mal, que tomaria
 Tam illicito amor, tal oufadia,
 Tal modo nunca visto de tormento,

Mas os olhos pintarão tam atento,
 Outros, que visto tem na fantasia,
 Que a razão temerosa, do que via,
 Fugio, deixando o campo ao pensamento.

O' Hypolito casto, que de geito
 De Fedra, tua madrastra foste amado,
 Que nam sabia ter nenhum respeito:

Em mi vingou o Amor teu casto peito,
 Mas está desse agravo tam vingado,
 Que se arrepende já, do que tem feito.

C I V.

QUEM quizer ver d'Amor huma excellencia,
 Onde sua fineza mais se apura,
 Atente onde me poem minha ventura,
 Por ter de minha fê experiencia.

Onde lembranças matão a longa ausencia,
 Em temeroso mar, em guerra dura,
 Alli a faudade está segura,
 Quando môr risco corre a paciencia.

Mas ponhame a Fortuna, & o duro Fado
 Em nojo, morte, dano, & perdição,
 Ou em sublime, & prospera ventura:
 ¶ Ponhame em fim, em baixo, ou alto estado,
 Que até na dura morte me acharão,
 Na lingua o nome, n'alma a vista pura.

C V.

Vos Ninfas da Gangetica espessura,
 Cantai suavemente em voz sonora,
 Hum grande Capitão, que a roxa Auróra
 Dos filhos defendeo da noite escura.

Ajuntouse a caterva negra, & dura,
 Que na Aurea Chersoneso affouta mōra,
 Para lançar do caro ninho fōra
 Aquelles, que mais pōdem, que a ventura.
 ¶ Mas hum forte Leão com pouca gente,
 A multidão tam fera, como nccia,
 Destruindo castiga, & torna fraca.

Pois, ò Ninfas, cantai, que claramente,
 Mais do que Leonidas fez em Grecia,
 O nobre Leonis fez em Malaca.



DOCE contentamento já passado ,
 Em que todo meu bem sò consistia ,
 Quem vos levou de minha companhia ,
 E me deixou de vòs tam apartado ?

Quem cuidou , que se visse neste estado ,
 Naquellas breves horas d'alegria ,
 Quando minha ventura consentia ,
 Que de enganos viveisse meu cuidado ?

Fortuna minha foi cruel , & dura ,
 Aquella , que causou meu perdimento ,
 Com a qual ninguem pôde ter cautela ,
 Nem se engane nenhuma creatura ,
 Que nam pôde nenhum impedimento ,
 Fugir do que lhe ordena sua estrella.

C V I I.

CANTANDO estava hum dia bem seguro ,
 Quanto passando Sylvio me dizia ,
 (Sylvio , pastor antigo , que sabia
 Pello canto das aves o futuro)

Meris , quando quizer o Fado escuro ,
 Opprimir te virão , em hum sò dia ,
 Dous lobos : logo a voz , & a melodia ,
 Te fugirão , & o som suave , & puro.

Bem foy assi ; porque hum me degolou
 Quanto gado vacum pastava , & tinha ,
 De que grandes soldadas esperava.

E o outro por meu danno me matou
 A Cordeyra gentil , que eu tanto amava ,
 Perpetua saudade d'alma minha ,

C V I I I.

E U cantey já , & agora vou chorando ,
 O tempo , que cantey tam confiado ,
 Parece , que no canto já passado ,
 S'estavão minhas lagrymas criando .

Cantey : mas se me alguem pregúta quádo ?
 Não sey : que tambem fuy nisso enganado :
 He tam triste este meu presente estado ,
 Que o passado , por ledo , estou julgando .

Fizeraõ me cantar manhofamente ,
 Contentamentos não , mas confianças ,
 Cantava ; mas já era ao som dos ferros .

De quem me queixarey ? que tudo mente ,
 Mas eu , que culpa ponho às esperanças ?
 Onde a fortuna injusta he mais , que os erros ?

C I X.

Doces agoas , & claras do Mondego ,
 Doce repouso de minha lembrança ,
 Onde a comprida , & perfida esperança ,
 Longo tempo apos si me trouxe cego .

De vós me aparto , mas porei não nego ,
 Que inda a memoria longa , que me alcança ,
 Me não deixa de vós fazer mudança ,
 Mas quanto mais me alongo mais me acheço .

Bem pudera Fortuna este instrumento
 Dalma levar por terra nova , & estranha ,
 Offerecida ao mar remoto , & vento .

Mas a alma , que de cá vos acompanha ,
 Nas azas do ligeiro pensamento ,
 Para vós , agoas , voa , & em vós se banha .

Por sua Nimpha Cephalo deixava,
 A Aurora, que por elle se perdia:
 Posto que dà principio ao claro dia,
 Posto que as roxas flores imitava.

Elle, que a bella Procris tanto amava,
 Que sô por ella tudo engeitaria,
 Deseja d'atentar se lhe acharia,
 Tam firme fê, como ella nelle achava:

Mudado o traje, tece o duro engano,
 Outro se finge prezo por diante,
 Quebrase a fê mudavel, & consente,
 Oh engenho sutil para seu dâno!
 Vede que manhas busca hum cego amante,
 Para que sempre seja descontente.

C X I.

SENTINDOSE tomada a bella esposa
 De Cephalo, no crime consentido,
 Para os montes fugia, do marido,
 E não sey se de astuta, ou vergonhosa.

Porque elle em fim soffrendo a dôr ciofa,
 D'amor cego, & forçoso compellido,
 Apos ella se yay como perdido,
 Já perdoando a culpa criminosa.

Deitase aos pês da Nimpha endurecida,
 Que do ciofo engano está agravada,
 Já lhe pede perdão, já pede a vida.

Oh força de afeição, defatinada,
 Que da culpa contra elle cometida,
 Perdão pedia à parte, que he culpada!

C X I I.

SENHOR João Lopez, o meu baixo estado,
 Ontem vi posto em grao tam excellente,
 Que vòs, que fois enveja a toda a gente,
 Sò por mim vos quizereis ver trocado.

Vi o gesto suave, & delicado,
 Que já vos fez contente, & descontente,
 Lançar ao vento a voz tam docemente,
 Que fez ao ar sereno, & socegado.

Vilhe em poucas palavras dizer, quanto
 Ninguem diria em muitas. Eu sò cego,
 Magoado siquey na doce falla;

Mas mal aja a Fortuna, & o moço cego;
 Hum porque os coraçãoes obriga a tanto,
 Outra porque os estados desigualla.

C X I I I.

O Ceo, a terra, o vento socegado,
 As ondas, que se estendem pella area,
 Os peixes, que no mar o somno enfrea,
 O nocturno silencio repousado.

O pescador Aonio, que deitado,
 Onde co vento a agoa se menea,
 Chorando, o nome amado em vaò nomea,
 Que não pòde fer mais, que nomeado.

Ondas, dizia, antes que amor me mate,
 Tornayme a minha Nimpha, que taò cedo,
 Me fizestes à morte estar sogeita.

Ninguem lhe falla, o mar de longe bate,
 Move-se brandamente o arvoredado,
 Levalhe o vento a voz, que ao vento deita.



53 SONETOS
CXIV.

ERROS meus, mã Fortuna, amor ardente,
Em minha perdição se conjurarão,
Os erros, & a Fortuna sobrejarão,
Que para mim bastava o amor fomite.
Tudo passley, mas tenho tam presente
A grande dôr das coufas, que passaraõ,
Que as magoadas iras me ensinarão
A não querer já nunca ser contente.

Errey todo o discurso de meus annos,
Dey causa, que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.
D'amor não vi fenaõ breves enganós,
O' quem tanto podesse, que fartasse
Este meu duro genio de vinganças!

CXV.

CA nesta Babilonia, donde mãna
Materia a quanto mal o mundo cria,
Cã onde o puro Amor não tem valia,
Que a mãy, que manda mais, tudo profana.
Cã onde o mal se afina, & o bem se dãna,
E pôde mais que a honra a tirannia,
Cã onde a errada, & cega Monarchia,
Cuyda, que hum nome vão a defengana.

Cã neste labarinho, onde a nobreza,
Com esforço, & faber pedindo vão
A's portas da cubiça, & da vileza.

Cã neste escuro Chaos de confuzão,
Comprindo o curso estou da natureza,
Vê, se mesquecerey de ti, Siaõ.



CORREM turvas as agoas deste Rio,
 Que as do Ceo, & as do monte as enturbárao,
 Os campos florecidos se secárao,
 Intratavel se fez o valle, & frio;

Passou o veráo, passou o ardente estio,
 Húas cousas por outras se trocárao,
 Os fementidos fados já deixarao,
 Do mundo o regimento, ou desvario.

Tem o tempo sua ordem já sabida,
 O mundo nam: mas anda tam confuzo,
 Que parece, que delle Deos se esquece.

Casos, opinioens, natura, & uzo,
 Fazem, que nos pareça desta vida,
 Que não ha nella mais, que o que parece.

C X V I I.

Vos outros, que buscaís repouso certo
 Na vida com diversos exercicios,
 A quem vendo do mundo os beneficios,
 O regimento seu está encuberto.

Dedicay, se quereis, ao desconcerto
 Novas honras, & cegos sacrificios,
 Que por castigo igual de antigos vicios;
 Quer Deos, que as cousas andem por acerto.

Não cahio neste modo de castigo,
 Quem poz culpa à Fortuna, quem fomenta
 Crê, que acontecimentos ha no mundo.

A grande experiencia he grao perigo,
 Mas o que a Deos he justo & evidente,
 Parece injusto aos homens, & profundo.

DEPOIS que vio Cibelle o corpo humano
Do fermoso Atis, seu verde pinheiro,
Em piedade o ṽão furor primeiro
Convertido, chorou seu grave danno.

E fazendo a sua dõr illustre engano,
A Jupiter pedio, que o verdadeiro
Preço da nova palma, & do loureiro,
Ao seu pinheiro desse soberano.

Mais lhe concede o filho poderoso,
Que as estrellas, subindo, tocar possa,
Vendo os segredos là do Ceo superno.

O' dito Pinheiro, ò mais dito,
Quem se vir coroar da folha vossa,
Cantando à vossa sombra verso eterno.

C X I X.

ILLUSTRE, & digno ramo dos Menezes,
Aos quaes com larga mão o alto Ceo,
Que errar não sabe, em dote concedeo,
Romper os Mahometricos arnezes;

Desprezando a Fortuna, & seus revezes,
Ide, por onde a sorte vos moveo,
Erguey flammias no mar alto Eritreo,
E fereis nova luz aos Portuguezes.

Oprimi com taõ firme, & forte peito
O Pyrata insolente, que se espante,
E trema Tappobana, & Gedrosia.

Day nova causa à cor do Arabio Estreito,
Assi que o roxo mar d'aqui em diante,
O seja sò co sangue de Turquia.

NA desesperação já repousava
 O peito longamente magoado,
 E com seu danno eterno concertado,
 Já não temia; já não desejava.

Quando huma sombra van me assegurava,
 Que algum bem me podia estar guardado,
 Em tão fermosa imagem, que o treslado
 N'alma ficou, que nella se enlevava.

Que credito, que dà tão facilmente,
 O coração àquillo, que deseja,
 Quando lhe esquece o fero seu destino!

Oh deixem me enganar, que eu sou cõtente,
 Que posto que mayor meu danno seja,
 Ficamé a gloria já do que imagino.

SENHORA minha, se a Fortuna imiga,
 Que em minha fim com todo o Ceo conspira,
 Os olhõs meus de ver os vossos tira,
 Porque em mais graves casos me perliga.

Cõmigo levo est' alma, que te obriga,
 Na mòr pressa de mar, de fogo, de ira,
 A darvos a memoria, que suspira,
 Sò por fazer convosco eterna liga.

Nest' alma, onde a Fortuna pôde pouco,
 Tam viva vos terey, que frio, & fome,
 Vos nam possaõ tirar, nem vãos perigos.

Antes com som da voz, tremulo, & rouco,
 Bradando por vòs, sò com vosso nome,
 Fatey fugir os ventos, & os imigos.



ARVORE , cujo pomo bello & brando ,
 Natureza de leyte , & fangue pinta ,
 Onde a pureza de vergonha tinta ,
 Està virgineas faces imitando ;

Nunca da ira , & do vento , que arrancando
 Os troncos vaõ , o teu injuria finta ,
 Nem por malicia de ar , te seja extinta
 A cõr , que està teu fruyto debuxando.

Que pois me éprestas doce , & idoneo abrigo,
 A meu contentamento , & favoreces ,
 Com teu suave cheiro , minha gloria ;
 Se naõ te celebrar como mereces ,
 Cantandote se quer farey contigo ,
 Doce , nos casos tristes , a memoria.

C X X I I I.

POR cima d'estas agoas forte , & firme
 Irey por onde as fortes ordenaraõ ,
 Pois por cima de quantas me choraraõ
 Aquelles claros olhos , pude virme.

Jà chegado era o fim de despedirme ,
 Já mil impedimentos se acabaraõ ,
 Quando Rios d'amor se atravessaraõ ,
 A me impedir o passo de partirme.

Passay os eu com animo obstinado ,
 Com que a morte forçada , & gloriosa ,
 Faz o vencido já desesperado.

Em que figura , ou gesto desfuzado ,
 Põde já fazer medo a morte irosa ,
 A quem tem a seus pès rendido , & atado ;

DE L. DE CAMOENS. 63
C X X I V.

O Filho de Latona esclarecido ,
Que com seu rayo alegra a humana gente ,
O horrído Python , brava serpente ,
Matou , sendo das gentes taõ temido .

Ferio com arco , & de arco foi ferido ,
Com ponta aguda de ouro reluzente ,
Nas Theſſalicas prayas docemente ,
Polla Nympha Penca andou perdido :

Naõ lhe pôde valer para seu danno ,
Sciencia , diligencias , nem respeito ,
De ser alto , celeſte , & ſoberano .

Se eſte nunca alcançou nem hum engano ;
De quem era tam pouco em ſeu respeito ;
Eu q̃ eſpero de hũ ſer , q̃ he mais que humano ?

C X X V.

PRESENÇA bella , angelica figura ,
Em quem , quanto o Ceo tinha nos tem dado ,
Geſto alegre , de roſas ſemeado ,
Entre as quaes ſe eſtã rindo a fermofura .

Olhos , onde tem feito tal miſtura ,
Em chriſtal branco o preto marchetado ,
Que vemos já no verde delicado ,
Naõ eſperança , mas enveja eſcura .

Brandura , a viſo , & graça , que augmētando
A natural belleza c'hum deſpreſo ,
Com que mais deſpreſada mais ſe augmenta ,

Saõ as Priſoens d'hum coração , que preſo
Seu mal ao ſom dos ferros vay cantando ,
Como faz a Sereia na tormenta .



DIVERSOS dons reparte o Ceo benigno,
 E quer, que cada huma hum sô possua,
 Assi ornou de casto peito a Lua,
 Ornamento do assento cristalino;

De graça a máy fermosa do menino,
 Que n'essa vista tem perdido a sua:
 Pallas de discricião, que imite a tua:
 Do valor junto, sò de imperio digno.

Mas junto agora o mesmo Ceo derrama
 Em ty o mais, que tinha, & foy o menos,
 Em respeito do Author da natureza,

Que a seu pezar te dão, fermosa dama,
 Diana honestidade, & graça Venos,
 Pallas o aviso feu, Juno a nobreza.

C X X V I I.

TAL mostra dà de si vossa figura,
 Sibella, clara luz da redondeza,
 Que as forças, & o poder da natureza,
 Com sua claridade mais apura.

Quem vio huma confiança tão segura,
 Taõ singular esmalte da belleza,
 Que não padeça mais, se ter defeza
 Contra vossa gentil vista procura?

Eu pois por escuzar essa esquivança,
 A razão fogeitey ao pensamento,
 Que rendida os sentidos lhe entregáraõ;

Se vos offende o meu atrevimento,
 Inda podeis tomar nova vingança
 Nas reliquias da vida, que escapáraõ.

C X X V I I I.

A Morte que da vida o nõ defata ,
 Os nõs , que dà o amor , cortar quizera ,
 N'aufencia , que he contr'elle espada fera ,
 E co tempo , que tudo desbarata.

Duas contrarias , que huma a outra mata ,
 A morte contra o amor ajunta , & altera ,
 Huma he razão contra a Fortuna austerã ,
 Outra contra a razão Fortuna ingrata.

Mas mostre a sua imperial potencia
 A morte , em apartar d'hum corpo a alma ;
 Duas n'um corpo o amor ajunte , & una.

Porque assi leve triumphante a palma
 Amor da morte , a pezar d'aufencia ,
 Do tempo , da razão , & da Fortuna.

C X X I X.

ORNOU muy raro esforço ao grãde Atlante,
 Com que a celeste machina sustenta ;
 Honrou seu alto engenho esse , que intenta
 Grecia do quarto Ceo levallo avante.

Coroou já o Amor o firme amante
 Orpheo , firme na paz , & na tormenta ;
 Aspirou a ventura em tudo izenta
 A Cesar , de quem foy hum tempo amante.

Tu exaltaste , õ fama , a gloria alta
 D'Hercules , sobre o monte , em que resides :
 Mas Castro , em quẽ o Ceo seus dons derrama ,

Mais orna , honra , coroa , aspira , exalta ,
 Q' Atlãte , Homero , Orpheo , Cesar , & Alcides ,
 Esforço , Engenho , Amor , Ventura , & Fama.



COYTADO q̃ em hum tempo choro , & rio ,
 Espero & temo , quero & aborreço ,
 Juntamente me alegre , & entristeço ,
 De huma coufa confio , & desconfio.

Voo sem azas , estou cego & guio ,
 E no que valho mais , menos mereço ,
 Calando grito , falo , & emmudeço ,
 Nada me contradis & eu porfio.

Queria se pudesse o impossivel ,
 Poder mudar-me a hum tempo , & estar quedo ,
 Usar de liberdade , & ser captivo.

Queria visto ser , & invisivel ,
 Desfrenedarme , & mais assi me enredo ,
 Tais os estremos saõ em que hora vivo.

C X X X I.

Se grande gloria me vem sô de olharte ,
 He pena desigual deixar de verte ,
 Se presumo com obras merecerte ,
 Grande paga do engano he desejarte.

Se quero por quem es tal vez louvarte ,
 Sei certo , por quem sou , que he offenderte ,
 Se mal me quero a mim por bem quererte ,
 Que premio quero eu mais que sô o amarte?

Estremos saõ de amor , os que padeço ,
 O' humano thesouro , ô doce gloria ,
 E se cuido que acabo entãõ começo.

Assi te trago sempre na memoria ,
 Nem sei se vivo , ou morro , mas conheço ,
 Que ao fim da batalha he a victoria.

C X X X I I.

JULGAME a gente toda por perdido,
 Vendome tam entregue a meu cuydado,
 Andar sempre dos homens apartado,
 E dos tratos humanos esquecido.

Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
 E quasi, que sobre elle ando dobrado,
 Tenho por baixo, rustico, enganado,
 Quem não he com meu mal engrandecido.

Vão revolviendo a terra, o mar, & o vento,
 Busquão riquezas, & honras, a outra gente,
 Vencendo ferro, fogo, frio, & calma,
 Que eu cum humilde estado me contento,
 E trazer esculpido eternamente
 Vosso fermoso gesto dentro n'alma.

C X X X I I I.

SEMPRE a razão vencida foy d'Amor,
 Mas porque assi o pedia o coração,
 Quis Amor ser vencido da razão;
 Ora que cazo pode aver mayor?

Novo modo de morte, & nova dôr,
 Estranheza de grande admiração,
 Que perde suas forças a afeição,
 Porque não perca a pena o amador,

Pois nunca ouve fraqueza no querer,
 Mas antes muito mais se esforça assim,
 Hum contrario com outro por vencer.

Mas a razão, que a luta vence em fim,
 Não creio, que he razão, mas ha de ser
 Inclinação, que eu tenho contra mim.

DELGADAS agoas claras do Mondego ;
Doce repouzo de minha lembrança ,
Onde a comprida , & lubrica esperança ,
Longo tempo , apos si me trouxe cego.

De vòs me aparto , & porem não nego,
Que inda a memoria longa , que me alcança ,
Me não deixa de vòs fazer mudança ,
Mas quanto mais me alongo , mais me acheço,

Bem pudera a Fortuna este instrumento
D'alma levar por nova terra estranha ,
Offerecida a mar remoto , & a vento.

Mas a alma , que de cá vos acompanha ,
Nas azas do ligeiro pensamento ,
Para vòs , agoas , voa , & em vòs se banha

ORAYO de ouro fino se estendia
Pello mundo, d'Aurora marchetada ,
Quando Nife pastora delicada ,
Donde a vida deixava se partia.

Dos olhos , com que as almas accendia ,
Partindo , toda em lagrymas banhada ,
Da Fortuna , & do tempo magoada ,
Pondo os olhos no Ceo , assi dizia.

Nace sereno Sol alegre , & ardente ,
Esclarese fermosa , & roxa Aurora ,
Qualquer alma alegrando descontente.

Que a minha , sabe tu , que desde agora
Já mais na vida a podes ver contente ,
Nem , tão triste , nenhuma outra pastora,

QUE modo tão sutil da natureza,
Para fugir ao mundo, & seus enganos,
Permite, que se esconda em tantos annos,
Debaixo de hum burel tanta belleza?

Mas não pode esconderse aquella alteza,
E gravidade d'olhos soberanos,
A cujo resplendor entre os humanos,
Resistencia não sinto, ou fortaleza.

Quem quer livre ficar de dor, & pena,
Vendo, ou trazendoa na memoria;
Na mesma razão sua se condena.

Porque quem mereceo ver tanta gloria,
Captivo ha de ficar, que amor ordena,
Que de juro tenha ella esta victoria.

C X X X V I I.

SEGUIA aquelle fogo, que o guiava,
Leandro contra o mar, & contra o vento,
As forças lhe faltavão já, & o alento,
Amor lhas refazia, & renovava.

Depois que vio, que a alma lhe faltava,
Não esmorece, mas no pensamento
(Que a lingua já não pode) seu intento,
Ao mar, que lho comprisse encomendava,

O' mar (dizia o moço sô consigo)
Já te não peço a vida, sô queria,
Que a de Ero me salves, não me veja.

Este meu corpo morto, lá o desvia
Daquella Torre; se-me nisto amigo,
Pois no meu mayor bem me ouveste enveja.

PARA se namotar do que criou ,
Te fez Deos Sacra Phenix Virgem pura ;
Vede , que tal feria esta feitura ;
Que a fes quem para si só a guardou.

No seu sancto conceito te formou
Primeiro , que a primeira creatura ,
Para que unica fosse a compostura ,
Que de tam longo tempo se estudou.

Não sey , se direy nisto quanto basta ,
Para exprimir as fantas calidades ,
Que quis criar em ty , quem tu criaste ?
Es filha , may , & esposa ; E se alcançaste
Huá só , tres tão altas dignidades ,
Foi ; porq̃ a tres , & hum só , tanto agradaste.

CXXXIX.

DECE do Ceo immenso Deos benino
Para encarnar na Virgem soberana ,
Porque dece Divino em cousa humana
Para subir o humano a ser Divino.

Pois como vem tam pobre , & tam minino ,
Rendendose ao poder da mão tyrãna ?
Porque veni receber morte inhumana ,
Para pagar de Adão o desatino.

Pois como ? Adão , & Eva o fruito comem ,
Que por seu proprio Deos lhe foi vedado ?
Si , porque o proprio ser de Deoses tomem .
E por essa razão foi humanado ?
Si . Porque foi com causa decretado ,
Se o homé quis ser Deos , que Deos seja honrado .

C X L.

Do s Ceos à terra de ce a mòr belleza,
 Une-se à carne nossa, & fa-la nobre,
 E sendo a humanidade d'antes pobre,
 Hoje subida fica à mòr alteza.

Busca o Senhor mais rico a mòr pobreza,
 Que como ao mundo o seu amor descobre:
 De palhas vis o corpo tenro cobre,
 E por ellas o mesmo Ceo despreza.

Como, Deos em pobreza à terra de ce?
 O que he mais pobre tanto lhe contenta,
 Que só rica a pobreza lhe parece.

Pobreza este Presépio representa,
 Mas tanto por ser pobre já merece,
 Que quanto he pobre mais, mais lhe contenta,

C X L I.

Porque a tamanhas penas se offerece,
 Pelo peccado alheyo, & erro insano,
 O trino Deos: porque o fogeito humano
 Não pode co castigo, que merece.

Quem padecerà as penas, que padece,
 Quem sofrerà deshonra, morte, & dano?
 Ninguem, senão se for o soberano,
 Que reyna, & servos manda & obedece.

Foy a força do homem tam pequena;
 Que não pode foster tanta asperceza,
 Pois não foste a Ley, que Deos ordena.

Sofrea aquella immensa Fortaleza,
 Por puro amor, que a humanal fraqueza,
 Foy para o erro, & não ja para a pena.

FORTUNA em mim guardando seu direito,
 Em verde derrubou minha alegria,
 O' quanto se acabou naquelle dia,
 Cuja triste lembrança arde em meu peito!
 Quando contemplo tudo, bem sospeito
 Que a tal bem, tal descanso se devia,
 Por não dizer o mundo, que podia
 Acharse em seu engano bem perfeito:

Mas se a Fortuna o fez por descontentar-me
 Tamanho gosto, em cujo sentimento
 A memoria não faz senão matar-me:
 Que culpa pôde dar-me o sofrimento,
 Se a causa que elle tem de atormentar-me,
 Eu tenho de sofrer o seu tormento.

CXLIII.

AH Fortuna cruel, ah duros Fados,
 Quam asinha em meu dano vos mudastes
 Passou o tempo, que me descansastes,
 Agora descançaes com meus cuidados:

Deixastes-me sentir os bens passados,
 Para mòr dor da dor, que me ordenastes,
 Entam n'húa hora juntos mos levastes
 Deixando em seu lugar males dobrados:

Ah quanto melhor fora não vos ver
 Gostos que assi passaes tam de corrida,
 Que fico duvidoso se vos vi:

Sem vòs ja me não fica que perder,
 Senão se for esta cançada vida,
 Que por mòr perda minha não perdi.

QUE doudo pensamento he o que figo !
 Apoz que vão cuidado vou correndo !
 Sem ventura de mim , que não me entendo !
 Nem o que callo sei , nem o que digo .

Pelejo com quem trata paz comigo ,
 De quem guerra me faz , não me defendo !
 De falsas esperanças , que pretendo !
 Quem do meu proprio mal me faz amigo !

Porque , se naci livre , me cativo !
 E pois o quero ser , como não quero !
 Porque me engano mais com defenganos !
 Se já desfesperei , que mais espero !
 E se inda espero mais , como não vivo ,
 Esperando algum bem de tantos danos !

ONDE porci meus olhos , que não veja
 A causa , donde nace meu tormento ?
 Ou a que parte irei com o pensamento ,
 Que para descansar parte me seja ?
 Enganase quem busca , ou quem deseja
 Em vão a mór firmeza no contento ,
 Que todo seu prazer he nevoa ao vento ,
 Onde sempre o bem falta , & o mal sobeja !
 Anda minha alma cega , anda enganada ,
 A luz não busco , nem me defengano ,
 Nem curo de razão , busco o desejo !
 Apoz hum não sei que , apoz hum nada ,
 Onde he certo o perigo , & certo o dano ,
 Que quanto mais me chego , menos vejo .



SONETOS
CXLVI.

QUANDO cuido no tempo, que contente
Vi ás perolas, neve, rosa, & ouro,
Como quem vê por sonhos hum thesouro,
Parece tenho tudo aqui presente:

Mas tanto que se passa este accidente,
E vejo o quam distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Porque de imaginar tambem me ausente:

Já forão dias, em que por ventura
Vos vi, senhora, se assi dizendo posso
Com o coração seguro estar sem medo:

Agora em tanto mal não mo assegura
A propria fantasia, & nojo vosso,
Eu não posso entender este segredo.

CXLVII.

QUANDO, senhora, quiz Amor que amalle
Essa gram perfeição, & gentileza,
Logo deu por sentença, que a crueza
Em vosso peito Amor acrecentasse:

Determinou que nada me apartasse,
Nem desfavor cruel, nem aspereza,
Mas que em minha rarissima firmeza
Vossa izenção cruel se executasse:

E pois tendes aqui offerecida
Esta alma vosla a vosso sacrificio,
Acabai de fartar vosla vontade:

Não lhe alargueis senhora mais a vida,
Acabarà morrendo em seu officio,
Sua fê defendendo, & lealdade.

DE L. DE CAMOENS. 79
C X L V I I I.

Eu vivia de lagrimas izento
Num engano tão doce, & deleitoso,
Que em que outro amante fosse mais ditoso,
Não valião mil glorias hum tormento:
Vendome possuir tal pensamento,
De nenhuma riqueza era envejofo,
Vivia bem, de nada receoso
Com doce amor, & doce sentimento:
Cobiçosa a fortuna me tirou
Desto meu tão contente, & alegre estado,
E passouse este bem que nunca fora:
Em troco do qual bem, sò me deixou
Lembranças, que me matão cada hora,
Trazendome à memoria o bem passado.

C X L I X.

INDO o triste Pastor todo embebido
Na sombra de seu doce pensamento,
Taes queixas espalhava ao leve vento
Cuir brando suspirar da alma fahido:
A quem me queixarei, cego perdido!
Pois nas pedras não acho sentimento!
Com qué fallo! a quem digo meu tormento!
Que onde mais chamo, sou menos ouvido:
O bella Nímpha porque nao respondes?
Porque o olharme, tanto me encareces?
Porque queres que sempre me querelle?
Eu quanto mais te vejo, mais te escondes!
Quanto mais mal me ves, mais te endureces?
Assim que co mal cresce a causa delle.



Se a fortuna inquieta, & mal olhada,
 Que a justa Ley do Ceo configo infama,
 A vida quieta, que ella mais defama
 Me concedera honesta, & repoufada:

Pudera fer que a Musa alevantada
 Com luz de mais ardente, & viva flama
 Fizera ao Tejo là na patria cama
 Adormecer co som da lyra amada:

Porèm, pois o deltino trabalhoso,
 Que me efcurece a musa fraca, & laça
 Louvor de tanto preço não fuitenta:

A vossa de louvarme pouco escaça
 Outro fogeito busque valeroso,
 Tal qual em vòs ao mando se apresenta.

C L I.

De hum tam felice engenho, produzida
 De outro, que o claro Sol não vio maior
 He trazer coufas altas no sentido
 Todas dignas de espanto, & de louvor:

Musco foi antiquissimo Escriptor,
 Philosopho, & Poeta conhecido,
 Discipulo do Musico amator,
 Que co som teve o inferno suspendido:

Este pode abalar o monte mudo,
 Cantando aquelle mal, que eu já passei
 Do mancebo de Abydo mal fizudo:

Agora contão já (segundo achei)
 Tasso, & o nosso Boscam, que disse tudo
 Dos segredos, que move o cego Rey.

ESTE amor, que vos tenho limpo, & puro
De pensamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado,
Telo dentro nesta alma sô procuro:

De haver nelle mudança estou seguro,
Sem temer nenhum caso, ou duro fado,
Nem o supremo bem, ou baixo estado,
Nem o tempo presente, nem futuro:

A bonina, & a flor asinha passa,
Tudo por terra o Inverno, & Estio deita,
Sô para meu amor he sempre Mayo:

Mais vervos para mim senhora escassa,
E que essa ingratição tudo me engeita,
Tras este meu amor sempre em desmayo.

C L I I I.

QUEM presumir, senhora, de louvarvos
Com humano saber, & não divino,
Ficará de tamanha culpa digno,
Quamanha ficaes sendo em contemplarvos:
Não pretenda ninguem de louvor darvos,
Por mais que raro seja, & peregrino,
Que vossa fermosura eu imagino,
Que Deos a elle sô quiz compararvos:

Ditosa esta alma vossa, que quizestes
Em posse pôr de prenda tão subida,
Como, senhora, foi a quem me dêstes:

Melhor a guardarei, que a propria vida,
Que pois merce tamanha me fizestes,
De mim será já mais nunca esquecida.

QUEM poderá julgar de vòs , senhora ,
 Que com tal fee podia assi perdervos ,
 E vir eu por amor a aborrecervos ,
 Que hei de fazer sem vòs samente hum hora ?
 Deixastes quem vos ama , & vos adora ,
 Tomastes quem quiçà não sabe vervos ,
 Eu fui o que não soube merecervos ,
 E tudo entendo , & choro triste agora :
 Nunca soube entender vossa vontade ,
 Nem a minha mostrarvos verdadeira ,
 Inda que està tão clara esta verdade :
 Em mim vivirá ella sempre inteira ,
 E se para perder já a vida he tarde ,
 A morte não fará , que vos não queira .

CLV.

VENCIDO està de amor meu pensamento ,
 O mais que pôde ser vencida a vida ,
 Sogeita a vos servir instituida ,
 Offerecendo tudo a vosso intento :
 Contento deste bem louva o momento ,
 Ou hora em que se vio tão bem perdida ,
 Mil vezes desejiando a tal ferida ,
 Outra vez renovar seu perdimento :
 Com essa pretensão està segura
 A causa que me guia nesta empreza ,
 Tão estranha , tão doce , honrosa , & alta :
 Jurando não seguir outra ventura ,
 Votando só por vòs rara firmeza ,
 Sem fer no vosso amor achado em falta .

C L V I.

SEMPRE, cruel senhora, receei,
 Medindo vossa grão desconfiança,
 Que dêsse em desamor vossa tardança,
 E que me perdesse eu, pois vos amei:
 Percafe em fim já tudo o que esperei,
 Pois noutro amor já tendes esperança,
 Tão potente serà vossa mudança,
 Quanto eu encobri sempre o que vos dei:
 Deivos a alma, a vida, & o sentido,
 De tudo o que em mim ha vos fiz senhora,
 Prometeis, & negais o mesmo amor:
 Agora tal estou, que de perdido
 Não sei por onde vou, mas algum hora
 Vos darà tal lembrança grande dor.

C L V I I.

Esse cabellos louros, & escolhidos,
 Que o ser ao claro Sol estão tirando,
 Esse ar tam peregrino, em que cuidando
 Estão continuamente meus sentidos:
 Esses furtados olhos tão fingidos,
 Que minha morte, & vida estão causando,
 Essa fermosa graça, que em fallando
 Finge meus pensamentos não ser cridos:
 Esse compasso certo, essa medida,
 Que faz dobrar no corpo a gentileza,
 Essa beldade em terra tão subida:
 Amostre piedade, & não crueza,
 Que são laços, que Amor tece na vida,
 Em mim de sofrimento, & em vòs dureza.

DIZEI, senhora, da belleza idea,
 Para fazerdes esse aureo crino,
 Onde fostes buscar esse ouro fino,
 De que escondida mina, ou de que vea?

Dos vossos olhos essa luz Phebea,
 Esse respeito de hum Imperio digno,
 Se o alcançastes com saber divino,
 Se com encantamentos de Meda?

De que escondidas conchas escolhestes
 As perlas preciosas Orientaes,
 Que fallando mostraes no doce riso?

Pois vos formaltes tal, como quizestes,
 Vigiaivos de vòs, não vos vejaes,
 Fugi das fontes, lembrevos Narciso.

CLIX.

NA ribeira de Eufrates assentado,
 Discorrendo me achei pella memoria
 Aquelle breve bem, aquella gloria,
 Que em ti doce Syão tinha passado:

Da causa de meus males perguntado
 Me foi; como não cantas a historia
 De teu passado bem, & da victoria,
 Que sempre de teu mal has alcançado?

Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
 O mal, inda que grave, & riguroso?
 Canta pois, & não chores dessa sorte:

Respondi com suspiros: Quando crece
 A muita faudade, o piedoso
 Remedio he não cantar, senão a morte.

DE L. DE CAMOENS. 81
C L X.

El vaso reluziente, y cristalino,
De Angeles agua clara, y olorosa,
De blanca seda ornado, y fresca rosa,
Ligado con cabellos de oro fino:

Bien claro parecia el don divino
Labrado por la mano artificiosa
De aquella blanca Ninfa graciosa,
Màs que el rubio luzero matutino:

Nel vaso vuestro cuerpo se afigura,
Raxado de los blancos miembros bellos,
Y en el agua vuestra anima pura:

La seda es la blancura, y los cabellos
Son las prisiones, y la ligadura
Con que mi libertad fue afida dellos.

C L X I.

Pues lagrimas tratais mis ojos tristes,
Y en lagrimas passais la noche, y dia,
Mirad si es llanto este que os embia
Aquella por quien vòs tantas vertistes:

Sentid mis ojos bien esta que vistes,
Y si ella lo es, ò gran ventura mia,
Por muy bien empleadas las avria,
Mil cuentos, que por esta sola distes:

Màs una cosa mucho deseada,
Aunque se vea cierta, no es creida,
Quanto màs esta, que me es embiada:

Pero digo que aunque sea fingida,
Que basta que por lagrima sea dada,
Porque sea por lagrima tenida.



QUANDO se vir com a agoa o fogo arder,
 E misturar co dia a noite escura,
 E a terra se vir naquella altura,
 Em que se vem os Ceos prevalecer:
 O Amor por rezão mandado ser,
 E a todos ser igual nossa ventura,
 Com tal mudança vossa fermosura,
 Entaõ a poderei deixar de ver.

Porèm não sendo vista esta mudança
 Nõ mundo (como claro està não verse)
 Não se espere de mim deixar de vervos:
 Que basta estar en vòs minha esperança
 O ganho de minha alma, & o perderse,
 Para não deixar nunca de querervos.

CLXIII.

CHORAI Ninfas os Fados poderosos
 Daquella soberana fermosura,
 Onde foraõ parar na sepultura
 Aquelles reaes olhos graciosos?
 Oh bens do mundo falsos, & enganosos!
 Que magoas para ouvir, que tal figura
 Jaza sem resplendor na terra dura
 Com tal rostro, & cabellos taõ fermosos:
 Das outras que serà! pois poder teve
 A morte sobre cousa tanto bella,
 Que ella eclipsava a luz do claro dia:
 Mas o mundo não era digno della,
 Por isso mais na terra não esteve,
 Ao Cco sobio, que já se lhe devia.

C L X I V.

Ah imiga cruel, que apartamento
 He este, que fazeis da patria terra?
 Quem do paterno ninho vos desterra,
 Gloria dos olhos, bem do pensamento?
 Is tentar da Fortuna o movimento,
 E dos ventos crueis a dura guerra,
 Ver brenhas de agoa, & o mar feito em ferra,
 Levantado de hum vento, & de outro vento:
 Mas já que vos partis, sem vos partirdes,
 Parta com vosco o Ceo tanta ventura,
 Que seja môr que aquella que esperardes:
 E sô nesta verdade ide segura,
 Que ficão mais faudades com partirdes,
 Do que breves desejos de chegardes.

C L X V.

SENHORA já desta alma perdoai
 De hum vencido de amor as desatinos,
 E sejaõ vossos olhos taõ beninos,
 Como este puro amor, que d'alma sai:
 A minha pura fee sômente olhai,
 E vede meus extremos se são finos,
 E se de alguma pena forem dignos,
 Em mim, senhora minha, vos vingai:
 Não seja a dor, que abrafa o triste peito,
 Causa por onde pene o coração,
 Que tanto em firme amor vos he fugeito:
 Guardaivos do que alguns, dama, dirão,
 Que sendo raro em tudo vollo objeito
 Possa morar em vós ingraticião.



QUEM vos levou de mim , saudoso estado,
 Que tanta sem razam comigo ufastes?
 Quem foi por quem taõ presto me negastes
 Esquecido de todo o bem passado?

Trocastesme hum descanso em hũ cuidado
 Taõ duro , taõ cruel , qual me ordenastes,
 A fee , que tinheis dado , me negastes ,
 Quando mais nella estava confiado :

Vivia sem receo deste mal ,
 Fortuna , que tem tudo a sua merce ,
 Amor , com defamor me revolveo :

Bem sei que neste caso nada val ,
 Que quem naceo chorando , justo he
 Que pague com chorar o que perdeo.

CLXVII.

DIVERSOS casos , varios pensamentos
 Me trazem taõ confuso o entendimento,
 Que em nada vejo já contentamento,
 Senaõ quando se vaõ contentamentos :

Em varios casos varios sentimentos
 Succedem , por mostrar ao fundamento,
 Que he o que se deseja tudo vento ,
 Pois pinta haver descanso em vãos intentos:

Vese em grandes discursos o desejo ,
 Quando às ocaõens os tempos mudaõ ,
 Não ha cousa impossivel a hum cuidado :

O injusto co justo he já trocado ,
 Os duros montes seus assentos mudaõ ,
 Eu sô não posso ver meu mal mudado.

Doce sonho , suave & soberano ,
 Se por mais longo tempo me duràra ,
 Ah quem de sonho tal nunca acordàra ,
 Pois havia de ver tal defengano :

Ah deleitoso bem , ah doce engano ,
 Se por mais largo espaço me enganara ,
 Se entãõ a vida mísera acabàra ,
 De alegria , & prazer morrèra ufano :

Ditoso , nãõ estando em mim , pois tive
 Dormindo o que acordado ter quizera ,
 Olhai com que me paga meu destino !

Em fim fõra de mim ditoso estive ,
 Em mentiras ter dita razãõ era ,
 Pois sempre nas verdades fui mosfino .

CLXIX.

DIANA prateada esclarecia

Com a luz , que do claro Phebo ardente ,
 Por ser de natureza transparente ,
 Em si , como em espelho reluzia :

Cem mil milhoens de graças lhe influã ,
 Quando me appareceo o excellente
 Rayo de vosso aspectõ , diferente
 Em graça , & em amor do que sohia :

Eu vendome taõ cheo de favores ,
 E taõ propinquo a ser de todo vosso ,
 Louvei a hora clara , & a noite escura :

Pois nella dèstes cor a meus amores ,
 Donde colijo claro que nãõ posso
 De dia para vòs já ter ventura .

Tom. II.

H

ALA' en Monte Rey , en Bal de Leça,
 A Biolante bibeira de hum rio ,
 Tam fermosa em berdá , que quedê frio
 De ber alma immortal em mortal maça :

De hum alto , & lindo copo a feda laça
 A Pastora sacaba fio a fio ,
 Quando lhe disse , morro , corta o fio ,
 Bolveo , não cortarei , seguro passa :

E como passarei , se eu acà quedo ,
 Se passar , respondi , não bou seguro ,
 Que este corpo sem alma morra cedo :

Com a minha , que lebas , te asseguro
 Que não morras Pastor ; Pastora ei medo ,
 O quedar me parece mais seguro .

CLXXI.

PORQUE me faz Amor inda acà torto ,
 O mal te faga Deos desbergonçado ,
 Rapaz bil , descortez , que me has guiado
 A ber a Biolante , que me ha morto :

Bila , por mãs non berme tomar porto
 En repouso ningun desbenturado ,
 Mas para chorar sempre quede a bado
 As agoas dos meus olhos fom conforto :

Bem vir ser tua madre Cypriana
 Una mundana astrosa , deshonestá ,
 Cruel , falsa , sem ley , dura , & tirana :

Que a bõs ella ser outra , & não ser esta ,
 Não tiberas bontã rão deshumana ,
 Nem fora contra mim tão cruda besta .

C L X X I I.

Olhos fermosos, em quem quiz natura
 Mostrar do seu poder altos finais,
 Se quizerdes saber quanto possais,
 Vedeme a mim, que são vossa feitura:

Pintada em mim se vê vossa figura,
 No que eu padeço retratada estais,
 Que se eu passo tormentos desiguais,
 Muito mais pôde vossa fermosura:

De mim não quero mais que o meu desejo,
 Ser vosso, & sô de ser vosso me arreyo,
 Porque o vosso penhor em mim se affelle:

Não me lembro de mim, quando vos vejo,
 Nem do mundo, & não erro, porque creyo
 Que em lembrarme de vós cumprio com elle.

C L X X I I I.

Em quanto Phebo os montes acendia
 Do Ceo com luminosa claridade,
 Por evitar do ocio a castidade,
 Na caça o tempo Delia despendia:

Venus, que então do furto descendia,
 Por cativar de Anchises a vontade,
 Vendo Diana em tanta honestidade,
 Quasi zombando della, lhe dizia:

Tu vãs com tuas redes na espedura
 Os fugitivos cervos enredando,
 Mas as minhas enredão o sentido:

Melhor he (respondia a Deosa pura)
 Nas redes leves cervos ir tomando,
 Que tomarte alli nelles teu marido.



Ah minha Dynamene , assi duraste ,
 Quem não deixara nunca de quererte ?
 Ah Ninfa minha , já não posso verte ,
 Tão azinha esta vida desprezaste ?

Como já para sempre te apartaste
 De quem tão longe estava de perderte ?
 Poderão estas ondas defenderte ,
 Que não viſtes quem tanto magoaste ?

Nem fallarte ſomente a dura morte
 Me deixou , que tão cedo o negro manto
 Em teus olhos deitado consentiſte :

O' mar , ô Ceo , ô minha eſcura morte !
 Que pena ſentirei , que valha tanto ,
 Que ainda tenho por pouco o viver triſte !

CLXXV.

O' RIGUROSA auſencia receada
 De mim ſempre , mas nunca conhecida ,
 Saudade outro tempo tão temida ,
 Quanto em meu dano agora experimentada :

Ja riguroſamente começada
 Tendes voſſa aſpereza em minha vida ,
 Tanto que temo já que de oprimida
 Sejaes com ella mui cedo acabada :

Os dias mais alegres me entriſtecem ,
 As noites em cuidados as deſconto ,
 Em que ſem vós ſem conto me parecem :

Em deſejo , & eſperança as horas conto ,
 Mas com a vida em fim elles fallecem ,
 Não me poſſo valer de aſſiſtir pronto .

SE de voffo fermoso , & lindo gesto
 Naceraõ lindas flores para os olhos ,
 Que para o peito são duros abrolhos ,
 Em mim se vê mui claro , & manifesto :

Pois vossa fermosura , & vulto honesto
 Em os ver , de boninas vi mil môlhos ,
 Mas se meu coraçãõ tivera antolhos ,
 Não vira em vós feu dano o mal funesto :

Hum mal visto por bem , hú bem tristonho ,
 Que me traz elevado o pensamento
 Em mil , porèm diversas , fantasias :

Nas quaes eu sempre ando , & sempre sonho ,
 E vós não cuidaes mais que em meu torméto ,
 Em que fundaes as vossas alegrias.

C L X X V I I.

NUM tão alto lugar de tanto preço
 Este meu pensamento posto vejo ,
 Que desfallece nelle inda o desejo ,
 Vendo quanto por mim o desmereço :

Quando esta tal baixeza em mim conheço ,
 Acho que cuidar nelle he gram despejo ,
 E que morrer por elle me he sobejo ,
 E mòr bem para mim do que mereço :

O mais que natural merecimento
 De quem me causa hum mal tão duro , & forte
 O faz que vâ crescendo de hora em hora :

Mas eu não deixarei meu pensamento ,
 Porque inda que este mal me causa a morte
 Un bel morir tutta la vita honora.



QUANDO a suprema dor muito me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
He força que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta:

E assi de erro tão grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Mostrando que he engano, ou fingimento
Dizer que em tal descanso mais se acerta:

Porque essa mesma imagem, que na mente
Me representa o bem de que careço
Me faz de hum certo modo ser presente:

Ditosa he logo a pena que padeço,
Pois que da causa della em mim se sente
Hum bem, que inda sem verbos reconheço.

CLXXIX.

QUANTAS penas Amor, quantos cuidados,
Quantas lagrimas tristes sem proveito,
De que mil vezes olhos, rosto, & peito
Por ti cego, me viste já banhados:

Quantos mortaes suspiros derramados
Do coração, por tanto a ti fogeito,
Quantos males em fim tu me tens feito,
Todos foraõ em mim bem empregados:

A tudo satisfaz (confesseste isto)
Húa sò vista branda, & amorosa,
De quem me cativou minha ventura:

O' sempre para mim hora ditosa,
Que posso temer já, pois tenho visto
Com tanto gosto meu, tanta brandura?

Se como em tudo o mais fostes perfeita,
Foris de condição menos altiva,
Vida pôde esperar esta cativa
Vida, que a vossos pès morta se deita:

Mas quanto de vòs vè, quanto sospeita,
Estorvos são, para que mais não viva,
E para maior mal a morte esquivá,
Vendo que me engeitaes, também me engeita:

Se nisto contradiz vossa vontade,
Mandailhe vòs, senhora, que dê fim
A vida tão cercada de tristeza:

Pois ella não o faz por piedade,
Que tenha do meu mal, mas porque em mim
Vivendo farteis vòs vossa crueldade.

C L X X X I.

O Tempo acaba, o Anno, o Mez, & a Hora,
A Força, a Arte, a Manha, a Fortaleza,
O Tempo acaba a Fama, & a Riqueza,
O Tempo o mesmo Tempo de si chora:

O Tempo busca, & acaba o onde mora
Qualquer ingratição, qualquer dureza,
Mas não pôde acabar minha tristeza,
Em quanto não quizerdes vòs senhora.

O Tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste,
O Tempo a tempestade em grão bonança:

Mas de abrandar o tempo estou seguro
O peito de diamante, onde consisto
A pena, & o prazer desta esperança.



Posto me tem Fortuna em tal estado,
 E tanto a seus pês me tem rendido,
 Não tenho que perder já de perdido,
 Nem tenho que mudar já de mudado:

Todo o bem para mim he acabado,
 De aqui dou o viver já por vivido,
 Que aonde o mal he tão conhecido,
 Também o viver mais será escusado:

Se me basta querer, a morte queto,
 Que bem outra esperança não convem,
 E curarei hum mal com outro mal:

E pois do bem tão pouco bem espero,
 Já que o mal este sô remedio tem,
 Não me culpem em querer remedio tal.

CLXXXIII.

JA não fere o Amor com arco forte,
 As settas tem lançadas já por terra,
 Como sohia já não nos faz guerra,
 Porque a que nos faz he de outra forte:

Com olhos pellos olhos nos dá morte,
 E para acertar o que não erra,
 Os vossos escolheo, em quem se encerra
 Mais bem do que ha do Sul ao Norte:

Concedeyos o Amor tão graõ poder,
 Que vòs sejaes do seu livre, & izenta:
 Apagoufe a candea no meio da consoante.

Por isso Feliza se vos não contenta,
 Não vades com o soneto por diante,
 Que he sonho o que a fantasia representa

LEMBRANÇAS, q̃ lembraes meu bê passado,
 Para que sinta mais o mal presente,
 Deixai-me (se quereis) viver contente,
 Não me deixeis morrer em tal estado :

Mas se tambem de tudo està ordenado
 Viver (como se vê) taõ descontente,
 Venha (se vier) o bem por accidente,
 E dê a morte fim a meu cuidado :

Que muito melhor he perder a vida,
 Perdendose as lembranças da memoria,
 Pois tanto danno fazem ao pensamento :

Assi que nada perde, quem perdida
 A esperança trãs de sua gloria,
 Se esta vida ha de ser sempre em tormento,

Docê contentamento já passado,
 Em que todo meu bem já consistia,
 Quem vos levou de minha companhia,
 E me deixou de vós taõ apartado ?

Quem cuidou que se visse neste estado
 Naquellas breves horas de alegria !
 Quando minha ventura consentia,
 Que de enganos vivesse meu cuidado :

Fortuna minha foi cruel, & dura
 Aquella, que causou meu perdimento,
 Com a qual ninguem pôde ter cautela :

Nem se engane nenhuma creatura,
 Que não pôde nenhum impedimento
 Fugir do que ordena sua estrela.

MUITO ha que eu soube da ventura
A vida, que me tinha destinada,
Que a longa experiencia da passada
Me dava claro indicio da futura:

Amor fero, & cruel Fortuna escura,
Bem tendes vossa força experimentada,
Assolai, destrui, não fique nada,
Vingai vos desta vida, que inda dura:

Soube da dita Amor, que eu a não tinha,
Porque sentisse mais a falta della,
De imagens impossiveis me mantinha:

Mas vós, senhora (pois que minha estrella
Não foi melhor) vivei nesta alma minha,
Que não tem a Fortuna poder nella.

CLXXXVII.

HORAS breves de meu contentamento,
Nunca me pareceo, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão afinha,
Em huns tão longos dias de tormento:

As altas torres, que fundei no vento,
O vento as levou logo, que as sostinha,
Do mal, que me ficou, a culpa he minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento:

Amor com falsas mostras apparece,
Tudo possível faz, tudo assegura,
E logo no melhor desaparece:

Eu o quiz, pois o quiz minha ventura,
Que gemendo, & chorando conhecece
Quam fugitivo elle he, quam pouco dura

SUSTENTA meu viver huma esperança
 Derivada de hum bem tão desejado ,
 Que quando nella estou mais confiado ,
 Mòr duvida me põem qualquer mudança :
 E quando inda este bem na mòr pujança
 De seus gostos me tem mas enlevado ,
 Me atormenta entaõ ver eu , que alcançado
 Serà ; por quem de vòs não tem lembrança :
 Allí , que nestas redes enlaçado ,
 A penas dou a vida , sustentando
 Huma nova materia a meu cuidado :
 Suspiros d'alma tristes arrancando ,
 Dos silvos de huma pedra acompanhado ,
 Estou materias tristes lamentando.

CLXXXIX.

Já naõ sinto , senhora , os defenganos ,
 Com que minha affeição sempre tratastes ,
 Nem ver o galardão , que me negastes ,
 Merecido por fê ha tantos annos :
 A magoa choro sò , sò choro os danos
 De ver , por quem , senhora , me trocastes ,
 Mas em tal caso vòs sò me vingastes
 De vossa ingraticidão , vossos enganos :
 Dobrada gloria dà a qualquer vingança ,
 Que o offendido toma do culpado ,
 Quando se satisfaz com cousa justa :
 Mas eu de vossos males , & esquivança ,
 De que agora me vejo bem vingado ,
 Naõ o quizera eu tanto à vosta cuita.



Que pòde já fazer minha ventura,
 Que seja para meu contentamento?
 Ou como fazer devo fundamento
 De coufa, que o não tem, nem he seguro?

Que pena pòde ser tão certa, & dura,
 Que possa ser mayor, que meu tormento?
 Ou como receará meu pensamento
 Os males, se com elles mais se apura?

Como quem se costuma de pequeno
 Com peçonha criar por maõ sciente,
 Da qual o uso já o tem seguro:

Mas eu acostumado ao veneno,
 E uso de sofrer meu mal presente
 Me faz não sentir já nada o futuro.

C X C I.

Los ojos que con blando movimiento
 Al passar enternecen la alma mia,
 Si detenetse viesse solo un dia
 Mi pecho librarian de tormiento:

Pues de ran amorosó sentimiento
 El importuno mal se acabaria,
 O assi el accidente creceria,
 Que la vida acabasse en un momento:

O si tu esquiviez lo permitiessse,
 Que en presençia de tu semblante hermosa
 A manos de tus ojos me murieffe:

O si los destruyesse, quan dichoso
 Seria a quel momento, en que me viesse
 Cobrar ellos la vida, y el reposo.

C X C I I.

A fermosura desta fresca serra ,
 E a sombra dos verdes castanheiros ,
 O manfo caminhar destes ribeiros ,
 Donde toda a tristeza se desterra ;
 O rouco som do mar , a eſtranha terra ;
 O eſconder do Sol pellos outeiros ,
 O recolher dos gados derradeiros ,
 Das nuvens pello ar a branda guerra :
 Em fim tudo o que a rara natureza
 Com tanta variedade nos ofrece ,
 Me eſtã (ſe não te vejo) magoando :
 Sem ti tudo me enoja , & me aborrece ,
 Sem ti perpetuamente eſtou paſſando
 Nas môres alegrias , môr tristeza.

C X C I I I.

SOSPECHAS , que en mi triste fantasia ,
 Puestas hazeis la guerra a mi ſentido ,
 Bolviendo , y rebolviendo el aſſigido
 Pecho con dura mano noche , y día :
 Ya ſe acabò la reſiſtencia mia ,
 Y la fuerça del alma , ya rendido
 Vencer de vós me dexo arrepenſido
 De averos contraſtado en tal porfia :
 Llevadme a aquel lugar tan eſpantable ,
 Que por no ver mi muerte alli eſculpido ,
 Cerrados haſta aqui tuve los ojos :
 Las armas pongo ya , que concedida
 No eſ tan larga defenſa al miſerable ,
 Colgad en vuestro carro mis deſpojos.

Tom. II.

I



No bastava que Amor puro , y ardiente
 Por terminos la vida me quitasse ,
 Sinò que defamor se apresurasse
 Con un tan deshumano accidente :

Mi alma no resiste , ni consiente ,
 Que el amoroso curso se atajasse ,
 Porque nunca jamás se experimentasse ,
 Que maera a defamor quien amor siente :

Mas vuestra voluntad tam poderosa ,
 Como vuestra hermosura , me ordenaron
 Imposible crueldad , jamás oida :

Aquel fiero desden , y la amorosa
 Furia , de un golpe solo me quitaron
 Con dós muertes contrarias una vida.

CXCV.

Vos , que escutais em Rimas derramado
 Dos suspiros o som , que me alentava
 Na juvenil idade , quando andava
 Em outro em parte do que sou mudado :

Sabei , que busca sô do ja cantado ,
 No tempo , em que ou temia , ou esperava
 De quem o mal provou , que eu tanto amava,
 Piedade , & não perdaô , o meu cuidado :

Pois vejo que tamanho sentimento
 Sô me rendeo ser fabula da gente
 (Do que comigo mesmo me envergonho).

Sirva de exemplo claro meu tormento ,
 Com que todos conheção claramente ,
 Que quanto ao múdo apraz he breve sonho ,

DE L. DE CAMOENS. 99
C X C V I.

De Amor escrevo, de Amor trato, & vivo,
De Amor me nasce amar, sem ser amado,
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de Amor cativo:

De Amor, que a lugar alto voe altivo,
E funde a gloria sua em ser ousado,
Que se veja melhor purificado
No immenso respládor de hum rayo esquivo:

Mas ay, que tanto amor sô pena alcança!
Mais constante ella, & elle mais constante,
De seu triunfo cada qual sô trata:

Nada, em fim, me aproveita, que a esperança
Se anima alguma vez a hum triste amante,
Ao perto vivifica, ao longe mata.

C X C V I I.

MORADORAS gentis, & delicadas
Do claro & aureo Tejo, que metidas
Estaes em suas grutas escondidas,
E com doce repouso fofegadas:

Agora estaes de amores inflamadas,
Nos cristalinos passos entretidas,
Agora no exercicio embeveccidas,
Das tellas de ouro puro matizadas:

Movei dos lindos rostros a luz pura
De vossos olhos bellos, consentindo,
Que lagrimas derramem de tristura:

E assi com dor mais propria hircis ouvindo
As queixas, que derramo da ventura,
Que com penas de amor me vai seguindo.



BRANDAS agoas do Tejo, que passando
 Por estes verdes campos, que regaes,
 Plantas, ervas, & flores, & animaes,
 Pastores, Ninfas, ides alegrando:

Não fei (ah doces agoas !) não fei quando
 Vos tornarei a ver, que magoas taes,
 Vendo como vos deixo, me causaes,
 Que ja vou de tornar desconfiado:

Ordenou o destino, dozejofo
 De converter meus gostos em pezarcs,
 Partida, que me vai custando tanto:
 Saudoso de vòs, delle queixoso,
 Encherei de suspiros outros ares,
 Turbarei outras agoas com meu pranto.

CXC IX.

Novos casos de Amor, novos enganòs,
 Envoltòs em lisonjas conhecidas,
 Do bem promessas falsas, & escondidas,
 Onde do mal se cumprem grandes danos:

Como não tomais ja por desenganos
 Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,
 Pois em a vida não basta nem mil vidas
 A tantos dias tristes, tantos annos:

Hum novo coraçõ mister havia
 Com outros olhos menos agravados,
 Para tornar a creer o que eu não cria:

Andais comigo, enganòs, enganados,
 E se o quizeres ver, cuidai hum dia
 O que se diz dos bem acutilados.

JA do Mondego as agoas apparecem
A meus olhos , não meus , antes alheos ,
Que de outras differentes vindo cheos ,
Na sua branda vista inda mais crecem :

Parece que tambem forçadas decem ,
Segundo se detem em seus rodeos ,
Triste ! por quantos modos , quantos meos
As minhas saudades me entristecem !

Vida de tantos males salteada ,
Amor a poem em termos , que duvida
De conseguir o fim desta jornada :
Antes se dà de todo por perdida ,
Vendo que não vai da alma acompanhada ,
Que se deixou ficar onde tem vida.

C C I.

Hum firme coração posto em ventura ,
Hum desejar honesto , que se engeite ,
De vossa condição , sem que respeite
A meu tam puro Amor , a fe tam pura :

Hum vervos , de piedade , & de brandura ,
Sempre inimiga , fazme que sospeite
Se alguma Hircana fera vos deu leite ,
Ou se nascestes de hum a pedra dura :

Ando buscando causa que disculpe
Cruza tão estranha , porém quanto
Nillo trabalho mais , mais mal me trata :

Donde vem , que não ha qué nos não culpe ,
A vós , porque matais quem vos quer tanto ,
A mim , por querer tanto a quem me mata ?



AR, que de meus suspiros vejo cheyo,
 Terra caçada ja com meu tormento,
 Agoa, que com mil lagrimas sustento,
 Fogo, que mais acendo no meu ceo:
 Em paz estais em mim, & assim o creyo,
 Sem esse ser o vosso proprio intento,
 Pois em dor onde falta o sofrimento,
 A vida se sustem por vosso meyo:
 Ay imiga Fortuna! ay vingativo
 Amor! a que discursos por vós venho,
 Sem nunca vos mover com minha magoa!
 Se me quereis matar, para que vivo?
 E como vivo, se contrarios tenho
 Amor, Fortuna, Ar, Terra, Fogo, & Agoa.

C C I I I.

JA claro vejo bem, ja bem conheço
 Quanto aumentando vou o meu tormento,
 Pois sei q' fundo em agoa, escrevo em vento,
 E que o cordeiro manso ao lobo peço:
 Qual Arachne, pois ja com Pallas teço,
 Que a Tigres em meus males me lamento,
 Que reduzir o mar a hum vaso intento,
 Aspirando a esse Coo, que não mereço:
 Quero achar paz em hum confuso inferno,
 Na noite, do Sol puro a claridade,
 E o suave Verao no duro Inverno:
 Busco em luzente Olympo escuridade,
 E o desejado bem no mal eterno,
 Buscando amor em vossa crueldade.

DE L. DE CAMOENS. 103
C C I V.

De cá donde sômente o imaginarvos
A rigurosa ausencia me consente,
Sobre as azas de Amor, ousadamente
O mal sofrido espirito vai buscarvos:

E se não receçara de abraçarvos
Nas chamas, que por vossa causa sente,
Lá ficára com vosco, & vós presente
Aprendêra de vós a contentarvos:

Mas pois que estar ausente lhe he forçado,
Por fenhora de cá vos reconhece,
Aos pés de imagens vossas inclinado:

E pois vedes a fê, que vos offerece,
Ponde os olhos, de lâ, no seu cuidado,
E darlheis inda mais do que merece.

C C V.

Não ha louvor que arribê à menor parte
De quanto em vós se vê, bella fenhora,
Vós sois vosso louvor, quem vos adora
Reduz sômente a este o engenho, & arte:

Quanto por muitas damas se reparte
De bello & de sermoso, em vós agora
Se ajunta em modo tal, que pouco fora
Dizer, que sois o todo, ellas a parte:

Culpa logo, não he, se vou louvarvos
Ver incapazes todos os louvores,
Pois tanto quiz o Ceo aventajarvos:

Seja a culpa de vossos resplandores,
E a que elles tem vos dou, só para darvos
O mór louvor de todos os mayores.



A Violeta mais bella, que amanhece
 No valle por esmalte da verdura,
 Com seu pallido lustre, & fermosura,
 Por mais bella, Violante, te obedece:

Perguntafime porque? porque apparece
 Seu nome em ti, & sua cor mais pura,
 E estudar em rosto sô procura
 Tudo quanto em beldade mais florece:

O' luminosa flor! ô Sol mais claro?
 Unico roubador de meu sentido,
 Não permittas que Amor me seja avaro:

O' penetrante setta de Cupido!
 Que queres? que te peça por reparo
 Ser neste valle Eneas, desta Dido.

CCVII.

TORNAI essa brancura á alva Açucena,
 E essa purpurea cor ás puras Rosas,
 Tornai ao Sol as chamas luminosas
 Dessa vista, que a roubos vos condena:

Tornai à suavíssima Sirena
 Dessa voz as cadencias deleitofas,
 Tornai a graça as graças, que queixofas
 Estão de a ter por vós menos serena:

Tornai a bella Venus a belleza,
 A Minerva o saber, o engenho, & a arte,
 E a pureza à castíssima Diana:

Despojaivos de toda essa grandeza
 De doés, & ficareis em toda a parte
 Com vosco sô, que he sô ser inhumana.

DE L. DE CAMOENS. 105
C C V I I I.

De mil suspeitas vans se me levantaõ
Trabalhos, & desgostos verdadeiros,
Ay! Que estes bens de Amor saõ feiticceiros,
Que com hum naõ sei q, toda alma encantaõ!

Como Sereas docemente cantaõ,
Para enganar os tristes marinheiros,
Os meus assim me atraem lifongeiros,
E depois com horrores mil me espantaõ:

Quando cuido que tomo porto, ou terra,
Tal vento se levanta em hum instante,
Que subito da vida desconfo:

Mas eu sou quem me faz a maior guerra,
Pois conhecendo os riscos de hum amante
Fiado a ondas de Amor, dellas me fio.

C C I X.

Mil vezes determino naõ vos ver,
Por ver se abranda mais o meu penar,
E se cuido de assim me magoar,
Cuidai o que ferà, se ouver de fer:

Pouco me importa ja muito soffrer,
Depois que Amor me poz em tal lugar,
E o que inda me doe mais, he sò cuidar,
Que mal sem esta dor posso viver.

Assi naõ busco eu cura contra a dor,
Porque buscando alguma, entendo bem,
Que nesse mesmo ponto me perdi:

Quereis que viva, emfim, neste rigor?
Sõmente o querer voffo me convem:
Assi quereis que seja? seja assi.



A CHAGA que , senhora , me fizestes,
 Não foi para curarse em hum sô dia,
 Porque crescendo vai com tal porfia,
 Que bem descobre o intento que tivestes:
 De causar tanta dor vos não doestes?
 Mas a doer vos, dor me não seria,
 Pois já com esperança me veria,
 Do que vòs, que em mim visse, não quizesse?
 Os olhos, com que todo me roubastes,
 Forão causa do mal, que vou passando,
 E vòs eitae fingido, o não caufastes:
 Mas eu me vingarei, & sabeis quando?
 Quando vos vir queixar, porque deixastes
 Irse a minha alma nelles abraçando.

CCXI.

SE com despresos, Ninfa, te parece,
 Que podes desviar do seu cuidado
 Hum coração constante, que se ofrece
 A ter por gloria o ser atormentado:
 Deixa a tua porfia, & reconhece,
 Que mal sabes de Amor defenganado,
 Pois não sentes, nem vês, q em teu mal cresce,
 Crescendo em mim, de tí mais defamado:
 O esquivo desamor com que me tratas
 Converte em piedade, se não queres,
 Que creça o meu querer em teu desgosto:
 Vencerme com cruezas nunca esperes,
 Bem me podes matar, & bem me matas,
 Mas sempre ha de viver meu presuppuesto.

DE L. DE CAMOENS. 107
C C X I I.

SENHORA minha, se eu de vòs ausente
Me defendera de hum penar severo,
Sospèito, que offendèra o que vos quero,
Esquecido do bem de estar presente:

Tras este logo sinto outro accidente,
E he ver que se da vida desespero,
Perco a gloria, que vendovos espero,
E assi estou em meus males diferente:
E nesta differença meus sentidos
Combarem com tão aspera porfia,
Que julgo estè meu mal por deshumano:
Entre si sempre os vejo divididos,
E se a caso concordão algum dia,
He sò conjuração para meu dano.

C C X I I I.

No regaço da Maem Amor estava
Dormindo, tão fermoso, que movia
O coração, que mais izento via,
E a sua própria mãy de amor matava:
Ella com os olhos nelle contemplava
A quanto estrago o mundo reduzia,
Elle, porem, sonhando lhe dizia,
Que todo aquelle mal ella causava:
Soliso, que graduado em seus amores,
De saber de ambos mais teve a ventura,
Assi soltou a duvida aos Pastores:
Se bem me ferem sempre, sem ter cura,
Do Minino os ardentes passadores,
Mais me fere da Maem a fermosura.



ESTE terrestre Caos com seus vapores
 Não pôde condensar as nuvens tanto,
 Que o claro Sol não rompa o negro manto
 Com suas bellas, & luzentes cores:

A ingratição esquiva de rigores
 Opposta nuvem he, que dura em quanto
 Nos não converte o Ceo em triste pranto
 Suas vans esperanças, seus favores:

Pôde-se contrapor ao Ceo a terra,
 E estar o Sol por horas eclypçado,
 Mas não pôde ficar escurecido:

Pôde prevalecer a vossa guerra,
 Mas a pesar das nuvens declarado
 Ha de ser vosso Sol, & obedecido.

CCXV.

HUMA admiravel erva se conhece,
 Que vai ao Sol seguindo de hora em hora,
 Logo que elle do Eufrates se vê fóra,
 E quando está mais alto, então florece:

Mas quando ao Oceano o carro dece,
 Toda a sua belleza perde Flora,
 Porque ella se emmurcheffe, & se descóra,
 Tanto co a luz ausente se entristece:

Meu Sol, quando alegreaes esta alma vossa,
 Mostrandolhe esse rostro, que dá vida,
 Cria flores em seu contentamento:

Mas logo em não vos vendo, entristecida
 Se murcha, & se consume em grão tormento,
 Nem ha quem vossa ausencia sofrer possa.

CRECEI desejo meu , pois que a ventura
Já vos tem nos seus braços levantado ,
Que a bella causa de que fois gerado ,
O mais ditoso fim vos allegura :

Se aspiraes por ousado a tanta altura ,
Não vos espante haver ao Sol chegado ,
Porque he de Aguia Real vosso cuidado ,
Que quanto mais o soffre , mais se apura :

Animo , coração , que o pensamento
Te pôde inda fazer mais glorioso ,
Sem que respeite a teu merecimento :

Que creças inda mais , he já forçoso ,
Porque se foi de ousado o teu intento ,
Agora de atrevido he venturoso .

C C X V I I.

He o gozado bem em agoa escrito ,
Vive no desejar , morte no effeito ,
O desejado sempre he mais perfeito ,
Porque tem parte alguma de infinito :

Dar a huma alma immortal gozo prescrito
Em verdadeiro amor , fora defeito ,
Por modo superior , não imperfeito ,
Sois exceção de quanto aqui limito :

De huma esperança nunca conhecida ,
Da fe do desejar não alcançada
Sereis mais desejada possuida :

Não podeis da esperança ser amada ,
Vista podereis ser , & então mais crida ,
Porém não sem agravo comparada .



De quantas graças tinha a natureza
 Fez hum bello, & riquissimo theſouro,
 E com Rubins, & Roſas, Neve, & Ouro,
 Formou ſublime & Angelica belleza :

Poz na boca os Rubins, & na pureza
 Do bello roſtro as Roſas, por quem mouro,
 No cabelo o valor do metal louro,
 No peito a neve, em que a alma tenho aceſa:

Mas nos olhos moſtrou quanto podia,
 E fez delles hum Sol, onde ſe apura
 A luz mais clara, que a do claro dia :

Em fim, ſenhora, em voſſa compoſtura
 Ella a apurar chegou quanto ſabia
 De Ouro, Roſas, Rubins, neve, & Luz.pura.

CCXIX.

NUNCA em Amor danou atreuimento,
 Favorece a fortuna a ouſadia,
 Porque ſempre a encolhida cobardia
 De pedra ſerve ao livre pensamento :

Quem ſe eleva ao ſublime firmamento,
 A eſtrela nelle encontra, que lhe he guia,
 Que o bem que encerra em ſi a fantesia,
 São humas illuſoens, que leva o vento :

Abrirſe deve paſſos à ventura,
 Sem ſi proprio ninguem ſerá ditoso,
 Os principios ſõmente a forte os move :

Atreverſe he valor, & não loucura,
 Perderá por covarde o venturoſo
 Que vos vê, ſe os temores não remove.

A MORTE, que da vida o nò desfata,
 Os nòs que dà o Amor cortar quizera,
 Co a ausencia, que he sobre elle espada fera,
 E com o tempo, que tudo desbarata:

Duas contrárias, que huma à outra mata,
 A morte contra Amor junta, & altera
 Huma razão contra a Fortuna aultêra,
 Outra contra a razão Fortuna ingrata:

Mas mostre a sua imperial potencia
 A morte, em apartar de hum corpo a alma;
 Duas almas o Amor num corpo una:
 Para que assi triumphante leve a palma
 Da Morte Amor, a grão pesar da ausencia,
 Do Tempo, da Razão, & da Fortuna.

C C X X I.

GENTIL senhora, se a Fortuna imiga,
 Que contra mim com todo o Ceo conspira,
 Os olhos meus de ver es vossos tira,
 Porque em mais graves casos me persiga:

Comigo levo esta alma, que se obriga
 Na mòr pressa de mar, de fogo, & de ira
 A darvos a memoria, que suspira,
 Sò por fazer com vosco eterna liga:

Nesta alma, onde a Fortuna pòde pouco,
 Tão viva vos terei, que frio, & fome,
 Vos não possão tirar, nem mais perigos:

Antes com som de voz trêmulo & rouco,
 Por vòs chamando, sò com vosso nome
 Farei fugir os ventos, & os imigos.

Que modo tão subtil da natureza
 Para fugir ao mundo, & seus enganos,
 Permite, que esconda em tenros annos,
 Debaixo de hum burel tanta belleza!

Mas não pôde esconderse aquella alteza,
 E gravidade de olhos soberanos,
 A cujo resplendor entre os humanos
 Resistencia não sinto, ou fortaleza:

Quem quer livre ficar de dor, & pena,
 Vendoa já, já trazendoa na memoria,
 Na mesma razão sua se condena:

Porque quem mereceo ver tanta gloria,
 Cativo ha de ficar, que Amor ordena,
 Que de juro tenha ella esta victoria.

CCXXIII.

Na margem de hum ribeiro, que fendia
 Com liquido cristal hum verde prado,
 O triste Pastor Lizo debruçado,
 Sobre o tronco de hum freixo, assi dizia:

Ah! Nataraia cruel? quem te desvia
 Esse cuidado teu, do meu cuidado?
 Se tanto hei de penar defenganado,
 Enganado de ti viver queria:

Que foi daquella fê, que tu me deste?
 Daquelle puro amor, que me mostraste?
 Quem tudo trocar pode tam asinha?

Quando effes olhos teus noutro puzeste,
 Como te não lembrou, que me juraste
 Por toda a sua luz, que eras sô minha?

Se me vem tanta gloria fô de olharte,
 He pena desigual deixar de verte,
 Se presumo com obras nierecerte,
 Grão paga de hum engano he defejarte :

Se aspiro, por quem es, a celebrarte,
 Sei certo, por quem sou, q' hei de offenderte,
 Se mal me quero a mi, por bem quererte,
 Que premio quèrer posso, mais que amarte ?

Porque hũ tão raro Amor não me foccorre?
 O humano thesouro ! ò doce gloria !
 Ditoso quem à morte por ti corre !

Sempre eferipta estarás nesta memoria,
 E esta alma vivirá, pois por ti morre,
 Porque ao fim da batalha he a victoria.

CRIOU a natureza damas bellas,
 Que forão de altos plectros celebradas,
 Dellas tomou as partes mais prezadas,
 E a vòs, fenhora, fez do melhor dellas :

Ellas diante vòs são as estrellas,
 Que ficão com vos ver logo eclypsadas,
 Mas se ella tem por Sol essas rosadas
 Luzes de Sol mayor, felices ellas !

Em perfeição, em graça, & gentileza,
 Por hum modo, entre humanos, peregrino,
 A todo ò bello excede essa belleza :

O quem tivera partes de divino,
 Para vos merecer ! mas se pureza
 De Amor val ante vòs, de vòs sou dino,

QUE esperais, esperança? Desespero.
 Quem disso a causa foi? Huma mudança.
 Vós vida, como estais? Sem esperança.
 Que dizeis coração? Que muito quero.
 Que sentis alma vós? Que Amor he fero.
 E em fim como viveis? Sem confiança.
 Quem vos sustenta logo? Huma lembrança.
 E sò nella esperais: Sò nella espero.
 Em que podeis parar? Nisto em que estou.
 E em que estais vós? Em acabar a vida.
 E tendelo por bem? Amor o quer.
 Quem vos obriga assi? Saber quem sou.
 E quem fois? Quem de todo està rendida.
 A quem rendida estais? A hum sò querer.

C C X X V I I.

SE algum hora essa vista mais suave
 A caso a mim volveis, em hum momento
 Me sinto com hum tal contentamento,
 Que não temo que dano algum me agrave:
 Mas quando com desdem esquivo, & grave,
 O bello rosto me mostrais izento,
 Huma dor provo tal, hum tal tormento,
 Que muito vem a fer, que não me acabe:
 Assi està minha vida, ou minha morte
 No volyer desses olhos, pois podeis
 Dar c'uma volta delles morte, ou vida:
 Ditoso eu, que o Ceo quer, ou minha sorte,
 Que ou vida para darvola me deis,
 Ou morte, para haver morte querida.

DE L. DE CAMOËNS. III
C C X X V I I I.

TANTO se forão, Ninfa, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vão passando já por natureza,
O que por accidente hião passando:
No que ao sono se deve estou velando;
E venho a velar sô minha tristeza,
O choro não abranda esta aspereza,
E meus olhos estão sempre chorando:
Affi de dor em dor, de magoa em magoa,
Consumindose vão inutilmente,
E esta vida também vão consumindo:
Sobre o fogo de Amor inutil agoa!
Pois eu em choro estou continuamente,
E do que vou chorando, te vâs rindo.

C C X X I X.

Eu me aparto de vòs, Ninfas do Tejo,
Quando menos temia esta partida,
E se a minha alma vai entristecida,
Nos olhos o vercis, com que vos vejo:
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade, que a razão leva vencida,
Presto verão o fim à triste vida,
Se vos não torno a ver como desejo:
Nunca a noite entre tanto, nunca o dia;
Verão partir de mim vossa lembrança,
Amor, que vai comigo o certifica:
Por mais que no tornar haja tardança,
Me farão sempre triste companhia,
Saudades do bem, que em vòs me fica.



DIVINA companhia, que nos prados
Do claro Eúrotas, ou no Olimpo monte,
Ou sobre as margens da Castalia fonte,
Vossos estudos tendes mais sagrados:

Pois por destino dos immoveis fados,
Quereis que em vosso numero me conte
No eterno templo de Belerofonte,
Ponde em bronze estes versos entalhados:

Soliso (porque em seculos futuros
Se veja da belleza o que merece)
Quem de sabia doudice a mente inflama:

Seus escriptos da forte já seguros
A estas aras em huma mão ofrece ,
E a alma em outra à sua bella Dama.

C C X X X I .

A LA margen del Tajo en claro dia ,
Con rayado marfil peinando estava
Natarcia sus cabellos , y quitava
Con sus ojos la luz al Sol , que ardia :

Soliso , que qual Clicie la seguia ,
Lexos de si , mas cerca della estava ,
Al son de su zamphonia celebrava
La causa de su ardor , y assi dizia :

Si tantas , como tu tienes cabellos ,
Tuviera vidas yo , me las llevaras ,
Colgada cada qual del uno dellos :

De no tenerlas tu me consolaras ,
Si tantas vezes mil como son ellos ,
En ellos , la que tengo , me enredaras .

Por gloria tuve un tiempo el ser perdido ,
 Perdiame de puro bien ganado ,
 Ganè quando perdi ser libertado ,
 Libre agora me veo màs vencido :

Venci , quando de Nize fui rendido ,
 Rendime , por nõ ser della dexado ,
 Dexòme en la memoria el bien passado ,
 Passo agora a llorar lo que he servido :

Servia al premio de la luz , que amava ;
 Amandola , esperavale por cierto ,
 Incierto me saliò quanto esperava :

La esperança se queda en desconcierto ,
 El concierto en el mal , que no pensava
 El pensamiento con un fin incierto.

C C X X X I I I.

REBUELVO en la incessable fantasia ,
 Quando me he visto en màs dichofo estado ;
 Si agora , que de Amor vivo inflamado ,
 Si quando de su ardor libre vivia :

Entonces desta llama solo huia ,
 Despreciando em mi vida su cuidado ,
 Agora con dolor de lo passado ,
 Tengo por gloria aquello que temia :

Bien veo , que era vida deleitosa
 Aquella que lograva sin temores ,
 Quando gustos de Amor tuve por viento :

Mas viendo oy a Natarcia tan hermosa ,
 Hallo en esta prision glorias mayores ,
 Y en perderlas , por libre , hallo tormento.

Las peñas retumbaban al gemido
 Del misero zagal, que lamentava
 El dolor, que a su alma lastimava
 De un obstinado defamor nacido :

El mar, que las batia, su bramido
 Con los retumbos dellas ayuntava,
 Confuso son al viento derramava
 En cavernosos valles repetido :

Responden a mil llanto duras peñas,
 Ay de mi ! (dixo) la mar brama, y gime,
 Los eccos fuenan de tristeza llenos :

Y tu, por quien la muerte en mi se imprime,
 De oir las ansias mias te desdenas,
 Y quando lloro más, te ablando menos.

C C X X X V.

En una selva al despuntar del dia,
 Estava Endemion triste, y lloroso,
 Buelto al rayo del Sol, que presuroso,
 Por la falda de un monte decendia :

Mirando al turbador de su alegría,
 Contrario de su bien, y su reposo,
 Tras un suspiro, y otro congoxoso,
 Razones semejantes le dizia :

Luz clara, para mi la más escura,
 Que con esse passo apresurado,
 Mi Sol con tu tiniëbla escureciste :

Si allá pueden moverte en essa altura
 Las queexas de un Pastor enamorado,
 No tardes en bolver adó faliste.

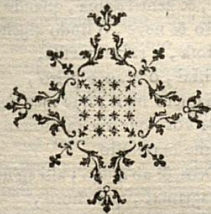
DE L. DE CAMOENS. II
CCXXXVI.

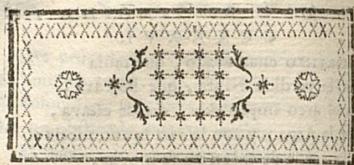
ORPHEO enamorado, que tañia
Por la perdida Ninfa, que buscava,
En el arco implacable, donde estava,
Con la Arpa, y con la voz la enternecia:

La rueda de Ixion no se movia,
Ningun atormentado se quexava,
Las penas de los otros ablandava,
Y solo las de todos el sentia:

El son pudo obligar de tal manera,
Que en dulce galardón de lo cantado,
Los infernales Reyes condolidos,

Le mandaron bolver su compañera;
Y bolverla a perder el desdichado,
Con que fueron entrambos los perdidos.





CANÇOENS
D E
LUIS DE CAMOENS.

CANÇAM I.

FERMOZA, & gentil dama, quando vejo
A testa d'ouro & neve, o lindo aspeito,
A boca graciosa, o riso honesto,
O côlo de cristal, o branco peito,
De meu nam quero mais, que meu desejo,
Nem mais de vòs, que ver tam lindo gesto,
Alli me manifesto
Por vòsso a Deos, & ao múdo; alli m'inflamo
Nas lagrimas, que choro,
E de mi, que vos amo,
Em ver, que soube amarvos, me namoro:
E fico por mi sô perdido de arte,
Que ei ciumes de mi por vòssa parte.

CANÇOENS DE L. DE CAMOENS. 121

SE POR ventura vivo descontente,
 Por fraqueza de espirito padecendo
 A doce pena, que entender nam sei;
 Fujo de mi, & acolhome correndo
 A' vossa vista, & fico tam contente,
 Que zombo dos tormentos, que passei,
 De quem me queixarei,
 Se vòs me dais a vida deste geito,
 Nos males, que padeço,
 Senam de meu fogeito,
 Que nam cabe com bem de tanto preço?
 Mas inda isso de mi cuidar nam posso,
 De estar muito soberbo com ser voffo.

SE POR algum acerto amor vos erra,
 Por parte do desejo cometendo
 Algum nefando, & torpe defatino:
 Se ainda mais, que ver em fim pretendo,
 Fraquezas saõ do corpo, que he da terra,
 Mas nam do pensamento, que he divino:
 Se tam alto imagino,
 Que de vista me perco, ou pecco nisto,
 Desculpame o que vejo,
 Porque se em fim refiito,
 Contra tam atrevido, & vaõ desejo,
 Fagome forte em vossa vista pura,
 E armome de vossa fermosura.

DAS DELICADAS sobranceilhas pretas
 Os arcos, com que tira, amor tomou,
 E fez a linda corda dos cabellos:
 E porque de vòs tudo lhe quadrou,



Dos rayos deffes olhos fez as setas ,
 Com que fere , quem alça os seus a vellos ,
 Olhos que são tam bellos ,
 Daõ armas de ventagem ao amor ,
 Com que as almas destrue ;
 Porém se he grande a dor ,
 Com a alteza do mal a restitue ,
 E as armas , com que mata são de forte ,
 Que ainda lhes ficais devendo a morte .

LAGRIMAS , & suspiros , pensamentos ,
 Quem delles se queixar , fermosa dama ,
 Mimoso està do mal , que por vòs sente :
 Que mayor bem deseja , quem vos ama ,
 Que estar desabafando seus tormentos ,
 Chorando , & imaginando docemente ?

Quem vive descontente ,
 Nam ha de dar alivio a seu desgosto ,
 Porque se lhe agradeça :
 Mas com alegre rosto ,

Solta seus males , para que os mereça :
 Que quem do mal se queixa , que padee ,
 Fallo , porque esta gloria , nam conhece .

DE MODO , que se cae o pensamento ,
 Em alguma ftaqueza de contente ,
 He porque este segredo nam conheço :
 Assi que com razoens , nam tam sòmente
 Desculpo ao amor de meu tormento ,
 Mas inda a culpa sua lhe agradeço :

Per esta se mereço
 A graça , que effes olhos acompanha ,

O bem do doce riso ;
 Mas porèm não se ganha ,
 Com hum paraíso , outro paraíso ,
 E allí de enleada a esperança ,
 Se satisfaz co bem , que nam alcança .
 SE COM RAZOENS ESCUSO meu remedio ,
 Sabe cançam , que he porque nam vejo ,
 Engano com palavras o desejo .

CANÇAM II.

A INSTABILIDADE da Fortuna ,
 Os enganos suaves de amor cego ,
 (Suaves se durarão longamente)
 Direi , por dar à vida algum sossego :
 Que pois a grave pena me importuna ,
 Importune meu canto a toda a gente ,
 E se o passado bem co mal presente ,
 Me endurecer a voz no peito frio ,
 O grande desvario ,
 Darà da minha pena final certo ,
 Que hum erro em tantos erros he concerto :
 E pois nesta verdade me confio
 (Se verdade se achar no mal , que digo)
 Saiba o mundo de amor o desconcerto ,
 Que já com a razão se fez amigo ,
 Sò por nam deixar culpa sem castigo .
 JA' AMOR fez leys , sem ter comigo algum ,
 Já se tornou de cego arazoado ,
 Sò por usar comigo sem razoens ,

E se em alguma cousa o tenho ertado ,
 Com siso grande dor nam vi nenhuma ,
 Nem elle deo sem erros affeçoens ,
 Mas por usar de suas izençoens ,
 Buscou fingidas causas por matarme ,

Que para derrubarme

Em o abifmo infernal de meu tormento ,
 Nam foi soberbo nunca o pensamento ,
 Nem pretende mais alto levantarme
 Daquillo , que elle quiz , & se elle ordena ,
 Que eu pague seu ousado atrevimento ,
 Saiba , que o mesmo amor , que me condena ,
 Me fez cahir na culpa , & mais na pena.

Os olhos , que eu adoro , aquelle dia ,
 Que descêrao ao baixo pensamento ,
 N'alma os apofentei suavemente :
 E pretendendo mais , como avarento ,
 O coração lhe dei por iguaria ,
 Que a meu mandado tinha obediente :
 Porém como ante si lhe foi presente ,
 Que entendêrao o fim de meu desejo ,

Ou por outro despejo ,
 Que a lingua descubrio por desvario.
 De sede morto estou posto num rio ,
 Onde de meu serviço o fruito vejo ,
 Mas logo se alça , se a colhella venho ,
 E fogeme a agoa , se beber porfio ,
 Assi , que em fome , & sede me mantenho ,
 Nam tem Tantaló a pena , que eu sostenho.

DEPOIS q' aquella , em que minh'alma vive

Quiz alcançar o baixo atrevimento ,
 Debaixo deste engano a alcancei :
 A nuvem do contino pensamento ,
 Ma afigurou nos braços , & alli tive ,
 Sonhando , o que acordado desejei ,
 E porque a meu desejo me gabei ,
 De alcançar hum bem de tanto preço ,

Além do que padeço ,

Atado em huma roda estou penando ,
 Que em mil mudanças me anda rodeando ,
 Onde se a algum bem subo , logo deço ,
 E assi ganho , & perco a confiança :
 E assi de mi fugindo , tras mi ando ,
 E assi me tem atado huma vingança ,
 Como Ixiam , tam firme na mudança.

QUANDO a vista suave , & inhumana ,
 Meu humano desejo de atrevido ,
 Cometeo , sem saber , o que fazia ,
 Que de sua fermosura foi nascido.

O cego moço , que co a seta infana ,
 O peccado vingou desta ousadia :
 E afóra este mal , que eu merecia ,
 Me deo outra maneira de tormento ,

Que nunca o pensamento ,
 Que sempre voa de huma a outra parte ,
 Destas entranhas tristes bem se farte ,
 Imaginando , como o famulento ,
 Que come mais , & a fome vai crescendo ,
 Porque de atormentarme nam se aparte ,
 Assi que para a pena estou vivendo ;



Sou outro novo Ticio , & nam me entendo.

DE VONTADES alheas , que eu roubava ,
 E que enganosamente recolhia ,
 Em meu fingido peito me mantinha ;
 De maneira o engano lhe fingia ,
 Que despois que a meu mando as sojugava ,
 Com amor as matava , que eu nam tinha ,
 Porém logo o castigo , que convinha ,
 O vingativo amor me fez sentir ,

Fazendome subir

Ao monte de aspreza , que em vos vejo ,
 Co pesado penedo do desejo ,
 Que do cume do bem me vai cahir ,
 Torno a subilo ao desejado assento ,
 Torna a cahirme , em balde em fim pejo ,
 Sísifo , nam te espantes deste alento ,
 Que às costas o subì do sofrimento.

DESTA arte o summo bem se me offerrece
 Ao faminto desejo , porque finta ,
 A perda de perdello mais penosa ,
 Como o avàro , a quem o sonho pinta ,
 Achar thesouro grande , onde enriquece ,
 E farta sua sede cobiçosa ;
 E acordando com furia presurosa ,
 Vai cavar o lugar , onde sonhava :

Mas tudo , e que buscava ,
 Lhe converte em carvão a desventura ,
 Alli sua cobiça , mais se apura ,
 Por lhe saltar aquillo , que esperava ;
 Desta arte amor me faz perder o filo ,

Porque aquelles, que estaõ na noite escura,
 Nunqua sentirão tanto o triste abisso,
 Se ignorarem o bem do paraíso.

CAMÇAM, nam mais, q' já nam fei, que digo,
 Mas porque a dor me seja menos forte,
 Diga o pregaõ a causa desta morte.

CANÇAM III.

JA' roxa manhaã clara,
 Do Oriente as portas vinha abrindo,
 Dos montes descobrindo
 A negra escuridaõ da luz avãra:

O Sol, que nunca para,
 De sua alegre vista faudofo,
 Tras ella pressurofo,
 Nos cavallos cansados do trabalho,
 Que respiraõ nas ervas fresco orvalho,
 Se estende claro, alegre, & luminoso:

Os passaros voando,
 De raminho, em raminho, vãõ saltando,
 E com suave, & doce melodia,
 O claro dia estaõ manifestando.

A MANHAA bella, & amena,
 Seu rosto descobrindo, a espessura
 Se cobre de verdura,
 Clara, suave, angelica, serena:
 Oh deleitosa pena!
 Oh effeito de amor, alto, & potente!
 Que permite, & consente,

Que onde quer , q me ache , & onde esteja ,

Sempre o Serafim veja ,

Por quem de viver triste sou contente :

Mas tu Aurora pura ,

De tanto bem dá graças à ventura ,

Pois a foi pôr em ti tam excellente ,

Que representes tanta fermosura .

A luz suave , & ledã ,

A meus olhos me mostra , por quem mouro ,

E nos cabellos de ouro ,

Nam iguala os que vi , mas arremeda ;

Esta he a luz , que arreda

A negra escuridaõ do sentimento ,

Ao doce pensamento :

O orvalho das flores delicadas ,

São nos meus olhos lagrimas cansadas ,

Que eu choro co prazer de meu tormento :

Os passaros , que cantaõ ,

Meus espiritos são , que a voz levantaõ ,

Manifestando o gesto peregrino ,

Com tam divino som , que o mundo espantaõ .

Assi como acontece ,

A quem a cara vida está perdendo ,

Que em quanto vai morrendo

Alguma visãõ santa lhe aparece :

A mi em quem fallece

A vida , que sois vòs , minha senhora ,

A esta alma , que em vòs mòra

(Em quanto da prisãõ se está apartando)

Vos estais juntamente apresentando ,

Em forma da fermosa , & roxa Aurora ;
O ditosa partida !

Oh gloria soberana , alta , & subida !
Se mo nam impedir o meu desejo ,
Porque o que vejo em fim , me torna a vida ;

POREM a natureza ,
Que nesta vista pura se mantinha ,
Me falta tam asinha ,

Quaõ asinha o Sol falta à redondeza :
Se houverdes , que he fraqueza ,
Morrer em tam penoso , & triste estado ;

Amor ferà culpado ,
Ou vós , onde elle vive tam izento ,
Que causastes tam largo apartamento ,

Porque perdesse a vida co cuidado ;
Que se viver nam posso ,
Homem formado sou de carne , & osso ;

Esta vida , que perco , amor ma deo ,
Que nam sou meu , se morro , o dano he vosso .
CANÇAM de Cifne , feita em hora estrema ,

Na dura pedra fria
Da memoria , te deixo em companhia
Do letreiro de minha sepultura ,

Que a sombra escura já me impede o dia .
CANÇAM IV.

VAM as setenas agoas ,
Do Mondego descendo ,
Tam mansamente , que atè o mar nam paraõ ;

Por onde minhas magoas ,
 Pouco a pouco crescendo ,
 Para nunca acabar se começaraõ ,
 Alli se me ajuntaraõ ,
 Neste lugar ameno ,
 Aonde agora mouro ,
 Testa de neve , & ouro ,
 Riso brando , & suave , olhar sereno ,
 Hum gesto delicado ,
 Que sempre na alma me estará pintado .
 NESTA florida terra ,
 Leda , fresca , & serena ,
 Ledo , & contente para mi vivia :
 Em paz com minha guerra ,
 Contento com a pena ,
 Que de tam bellos olhos procedia ,
 Hum dia no outro dia ,
 O esperar me enganava ,
 Longo tempo passei ,
 Com a vida folguei ,
 Sò porque em bem tamanho me empregava :
 Mas que me presta já ,
 Que tam fermosos olhos nam os ha ?
 OH QUEM me alli dissera ,
 Que de amor tam profundo ,
 O fim pudesse ver inda algum hora !
 Oh quem cuidar pudera ,
 Que houvesse ahi no mundo ,
 Apartarme eu de vòs , minha senhora ,
 Para que desde agora ,

Perdesse a esperança ,
 E o vaõ pensamento ,
 Desfeito em hum momento ,
 Sem me poder ficar mais , que a lembrança
 Que sempre estará firme
 Atè o derradeiro despedirme.
 Mas a môr alegria ,
 Que daqui levar posso ,
 Com a qual defenderme triste espero ,
 He , que nunca sentia ,
 No tempo , que fui vosso ,
 Quererdesme vòs , quanto vos eu quero ,
 Porque o tormento fero ,
 De vosso apartamento ,
 Nam vos darà tal pena ,
 Como a que me condena ,
 Que mais sentirei vosso sentimento ,
 Que o que minha alma sente :
 Morra eu , senhora , & vòs ficai contente.
 CANÇAM , tu estaràs
 Aqui acompanhando ,
 Estes campos , & estas claras agoas ,
 E por mi ficaràs ,
 Chorando , & suspirando ,
 E a o mundo mostrando tantas magoas ,
 Que de tam larga historia ,
 Minhas lagrimas fiqueem por memoria.

CANÇAM V.

SE este meu pensamento
 Como he doce , & suave ,
 Da alma pudeffe vir gritando fôra ,
 Mostrando seu tormento ,
 Cruel aspero , & grave ,
Diante de vòs sò , minha fenhora.
 Pudera fer , que agora
 O vosso peito duro ,
 Tornàra manso , & brando ,
 E eu que sempre ando
Passaro solitario , humilde , obscuro.
 Tornàdo hum Cisne puro ,
Brando , & sonòro pelo ar voando ,
 Com canto manifesto ,
Pintàra meu tormento , & vosso gèsto.
PINTARA os olhos bellos ,
 Que trazem nas mininas
O minino , que os seus nelle cegou :
 E os dourados cabellos ,
 Em tranças de ouro finas ,
A quem o Sol seus rayos abaixou :
 A testa , que ordenou
 Natura tam fermosa ,
 O bem proporcionado
 Nariz lindo , afilado ,
Que cada parte tem da fresca rosa ,
 A boca graciosa ,

Que querella louvar he escusado ,
 Em fim he hum thesouro ,
 Perolas dentes , & palavras ouro .
 VIRASE claramente ,
 O' dama delicada ,
 Que em vós se esmerou mais a natureza ,
 E eu de gente , em gente
 Trouxera trasladada
 Em meu tormento vossa gentileza ;
 Sõmente a aspereza ,
 De vossa condiçaõ ,
 Senhora , nam dissêra ,
 Porque senam soubêra
 Que em vós podia haver algum se nam ;
 E se alguem com razaõ ,
 Porque morres , disseste ; respondera ,
 Morro , porque he tam bella ,
 Que inda nam sou para morrer por ella .
 E SE PELA ventura ,
 Dama , vos offendeste
 Escrevendo de vós o que nam sento
 E vossa fermosura
 Tanto à terra desceste ,
 Que a alcançasse humilde entendimento ,
 Seria o fundamento
 Daquillo , que cantasse ,
 Todo de puro amor ,
 Porque vosso louvor
 Em figura de magoas se mostrasse ;
 E onde se julgasse



A causa pelo effeito , minha dor
 Ditia alli , sem medo ,
 Quem me sentir verà , de quem procedo ,
 ENTAÓ a mostraria ,
 Os olhos faudosos ,
 E o suspirar , que traz a alma configo ;
 A fingida alegria ,
 Os passos vagarosos ,
 O fallar , & esquecerme do que digo ,
 Hum pelear comigo ,
 E logo disculparme ;
 Hum recear oufando ,
 Andar meu bem buscando ,
 E de poder achallo acovardarme ,
 Em fim averiguarme ,
 Que o fim de tudo quanto estou fallando ,
 São lagrimas , & amores ,
 São vossas izençoens , & minhas dores .
 MAS QUEM terà , senhora ,
 Palavras , com que iguale
 Com vossa fermosura minha pena ,
 Que em doce voz de fôra
 Aquella glória falle ,
 Que dentro na minh'alma amor ordena ;
 Nam pôde tam pequena
 Força de engenho humano
 Com carga tam pesada ,
 Senam for ajudada ,
 De hum piedoso olhar , de hum doce engano ;
 Que fazendo me o danno .

Tam deleitoso, & a dor tam moderada,
 Em fim se convertesse
 Nos gostos dos louvores, que escrevesse.
 CANÇAM, nam digas mais, & se teus versos
 A' pena vem pequenos,
 Nam queiraõ de ti mais, que diràs menos.

CANÇAM VI.

COM força desusada,
 Aqueita fogo eterno,
 Huma Ilha là nas partes do Oriente,
 De estranhos habitada,
 Aonde o duro inverno,
 Os campos reverdece alegremente,
 A Lusitana gente,
 Por armas sanguinosas,
 Tem della o fenhorio:
 Cercada està de hum rio,
 De maritimas agoas faudosas,
 Das ervas, que aqui nascem,
 Os gados juntamente, & os olhos pacem.
 AQUI MINHA ventura,
 Quiz que huma grande parte
 Da vida, que nam tinha, se passasse,
 Para que a sepultura,
 Nas mãos do fero Marte,
 De sangue, & de lembranças, matizasse;
 Se amor determinasse,
 Que a troco desta vida,



De mi qualquer memoria ,
 Ficasse como historia ,
 Que de hums fermosos olhos fosse lida ,
 A vida , & alegria ,
 Por tam doce memoria trocaria .
 MAS ESTE fingimento ,
 Por minha dura forte ,
 Com falsas esperanças me convida ,
 Nam cuide o pensamento ,
 Que pôde achar na morte ,
 O que nam pode achar tam longa vida :
 Está já tão perdida
 A minha confiança ,
 Que de desesperado ,
 Em ver meu triste estado ,
 Tambem da morte perco a esperança :
 Mas oh , que se algum dia
 Desesperar pudesse , viviria !
 DE QUANTO tenho visto ,
 Já agora nam me espanto ,
 Que até desesperar se me defende :
 Outrem foi causa disto ,
 Que eu nunca pude tanto ,
 Que causasse este fogo , que me encende ,
 Se cuidaõ , que me offende ,
 Temor de esquecimento ,
 Oxalà meu perigo ,
 Me fora tam amigo ,
 Que algum temor deixara o pensamento !
 Quem vio tamanho enleo ,

Que houesse ahi esperança sem receo?
 QUEM TEM, que perder possa,
 Sò pôde recear,
 Mas triste quem nam pôde já perder;
 Senhora, a culpa he vossa,
 Que para me matar,
 Bastára hum hora sò de vos nam ver:
 Possesme em poder
 De falsas esperanças,
 E do que mais me espanto,
 Que nunca valli tanto
 Que visse tanto bem como esquivanças:
 Valia tam pequena,
 Nam pode merecer tam doce pena.
 OUVESSE amor comigo
 Tam brando, & pouco irado,
 Quanto agora em meus males se conhece,
 Que nam ha mór castigo,
 Para quem tem errado,
 Que negarlhe o castigo, que merece,
 E bem como acontece,
 Que assi como ao doente,
 Da cura despedido,
 O medico sabido,
 Tudo quanto deseja lhe consente;
 Assi me consentia,
 Esperança, desejo, & ousadia.
 E AGORA venho a dar
 Conta do bem passado,
 A esta triste vida, & longa ausencia;

Quem pôde imaginar,
 Que houeffe em mi peccado,
 Que mereça tam grave penitencia?
 Olhai, que he consciencia,
 Por hum tam pequeno erro,
 Senhora, tanta pena:
 Nam vedes, que he onzena?
 Mas se tam longo, & misero desterro,
 Vos dà contentamentô,
 Nunca me acabe nelle meu tormento.
 RIO FERMOZO, & claro,
 E vòs, ò arvoredos,
 Que os justos vencedores corôais,
 E ao cultor avâro,
 Continuamente ledos,
 De hum tronco sô diversos frutos dais:
 Assim nunca sintais,
 Do tempo injuria algũa,
 Que em vòs achem abrigo
 As magoas, que aqui digo,
 Em quanto dêr o Sol virtude à Lúa;
 Porque de gente, em gente,
 Saibaõ, que já nam mata a vida ausenta
 CANÇAM, neste desterro viveràs
 Voz nua, & descuberta,
 Até que o tempo em ecco te converta.

C A N Ç A M VII.

MANDAME amor, q' cante docemente,
 O que elle já em minh'alma tem impresso,

Com preſuppoſto de defabafarme,
 E porque com meu mal ſeja contente,
 Diz, que ſer de tam lindos olhos preſo,
 Contalho bafaria a contentarme:
 Eſte excellente modo de enganarme,
 Tomàra eu ſò de amor por intereſſe,

Se nam ſe arrependeſſe

Com a pena ó engenho eſcurecendo:

Porèm a mais me atrevo,

Em virude do geſto, de que eſcrevo,

E ſe he mais o que canto, que ó que entendo,

Invoco o lindo aſpeito,

Que pôde mais, que amor, em meu defeito,

SEM CONHECER amor viver ſohia,

Seu arco, & ſeus enganos deſprezando,

Quando vivendo delles me mantinha:

O amor enganoso, que fingia,

Mil vontades alheas, enganando,

Me fazia zombar de quem o pinha,

No touro entrava Febo, & Progne vinha,

O corno de Acheloo Flora entornava,

Quando o amor ſoltava

Os fios de ouro, as tranças encrespadas,

Ao doce vento eſquivas,

Os fios rutilando chamas vivas,

E as roſas entre a neve ſemeadas,

Co riſo tam galante,

Que hum peito deſfizera de diamante,

HUM NAM ſei que ſuaue reſpirando,

Cauſava hum admirado, & novo eſpanto

Que as coufas insensíveis o sentiaõ ;
 E as garrulas aves levantando
 Vozes desordenadas em seu canto ,
 Como no meu desejo se encendiaõ ;
 As fontes cristalinas nam corriaõ ;
 Inflamadas da linda vista pura ,

Florecia a verdura ,
 Que , andando, eos divinos pès tocava,
 Os ramos se abaxavão ,
 Ou de inveja das hervas , que pisavão ,
 Ou porque tudo ante ella se abaixava.

Nam houve cousa em fim ,
 Que nam pasmasse della , & eu de mim.
 PORQUE quando vi dar entendimento.

A's coufas , que o nam tinhaõ , o temor
 Me fez cuidar , que effeito em mi faria :
 Conheci-me nam ter conhecimento ,
 E nisto sò o tive , por amor
 Mo deixou , porque villo o que podia :
 Tanta vingança amor de mi queria ,
 Que mudava a humana natureza ,

Nos montes , & a dureza
 Delles em mi por troca traspassava ;
 Oh que gentil partido ;
 Trocar o ser do monte sem sentido ,
 Pello que num juizo humano estava :

Olhai que doce engano ,
 Tirar comum proveito de meu dano.

ASSI QUE indo perdendo o sentimento,
 A parte racional me entristecia :

Vella a hum appetite sometida,
 Mas dentro na alma o fim do pensamento,
 Por tam sublime causa me dizia,
 Que era razão ser a razão vencida:
 A mesma perdição a restaurava

E em mansa paz estava,
 Cada hum com seu contrario num sujeito:
 Oh grande concerto este!

Quem será, que nam julgue, por celeste
 A causa, donde vem tamanho effeito,
 Que faz d'um coração,

Que venha o appetite a ser razão?
 Aqui senti de amor a mór fineza,

Como foi ver sentir o insensível,
 E o ver a mi de mi mesmo perderme,
 Em fim senti negarse a natureza,
 Por onde cri, que tudo era possível,
 Aos lindos olhos seus, senam quererme,
 Depois, que já senti desfallecerme,
 Em lugar do sentido, que perdia,

Nam sei quem me escrevia,
 Dentro n'alma co as letras da memoria,
 O mais deste processo,
 Co claro gesto juntamente impresso,
 Que foi a causa de tam longa historia,

Se bem a declarei,
 Eu nam a escreveo, d'alma a trasladei.

CANÇAM, se quem te ler,
 Nam creer dos olhos lindos, o que dizes,
 Pello que em si se esconde:

Os sentidos humanos, lhe responde,
 Nam podem dos divinos ser juizes,
 Senam de hum pensamento,
 Que a falta supra a fê do entendimento.

C A N Ç A M V I I I .

TOMEI a triste pena,
 Já de desesperado,
 De vos lembrar as muitas, que padeço,
 Vendo, que me condena
 A ficar eu culpado,
 O mal, que me tratais, & o que eu mereço:
 Confesso que conheço,
 Que em parte a causa dei
 Ao mal, em que me vejo,
 Pois sempre meu desejo,
 A tam largas promessas entreguei:
 Mas nam tive suspeita,
 Que seguísseis tenção tam imperfeita.
 SE EM vosso esquecimento,
 Tam condenado estou,
 Como os finais demonstraõ, que mostrais,
 Vivo neste tormento,
 Lembranças mais nam dou,
 Que as que de esta razaõ tomar queirais:
 Olhai que me tratais,
 Assi de dia, em dia,
 Com vossas esquivanças,
 E as vossas esperanças,

De que vanmente eu já me enriquecia,
 Renovaõ a memoria, o
 Pois com tella de vòs sò tenho gloria.
 E se isto conheceffeis
 Ser a verdade pura,
 Mais que de Arabia o ouro reluzente,
 Inda que nam quiseffeis,
 A condiçãõ tam dura,
 Mudãreis n'outra muito differente;
 E eu como innocente,
 Que estou em este caso,
 Isto em as mãos pufera,
 De quem sentença dera,
 Que ficasse o direito justo, & razo,
 Quando nam receãra,
 Que a vòs por mi, & a mi por vòs matãra
 Em vòs escrita vi
 Vossa grande dureza,
 E na alma escrita està, que de vòs vive;
 Nam que acabasse alli
 Sua grande firmeza
 O triste defengano, que entãõ tive;
 Porque antes que a dor priva
 De todo meus sentidos,
 Ao grande tormento
 Acode o entendimento,
 Com dous fortes soldados, guamecidos
 De rica pedraria,
 Que ficão sendo minha luz, & guia
 Destes acompanhado,

144 C A N Ç O E N S

Estou posto sem medo
 A tudo , o que o fatal destino ordene ;
 Pòde ser que cansado ,
 Ou seja tarde ou cedo ,
 Com pena de penarme me despene :
 E quando mo condene
 (Que isto he que mais espero)
 Inda a mayores dores ,
 Perdidos os temores ,
 Por mais que venha , nam direi nam quero :
 Com tudo estou tam forte ,
 Que nem mudarme pòde a mesma morte.
 CANÇAM , se já nam queres
 Ver tanta crueldade ,
 Là vâs onde verâs minha verdade.

C A N Ç A M I X.

JUNTO de hum seco , fero , & esteril monte
 Inutil , & despido , calvo , & informe ,
 Da natureza em tudo aborrecido ,
 Onde nem ave voa , ou fera dorme ,
 Nem rio claro corre , ou ferve fonte ,
 Nem verde ramo faz doce ruído :
 Cujo nome do vulgo introduzido ,
 He felix por antiphrafi infelice :
 O qual a natureza
 Situou junto à parte ,
 Onde hum braço de mar alto reparte
 Abasia , de Arabica aspereza ,

Onde

Onde fundada já foi Berenice ,

Ficando a parte donde

O Sol , que nella serve , se lhe esconde.

NELLE aparece o cabo , com que a costa

Africana , que vem do Austro correndo ,

Limite faz , Aromata chamado :

Aromata outro tempo , que correndo

O tempo , a ruda lingua mal composta

Dos proprios outro nome lhe tem dado :

Aqui no mar , que quer apresurado

Entrar pola garganta deste braço ,

Me trouxe hum tempo , & teve

Minha fera ventura ;

Aqui nesta remota , aspera , & dura

Parte do mundo . quiz que a vida breve

Tambem de si deixasse hum breve espaço ,

Porque ficasse a vida

Pelo mundo em pedaços repartida.

AQUI me achei gastando hús tristes dias ,

Tristes , forçados , maos & solitarios ,

Trabalhosos , de dor & de ira cheos ,

Nam tendo tam fõmente por contrarios

A vida , o Sol ardentes , & agoas frias ,

Os ares grossos , fervidos , & feos ,

Mas os meus pensamentos , qua são meyo ,

Para enganar a propria natureza ,

Tambem vi contra mi ,

Trazendome à memoria

Algũa já passada , & breve gloria ,

Que eu no mundo vi já quando vivi ,

Tom. II.

N



Por me dobrar dos males a aspreza,
 Por me mostrar, que havia
 No mundo muitas horas de alegria.

AQUI estive eu com estes pensamentos
 Gastando o tempo, & a vida, os quaes tam alta
 Me subiaõ nas azas, que cahia
 (E vede se feria leve o salto)

De sonhados, & vãos contentamentos,
 Em desesperação de ver hum dia,
 Aqui o imaginar se convertia,
 Num subito chorar, & nũs suspiros,

Que rompião os ares :

Aqui a alma cativa,
 Chagada toda estava em carne viva,
 De dores rodeada, & de pesares,
 Defamparada, & descuberta aos tiros
 Da soberba Fortuna,

Soberba, inexoravel, & importuna.

NAM tinha parte donde se deitasse,
 Nem esperança algũa, onde cabeça
 Hum pouco reclinasse por descanso:
 Tudo dor lhe era, & causa, que padecia:
 Mas que pereça nam, porque passasse
 O que quiz o destino nunca manfo:
 O que este irado mar gritando amanso,
 Estes ventos da voz importunados,

Parece que se enfreão :

Sõmente o Ceo severo,
 As estrellas, & o Fado sempre fero,
 Com meu perpetuo dano se recreão,

Mostrandose potentes , & indignados ,

Contra hum corpo terreno ,

Bicho da terra vil , & tam pequeno.

SE DE tantos trabalhos sò tiveffe

Saber inda por certo , que algum hora

Lembrava a hūs claros olhos , que já vi ,

E se esta triste voz rompendo fóra ,

As orelhas angelicas tocaste

Daquella , em cuja vista já vivi :

A qual tornada hum pouco sobre si ,

Revolvendo na mente presurosa ,

Os tempos já passados ,

De meus doces errores ,

De meus suaves males , & furores ,

Por ella padecidos , & buscados ,

Tornada (inda que tarde) piedosa ,

Hum pouco lhe pefasse ,

E configo por dura se julgasse :

Isto sò , que soubesse , me seria

Descanso para a vida , que me fica ,

Com isto afagaria o sofrimento :

Ah senhora , senhora , & que tam rica

Estais , que cà tam longe de alegria ,

Me sustentais cum doce fingimento ,

Em vòs assegurendo o pensamento ,

Foge todo o trabalho , toda a pena :

Sò com vossas lembranças ,

Me acho seguro , & forte ,

Contra o rosto feroz da fera morte ;

E se me ajuntaõ logo as esperanças ,

N ij



Com que a frente tornada mais serena,

Torna os tormentos graves,

Em saudades brandas, & suaves.

AQUI com elles fico perguntando

Aos ventos amorosos, que respirão

Da parte donde estais, por vos senhora,

As aves, que alli voaó, se vos virão,

Que fazeis, & que estaveis praticando?

Onde, como, com quem, que dia, e q' hora?

Alli a vida cansada se melhora,

Toma espiritos nõvos, com que vença

A Fortuna, & trabalhos:

Sò por tornar a vervos,

Sò por ir a servirvos, & querervos,

Dizme o tempo, que a tudo darà talho,

Mas o desejo ardente, que detença

Nunqua soffreo, sem tento

Me abre as chagas de novo ao sofrimento.

Assi vivo, & se alguem te preguntasse,

Cançam, como nam mouro,

Podes lhe responder, que porque mouro.

C A N Ç A M X.

VINDE cá meu tam certo secretario,

Dos queixumes, que sempre ando fazendo,

Papel, com quem a pena desafogo:

As semrazoens digamos, que vivendo

Me faz o inexoravel, & contrario

Destino, furdo a lagrimas, & a rogo:

Deitemos agoa pouca em muito fogo ,
 Acendafê com gritos hum tormento ,
 Que a todas as memorias feja eſtranho ;
 Digamos mal tamanho

A Deos, ao mûdo, à gente, & emfim ao vento,
 A quem jã muitas vezes o contei ,
 Tanto de balde , como o conto agora :
 Mas jã que para errores fui nascido ,
 Vir eſte a ſer hum delles nam duvido ,
 Que pois jã de acertar eſtou tam fôra ,
 Nam me culpem tambem ſe niſto errei :
 Se quer eſte refugio ſò terei ,
 Fallar , & errar ſem culpa livremente ,
 Trifte quem de tam pouco eſtã contente.

JA ME defenganei , que de queixarme ,
 Nam ſe alcança remedio , mas quem pena ,
 Forçado lhe he gritar , ſe a dor he grande :
 Gritarei , mas he debil , & pequena
 A voz para poder deſabafarme ,
 Porque nem com gritar a dor ſe abrande :
 Quem me darã ſe quer , que fôra mande
 Lagrimas , & ſuſpiros infinitos ,
 Iguais ao mal , que dentro n'alma môra ?

Mas quem pôde algum hora ,
 Medir o mal com lagrimas, ou gritos ?
 Emfim direi aquillo , que me enſinão
 A ira, a magoa , & dellas a lenibrança ,
 Que he outra dor por ſi mais dura , & firme ,
 Chegai deſeſperados para ouvirme ,
 E fujaõ os que vivem de eſperança ,



150 C A N Ç O E N S

Ou aquelles, que nella se imaginão,
 Porque Amor, & Fortuna determinão
 De lhe darem poder para entenderem,
 A' medida dos males, que tiverem.

QUANDO vim da materna sepultura
 De novo ao mundo, logo me fizeram
 Estrellas infelices obrigado:

Com ter livre alvedrio mo nam derão,
 Que eu, conheci mil vezes na ventura
 O melhor, & o peor segui forçado,
 E para que o tormento conformado
 Me dessem com a idade, quando abrisse,
 Inda minino, os olhos brandamente,
 Mandão que diligente

Hum minino sem olhos me ferisse:
 As lagrimas da infancia já manavão,
 Com huma saudade namorada:
 O som dos gritos, que no berço dava,
 Já como de suspiros me soava,
 Com a idade, & Fado concertado,
 Porque quando por caso me emballavão,
 Se versos de amor tristes me cantavão,
 Logo me adormecia a natureza,
 Que tam conforme estava co a tristeza.

FOI MINHA ama huma fera, que o destino
 Nam quiz, que mulher fosse, a que tivesse
 Tal nome para tr'i, nem a haveria;
 Assim criado fui, porque bebesse
 O veneno amoroso de minino,
 Que na mayor idade beberia,

E por costume nam me mataria :
 Logo então via imagem , & semelhança ,
 D'aquella humana ferã tam fermosa ,
 Suave , & venenosa ,
 Que me criou aos peitos da esperança ,
 De quem eu vi despois o original ;
 Que de todos os grandes defatinos ,
 Faz a culpa soberba , & soberana :
 Parece-me que tinha forma humana ,
 Mas cintillava espiritos divinos ,
 Hum meneio , & presença tinha tal ,
 Que se vangloriava todo o mal
 Na vista della : a sombra , co a viveza ,
 Excedia o poder da natureza.

QUE GENERO tam novo de tormento
 Teve amor , que nam fosse , nam fomite
 Proxado en mi , mas todo executado ?
 Implacaveis durezas , que o fervente
 Desejo , que dà força ao pensamento ,
 Tinhão de seu proposito aballado ;
 E de se ver corrido , & injuriado ,
 Aqui sombras fantásticas , trazidas
 De algumas temerarias esperanças ,
 As bemaventuranças ,
 Nellas tambem pintadas , & fingidas ,
 Mas a dor do desprezo recebido ,
 Que a fantasia me defatinava ,
 Estes enganos punha em desconcerto :
 Aqui o adivinhar , & ter por certo ,
 Que era verdade quanto adivinhava .

E logo o desfizerme de corrido ,
 Dar às coufas , que via , outro sentido:
 E para tudo em fim buscar razoens ,
 Mas craõ muitas mais as femrazoens.

NAM SEI como saiba estar roubando
 Cos rayos as entranhas , que fugião
 Por ella pellos olhos sutilmente :
 Pouco a pouco invenciveis me sabião ,
 Bem como do vèò humido exalando
 Està o sutil humor o Sol ardente ;
 Em fim o gesto puro & transparente ,
 Para quem fica baixo , & sem valia
 Deste nome de bello , & de fermofo :

O doce , & piedoso ,
 Mover de olhos , que as almas suspendia ,
 Forão as hervas magicas , que o Cco
 Me fez beber ; as quaes por longos annos ,
 Noutro ser me tiverão transformado :
 E tam contente de me ver trocado ,
 Que as magoas enganava cos enganos ,
 E diante dos olhos punha o vèò ,
 Que me encobriße o mal , que assi crecco ,
 Como quem com afagos se criava ,
 Daquelle , para quem crecido estava.

POIS QUEM pode pintar a vida ausente ,
 Co:m hum descontentarime quanto via ,
 E aquelle estar tam longe donde estava ;
 O fallar , sem saber , o que dizia ,
 Andar , sem ver por onde , & juntamente
 Suspirar , sem saber , que suspirava ,

Pois quando aquella mal me atormentava ,
 E aquella dor , que das Tartareas agoas
 Sahio ao mundo , & mais que todas doe ,
 Que tantas vezes soe ,

Duras iras tornar em brandas magoas ,
 Agora co furor da magoa irado ,
 Querer , & nam querer deixar de amar ,
 E mudar noutra parte por vingança
 O desejo privado de esperança ,
 Que tam mal se podia já mudar ;
 Agora a faudade do passado
 Tormento puro , doce , & magoado ,
 Fazia converter estes furoros
 Em magoadas lagrimas de amores.

QUE DESCULPAS comigo sò buscava ,
 Quando o suave amor me nam soffria
 Culpa na cousa amada , & tam amada ?
 Em fim eraõ remedios , que fingia
 O medo do tormento , que ensinava
 A vida sustentar-se de enganada :
 Nisto huma parte della foi passada ,
 Na qual se tive algum contentamento ,
 Breve , imperfecto ; timido , indecente ,
 Nam foi senam semente ,
 De hum cumprido , & amarissimo tormento ,
 Este curso contino de tristeza ,
 Estes passos tam vanmente espalhados ,
 Me forão apagando o ardente gosto ,
 Que tam de liso n'alma tinha posto ,
 De aquelles pensamentos namorados ,

Em que eu crici a terra natureza ,
 Que do longo costume da aspereza ,
 Contra quem força humana nam resiste ,
 Se converteo no gosto de ser triste .

DESTA ARTE a vida n'outra fui trocando ,
 Eu nam , mas o destino fero irado ,
 Que eu inda assi por outra a nam trocaria ;
 Fefime deixar o patrio ninho amado ,
 Passando o longo mar , que ameaçando
 Tantas vezes me esteve a vida cara ;
 Agora experimentando a furia rara
 De Marte , que cos olhos quiz que logo
 Viffe , & tocasse o acerbo fruto feu ,

E neste escudo meu ,
 A pintura verãõ do infesto fogo ,
 Agora peregrino , vago , & errante ,
 Vendo naçoens , linguagens , & costumes ,
 Ceos varios , qualidades diferentes ,
 Sò por seguir com passos diligentes ,
 A ti Fortuna injusta , que confumes
 As idades , levandolhe diante
 Huma esperança em vista de diamante ;
 Mas quando das mãos cae se conhece ,
 Que he fragil vidro aquillo , que aparece .

A PIEDADE humana me faltava ,
 A gente amiga já contraria via ,
 No primeiro perigo , & no segundo :
 Terra , em que pôr os pés me fallecia ,
 Ar para respirar se me negava ,
 E faltavame em fim o tempo , & o mundo ;

Que segredo tam arduo , & tam profundo ,
 Nascer para viver , & para a vida ,
 Faltarme quanto o mundo tem para ella ,

E nam poder perdella ,
 Estando tantas vezes já perdida !
 Emfim nam houve trance da Fortuna ,
 Nem perigos , nem casos duvidosos
 (Injustiças daquelles , que o confuso
 Regimento do mundo antigo abuso
 Faz sobre os outros homens poderosos)
 Que eu nam passasse atado à fiel coluna
 Do sofrimento meu , que a importuna
 Perseguição de males em pedaços
 Mil vezes fez à força de seus braços .

NAM CONTO tantos males , como aquelle ,
 Que despois da tormenta procellosa ,
 Os casos della conta em tempo ledo ,
 Que inda agora a Fortuna fluctuosa ,
 A tamanhas miserias me compelle ,
 Que de dar hum só passo tenho medo ;
 Já de mal , que me venha , nam me arredo ,
 Nem bem , que me falleça , já pretendo ,
 Que para mi nam val astucia humana ,

De força soberana ,
 Da providencia em fim divina pendo ;
 Isto que cuido , & vejo , às vezes tomo ,
 Para consolação de tantos danos ,
 Mas a fraqueza humana quando lança
 Os olhos na que corre , & nam alcança ,
 Senam memoria dos passados annos ;

As agoas que então bebo, & o paõ que cõmo,
Lagrimas tristes são, que eu nunca domo,
Senam com fabricar na fantasia,
Fantasticas pinturas de alegria.

Q U E se possível fosse, que tornasse
O tempo para trãs, como a memoria,
Pellos vestigios da primeira idade;
E de novo tecendo a antiga historia,
De meus doces errores me levasse
Pellas flores, que vi da mocidade:
E a lembrança da longa faudade,
Então fosse mayor contentamento,
Vendo a conversação leda, & suave,
Onde hũa, & outra chave,
Esteve de meu novo pensamento,
Os campos, as passadas, os finais,
A fermosura, os olhos, a brandura,
A graça, a mansidão, a cortesia,
A singella amizade, que desvia
Toda a baixa tenção, terrena impura,
Como a qual outra algũa nam vi mais,
Ah vãs memorias onde me levais
O fraco coração, que inda nam posso
Domar este tam vaõ desejo vosso?

NAÕ MAIS Cançam, naõ mais, q' irei fallado,
Sem o sentir mil annos, & se acaso
Te culparem de larga, & de pesada,
Nam pôde ser (lhe dize) limitada
A agoa do mar em tam pequeno vaso;
Nem eu delicadezas vou cantando,

Co gosto do louvor , mas explicando
 Puras verdades já por mi passadas ,
 Oxalá foraõ fabulas sonhadas.

CANÇAM XI.

*CELEBRASE HUMA RARA FERMO SURA
 natural sem emfeito algum , & em cada
 ramo pondera huma parte sua , dizendo
 que com ella podia render hum Planeta.*

NEM roxa flor de Abril ,
 Pintor do campo ameno , & da verdura
 Colhida entre outras mil
 Foi nunca assi agradavel à donzella
 Cortez , alegre , & bella ,
 De sua mão cuidado , & gloria pura ,
 Como a mi foi a inculca fermosura
 Natural , que pudera
 A Saturno render na sua esfera.

NATURAL fonte agreste ,
 Naõ lavrada de artifice excellente ,
 Nem por arte celeste
 Derivada de rustico penedo ,
 Naõ fez ja mais taõ ledo
 Cançado caçador por sêsta ardente ,
 Quanto o cuidado a mi me faz contente
 De ver taõ descuidado ,
 Que faz sereno a Jupiter irado.

FRUITA , que sem concerto
 Tom. II. O

Naturalmente em ramos se pendura,
 Achada por acerto,
 A quem pintada a vê de fangue, & leite,
 Não lhe darà o delcete,
 Que essa graça me dà sem compostura,
 Ornamento da mesma fermosura,
 Eo toucado sem arte,
 Que tornarà Pastor ao bravo Marte.
 A MENHAA graciosa,
 Que derramando fae dentre os cabellos,
 A Flor, o Lyrio, a Rosa
 Sem ajuda de ornato, ou de artificio,
 Não faz o beneficio,
 Que faz a luz de vossos olhos bellos
 A quem os vê taõ puros, & singellos,
 E esse innocente riso,
 Por quem Apollo o Tejo torna Amphryso.
 OUTEIROS coroados
 Das arvores, que fazem a espessura
 Com os ramos copados,
 Alegre, que maõ destra os não cultiva,
 Graça taõ excessiva
 Não tem na sua natural verdura,
 Quanta na desses olhos clara, & pura
 Deposita a esperança,
 Com q̃ Amor gosto, a mãy tormento alcança
 Dos SIMPLES passarinhos
 A musica sem aite concertada,
 De entre os verdes raminhos
 Taõ suave não he, taõ delcetoza,

DE L. DE CAMOENS. 119

A quem na selva umbrosa
Com mente, ouvindoa está toda elevada,
Quanto a minr essa falla doce agrada,
E o natural avifo,
Que roubaõ a Mercurio cetro, & fiso.

DE FRESCOS rios agoa,
Que clara entre arvoredos se deriva,
Caindo de alta fragoa,
Esmaltando de perolas no prado

O verde delicado,
Com brando som aos olhos fugitiva,
Nãõ nos alegra, quanto a graça esquivã
De essa luz soberana,
Que faz cortez a rustica Diana.

A TAL LUZ (ò Cançã, que outaste vella)
Vendo estã já postrado
Saturno triste, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, & Diana, & toda Estrella.

CANÇAM XII. (*)

A HUM POMAR.

O POMAR venturoso,
Onde com a natureza

(*) As tres Cançoens seguintes andão com
muitos erros impressas nas Miscellaneas de
Miguel Leytão, he certo serem de Luis de
Camoens, como se colhe de alguns manuscri-
tos, a quem seguimos, & com quem as em-
mendamos.



A subtil arte tem demanda incerta,
 Que em fício tam fermoso
 A mayor subtileza
 De engenho, em ti nos mostra descuberta!
 Nenhum juizo acerta
 De cego, & de enlevado,
 Se tem em ti mais parte
 A natureza, ou a arte;
 Se terra, ou Geo de ti tem mais cuidado,
 Pois em feliz terreno
 Gozas de hum ar mais puro, & mais sereno.
 DE TEU fermoso peso
 Se mostra o monte ledado,
 E o caudeloso Zezare te estranha,
 Porque olhas com desprezo
 Seu cristal puro, & quedo,
 Que com Pera os teus pès rodea, & banha.
 Em ti pintura estranha,
 A que Apelles cedera,
 Enigmas intrincados,
 E mirtos animados,
 Vemos, que o proprio Escopas não fizera:
 Em ti co a paz interna
 Tem o santo Prazer morada eterna.
 Os JARDINS da famosa
 Babel taõ nomeados,
 Por maravilha o mundo não levante,
 Inda que com gloriosa
 Voz, que estaõ pendurados
 Do instavel ar a Fama antiga cante?

Nem haja quem se espante
 Dos famosos de Alcino,
 Nem as mais doctas penas
 Cantem os de Mecenas,
 Cultor de todo engenho peregrino,
 Mas onde quer que voe,
 De ti sô falle a Fama, & te pregoe.
 QUE SE era antigamente
 De pomos de ouro bellos
 O jardim das Hesperidas ornado,
 E a pesar da serpente,
 Que os guardou, sô colhellos
 Pode o famoso Alcides de esforçado:
 Tu mais avantejado,
 Mostras a huma alma casta
 Seguir o que dezaja,
 Fugir da torpe inveja
 (Pomos de ouro, q' o tempo não contrasta)
 Em fim com charidade,
 Vencer o Inferno, abrir a Eternidade.
 POR TANTO da ventura,
 Para ti reservada,
 Te deixa o Ceo gozar perpetuamente,
 Porque sejas figura
 Da gloria avantejada
 Delle mesmo, & que em si se represente,
 Porque em quanto sustente
 O Ceo, o Mar, & a Terra
 Seus feitos milagrosos,
 Mysterios mais gloriosos,
 O iij

Com que a morte das almas nos desterra,
 Por onde em nossas almas
 Cõ mais pompas triúfa, & com mais palmas,
 Goza pois longamente
 Teu venturoso Fado,
 Da máy do teu Author bem possuido,
 Que em ti sempre contenté
 De feu sublime estado,
 A alma dos seus alegra, & o sentido,
 Cada qual preferido
 Nas grandes qualidades
 Ao sabio Nestor seja,
 Para que o mundo os veja
 Excederas longuissimas idades,
 E com a longa vida
 Seja sua memoria ennobrecida.
 CANÇÃO, pois mais famosa
 Por ti não podem ser
 Deste monte as estancias deleitosas,
 Bem pôde succeder,
 Que aquelle que os teus numeros governa
 Por querellas cantar te faça eterna.

C A N Ç A M X I I I .

*MOSTRA O POETA NAÕ PRODUZIREM
 as causas seus communs effeitos nelle,
 mas outros contrarios.*

QUEM com solido intento
 Os segredos buscar da natureza,

Quanto de Athenas preza ,
 Entregue ao mar irado , ao leve vento ;
 Em forjar meu tormento
 Nova Philosophia

De experiencias feita Amor me ensina.
 Das leys do antigo tempo bem declina ,
 Que Amor & a natureza em mim varia ,
 Donde escolas de sabios nunca vio
 Em natural fogeito ,
 Quanto Amor em meu peito descobrio.

As AVES no ar sereno ,
 Ogado de Proteo nas agoas paze ,
 Vive o homem , & nace
 Neste mundo , qual mundo mais pequeno ;
 Eu tudo defordeno
 Em todos dividido ,

Na boca o ar , na terra o entendimento :
 Dame esse Amor , dame esta o pensamento ,
 O coração no fogo he consumido :
 Mas a agoa , que dos olhos sempre desce

Tem effeito taõ vario ,
 Que em hum humor contrario o fogo cresce.

DA VISTA Amor sohia
 Abrir ao coração segura entrada ;
 Ley he já profanada ,
 Que quando a luz de huns olhos me feria ,
 Amando o que não via ,
 Qual de escopeta o lume ,
 Primeiro o querer vi , que a causa visse ,
 Quem o desejo com a esperança unisse

Cego iria apoz cego , & vil costume ,
 Que eu desta alma das leyes do mundo izenta,
 Morta a esperança vejo ,
 Onde sempre o dezejo se sustenta.

EM VAÕ se considera

Que hum semelhante a outro busca , & ama,
 E que foge , & defama
 Todo mortal a morte esquiva , & fera,
 Seja huma linda fera

Que esconde em vista humana
 Coração de diamante , & peito de aço ,
 De meu sangue faminta , & satisfação
 Com cruel morte a sede deshumana :
 Assim que sendo em tudo diferente

Corro apoz minha forte ,

E se me entrego à morte estou contente,
 CAE EM mayor defeito

Quem cuida ser sciencia clara , & certa,
 Que a causa descuberta

Sempre produz assim conforme o effeito :
 Rendeo me hum lindo objecto ,
 Que sendo neve pura

Vivo me abraza , & o fogo interno aviva?
 Que esta fermosa fera fugitiva ,
 Com ser neve de fogo se assegura :
 Donde infiro por certo (& cessa a fama
 Vãa mentirosa , & leve)

Que não desfaz a neve ardente chama.

BEM NO effeito se sente

Cessar , cessando a causa donde pende ;

Que o fogo mais se acende ,
 Estando à vista donde mais ausente ;
 Mas na alma vivamente
 A trazem dibuxada ,
 De noite Amor , de dia o pensamento ,
 E quando Apollo deixa o claro assento ,
 Por entre sombras vejo a Nympha amada ,
 Pois se sem luz Amor os olhos ceva ,
 Cego que não concede ,
 Que em nada Amor impede a escura treva.

ERRA QUEM atrevido

Pregoa ser maior que a parte o todo :
 Amor me tem de modo ,
 Que estou numa alma minha convertido ;
 Desta gloria ha nacido
 O temor de perdella ,
 E posto que o receo a muitos finge
 Lã na imaginação Chymera , & Esfinge ,
 De mal futuro , que urde imiga estrella ,
 Vejo em mim , por incognito segredo ,
 Quando estou mais contente ,
 Que só do bem presente nasce o medo.

TEMSE POR manifesto

Parecerse ao sogetto o accidente ,
 Mas inda em mim se sente
 O pensamento , a cor , o riso , o gesto ,
 Da vida já perdido
 Neste tormento meu tão duro , & esquivo ,
 E sendo morto já vive o sentido ,
 Porque sente que na alma despedida ,

Pòde em meu mal unir-se
 O ficar, & o partir-se, a morte, & a vida,
 DESTAS razoens, Canção, infiro, & creio,
 Que ou se mudou em tudo a forma usada
 Da natural firmeza,
 Ou tenho a natureza em mi mudada.

C A N Ç A M X I V .

*SUA MATERIA TEM L. DE C.
 tambem na Canção 2. & 4. & na Egl. 2.
 & 3. que são sonhos.*

Q U E he isto? sonho? ou vejo a Ninfa pura,
 Que sempre na alma vejo!
 Ou me pinta o desejo
 O bem, que em vão cada hora me assegura!
 Mal pòde a noite escura
 Amando a fombra fria,
 Mandarme em sonho a luz fermosa, & bella,
 Que se não torne em dia
 De seus luzentes rayos inflamada.
 O' vista desejada
 De graciosa Nympha, & viva estrella!
 Que ha tanto que por este mar navego,
 (Sem ver meu claro Polo) escuro, & cego.
 N E S S E S fermosos olhos de enlevado
 Minha alma se escondeo,
 Quando ordenava o Ceo,
 Que vivesse comigo desterrado.

Vòs a mais certa estrada
 De ver a Summa Alteza ,
 Do effeito a causa abris a esta alma minha ,
 Assim mortal belleza
 Sò della nasce , & della se resume ,
 Assim celeste lume

Là dos Ceos se deriva , & là caminha ,
 Pois como a Deos unirme a vista possa ,
 Porque a negaes , meu Sol , a esta alma vossa .

SE ME quereis prender de parte a parte
 Cabello ondado , & louro ,
 Teceime a rede de ouro ,

Em que prendeo Vulcano a Cypria & Marte ,
 Desque com gentil arte
 Vestis de flores bellas

A terra , em que tocaes com a bella planta ,
 Quantas vezes com vellas ,

Quiz numas dessas flores transformar-me ?
 Porque vendo pisarme

De esse candido pè , que a neve espanta ,
 Pòde ser que na flor mudado fora ,
 Que deu a Juno irada a linda Flora :

MAS ONDE te acolheste (ò doce vida)

Mais leve , & presurosa ,
 Do que na selva umbrosa ,

Cerva de aguda setta vai ferida ?

Se para tal partida

Meus olhos vos abristes ,

Cerraravos o sommo eternamente ,
 Antes que veyvos tristes ,

Perdendo tão suave , & doce engano :

Agora , com meu dano ,
Vedes para môr magoa , claramente ,
Neste bem fugitivo , & fomno leve ,
Que mal não ha mais longo , q̃ hũ bem breve :

DITOSO Endimião , que a Deosa cara ,
Que a noite vai guiando ,
Teve em braços sonhando !

Ah , quem de sonho tal nunca acordára !

Tu sô , Aurora avara ,
Quando os olhos feriste ,
Me mataste , cruel , de inveja pura :

Mas se desta alma triste
A negra escuridão vencer quizeste ,
Sabe , que em vão nasceste ,
Que para desfazerse a nevoa escura
De meus olhos , importa estar presente
Outro Sol , outra Aurora , outro Oriente .

SE A LUZ de meu Planeta

Não me aviva , Canção , branda , & quieta ,
Qual flor de chuva em breve consumida
Veràs desfeita em lagrimas a vida .

C A N Ç A M X V .

POR meyo de humas ferras mui fragosas ,
Cercadas de sylvestres arvoredos ,
Retumbando por asperos penedos ,
Correm perennes agoas delectosas :
Na ribeira de Buina , allí chamada ,
Celebrada ,

Celebrada ,
 Porque em prados
 Esfultados
 Com frescura
 De verdura ,

Assi se mostra amena , assi graciosa ,
 Que excede a qualquer outro mais fermosa .

As CORRENTES se vem , que aceleradas ,
 As aves regalando , & as boninas ,
 Se vão a cntrar nas agoas Neptuninas ,
 Por diversas ribeiras derivadas :

Com mil brancas conchinhas a aurea area ,
 Bem se arrea ,
 Voão aves ,
 Mil suaves
 Passarinhos
 Nos raminhos

Acordemente estão sempre cantando ,
 Com doce accento os ares abrandando .

O DOCE Roixinol num ramo canta ,
 E do outro o Pintasilgo lhe responde ,
 A Perdiz , de entre a mata , em q se esconde ,
 O caçador sentindo , se levanta :

Voando vai ligeira mais que o vento ,
 Outro assento
 Vai buscando ;
 Porém quando
 Vai fugindo
 Retinindo ,

Tras ella mais veloz a setta corre ,



De que ferida logo cae , & morre.

AQUÍ Progne de hũ ramo em outro ramo,
Com o peito ensanguentado anda voando,
Cibato para o ninho anda buscando ,
A leda Codorniz vem ao reclamo

Do sagaz caçador , que a rede effende ,

E pretende

Com engano

Fazer dano

A' coitada ,

Que enganada

De huns esparzidos graõs do louro trigo ,
Nas maõs vai a cair de feu imigo.

AQUÍ soa a Calhandra na parreira ,
A Rola geme , palra o Estorninho ,
Sac a candida Pomba de feu ninho ,
O Tordo poufa em cima da oliveira :
Vaõ as doces abelhas sussurrando ,

E apanhando

O rocio

Fresco , & frio ,

Por o prado

De erva ornado ,

Com que o bravo licor fazem , que deit
A' humana gente a industria de Aristeu.

AQUÍ as uvas luzidas penduradas
Das pampinosas vides resplandecem ,
As frondiferas arvores se oferecem ,
Com diferentes fruitos carregadas :
Os peixes na agoa clara andão faltando ,

Levantando
As pedrinhas,
E as conchinhas
Rubicundas,
Que as jocundas

Ondas consigo trazem, crepitando
Por a praya alva com ruido brando.

A Q U I por entre as selvas se levantão
Animaes Calidonios, & os Veados
Na fugida inda mal affegurados,
Porque do som dos proprios pès se espantão:
Sae o Coelho, a Lebre sae manhosa,

Da frondosa
Breve mata,
Donde a cata
Caõ ligeiro,
Mas primeiro,

Que ella ao contrario fervido se entregue,
A's vezes deixa em branco a quem a segue.

L U Z E M as brancas & purpureas flores,
Com que o brando Favonio a terra esmalta,
O fermoso Iacinto alli não falta,
Lembrado dos antigos seus amores:
Inda na flor se mostraõ esculpidos

Os gemidos:
Aqui Flora
Sempré mora,
E com Rosas
Mais fermosas,

Com litios, & boninas mil fragantes



Alegre os seus amores inconstantes.

AQUÍ Narciso em liquido cristal
Se namora de sua fermosura,
Nelle os pendentes ramos da espessura,
Dibuxandose estaõ ao natural,
Adonis, com que a linda Cytherea

Se recrea,

Bem florido,

Convertido

Na bonina,

Que Ericina

Por imagem deixou de qual feria
Aquelle, por quem ella se perdia.

LUGAR alegre, fresco, acomodado;
Para se deleitar qualquer amante,
A quem com sua ponta penetrante
O cego Amor tivesse derribado:
E para memorar ao som das agoas

Suas magoas

Amorosas,

As cheirosas

Flores vendo,

Escolhendo

Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por grão penhor a Nymphas bellas.

EU DELLAS por penhor de meus amores,
Huma capella à minha Deosa dava,
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem me queres entre tantas flores:
Porèm, como se fora mal me queres,

Os poderes
 Da crueldade
 Na beldade
 Bem mostrou ;
 Desprezou

A dadiva de flores , não por minha ,
 Mas porque muitas mais ella em si tinha .

CANÇAM XVI. (*)

MANDAME Amor, q̄ cãte, o q̄ alma sente,
 Caço , que nunca em verso foy cantado ,
 Nem d'antes entre gente acontecido ;
 Pagame assi em parte o meu cuidado ,
 Pois que quer , que me louve, & represente
 Quaó bem soube no mundo ser perdido.

SOU PARTE , & não ferei da gente crido ,
 Mas he tamanho o gosto de louvarme ,

E de manifestarme ,
 Por cativo de gesto tam fermoso ,
 Que todo impedimento

Rompe , & desfaz a gloria do tormento :
 Peregrino , suave , & deleitoso ,

Que bem fei que , o que canto ,

(*) Esta Canção duas vezes fez o Author
 com os mesmos conceitos , mas termos tam
 differentes , que totalmente he outra : huma
 se imprimio que começa, Mandame Amor que
 cante docemete : esta he tam boa, que não se
 deixa ver qual he a que elle aceitou, & assi
 ambas são merecedoras de se imprimir.

P liij

Ha d'achar menos credito , que espanto.

EU VIVIA do cego Amor izento
 Porem tam inclinado a viver preso ,
 Que me dava desgosto a liberdade :
 Hum natural desejo tinha acceso
 D'algum ditoso , & doce pensamento ,
 Que me illustrasse a infana mocidade :

TORNAVA do anno já a primeira idade ,
 A revestida terra se alegrava ,

Quando Amor me mostrava
 Em fios douro humas tranças defatadas

Ao doce vento estivo ,
 Os olhos rutilando em lume vivo ,
 As rosas entre a neve semeadas ,

O gosto grave , & ledo
 Que juntos move em mim desejo , & medo.

[*Este ramo está quasi todo , na que está impressa.*]

HUM NAÕ sei que suave respirando ,
 Causava hum desusado , & novo espanto ,
 Que as coufas insensiveis o sentião :
 Porque as garrulas aves entre tanto ,
 Vozes desordenadas levantando ,
 Como eu em meu desejo se acendião.

AS FONTES cristalinas não corrião ,
 Inflamadas na vista clara , & pura ,
 Florescia a verdura ,
 Que andando cos ditosos pès tocava.
 Os ramos se abaixavão ,

Ou d'enveja das hervas que pizavão,
Ou porque tudo ante elles se abaixava;

O ar, o vento, o dia
Espiritos continuos influhia.

E QUANDO vi que dava entendimento

A cousas fóra delle imaginei,
Que milagres faria em mim, que o tinha;

Vy, que me defatou da minha ley,
Privandome de todo sentimento,

E n'outras transformando a vida minha:

COM TAMANHOS poderes do Amor vinha
Que o uso dos sentidos me tirava,

E não sei como o dava

Contra o poder, & ordem de Natura

As arvores, aos montes,

A rudeza das hervas, & das fontes,

Que conhecerão logo a vista pura,

Fiquei eu só tornado,

Quasi n'um rudo tronco de admirado.

DESPois de ter perdido o sentimento

De humano, hum só desejo me ficava,

Em que toda a razão se convertia;

Mas não sey quem no peito me bradava,

Que por tão alto, & doce pensamento,

Com razão a razão se me perdia:

ASSI QUE quando mais perdida a via

Na sua mesma perda se ganhava;

Em doce paz estava

Com seu contrario proprio num fôgeito;

O' caso estranho, & novo,

Por alta certamente & grande approvo
 A causa , donde vem tamanho effeito ,
 Que faz num coração ,
 Que hum desejo sem ser , seja razão.

DEPOIS de já entregue a meu desejo ,
 Ou quasi todo nelle convertido ,
 Solitario , silvestre , & inhumano ,
 Tão contente fiquey de ser perdido ,
 Que me parece tudo , quanto vejo ,
 Escusado , se não meu proprio dano.

BEBENDO este suave , & doce engano ,
 A troco do sentido , que perdia ,
 Vy , que Amor me inculpia
 Dentro n'alma a figura honesta , & bella ,
 A gravidade , o fiso ,
 A mansidão , a graça , o doce riso ,
 E porque não cabia dentro nella ,
 De bens tamanhos tanto ,
 Sae pola boca convertido em canto.

CANÇÃO , se te não crerem ,
 Daquelle claro gesto quanto dizes ,
 Polo que em si lhe esconde :
 Os sentidos humanos (lhe responde)
 Não podem do divino ser juizes ,
 Se não hum pensamento ,
 Que a falta supra a fê do entendimento.



CANÇAM XVII.

S E X T I N A.

F O G E M E pouco , & pouco a curta vida ,
 Vayfeme o breve tempo dante os olhos ,
 E do viver me vay levando o goſto :
 Choro pelo paſſado , mas os dias
 Não ſe detem por iſſo de ſeu curſo
 Paſſaſe emfim a idade , & fica a pena.

Q U E maneira tão aſpera de pena ,
 Que nunca hum paſſo deo tam longa vida ,
 Fora de trabalhoſo , & trite curſo ,
 Se no proceſſo meu eſtendo os olhos ,
 Tam cheyos de trabalhos vejo os dias ,
 Que já não goſto , nem do meſmo goſto.

O s P R A Z E R E S , o canto , o riſo , o goſto ,
 A continuação da grave pena
 Me levou , que não ponho culpa aos dias.
 A culpa he do deſtino , porque a vida
 Sempre celebrará os bellos olhos ,
 Pôr mais que do viver ſe alongue o curſo.

S I C A Õ os Ceos os ſeu natural curſo ,
 A toda a gente dem triſteza , ou goſto :
 Fação em fim mudanças que meus olhos
 Nunca verão no mundo ſe não pena ,
 Nem deſcanſo terei já neſta vida ,
 Para poder em paz paſſar os dias.

V A Õ ſoccedendo hums dias a outros dias,
 Nada de ſeu curſo não perde o tempo ,



Perde fomento a curta , & breve vida ,
Fogelhe como sombra a idade , & o goſto ,
Vay ſelh' acrecentando magoa , & pena ,
De que ſão teſtemunhas os meus olhos .

MAS NUNCA da minh' alma , ò claros olhos ,
Vos poderaõ tirar os longos dias ,
Creça quanto quizer trabalho , & pena ,
Que pois para detras não torna o curso
Dos annos , iſto ſõ terei por goſto ,
Para poder paſſar o mais da vida .

CANÇÃO já tive vida , já meus olhos
Me deraõ algum goſto , mas os dias ,
Com ſeu ligeiro curso magoa & pena .

CANÇAM XVIII. (*)

S E X T I N A .

F O G E me pouco a pouco a curta vida
(Se por caſo he verdade que inda vivo)
Vaifeme o breve tempo d'ante os olhos ,
Choro pello paſſado , & em quanto fallo ,
Se me paſſaõ os dias paſſo , & paſſo ,
Vaifeme emfim a idade , & fica a pena .

QUE MANEIRA tam aſpera de pena ,
Que nunca huma hora vio tam longa vida ,

(*) *Alguns ſentimentos diversos com que o Poeta adornou a ſeguinte Cançam , merecem bem que em obſequio ſeo ſe imprima ; não obſtante ſer quazi a meſma nos conceitos e rimas .*

Em que possa de mal moverse hum passo ,
 Que mais me monta ser morto , que vivo ?
 Para que choro em fim , para que fallo ,
 Se lograr-me nam pude de meus olhos ?

OH FERMOSES gentis , & claros olhos ,
 Cuja ausencia me move a tanta pena ,
 Quanta senam comprehende em quanto fallo ,
 Se no fim de tam longa , & curta vida
 De vòs me inda inflamasse o rayo vivo ,
 Por bem teria tudo quanto passo.

MAS BEM sei , q' primeiro o estremo passo
 Me ha de vir a cerrar os tristes olhos ,
 Que amor me mostre aquelles , porque vivo ,
 Testemunhas seraõ a tinta , & pena ,
 Que escreveraõ de tam molesta vida ,
 O menos que passei , & o mais , que fallo.

OH QUE nam sei , q' escrevo , nem q' fallo !
 Que se de hum pensamento noutro passo ,
 Vejo tam triste genero de vida ,
 Que se lhe nam valerem tantos olhos ,
 Nam posso imaginar qual seja a pena ,
 Que traslade esta pena , com que vivo.

N'ALMA tenho continuo hum fogo vivo ,
 Que senam respirasse no que fallo ,
 Estaria ja feita cinza a pena ;
 Mas sobre a mayor dor , que soffro , & passo ,
 Me temperaõ as lagrimas dos olhos ,
 Com que fugindo nam se acaba a vida.

MORRENDO estou na vida , & é morte vivo ,
 Vejo sem olhos . & sem lingua fallo ,
 E juntamente passo gloria & pena.

C A N Ç A M X I X .

S E X T I N A ,

A huns olhos , cujo rigor & brandura celebra.

A CULPA de meu mal sò vem meus olhos,
 Pois que deraõ a Amor entrada na alma,
 Para que perdesse eu a liberdade;
 Mas quem pôde fugir a huma brandura,
 Que depois de vos pôr em tantos males,
 Dà por bens o perder por ella vida!

ASSAZ DE pouco faz quem perde a vida
 Por condiçãõ taõ dura, & brandos olhos,
 Pois de tal qualidade saõ meus males,
 Que o mais pequeno delles toca na alma,
 Não se engane com mostras de brandura
 Quem quizer conservar a liberdade.

ROUBADORA he de toda a liberdade
 (E oxalã perdoasse à triste vida !)
 Esta , que o falso Amor chama brandura.
 Ay , meus antes imigos , que meus olhos,
 Que mal vos tinha feito eita vossa alma,
 Para vòs lhe fazerdes tantos males !

C R E Ç A Õ de dia em dia embora os males,
 Percafe embora a antiga liberdade,
 Transformese em Amor esta triste alma,
 Padeça embora eita innocente vida,
 Que bem me pagão tudo estes meus olhos,
 Quãdo de outros, se os vem, vem a brandura.

Mas

Mas como nelles pôde haver brandura,
 Se causadores são de tantos males!
 Engano foi de Amor, porque meus olhos
 Dessem por bem perdida a liberdade,
 Já não tenho que dar, senão a vida,
 Se a vida já não deo, quem já deo alma.

QUE PÔDE já esperar, quem a sua a alma
 Cativa eterna fez de huma brandura,
 Que quando vos dá morte, diz que he vida!
 Forçado me he gritar nestes meus males,
 Olhos meus, pois por vós a liberdade
 Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.

CHORAI meus olhos sempre danos da alma,
 Pois dais a liberdade a tal brandura,
 Que para dar mais males, dá mais vida.

CANÇAM XX.

S E X T I N A,

*A morte de Natereia, como a Egloga 15,
 E nella se vem muitos pensamentos
 ajustados a este Poema.*

O TRISTE, ô tenebroso, ô cruel dia
 Amanhecido só para meu dano!
 Pudesteme apartar daquella vista
 Porquem vivia com meu mal contente!
 Ah! se o supremo foras desta vida,
 Que em ti se começara a minha gloria.

Tom. II.

Q



MAS COMO eu não naci para ter gloria,
 Senão pena, que creça cada dia,
 O Ceo me está negando o fim da vida,
 Porque não tenha fim com ella o dano,
 Para que nunca possa ser contente,
 Da vista me tirou aquella vista.

SU A V E, deleitosa, alegre vista,
 Donde pendia toda a minha gloria,
 Porquem na mór tristeza fui contente;
 Quando serà que veja aquella dia,
 Em que deixe de ver tam grave dano;
 E em que me deixe tam penosa vida?

COMO DEZEJAREI humana vida
 Auzente de huma mais, que humana vista,
 Que tam glorioso me fazia o dano?
 Vejo o meu dano sem a sua gloria,
 A' minha noite falta já seu dia:
 Triste tudo se vê, nada contente.

POIS SEM ti já não posso ser contente,
 Mal posso desejar sem ti a vida,
 Sem ti já ver não posso claro dia:
 Não posso sem te ver desejar vista,
 Na tua vista sò se via a gloria,
 Não ver a gloria tua, he ver meu dano.

NAO VIA mayor gloria, que meu dano,
 Quando do dano meu eras contente,
 Agora me he tormento a mayor gloria,
 Que pôde prometerme Amor na vida;
 Pois tornarte não pôde à minha vista,
 Que sò na tua achára a luz do dia.

E POIS de dia em dia cresce o dano ,
 Não posso sem tal vista ser contente ,
 Sò com perder a vida acharei gloria.

CANÇAM XXI.

S E X T I N A ,

Composta ao mesmo intento da passada.

S E M P R E me queixarei desta crueza
 Que amor usou comigo , quando o tempo
 A pefar de meu triste , & duro Fado ,
 A meus males queria dar remedio ,
 Em apartar de mim aquella vista ,
 Por quem me contentava a triste vida.

LEVARAME , oxalá , com ella a vida ,
 Para que não sentira esta crueza
 De me ver apartado de tal vista.
 E praça Deos não veja o proprio tempo
 Em mim , sem esperança de remedio ,
 A desesperação de hum triste Fado.

P O R E M ja acabe o triste , & duro Fado ,
 Acabe o tempo ja taõ triste vida ,
 Que em sua morte só tem seu remedio.
 O deixarme viver he mdr crueza ,
 Pois desespero ja de em algum tempo
 Tornar a ver aquella doce vista.

D U R O Amor , se pagàra só tal vista
 Todo o mal , que por ti me fez meu Fado ,
 Porque quizeste que o levasse o tempo ?

Q ij



E tambem se quizeste, porque a vida
 Me deixas, para ver tanta crueza,
 Quando em não vella só vejo o remedio?

Tu só de minha dor eras remedio,
 Suave, delectosa, & bella vista,
 Sem ti, que posso eu ver, senão crueza,
 Sem ti, qual bem me pôde dar o Fado,
 Senão consentir que acabe a vida?
 Mas elle della me dilata o tempo.

Azas para voar vejo no tempo,
 Que com voar, a muitos foi remedio,
 E só não voa para a minha vida,
 Para que a quero eu sem tua vista?
 Para que quer tambem o triste Fado,
 Que não acabe o tempo tal crueza.

NAO poderão fazer crueza, ou tempo,
 Força de Fado, ou falta de remedio,
 Que essa vista me esqueça em toda a vida.





ODES
DE
LUIS DE CAMOENS.

ODE I.

A' L U A.

DETEM hum pouco, Musa, o largo pranto,
Que Amor te abre do peito,
E vestida de rico, & ledo manto,
Demos honra, & respeito,
A'quella, cujo objeito,
Todo o mundo alumia,
Trocando a noite escura em claro dia,
OH DELIA, que a pesar da nevoa grossa,
Cos teus rayos de prata,
A noite escura fazes, que nam possa
Encontrar, o que trata,
E o que n'alma retrata,
Amor, por teu divino
Rosto, porque endoudeço, & desatino,
Q iij

Tu , QUE de fermosíssimas estrellas ,
 Coroas , & rodeas
 Teus cabellos de prata , & faces bellas ,
 E os campos fermoseas ,
 Co as rosas , que semeas ,
 Co as boninas , que gera
 O teu celeste amor na primavera.
 Pois, Delia, dos teus Ceos védo estás quâtos
 Furtos de puridades ,
 Suspiros , magoas , ays , musicas , prantos ,
 As conformes vontades ,
 Humas por saudades ,
 Outras por crûs indicios ,
 Fazem das proprias vidas sacrificios.
 JA' VEYO Endimião por estes montes ,
 O Ceo suspenso olhando ,
 E teu nome cos olhos feitos fontes ,
 Em vão sempre chamando ,
 Pedindo , & suspirando
 Mercês à tua beldade ,
 Que ache em ti alguma hora piedade.
 POR TI feito pastor de branco gado ,
 Nas selvas solitarias ,
 Sã de seu pensamento acompanhado ,
 Conversa as alimarias ,
 De todo amor contrarias ,
 Mas nam como ti duras ,
 Onde lamenta , & chora desventuras.
 PARA ti guarda o sitio fresco de Ilho ,
 Suas sombras fermosas ,

Para ti no Erymanto o lindo Opilio,
 As mais purpureas rosas,
 E as drogas cheirosas
 De este nosso Oriente,

Guarda a felice Arabia mais contente.

DE QUE Panthera, Tigre, ou Leopardo,
 As asperas entranhas,

Nam temerao o agudo, & fero dardo,
 Quando pellas montanhas
 Muy remotas, & estranhas,
 Ligeira atravestavas,

Tam femosa, que amor de amor matavas?
 DAS CASTAS virgens sempre os altos gritos,
 Clara Lucina, ouviste,

Renovadolhe a forca, & os espritos;
 Mas os daquelle triste
 Já nunca consentiste

Ouvillos hum momento,

Para ser menos grave seu tormento.

NAM fujas de mi assi, nem assi te escondas
 De hum tam fiel amante,

Olha como suspirao estas ondas,
 E como o velho Atlante,
 O seu collo arrogante,
 Move piedosamente,

Ouvindo a minha voz fraca, & doente.

TRISTE de mi, que me he peor queixarme,
 Pois minhas queixas digo,

A quem já ergueo a mão para matarme,
 Como a cruel imigo,

Mas eu meu Fado sigo ,
 Que a isto me destina ,
 E sò isto pretende , & sò me enfina .
 OH QUANTO ha já , que o Ceo me defengana ,
 E eu sempre porfio
 Cada vez mais na minha teima insana !
 Tendo livre alvedrio ,
 Nam fujo o defvario ,
 E este , que em mi vejo ,
 Engana co a esperança meu desejo .
 OH QUANTO melhor fora , que dormissem
 Hum sono perennal
 Estes meus olhos tristes , & nam vissem
 A causa de feu mal !
 Fugira hum tempo tal ,
 Mais que de antes proterva ,
 Mais cruel que Ussa , mais fugaz , que Cerva .
 AY DE MI , que me abraço em fogo vivo ,
 Com mil mortes ao lado ,
 E quando mouro mais , entao mais vivo !
 Porque assi me ha ordenado
 Meu infelice estado ,
 Que quando me convida
 A morte para a morte , tenha vida .
 SECRETA Noite amiga , a que obedeço ,
 Estas rosas (por quanto
 Meus queixumes ouviste) te offereço ,
 Este fresco Amarantho ,
 Inda humido do pranto ,
 E lagrimas da esposa
 Do cioso Tithão branca , & fermosa .

O D E I I.

TAM suave, tam fresca, & tam fermosa,
Nunquã no Ceo sahio

A Aurora, no principio do verãõ,
A's flores dando a graça costumãda;
Como a fermosa minha fera, quando
Hum pensamento vivo me inspirou,
Porquem me desconheço.

BONINA pudibunda, ou fresca rosa,
Nunqua no campo abrio,
Quando os rayos do Sol no Touro estãõ,
De cores diferentes esmaltada,
Como esta flor, que os olhos inclinando,
O sofrimento triste costumou

A pena, que padeço.

LIGEIRA, bella Ninfa, linda, irosa,
Nam creio, que seguio
Satyro, eujo brando coração,
De amores eommoveffe fera irada,
Que assi fosse fugindo, & desprezando
Este tormento, adonde amor mostrou

Tam prospero começo.

NUNQUA em fim cousa bella, & rigurosa
Natura produzio,
Que iguale aquella forma, & condiçãõ,
Que as dores, em que vivo, estima em nada;
Mas com tam doce gesto, irado, & brando,
O sentimento, & a vida me enlevou,
Que a pena lhe agradeço.

BEM CUDEI de exaltar em verso , ou prosa
 Aquillo , que a alma vio ,
 Antre a doce dureza , & mansidão ,
 Primores de belleza defusada ,
 Mas quando quiz voar ao Ceo cantando ;
 Entendimento , & engenho me cegou ,
 Luz de tam alto prego.

NAQUELLA alta pureza deleitosa ,
 Que ao mundo se encubrio ,
 E nos olhos angelicos , que são
 Senhores desta vida destinada ,
 E naquelles cabellos , que soltando
 Ao manso vento , a vida me enredou ,
 Me alegre , & entristeço.

SAUDADE , & suspeita perigosa ,
 Que amor constituhio ,
 Por castigo daquelles , que se vão :
 Temores , penas , da alma desprezada ;
 Fera esquivaça , que me vai tirando
 O mantimento , que me sustentou ,
 A tudo me offereço.

O D E I I I .

SE DE meu pensamento
 Tanta razão tivera de alegrarme ,
 Quanto de meu tormento
 A tenho de queixarme ,
 Poderás triste Lyra consolarme .
 E MINHA VOZ cansada ,

Que noutro tempo foi alegre , & pura ,
 Nam fora assi tornada ,
 Com tanta desventura ,
 Tam rouca , tam pesada , nem tam dura ,
 A SER como folia ,
 Pudera levantar vossos louvores ,
 Vós minha Hierarchia
 Ouvireis meus amores ,
 Que exemplo são ao mundo já de dores :
 ALEGRES meus cuidados ,
 Contentes dias , horas , & momentos ,
 Oh quaõ bem alembrados
 Sois de meus pensamentos ,
 Reinando agora em mi duros tormentos :
 AI GOSTOS fugitivos ,
 Ai gloria já acabada , & consumida ,
 Cruéis males esquivos ,
 Qual me deixais a vida ,
 Quam chea de pesar , quam destruida !
 MAS COMO nam he morta
 A triste vida já , que tanto dura
 Como nam abre a porta
 A tanta desventura ,
 Que em vaõ co seu poder o tempo cura ?
 MAS PARA padecella ,
 Se esforce meu fugeito , & convalece ,
 Que sò para dizella ,
 A força me falece ,
 E de todo me canfa , & enfraquece .
 O' BEM afortunado ,

Tu , que alcançaste com lira toante ,

Orfeo , ser escutado ,

Do fero Rhadamante ,

E cqs teus olhos ver a doce amante.

As INFERNAES figuras ,

Moveste com teu canto docemente ,

As tres furias escuras ,

Implacaveis à gente ,

Quiêtas se tornãrao de repente.

Ficou como pasmado ,

Todo o Stygio Reyno co teu canto ;

E quasi descansado ,

De seu eterno pranto ,

Ceffou de alçar Siffo o grave canto.

A ORDEM se mudava

Das penas , que ordenava alli Plutaó ,

Em descanso tornava

A roda de Ixiaó ,

E em gloria quantas penas alli são.

PELO QUAL admirada

A Raynha infernal , & commovida ,

Te deo a desejada

Esposa , que perdida

De tantos dias já tivera vida.

POIS MINHA desventura

Como já não abranda huma alma humana ,

Que he contra mi mais dura ,

E mui mais deshumana ,

Que o furor de Caliroe profana ?

OH CRUA , esquiya , & fera ,

Duro

Duro peito, cruel, empedernido,
 De alguma tigre fera,
 Da Hyrcania nascido,
 Ou d'antre as duras rochas produzido.

MAS QUE digo coitado,
 E de quem fio em vaô minhas querellas?
 Sò vòs, ò, do sagrado
 Humido Reyno, bellas,

E claras Ninfas, condocivos dellas.
 E DE ouro guarneçadas

Vossas louras cabeças leyantando,
 Sobola agoa erguidas,
 As tranças gotejando,

Sahi alegres todas, ver qual ando.
 SAHI EM companhia,

Cantando, & mais colhendo as lindas flores,
 Vereis minha agonia,
 Ouvireis meus amores,

E sentireis meus prantos, meus clamores.
 VEREIS o mais perdido,

E mais mofino corpo, que he gèrado,
 Que està ja convertido

Em choro, & neste estado,
 Sòmente vive nelle o seu cuidado.

O D E I V.

FERMOSA fera humana,
 Em cujo coração soberbo, & rudo,
 A força soberana

Tom. II.

R



Do vingativo Amor, que vence tudo,
 As pontas amoladas,
 De quantas setas tinha, tem quebradas.
 AMADA Circe minha
 Posto que minha nam, com tudo amada,
 A quem hum bem, que tinha
 Da doce liberdade desejada,
 Pouco a pouco entreguei,
 E se mais tenho inda entregarei.
 P O I S natureza irosa
 Da razaõ, te deo partes tam contrarias,
 Que sendo tam fermosa,
 Folgues de te queimar em flamas varias,
 Sem arder em nenhuma,
 Mais que em quanto alumia o mundo a Luz.
 P O I S triunfando vãs
 Com diversos despojos de perdidos,
 Que tu privando estã
 De razaõ, de juizo, & de sentidos,
 E quasi a todos dando
 Aquelle bem, que a todos vãs negando.
 P O I S tanto te contenta,
 Ver o nocturno moço em ferro envolto,
 Debaixo da tormenta
 De Jupiter, em agoa, & vento solto,
 A porta, que impedido
 Lhe tem feu bem de magoa adormecido.
 P O R Q U E nam tens receyo,
 Que tantas insolencias, & etquivanças,
 A Deosa, que poem freyo

A soberbas & doudas esperanças ,
 Castigue com rigor ,
 E contra ti se acenda o fero amor ?
 OLHA a fermosa Flora ,
 De despojos de mil suspiros rica ,
 Pelo Capitaõ chora ,
 Que lá em Theffalia em fim vencido fica ,
 E foi sublime tanto ,
 Que altares lhe deo Roma , & nome santo .
 OLHA em Lesbos aquella ,
 No seu psalterio insigne conhecida ,
 Dos muitos que por ella
 Se perdêraõ , perdeo a cara vida ,
 Na tocha , que se infama ,
 Com ser remedio estremo , de quem ama .
 PELO moço escolhido ,
 Onde mais se mostravaõ as tres graças ,
 Que Venus escondido
 Para si teve hum tempo entre as alfaças ;
 Pagou com morte fria ,
 A mã vida , que a muitos já daria .
 E VENDOSE deixada
 Daquelle , por quem tantos já dexára ,
 Se foi desesperada
 Precipitar da infame rocha cara ,
 Que o mal de mal querida ,
 Sabe , que vida lhe he perder a vida .
 TOMAIME bravos mares ,
 Tomaime vòs , pois outrem me deixou ,
 E assi dos altos ares ,

Pendendo com furor se arremeçou :
 Acòde tu suave ,
 Acòde poderosa , & divina ave.
 TOMA-A nas azas tuas ,
 Minino pio , illefa , & sem perigo ;
 Antes que nessas crúas
 Agoas cahindo , apague o fogo antigo ,
 He dino amor tamanho
 De viver , & ter tido por estranho ?
 NAM , QUE he razão , que seja
 Para as lobas izentas , que amor vendem ,
 Exemplo onde se veja ,
 Que tambem ficão prezas , as que prendem ,
 Assi deo por sentença
 Nemesis , que amor quiz , que tudo vença.

O D E V.

NUNQUA manhaã suave ,
 Estendendo seus rayos pelo mundo ,
 Despois de noite grave ,
 Tempestuosa , negra , em mar profundo ,
 Alegrou tanto Nao , que já no fundo ,
 Se vio em mares grossos ,
 Como a luz clara a mi dos olhos vossos.
 AQUELLA fermosura ,
 Que sò no virar delles resplandece ,
 Com quem a sombra escura
 Clara se faz , & o campo reverdece ,
 Quando a meu pensamento se entristece

Ella, & a sua viveza,
 Me desfazem a nuve da tristeza.
 O MEU peito, onde estais,
 He para tanto bem pequeno vaso,
 Quando acafo virais
 Os olhos, que de mi nam fazem caso;
 Todo, gentil senhora, então me abraço
 Na luz, que me consume,
 Bem como a borboleta faz no lume.
 SE MIL almas tivea,
 Que a tam fermosos olhos entregara,
 Todas quantas pudera,
 Polas pestanas delles pendurara,
 E enlevada na vista pura, & clara
 (Posto que disso indinas)
 Se andaraõ sempre vendo nas mininas.
 E vós QUE descuidada
 Agora vivireis de tais querellas,
 D'almas minhas cercada,
 Nam pudesteis tirar os olhos dellas,
 Nam pôde ser, que vendo a vossa entre ellas,
 A dor, que lhe mostrassem
 Tantas, huma alma sô nam abrandassem.
 MAS POIS o peito ardente
 Huma sô pôde ser fermosa dama,
 Basta que esta sòmente,
 Como se fossem duas mil vos ama:
 Para que a dor de sua ardente flama,
 Com vosco tanto possa,
 Que nam queirais ver cinza húa alma voſſa.



O D E VI.

PODE hum desejo immenso
 Arder no peito tanto ,
 Que à branda , & à viva alma o fogo intenso
 Lhe gaste as nodas do terreno manto ,
 E purifique em tanta alteza o espirito ,
 Com olhos immortais ,
 Que faz que lea mais , do que vê escrito ,
 QUE A flama , que se acende ,
 Alto tanto alumia ,
 Que se o nobre desejo ao bem se estende ,
 Que nunca vio ausente claro dia ,
 E lá vê do que busca o natural ,
 A graça , a viva cor ,
 N'outra especie melhor , que a corporal.
 P O I S vòs ò claro exemplo
 De viva fermosura ,
 Que de tam longe cà nôto & contemplo
 N'alma , que este desejo sobe , & apura ,
 Nam creais , que nam vejo aquella imagem ,
 Que as gentes nunca vem ,
 Se de humanos nam tem muita ventagem ,
 QUE SE os olhos ausentes ,
 Nam vem a compaffada
 Proporção , que das cores excellentes
 De pureza , & vergonha he variada :
 Da qual a poesia , que contou
 Atèqui sò pinturas ,
 Com mortaes fermosuras igualou ,

SENAM vem os cabellos,
 Que o vulgo chama de ouro,
 E senam vem os claros olhos bellos,
 De quem cantão, que são do Sol thesouro,
 E senam vem do rosto as excellencias,
 A quem dirão, que deve
 Rosa, cristal, & neve as apparencias:
 VEM LOGO a graça pura,
 A luz alta, & severa,
 Que he rayo da divina fermosura,
 Que n'alma imprime, & fôra reverbera,
 Assim como cristal do Sol ferido,
 Que por fôra derrama
 A recebida flamma, esclarecido.
 E VEM a gravidade
 Com a viva alegria,
 Que misturada tem, de qualidade,
 Que huma da outra nunca se desvia,
 Nem deixa huma de ser arreçada,
 Por lèda, & por suave,
 Nem outra por ser grave muito amada.
 E VEM do honesto fiso,
 Os altos resplandores,
 Temperados co doce, & lèdo riso,
 A cujo abrir abrem no campo as flores,
 As palavras discretas, & suaves,
 Das quaes o movimento,
 Farà deter o vento, & as altas ayes.
 Dos OLHOS o virar
 Que torna tudo raso,

Do qual nam sabe o engenho dividir ,
 Se foi por artificio , ou feito a caso :
 Da presença os meneos , & a postura ,
 O andar , & o moverse
 Donde pôde aprenderse fermosura.
 AQUELLE nam sei que ,
 Que espira nam sei como ,
 Que invisível sabindo a vista o vê ,
 Mas para o comprehender nam lhe acha tomo ,
 O qual toda a Toscana poesia ,
 Que mais Febo restaura ,
 Em Beatriz , nem Laura nunca via.
 EM V ò s a nossa idade ,
 Senhora , o pôde ver ,
 Se engenho , & sciencia , & habilidade ,
 Igual à fermosura vossa der :
 Como eu vi no meu longo apartamento ,
 Qual em ausencia o vejo :
 Tais azas dà o desejo ao pensamento.
 P O I S SE o desejo afina
 Huma alma acefa tanto ,
 Que por vòs use as partes da divina ;
 Por vòs levantarei nam visto canto ,
 Que o Bethis me ouça , & o Tibre me levante ,
 Que o nosso claro Tejo
 Envolto hum pouco o vejo , & dissonante.
 O CAMPO nam o esmaltão
 Flores , mas sò abrolhos
 O fazem feo , & cuido que lhe faltão
 Ouvidos para mi , para vòs olhos :

Mas faça o que quizer o vil costume ,
 Que o Sol , que em vòs està
 Na escuridão darà mais claro lume.

O D E V I I .

A QUEM darão de Pindo as moradoras
 Tam doudas como bellas ,
 Florecentes capellas

Do triunfante louro , ou myrto verde ,
 Da gloriosa palma , que nam perde
 A presumpção sublime ,
 Nem por força do peso algum se oprime ?

A QUEM traraõ na fralda
 Rosas a roxa Cloris ,
 Conchas a branca Doris ,
 Estas flores do mar , da terra aquellas ,
 Argenteas , ruivas , brancas , & amarellas ,
 Com danças , & coreas ,
 De fermosas Nereidas , & Napeas ?

A QUEM faraõ os Hymnos , Odes , Cantos ;
 Em Thebas Anfon ,
 Em Lesbos Arion ,

Senam a vòs , por quem restituída
 Se vê da poësia já perdida

A honra , & gloria igual ,
 Senhor Dom Manoel de Portugal ?

IMITANLO os espiritos já passados ,
 Gents , altos , reais ,
 Honra benigna dais

A meu tam baixo, quam zeloso engenho:
 Por Mecenas a vòs celebro, & tenho,
 E facro o nome voffo
 Farei, se alguma coufa em verso posso.

O RUDO canto meu, que refuscita
 As horas sepultadas,
 As palmas já passadas,
 Dos bellicosos nosfos Lusitanos,
 Para thefouro dos futuros annos,
 Convosco se defende
 Da ley Lethea, à qual tudo se rende.

NA VOSSA arvore ornada de honra, & gloria
 Achou tronco excellente,
 A era florecente,
 Para mim atèqui de baixa estíma,
 Na qual para trepar se encôsta, & arrima,
 E nella subireis
 Tam alto, quanto os ramos estendeis.

S E M P R E forão engenhos peregrinos
 Da Fortuna envejados,
 Que quanto levantados,
 Por hum braço nas azas saõ da Fama,
 Tanto por outro a forte, que os defama,
 Co peso, & gravidade,
 Os opprime da vil necessidade.

M A S A L T O S coraçõens, dinos de imperio,
 Que vencem a Fortuna,
 Forão sempre coluna
 Da sciencia gentil: Octaviano,
 Scipiaõ, Alexandre, & Graciano.

Que vemos immortais ,
 E vòs, que nosso feculo dourais.
 Pois logo em quanto a cythara sonora,
 Se estimar pelo mundo ,
 Com tom douto , & jucundo ,
 E em quanto produzir o Tejo , & o Douro ,
 Peitos de Marte , & Febo crespo , & louro ;
 Tereis gloria immortal ,
 Senhor Dom Manoel de Portugal.

O D E V I I I .

A QUELLE unico exemplo,
 De fortaleza heroica , & ousadia ,
 Que mereceo no tempo
 Da Fama eterna ter perpetuo dia ,
 O graó filho de Thetis , que dez annos
 Flagello foi dos miseros Troyanos ,
 NAM MENOS ensinado
 Foi nas ervas , & medica policia ,
 Que destro , & costumado ,
 No soberbo exercicio da milicia ,
 Assi que as mãos , que a tantos morte dêrão ,
 Tambem a muitos vida dar pudêrão.
 E NAM se desprezou
 Aquelle fero , & indomito mancebo ,
 Das artes , que ensinou
 Para o languido corpo o intonso Febo ,
 Que se o temido Heitor matar podia ,
 Tambem chagas mortaes curar sabia.

TAIS ARTES aprendeo,
 Do semiviro mestre, & douto, velho,
 Onde tanto cresceo
 Em virtude, sciencia, & em conselho,
 Que Telefo por elle vulnerado,
 Sò delle pôde ser despois curado.

POIS a vòs, ò excellente,
 E illustrissimo Conde, do Ceo dado,
 Para fazer presente
 De altos Heroes o seculo passado;
 Em quem bem trasladada està a memoria
 De vossos ascendentes, honra, & gloria.

POSTO que o pensamento
 Ocupado tendeis na guerra infesta,
 Ou do sanguinolento
 Taprobano, ou Achem, que o mar molesta,
 Ou do Cambayo occulto inimigo nosso,
 Que qualquer delles teme o nome vosso.

FAVORECEI a antiga
 Sciencia, que já Achilles estimou:
 Olhai, que vos obriga
 Verdes, que em vòsso tempo rebentou
 O fruto daquella Orta, onde florecem
 Plantas nõvas, que os deutos nam conhecem.

OLHAI, que em vossos annos
 Huma Orta produzio varias ervaes,
 Nos campos Indianos,
 As quaes aquellas doutas, & protervas,
 Medea, & Circe nunqua conhecerão,
 Poito que à ley da Magica excederão.

E VEDE

E VEDE carregado
 D'annos, & traz a varia experiencia
 Hum velho, que ensinado
 Das Gangeticas Musas na sciencia
 Podaliria sutil, & arte silvestre,
 Vence o velho Chiron de Achilles mestre.

O QUAL está pedindo
 Vosso favor, & ajuda ao graó volume,
 Que impresso à luz sahindo,
 Dará da medicina hum viyo lume,
 E descubrir nos ha segredos certos
 A todos os antigos encubertos.

ASSI QUE nam podeis
 Negar (como vos pede) benigna aura,
 Que se muito valeis
 Na sanguinosa guerra Turca, & Maura,
 Ajudai, quem ajuda contra a morte,
 E sereis semelhante ao Grego forte.

O D E I X.

F O G E M as neves frias
 Dos altos montes, quando reverdecem
 As arvores sombrias,
 As verdes ervas crecem,
 E o prado ameno de mil cores tecem.
 Z E F I R O brando espira,
 Suas setas amor afia agora,
 Progne triste suspira,
 E Filomela chora,

Tom. II.



O Ceo da fresca terra se namora.

VAI VENUS Cytherea

Com os coros das Ninfas rodeada,

A linda Panopea

Despida, & delicada,

Com as duas Irmaãs acompanhada.

EM QUANTO as officinas

Dos Cyclopes Vulcano está queimando,

Vão colhendo boninas

As Ninfas, & cantando,

A terra co ligeiro pè tocando.

DECE DO duro monte

Diana já cansada da espessura,

Buscando a clara fonte,

Onde por forte dura

Perdeo Aëteon a natural figura.

ASSI SE VAI passando

A verde primavera, & seco estio,

Tras elle vem chegando

Despois inverno o frio,

Que tambem passará por certo fio,

IRSEHA embranquecendo

Com a frigida neve o seco monte,

E Jupiter chovendo

Turbará a clara fonte,

Temerá o marinheiro o Orizonte.

PORQUE emfim tudo passa,

Nam sabe o tempo ter firmeza em nada,

E nossa vida escassa

Foge tam apressada,

Que quando se começa he acabada.

QUE FORAÕ dos Troyanos ,

Heitor temido , Eneas piedoso ?

Consumiraõte os annos ,

O' Cresso tam famoso ,

Sem te valer teu ouro precioso.

T O D O o contentamento

Crias , que estava no thesouro ufano :

Oh falso pensamento ,

Que à custa de teu dano ,

Do douto Solon creste o desengano !

O BEM , que aqui se alcança ,

Nam dura por possante , nem por forte ,

Que a bem aventuraça

Duravel , de outra forte

Se ha de alcançar na vida para à morte ,

PORQUE em fim nada basta

Contra o terrivel fim da noite eterna ,

Nem pode a Deosa casta ,

Tornar à luz superna

Hypolito da escura noite Averna.

NEM THESEO esforçado

Com manha , nem com força rigurosa ,

Livrar pode o ousado

Pirithoo da espantosa

Prisaõ Lethea , escura , & tenebrosa.



O D E X.

AQUELLE moço fero ,
 Na Peletronia cova doutrinado ,
 Do Centauro severo ,
 Cujó peito esforçado ,
 Com titanos de Tygres foi creado ;
 NA AGOA fatal minino
 O lava a máy , prefaga do futuro ,
 Para que ferro fino
 Nam passe o peito duro ,
 Que de si mesmo a si se tem por muro ,
 A CARNE lhe endurece ,
 Que ser nam possa d'armas offendida ,
 Cega , que nam conhece ,
 Que pôde haver ferida
 N'alma , que menos doe perder a vida .
 QUE AONDE o braço irado ,
 Dos Troyanos passava arnès , & escudo ,
 Alli se vio passado
 Daquelle ferro agudo
 Do minino , que em todos pôde tudo .
 ALLI SE vio cativo
 Da cativa gentil , que serve , & adora ,
 Alli se vio , que vivo
 Em vivo fogo mòra ,
 Porque de seu senhor se vê senhora .
 JA TOMA a branda lyra
 Na maó , que a dura Pelias mencàra :

Alli canta , & suspira ,

Nam como lhe ensinàra

O velho , mas o moço , que o cegàra ,

Pois logo , quem culpado

Serà , se de pequeno offerecido

Foi logo a seu cuidado ,

No berço instituido ,

A nam poder deixar de ser ferido ?

QUEM LOGO fraco infante ,

Doutro mais poderoso foi fugeito ,

Que para cega amante

Foi de principio feito ,

Com lagrimas banhando o brando peito ?

SE AGORA foi ferido

Da penetrante seta , & força de erva ,

E se amor he servido ,

Que sirva a linda serva ,

Para que minha estrella me reserva.

O GÊSTO bem talhado ,

O airoso meneo , & a postura ,

O rosto delicado ,

Que na vista assegura ,

Que se ensina por arte a fermosura.

COMO PÔDE deixar

De cativar , quem tenha entendimento ?

Que a quem nam penetrar

Hum doce gèsto atento ,

Nam lhe he nenhum louvor viver izento.

QUE AQUELLES , cujos peitos

Ornou d'altas sciencias o destino ,

S iij

Esses foraõ fugeitos
 Ao cego , & vaõ minino ,
 Arrebatados do furor divino.
 O REY famoso Hebreo ,
 Que mais que todos soube , mais amou ,
 Tanto que a Deos alheo ,
 Falso sacrificou ,
 Se muito soube , & teve , muito errou.
 E o GRAÕ sabio , que ensina ,
 Passeando os segredos da Sofia ,
 A' baixa concubina
 Do vil Eunucho Hermia
 Ergueo aras , que aos Deoses sò devia.
 A R A S ergue , a quem ama ,
 O Filosofo insigne namorado ,
 Doese a perpetua Fama ,
 Egrita , que culpado
 De lesa divindade he accusado.
 JA' foge donde habita ,
 Já paga a culpa enorme com desterro ,
 Mas ò grande desdita !
 Bem mostra tamanho erro ,
 Que doutos coraçoens nam saõ de ferro.
 A N T E S na altiva mente ,
 No futil sangue , & engenho mais perfeito ,
 Ha mais conveniente ,
 E conforme fugeito ,
 Qade se imprima o brando , & doce effeito.

O D E X I.

AMORES DE PELEO COM THETIS ,
 & como de entrambos nasceo o forte
 Achilles.

NAQUELLE tempo brando ,
 Em que se vê do mundo a fermosura ,
 Que Thetis descansando
 De seu trabalho está fermosa , & pura ,
 Cançava Amor o peito
 Do mancebo Peleo de hum duro affeito.
 COM IMPETO forçoso
 Lhe avia já fugido a bella Nympha ,
 Quando no tempo aquoso
 Noto irado revolve a clara lympha ,
 Serras no mar erguendo ,
 Que os cumes dos outeiros vem lambendo.
 ESPERA VA O mancebo
 Com a profunda dor , que na alma sente
 Hum dia , em que já Phebo
 Começava a mostrar-se ao mundo ardente ,
 Soltando as tranças de ouro ,
 Em que Clycie de amor faz seu thesouro.
 ERA NO mez , que Apollo
 Entre os irmãos celestes passa o tempo ,
 O vento enfrea Eolo ,
 Para que o deleitoso passatempo
 Seja quieto , & mudo ,
 Que a tudo Amor obriga , & vence tudo.

O LUMINOSO dia

Os amorosos rayos despertava
 A' cega idolatria ,
 Que ao peito mais contenta , & mais agrava,
 Onde o cego menino
 Faz que os humanos creaõ que he divino.
 QUANDO a fermosa Nympha
 Com todo o ajuntamento venerando
 Na cristalina lympha
 O cristalino corpo està banhando ,
 Nas agoas , o qual vendo
 Nelle , alegre de o ver , se està revendo.
 O PEITO diamantino ,
 Em cuja branca teta Amor se cria ,
 O gesto peregrino ,
 Cuja presença torna a noite em dia ,
 A graciosa boca ,
 Que Amor com seus amores mais provoca
 Os RUBIS graciosos ,
 As pèrolas , que escondem vivas rosas
 Dos jardins deleitosos ,
 Que o Ceo plantou em faces taõ fermosas ,
 O transparente collo ,
 Que ciumes a Daphne faz de Apollo.
 O SUBTIL movimento
 Dos olhos , cuja vista a Amor cegou ,
 A Amor , que com tormento
 Glorioso , nunca delles se apartou ,
 Pois elles de continuo
 Nas meninas o trazem por menino.

Os FROS derramados

Daquelle ouro , que o peito mais cobiça ,
 Donde Amor , enredados

Nos corações humanos fogo atiaçã ,
 E donde com desejo

Mais ardente , começa a ser fobejo.

O MANCEBO Peleo ,

Que de Neptuno estava aconselhado ,

Vendo na terra o Ceo ,

Em taõ bella figura trasladado ,

Mudo hum pouco ficou ,

Porque Amor logo a falla lhe tirou.

EM FIM querendo ver

Quem tanto mal de longe lhe fazia ,

A vista foi perder ,

Porque de puro amor , Amor não via ,

Viofe assi cego , & mudo ,

Por a força de Amor , que pôde tudo.

AGORA se aparelha

Para a batalha , agora remetendo ,

Agora se aconselha ,

Agora vai , agora està tremendo ,

Quando ja de Cupido

Com nova setta o peito vio ferido.

REMETE o moço logo

Para onde estava a chaga sem socego ,

E com o fobejo fogo ,

Quanto mais perto estava , entaõ mais cego ,

E cego , & cum suspiro ,

Na fermosa Donzella emprega o tiro.



VINGADO assi Peleo,
 Nasceo deste amoroso ajuntamento
 O forte Larisseo,
 Destruição do Phrygio pensamento,
 Que por não ser ferido,
 Foi nas agoas Estygias submergido.

O D E XII.

JA A CALMA nos deixou
 Sem flores as ribeiras deleitosas,
 Ja de todo secou
 Candidos lyrios, rubicundas rosas,
 Fogem do grave ardor os passarinhos
 Para o sombrio amparo de seus ninhos.

MENEA os altos freixos
 A branda viração de quando em quando,
 E de entre varios seixos
 O liquido cristal sae murmurando
 As gotas, que das alvas pedras faltao,
 O Prado, como perolas, esmaltao.

DA CAÇA ja cançada
 Busca a casta Titanica a espeffura,
 Onde à sombra inclinada
 Logre o doce repouso da verdura,
 E sobre o seu cabello ondado, & louro
 Deixa cair o bosque o seu thesouro.
 O CÉO defempedido,
 Mostrava o lume eterno das Estrellas,
 E de flores vestido

O campo , brancas , roxas , & amarellas ,
Alegre o bosque tinha , alegre o monte ,
O prado , o arvoredado , o rio , a fonte .

PORÉM como o menino ,

Que a Jupiter por a Aguia foi levado
Ao cerco cristalino ,

For do amante de Clície visitado ,
O Bosque chorará , chorará a Fonte ,
O Rio , o Arvoredado , o Prado , o Monte .

O MAR , que agora brando ,

He das Nereidas candidas cortado ,
Logo se irá mostrando

Todo em crespas escumas empollado ,
O soberbo furor do negro vento
Fará por toda a parte movimento .

LEY HE DA natureza

Mudar-se desta forte o tempo leve ,
Succeder à belleza

Da Primavera o fruto , a elle a neve ,
E tornar outra vez por certo fio
Outono , Inverno , Primavera , Estio .

TUDO EM fim faz mudança ,

Quanto o claro Sol vê , quanto alumia ,
Não se acha segurança

Em tudo quanto alegre o bello dia ,
Mudaõ se as condiçoens , muda-se a idade ,
A bonança , os estados , & a vontade ,

SÒ MENTE a minha imiga

A dura condição nunca mudou ,
Para que o mundo diga ,

Que nella ley tão certa se quebrou ,
 Em não verme , ella sò sempre està firme ,
 Ou por fugir de Amor , ou por fugirme .

M A S J A sofrivel fora ,

Que em matarme ella sò mostra firmeza ,
 Se não achàra agora ,

Tambem em mim mudada a natureza ,
 Pois sempre o coração tenho turbado ,
 Sempre de escuras nuvens rodeado .

S E M P R E exprimento os fios ,

Que em continuo receo Amor me manda ,
 Sempre os dous caudaes rios ,
 Que em meus olhos abrio quem nos seus anda
 Correm , sem chegar nunca o Verão brando ,
 Que tamanha aspereza vâ mudando .

O SOL SERENO , & puro ,

Que no fermoso rosto resplandece ,
 Envolto em manto escuro ,
 Do triste esquecimento , não parece ,
 Deixando em triste noite a triste vida ,
 Que nunca de luz nova he soccorrida .

P O R E M seja o que for ,

Mudese por meu dano a natureza ,
 Perca a inconstancia Amor ,
 A fortuna inconstante ache firmeza ,
 Tudo mudavel seja contra mi ,
 Mas eu firme estarei no que emprendi .

¶

E C L O G A S



ECLOGAS
DE
LUIS DE CAMOENS:

ECLOGA I.

A MORTE DE D. ANTONIO DE
NORONHA, que morreo em Africa, & d
morte de D. Joam Principe de Portugal,
pzy del Rey D. Sebastiam.

UMBRANO & FRONDELIO, Pastores.

U M B R A N O.

Q ue grande variedade vaõ fazendo,
Frondelio amigo, as oras apressadas,
Como se vaõ as cousas convertendo,
Em outras cousas varias, & insperadas?
Hum dia a outro dia vai trazendo,
Por suas mesmas horas ja ordenadas:
Mas quam conformes saõ na quantidade

Tom. II.

T



Tam diferentes são na qualidade.

EU VI JA' deste campo as varias flores ;
 A's estrellas do Ceo fazendo inveja ;
 Vi andar adornados os pastores
 De quanto pelo mundo se defeja :
 E vi co campo competir nas cores
 Os trajos de obra tanta , & tam sobeja ,
 Que se a rica materia nam faltava ,
 A obra de mais rica sobejava.

E VI PERDER seu preço as brancas rosas ,
 E quasi escurecerse o claro dia ,
 Diante de humas mostras perigosas ,
 Que Venus mais que nunca engrandecia :
 Emfim vi as pastoras tam fermosas ,
 Que o amor de si mesmo se temia ;
 Mas mais temia o pensamento falso ,
 De nam ser para ter temor tam alto.

AGORA TUDO está tam diferente ,
 Que move os corações a grande espanto ,
 E parece , que Jupiter potente
 Se enfada já do mundo durar tanto :
 O Tejo corre turvo & descontente ,
 As aves deixão seu suave canto ,
 E o gado em ver , que a erva lhe falece ,
 Mais que de a nam comer , nos emmagrece.

F R O N D E L I O .

UMBRANO irmão , decreto he da natura
 Inviolavel , fixo , & sempiterno ,
 Que a todo o bem succeda desventura ,
 E nam haja prazer , que seja eterno :

Ao claro dia segue a noite escura,
 Ao verão suave o duro inverno,
 E se habi quem saiba ter firmeza,
 He sòmente esta ley da natureza.

TODA alegria grande, & suntuosa
 A porta abrindo vem ao triste estado:
 Se huma hora vejo alegre, & deleitosa,
 Temendo estou do mal aparelhado:
 Nam ves, que mora a serpe venenosa
 Entre as flores do fresco & verde prado?
 Nam te engane nenhum contentamento,
 Que mais instavel he que o pensamento.

E PRAZA a Deos que o triste, & duro Fado,
 De tamanhos defastres se contente:
 Que sempre hum grande mal inopinado
 He mais, do que o espera a incauta gente:
 Que vejo este carvalho, que queimado
 Tam gravemente foi do rayo ardente,
 Nam seja ora prodigio, que declare
 Que barbaro cultor meus campos are?

U M B R A N O.

EM QUANTO do seguro azambugeiro
 Nos pastores de Luso houver cajados,
 E o valor antigo, que primeiro
 Os fez no mundo tam assinalados:
 Nam temas tu Frondelio companheiro,
 Que em nenhum tempo sejam sojugados,
 Nem que a cerviz indomita obedeça
 A outro jugo algum, que se offereça.
 E POSTO que a soberba se levante



Do inimigo a torto, & a direito,
 Nam creas tu, que a força repunante
 Do fero, & nunqua já vencido peito,
 Que desde quem possue o monte Athlante,
 Até onde bebe o Idaspe, tem fugeito,
 O possa nunqua ser de força alhea,
 Em quanto o Sol a terra, & o Ceo rodea.

FRONDELIO.

UMBRANO, a temeraria segurança,
 Que em força, ou em razão nam se assegura,
 He falsa, & vaã, que a grande confiança,
 Nam he sempre ajudada da ventura:
 Que là junto das aras da esperança,
 Nemesis moderada, justa, & dura,
 Hum freyo lhe está pondo, ley terrivel,
 Que os limites nam passe do possível.

E se atentares bem os grandes danos,
 Que se nos vão mostrando cada dia,
 Poràs freyo tambem a esses enganos,
 Que te está afigurando a ousadia;
 Tu nam ves como os lobos Tingintanos,
 Apartados de toda a covardia,
 Mataõ os caes do gado guardadores,
 E nam sòmente os caes, mas os pastores?

E O GRANDE curral seguro & forte,
 Do alto monte de Athlas, nam ouviste,
 Que com sanguinolenta, & fea morte,
 Despovoado foi por caso triste?
 Oh caso desestrado! ò dura forte!
 Contra quem força humana nam resiste,

Que alli tambem da vida foi privado,
Tionio meu, ainda em flor cortado.

U M B R A N O.

DE LAGRIMAS me banha todo o peito,
Desse caso terrivel a memoria,
Quando vejo, quam sabio, & quam perfeito,
E quam merecedor de longa historia,
Era esse teu pastor, que sem direito,
Deo às Parcas a vida transitoria:
Mas nam hahi quem de erva o gado farte,
Nem do juvenil sangue o fero Marte.

POREM se te nam for muito pesado,
Jà que esta triste morte me lembraste,
Cantares desse caso desestrado
Aquelles brandos versos, que cantaste,
Quando ontem recolhendo o manso gado,
De nosoutros pastores te apartaste,
Que eu tambem, que as ovelhas recolhia,
Nam te podia ouvir como queria.

F R O N D E L I O.

COMO QUES, que renove ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes são, he falsa cura;
Mas pois tambem te move o sentimento
Da morte de Tionio triste, & escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dor me nam congela a voz no peito.

U M B R A N O.

CANTA agora pastor, que o gado paze
T iij

Antre as humidas hervas foflegado ;
 E lá nas altas ferras , onde nace
 O sacro Tejo à sombra recoftado ,
 Com feus olhos no chaõ , a maõ na face ;
 Está para te ouvir aparelhado ,
 E com silencio triste estaõ as Ninfas ,
 Dos olhos eftilando claras lynfas .

O PRADO as flores brancas , & vermelhas ;
 Está fuavemente apresentando ,
 As doces & folicitas abelhas ,
 Com hum brando fufurro vaõ voando ;
 As manfas & pacificas ovelhas ,
 Do comer efquecidas , inclinando
 As cabeças estaõ ao fom divino ,
 Que faz passando o Tejo cristalino .

O VENTO dentre as arvores respira ,
 Fazendo companhia aõ claro rio ,
 Nas sombras a ave garrula fufpira ,
 Suas magoas efpalhando ao vento frio ;
 Toca , Frondelio , toca a doce lira ,
 Que daquelle verde alamo fombrio ,
 A branda Filomela entristecida ,
 Ao faudofo canto te convida .

FRONDELIO.

AQUELLE dia as agoas nam goftaraõ ;
 As mimofas ovelhas , & os cordeiros ,
 O campo encheraõ de amorofos gritos ,
 Nam fe dependuraraõ dos falgueiros
 As cabras de trifteza , mas negaraõ
 O pasto a fi , & o leite aos çabritos ,

Prodigios infinitos
 Mostrava aquelle dia ,
 Quando a Parca queria
 Principio dar ao fero caso triste ,
 E tu tambem , ô corvo , o descobriste ;
 Quando da mão direita em voz escura ,
 Voando repetiste
 A tyrannica ley da morte dura.
 TIONIO meu , o Tejo cristalino ,
 E as arvores , que já desamparaste ,
 Choraõ o mal de tua ausencia eterna :
 Nam sei porque tam cedo nos deixaste ;
 Mas foi consentimento do destino ,
 Por quem o mar , & a terra se governa :
 E a noite sempiterna ,
 Que tu tam cedo viste ,
 Cruel , acerba , & triste ,
 Se quer de tua idade , nam te dêra ,
 Que logrâras a fresca primavera ?
 Nam usara com nosco tal crueza ,
 Que nem nos montes fera ,
 Nem pastor ha no campo sem tristeza.
 Os FAUNOS , certa guarda dos pastores ,
 Já nam seguem as Ninfas na espeffura ,
 Nem as Ninfas aos cervos daõ trabalho ,
 Tudo , qual ves , he cheo de tristura :
 A's abelhas o campo nega as flores ,
 E às flores a Aurora nega o orvalho ;
 Eu , que cantando espalho
 Tristezas todo o dia ,

A frauta , que sohia
 Mover as altas arvores tangendo ,
 Se me vai de tristeza enrouquecendo ,
 Que tudo vejo triste neste monte ,
 E tu tambem correndo ,
 Manas envolta & triste , ò clara fonte.

AS TAGIDES no rio , & na aspereza
 Do monte as Oreadas conhecendo ,
 Quem te obrigou ao duro , & fero Marte :
 Como gèral sentença vaõ dizendo ,
 Que nam pòde no mundo haver tristeza ,
 Em cuja causa amor nam tenha parte ;

 Porque assi desta arte
 Nos olhos faudosos ,
 Nos passos vagarosos ,
 No rosto , a que o amor , & a fantasia ,
 Da pallida viola lhe tingia ,
 A todos de si dava final certo ,
 Do fogo , que trazia ,
 Que nunca soube amor ser encuberto.

JA DIANTE dos olhos lhe voavão
 Imagens & fantasticas pinturas ,
 Exercicios do falso pensamento :
 E pelas solitarias espeffuras ,
 Entre os penedos sòs , que nam falavão ,
 Falava , & descubria seu tormento ;
 Num longo esquecimento ,
 De si todo embebido ,
 Andava tam perdido ,
 Que quando algum Pastor lhe perguntava ,

A causa de tristeza , que mostrava ,
 Como quem para penas sò vivia ,
 Sorrindo lhe tornava ,
 Senam vivesse triste morreria.

Mas como este tormento o assinalou ,
 E tanto no seu rosto se mostrasse ,
 Entendido mui bem do pay sesudo ,
 Porque do pensamento lho tirasse ,
 Longe da causa delle o apartou ,
 Porque em fim longa ausencia acaba tudo ;

 Mas ò tu Marte rudo ,
 Das vidas cobiçoso ,
 Que aonde o generoso

Feito resuscitava em tanta gloria ,
 De seus antecessores a memoria ,
 Alli fero , & cruel lhe destruiu ,
 Por injusta vitoria ,
 Primeiro , que o cuidado , a vida triste :

 PARECEME , Tionio , que te vejo ,
 Por tingires a lança cobiçoso ,
 Naquelle infido sangue Mauritano ,
 Em Hispano ginete bellicoso ,
 Que ardendo tambem vinha no desejo ;
 De derrubar por terra o Tingitano ;

 Oh confiado engano !
 Oh encurtada vida !

 Que a virtude oprimida
 Da multidão forçosa do inimigo ,
 Nam pôde defenderse do perigo ;
 Porque assi o destino o permitio ,

E assi levou consigo ,
 O mais gentil pastor , que o Tejo vio.
 Q U A L o mancebo Euryalo enredado ,
 Entre o poder dos Rutulos fartando
 As iras , da soberba , & dura guerra ,
 Do cristalino rosto a cor mundando ,
 Cujo purpureo sangue derramado ,
 Pelas alvas espaldas tinge a ferra ,
 Que como flor , que a terra
 Lhe nega o mantimento ,
 Porque o tempo avarento ,
 Tambem o largo humor lhe tem negado ,
 O collo inclina languido , & cansado ;
 Tal te pinto Tionio dando o esprito ,
 A quem to tinha dado ,
 Que este he semente eterno , & infinito.
 D A boca congelada a alma pura ,
 Co nome juntamente da inimiga ,
 E excellente Marfida derramava ;
 E tu , gentil senhora , nam te obriga
 A pranto sempiterno a morte dura ,
 De quem por ti semente a vida amava ?
 Por ti aos eccos dava
 Acentos numerosos ,
 Por ti aos bellicosos
 Exercicios se deo do fero Marte ,
 E tu ingrata , o amor ja noutra parte
 Porás , como acontece , ô fraco intento ,
 Que emfim desta mesma arte ,
 Se muda o feminino pensamento.

PASTORES deste valle ameno , & frio ,
 Que de Tionio o caso desfezrado
 Quereis nas altas ferras , que se cante :
 Hum tumulo , de flores adornado ,
 Lhe edificai ao longo deste rio ,
 Que a vella enfree ao duro navegante :
 E ao lasso caminhante ,
 Vendo tamanha magoa ,
 Arraze os olhos de agoa ,
 Lendo na pedra dura o verso escrito ,
 Que diga assi , Memoria sou que grito ,
 Para dar testemunho em toda a parte ,
 Do mais gentil espirito ,
 Que tiraraõ do mundo amor , & Marte.

U M B R A N O .

QUAL o quiẽto sono aos cansados ,
 Debaixo d'alguma arvore sombria ,
 Ou qual aos sequiõs , & encalmados ,
 O vento respirante , a fonte fria ,
 Taes me foraõ teus versos delicados ,
 Teu numerofo canto , & melodia ;
 E ainda agora o tom suave & brando ,
 Os ouvidos me fica adormentando.

EM QUANTO os peixes humidõs tiverem
 As arenõs covas deste rio ,
 E correndo estas agoas conhecerem
 Do largo mar o antigo senhõrio :
 E em quanto estas ervinhas pasto derem
 A's petulantes cabras , eu te fio
 Que em virtude dos versos , que cantaste ,

Sempre viva o pastor , que tanto amaste,
 MAS IA que pouco a pouco o Sol nos falta,
 E dos montes as sombras se acrescentão ,
 De flores mil o claro Ceo se esmalta ,
 Que tam ledas aos olhos se apresentão ,
 Levemos pelo pè desta ferra alta ,
 Os gados , que já agora se contentão ,
 Do que comido tem , Frondelio amigo ;
 Anda que atè o outeiro irei contigo.

FRONDELIO.

ANTES por este valle, amigo Umbrano ;
 Se te aprouver , levemos as ovelhas ,
 Que se eu por defacerto nam me engano ,
 Daqui me soa hum ecco nas orelhas :
 O doce accento nam parece humano ,
 E se tu neste caso me aconselhas ,
 Eu quero ver daqui , que coufa seja ,
 Que o tom me espanta, & a voz me faz enveja.

UMBRANO.

CONTIGO vou , que quanto mais me chego
 Mais gentil me parece a voz , que ouviste ,
 Peregrina , excellente , & nam te nego ,
 Que me faz cà no peito a alma triste :
 Vès como tem os ventos em sossego ?
 Nenhum rumor da ferra lhe resiste ,
 Nenhum passaro voa , mas parece
 Que do canto vencido lhe obedece.

POREM , irmão , melhor me parecia ,
 Que nam fossemos là , que estorvaremos :
 Mas subidos nesta arvore sombria ,

Todo

Todo o valle daqui descubriremos :
 Os curroens , & cajados todavia ,
 Neste comprido tronco penduremos ,
 Para subir , fica homem mais ligeiro ,
 Deixame tu Frondelio ir primeiro .

FRONDELIO.

ESPERA assi , dartehei de pè , se queres ,
 Subiràs sem trabalho , & sem ruido ,
 E despois que subido là estiveres ,
 Dar-mehas a maõ de cima , que he partido ;
 Mas primeiro me dize , se puderes
 Ver , donde nasce o canto nunqua ouvido ,
 Quem lança o doce acento delicado :
 Fala , que já te vejo estar pasmado .

UMBRANO.

COUSAS nam costumadas na espessura ,
 Que nunca vi , Frondelio , vejo agora ,
 Fermosas Ninfas vejo na verdura ,
 Cujos divinos gestos o Ceo namora :
 Huma de defusada fermosura ,
 Que das outras parece ser senhora ,
 Sobre hum triste sepulcro nam cessando
 Está perlas dos olhos destilando .

DE TODAS estas altas semideas ,
 Que em torno estaõ do corpo sepultado ,
 Humas regando as humidas arêas ,
 De flores tem o tumulo adornado :
 Outras queimando lagrimas Sabêas ,
 Enchem o ar de cheiro sublimado ,
 Outras em ricos paños mais avante ,



Envolvem brandamente hum novo infante.

HUMA , que d'antre as outras se apartou ,
Com gritos , que a montanha entristecêraõ ,
Diz , que despois que a morte a flor cortou ,
Que as estrellas sòmente merecêraõ :

Que este penhor charissimo ficou !
Daquelle , a cujo Imperio obedecêraõ
Douro , Mondego , Tejo , & Guadiana ,
Tè o remoto mar da Taprobana .

DIZ MAIS , que se encontrar este minino ,
A noite intempestiva amanhecendo ,
Que o Tejo agora claro , & cristalino ,
Tornarà a fera Alecto em vulto horrendo ;
Mas se for conservado do destino ,
Que as estrellas beninas prometendo
Lhe estaõ o largo pasto de Ampelusa ,
Co monte , que em mao ponto vio Medusa .

ESTE prodigio grande a Ninfa bella ,
Com abundantes lagrimas recita ,
Mas qual a eclipçada clara estrella ,
Que entre as outras o Ceo primeiro habita ,
Tal cuberta de negro vejo aquella ,
A quem sò n'alma toca a graõ desdita :
Dacà , Frondelio , a maõ , & sobe a ver ,
Tudo o mais que eu de dor nam sei dizer .

FRONDELIO .

OH TRISTE morte , esquiva , & mal ollhada ,
Que a tantas fermosuras injurias ,
Daquelle Deosa bella , & delicada ,
Se quer algum respeito ter devias :

Está he por certo Aonia, filha amada
 Daquelle graõ pastor, que em nossos dias
 Danubio enfrea, & manda o claro Ibêro,
 Espanta o morador do Euxino fero.

MORREOLHE o excellente, & poderoso,
 (Que a isto está fugeita a vida humana)
 Doce Aonio de Aonia caro esposo,
 Ah ley dos Fados aspera, & tyrana!
 Mas o som peregrino, & piedoso,
 Com que a fermosa Ninfa a dor engana;
 Escuta hum pouco, nõta, & vê Umbrano,
 Quão bem que soa o verso Castelhana.

A O N I A.

ALMA, y primero amor del alma mia,
 Espiritu dichoso, em cuya vida,
 La mia estuvo, em quanto Dios queria;
 Sombra gentil de su prision salida,
 Que del mundo a la patria te bolviste,
 Donde fuiste engendada, y procedida;
 Recibe allà el sacrificio triste,
 Que te ofrecem los ojos, que te vieron,
 Si la memoria dellos no perdiste,
 Que pues los altos cielos permitieron,
 Que no te acompañasse en tal jornada,
 Y para ornase solo a ti quisieron:
 Nunca permitiràn, que acompañada
 De mi no sea esta memoria tua,
 Que está de tus despojos adornada.
 Ni dexcràn, por más que el tiempo huya,
 De estar em mi com sempiterno llanto,



Hasta que vida , y alma se destruya ,
 Mas tu gentil espirito entretanto ,
 Que otros campos , y flores vàs pisando ,
 Y otras çamponias oyes , y otro canto ;
 Aora embevecido estès mirando
 Allà en el Empireo aquella idea ,
 Que el mundo enfrea , y rige con su mando :
 Aora te posea Cytherea ,
 En su tercero assiento , ò porque amaste ,
 O porque nueva amante allà te sea :
 Aora el Sol te admire , si miraste ,
 Como vâ por los signos encendido ,
 Las tierras alumbrando , que dexaste :
 Si en ver estos milagros no has perdido
 La memoria de mi , ò fue en tu mano
 No passar por las agoas del olvido ;
 Buelve un poco los ojos a este llano ,
 Veràs una , que a ti con triste lloro ,
 Sobre este marmol sordo llama en vano :
 Pero se entraren en los signos de oro
 Lagrimas , y gemidos amorosos ,
 Que muevan el supremo santo coro ,
 La lumbrè de tus ojos tan hermosos ,
 Yo la verè muy presto , y podrè verte ,
 Que a pesar de los hados enojosos ,
 Tambien para los tristes huyo muerte.



E C L O G A II.

ALMENO & AGRARIO.

AO LONGO do sereno
 Tejo suave , & brando ,
 Num valle de altas arvores sombrio ,
 Estava o triste Almeno
 Suspiros espalhando
 Ao vento , & doces lagrimas ao rio ,
 No derradeiro fio
 O tinha a esperanza ,
 Que com doces enganõs
 Lhe sustentara a vida tantos annos ,
 Numa amorosa , & branda confiança ,
 Que quem tanto queria ,
 Parece que nam erra se confia.
 A NOITE escura dava
 Repouso aos cansados
 Animais , esquecidos da verdura :
 O valle triste estava
 Cũs ramos caregados ,
 Que a noite fazião mais escura :
 Mostrava a espessura
 Hum temeroso espanto ;
 As roucas rãs soavão ,
 Num charco de agoa negra , & ajudavão ,
 Do passaro nocturno o triste canto :
 O Tejo com som grave ,

V iij



Corria mais medonho, que suave.
 COMO TODA a tristeza,
 No silencio consiste;
 Parecia que o valle estava mudo,
 E com esta graveza
 Estava tudo triste,
 Porem o triste Almeno mais que tudo:
 Tomando por escudo
 De sua doce pena,
 Para poder soffrella,
 Estar imaginando a causa della:
 Que em tanto mal he cura bem pequena,
 Mayor he o tormento,
 Que toma por alivio o pensamento.
 AO RIO SE queixava,
 Com lagrimas em fio,
 Com que as ondas creciao outro tanto,
 Seu doce canto dava,
 Tristes agoas ao rio,
 E o rio triste som ao doce canto:
 Ao cansado pranto,
 Que as agoas refreava,
 Responde o valle umbroso:
 Da mansa voz o acento temeroso
 Na outra parte do rio retumbava,
 Quando da fantasia,
 O silencio rompendo, assi dizia.
 A L M E N O.
 CORRE suave, & brando,
 Com tuas claras agoas,

Sahidas de meus olhos (doce Tejo)
 Fê de meus males dando ,
 Para que minhas magoas
 Sejaõ castigo igual de meu desejo ;
 Que pois em mi nam vejo
 Remedio , nem o espero ,
 E a morte se despreza
 De me matar , deixandome à crueza
 Daquella , por quem meu tormento quero ,
 Saiba o mundo meu dano ,
 Porque se defengane em meu engano .
 J A Q U E minha ventura ,
 Ou quem me a causa ordena ,
 Que por paga da dor tome soffrella ,
 Serà mais certa cura ,
 Para tamanha pena ,
 Desesperar de haver já cura nella :
 Porque se minha estrella ,
 Causou tal esquivança ,
 Confinta meu cuidado ,
 Que me farte de ser desesperado ,
 Para defenganar minha esperança ,
 Que para isso nasci ,
 Para viver na morte , & ella em mi .
 N A M C E S S E meu tormento
 De fazer seu officio ,
 Que aqui huma alma tem ao jugo atada ,
 Nem falte o sofrimento ,
 Porque parece vicio ,
 Para tam doce mal , faltarme nada !

Oh Ninfa delicada ,
Honra da natureza ,
Como pôde isto ser ,
Que de tam peregrino parecer ,
Pudesse proceder tanta crueza ?
Nam vem de nenhum geito ,
Da causa divinal contrario effeito.
Pois como pena tanta
He contra a causa della ?
Fôra he de natural minha tristeza ;
Mas a mi que me espanta ,
Nam basta ô Ninfa bella ,
Que pôdes perverter a natureza ?
Nam he a gentileza
De teu geito celeste
Fôra de natural ?
Nam pôde a natureza fazer tal ,
Tu mesma , bella Ninfa , te fizeste ,
Porém porque tomaste
Tam dura condiçãõ , se te formaste ?
POR TI alegre o prado
Me he pesado , & duro ,
Abrolhos me parecem suas flores ;
Por ti do manso gado ,
Como de mi nam curo ,
Por nam fazer offensa a teus amores ,
Os jogos dos pastores ,
As lutas entre a rama ,
Nada me faz contente ,
E sou já do que fui tam diferente ,

Que quando por meu nome algué m'chama ,
 Pasmo quando conheço ,

Que inda comigo mesmo me pareço.

O C A D O , que apacento ,
 Saõ n'alma meus cuidados ,

E as flores , que no campo sempre vejo ,

Saõ , no meu pensamento ,
 Teus olhos debuxados ,

Com que estou enganando meu desejo :

As agoas frias do Tejo ,

De doces se tornaraõ

Ardentes , & salgadas ,

Depois que minhas lagrimas cansadas ,

Com seu puro licor se misturaraõ :

Como quando mistura

Hypanis co Exampeo sua agoa pura.

SE AHI NO mundo houvesse ;

Ouviresme alguma hora ,

Affentada na praya deste rio ,

E de arte te dissesse ,

O mal , que passo agora ,

Que pudesse moverte o peito frio !

O quanto desvario ,

Que estou afigurando !

Já agora meu tormento

Nam pôde pedir mais ao pensamento ,

Que este fantasiar , que imaginando

A vida me reserva ,

Querer mais de meu mal serà soberba.

JA' A ESMATAEDA AURORA

Descobre o negro manto
 Da sombra , que as montanhas encubria ,
 Descansa , fruta , agora ,
 Que meu cansado canto ,
 Nam merece , que veja o claro dia ,
 Nam canse a fantasia .
 De estar em si pintando
 O gesto delicado ,
 Em quanto traz ao pasto o manso gado ,
 Este pastor , que là sò vem fallando :
 Calarmehei sòmente ,
 Que meu mal nem ouvir se me consente .

A G R A R I O , *Pastor.*

FERMOSA manhaã clara , & deleitosa ,
 Que como fresca rosa na verdura ,
 Te mostras bella , & pura , marchetando
 As Ninfas , espalhando seus cabellos
 Nos verdes montes bellos , tu sò fazes ,
 Quando a sombra desfazes , triste , & escura ,
 Fermosa a espestura , & fresca a fonte ,
 Fermofo o alto monte , & o rochedo ,
 Fermofo o arvoredado , & deleitoso ,
 Em fim tudo fermofo com teu rosto ,
 D'ouro , & rosas composto , & claridade .
 Trazes a faudade ao pensamento ,
 Mostrando n'hum momento o roxo dia ,
 Com a doce harmonia nos cantares
 Dos passaros a pares , que voando ,
 Seu pasto andão buscando nos raminhos
 Para os amados ninhos , que mantem .

Oh grande, & fimo bem da natureza,
 Estranha futiliza de pintora,
 Que matiza n'huma hora de mil cores
 O Ceo, a terra, as flores, monte, & prado;
 Oh tempo já passado, quam presente
 Te vejo abertamente na vontade,
 Quamaulha faudade tenho agora
 Do tempo, que a pastora minha amava,
 E de quanto prezava minha dor:
 Então tinha o amor mayor poder,
 Então num sô querer nos igualava,
 Porque quando hú chamava, a quem queria;
 O ecco respondia de affeição,
 No brando coração da doce imiga,
 Nesta amorosa liga concertavaõ,
 Os tempos, que passavaõ com prazeres,
 Mostrava a flava Ceres polas eiras,
 Das brancas sementeiras lèdo fruto,
 Pagando seu tributo aos lavradores,
 E enchia aos pastores todo o prado,
 Pales do manso gado guardadora:
 Zefiro, & fresca Flora passeando,
 Os campos esmaltando de boninas:
 Nas agoas cristalinas triste estava
 Narciso, que inda olhava na agoa pura,
 Sua linda figura delicada:
 Mas Ecco namorada de seu gèsto,
 Com pranto manifesto, seu tormento
 No derradeiro acento lamentava;
 Alli tambem se achava o fangue tinto

Do purpureo Jacintho , & o destroço
 De Adonis , lindo moço , morte fea ,
 Da bella Cytherèa tam chorada ,
 Toda a terra emaltada destas rofas ,
 Alli as Ninfas fermosas pellos prados ,
 Os Faunos namorados apoz ellas ,
 Mostrandolhe capellas de mil cores ,
 Que fazião das flores , que colhião ,
 As Ninfas lhe fugião amedrentadas ,
 As fraldas levantadas pellos montes ,
 A fresca agoa das fontes espalharfe ;
 Vertumno transformarse alli se via ,
 Pomona , que trazia os doces fruytos ,
 Alli pastores muitos , que tangião
 As gaitas , que trazião , & cantando
 Estavão enganando suas penas ,
 Tomando das Sirenas o exercicio ,
 Ouviafe Salicio lamentarse ,
 Da mudança queixarse crua , & fea ,
 Da dura Galathea tam fermosa ,
 E da morte envejosa Nemeroso ,
 Ao monte cavernoso se querella ,
 Que sua Elisa bella em pouco espaço ,
 Cortara inda em agrão a dura forte.
 O' immatura morte , que a ninguem
 De quantos vidas tem , nunca perdoas !
 Mas tu tempo , que voas apressado ,
 Hum delectoso estado , quam a sinha
 Nesta vida mesquinha transfiguras
 Em mil desaventuras , & a lembrança ,

Nos

Nos deixas por herança do que levas,
 Assi que se nos cevas com prazeres,
 He para nos comeres no melhor,
 Cada vez em peor te vãs mudando,
 Quanto vens inventando, que hoje aprovas;
 Logo à manhaã reprovos com instancia,
 Oh estranha inconstancia, & tam profana,
 De toda a causa humana inferior,
 A quem o cego error sempre anda anexo!
 Mas cu de que me queixo, ou o que digo?
 Vive o tempo comigo, ou elle tem
 Culpa no mal, que vem da cega gente?
 Por ventura elle sente, ou elle entende
 Aquillo, que defende o ser divino?
 Elle usa de continuo seu officio,
 Que já por exercicio lhe he devido;
 Dãnos fructo devido na fazão
 Do fermoso verão, & no inverno,
 Com seu humor eterno congelado,
 Do vapor levantado co a quentura
 Do Sol à terra dura lhe dà alento,
 Para que, o mantimento produzindo,
 Estê sempre cumprindo seu costume,
 Assi que nam consume de si nada,
 Nem muda da passada vida hum dedo;
 Antes sempre está quedo no devido,
 Porque este he seu partido, & sua usança.
 E nelle esta mudança he mais firmeza:
 Mas quem a ley despreza, & pouco estima,
 De quem de là de cima está movendo



O Ceo sublime , & horrendo , o mundo puro
E muda o seguro , & firme estado
Do tempo , nam mudado da verdade.
Nam foi naquella idade de ouro claro ,
O firme tempo caro , & excellente ?
Vivia entãõ a gente moderada ,
Sem fer a terra arada dava paõ ,
Sem fer cavado o chaõ as frutas dava ,
Nem chuva desejava , nem quentura ,
Supria entãõ natura o necessario :
Pois quem foi tam contrario a esta vida ?
Saturno , que , perdida a luz serena ,
Causou , que em dura pena desterrado ,
Fosse do Ceo deitado onde vivia ,
Porque os filhos comia , que gèrava ,
Por isso se mudava o tempo igual
Em mais baixo metal , & assi decendo
Nos veyo assi trazendo a este estado.
Mas eu defatinado adonde vou ?
Para onde me levou a fantasia ?
Que estou gastando o dia em vãs palavras ?
Quero ora minhas cabras ir levando
Ao manso Tejo brando , porque achar
No mundo , que emendar , nam he de agora ,
Basta que a vida fõra delle tenho ,
Com meu gado me avenho , estou contente ,
Porèm se me nam mente a vista , eu vejo
Nesta praya do Tejo estar deitado
Almeno , que enlevado em pensamentos ,
As horas , & momentos vai gastando ,

Par'elle vou chegando sò por ver
 Se poderei fazer , que o mal que sente ,
 Hum pouço se lhe ausente da memoria.

A L M E N O *sonhando.*

OH DOCE pensamento , ò doce gloria ,
 Saõ estes por ventura os olhos bellos ,
 Que tem de meus sentidos a vitoria ?
 Saõ estas , Ninfa , as tranças dos cabellos ,
 Que fazem de seu preço o ouro alheo ,
 E a mi de mi mesmo sò com vellos ?

He esta a alva coluna , o lindo esteo ,
 Sustentador das obras mais que humanas ,
 Q' eu nos meos braços tenho , & nam no creõ ?

Ah falso pensamento , que me enganas ,
 Fazefine pòr a boca onde nam devo ,
 Com palavras de doudo , & quasi insanas.

Como alçarte tam alto assi me atrevo ?
 Taes azas , doutas eu , ou tu mas dás ?
 Levafine tu a mim , ou eu te levo ?

Nam poderei eu ir onde tu vàs ?
 Porèm pois ir nam posso onde tu fores ,
 Quando fores nam tornes onde estàs.

A G R A R I O.

OH QUE triste successo foi de amores ,
 O que a este pastor aconteceu ,
 Segundo ouvi contar a outros pastores ,
 Que tanto por seu dano se perdeo ,
 Que o longo imaginar em seu tormento ,
 Em defatino o amor lho converteo.

O' forçoço vigor do pensamento ,

Que pôde n'outra cousa estar mudando
 A forma , a vida , o fiso , o entendimento !
 Està-se hum triste amante transformando ,
 Na vontade daquella , que tanto ama ,
 De si sua propria effencia trasportando ;

E nenhuma outra cousa mais defama ,
 Que a si , se vê , que em si ha algum sentido ,
 Que deste fogo insano nam se inflama .

Almeno , que aqui està tam influido
 No fantastico sonho , que o cuidado
 Lhe traz sempre ante os olhos esculpido ;

Està selhe pintando de enlevado ,
 Que tem já da fantastica pastora
 O peito diamantino mitigado .

Em este doce engano estava agora ,
 Falando como em sonhos , mas achando
 Ser vento o que sonhava , grita , & chora .

Desta arte andavaõ sonhos enganando ,
 O pastor sonolento , que a Diana
 Andava entre as ovelhas celebrando .

Desta arte a nuvem falsa em forma humana
 O vaõ pay dos Centauros enganava
 (Que amor quando contenta sempre engana)

Como a este , que consigo sò falava ,
 Cuidando , que falava de enlevado
 Com quem lhe o pensamento figurava .

Nam pôde , quem quer muito , ser culpado
 Em nenhum erro , quando vem a fer
 O amor em doudice transformado .

Nam he amor , amor , se nam vier

Com doudices , deshonnas , diffençoens ,
 Pazes , guerras , prazer , & desprazer ,
 Perigos , linguas mãs , murmuraçoens ,
 Ciumes , arroidos , competencias ,
 Temores , mortes , nojos , perdiçoens :

Estas faõ verdadeiras penitencias

De quem poem o desejo onde nam deve ,
 De quem engana alheas innocencias.

Mas isto tem amor , que nam se escreve ,
 Senam onde he illicito , & cultofo ,
 E onde he mòr perigo , mais se atreve.

Paffava o tempo alegre , & deleitoso ,
 O Troyano pastor , em quanto andava
 Sem ter alto desejo , & perigoso ,

Seus furiosos touros coroava ,
 E nos alamos altos escrevia ,
 Teu nome , Enone , quando a ti sò amava ,

Crecião os altos alamos , crecia
 O amor , que te tinha , sem perigo ,
 E sem temor contente te servia.

Mas despois que deixou entrar consigo
 Illicito desejo , & pensamento ,
 De sua quietação tam inimigo.

A toda a patria poz em detrimento ,
 Com mortes de parentes , & de irmãos ,
 Com crù incendio , & grande perdimento :

Nisto fenecem pensamentos vãos ,
 Tristes serviços mal galardoados ,
 Cuja gloria se passa d'entre as mãos.

Lgrimas , & suspiros arrancados



D'alma , todos se pagaõ com enganos ;
E oxalã foffem muitos enganados.

Andaõ com feu tormento tam ufanos ,
Gastando na doçura de hum cuidado ,
Apoz huma esperança tantos annos.

E qual ha tam perdido namorado ,
Tam contente co pouco , que daria
Por hum sò mover de olhos todo o gado ;

E em todo o povoado , & companhia ,
Sendo ausentes de si , estaõ presentes ,
Com quem lhe pinta sempre a fantasia ,

Com hum certo nam sei q' andaõ contentes ,
E logo hum nada os torna ao contrario ,
De todo o ser humano differentes.

Oh tyranico amor , ò caso vario ,
Que obriga a hum querer , que sempre seja
De si continuo , & aspero adversario !

E outra hora nenhuma alegte esteja ,
Se nam quando do feu despojo amado
Sua inimiga estar triunfando veja .

Quero fallar com este , que enredado
Nesta cegueira està , sem nenhum tento ;
Acorda já , Pastor defacordado .

A L M E N O .

Oh porque me tiraste hum pensamento ,
Que agora estava aos olhos debuxando ,
De quem aos meus foi doce movimento ?

A G R A R I O .

Nessa imaginação estás gastando
O tempo , & a vida , Almeno , ò perda grande ,

Nam vês quão mal os dias vãs passando ?

A L M E N O.

FERMOSOS olhos, ande a gente, & ande,
Que nunca vos ireis desta alma minha,
Por mais, q' o tempo corra, & a morte mande.

A G R A R I O.

QUEM pudèra cuidar, que tam azinha
Se perca o curso assi do fiso humano,
Que corre por direita & justa linha ?
Que sejas tam perdido por teu dano,
Almeno irmão, nam he por certo aviso,
Mas mui grande doudice, & grande engano.

A L M E N O.

OH AGRARIO, que vendo o doce riso,
E o rosto tam fermoso, com esquivo,
O menos que perdi foi todo o fiso.
E nam entendo, desque fui cativo,
Outra cousa de mi, senam que mouro,
Nem isto entendo bem, pois inda vivo,
A' sombra deste umbroso, & verde louro,
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,
Ora em louvores dos cabellos d'ouro.

Se perguntares porque são choradas,
Ou porque tanta pena me consume,
Revolvendo memorias magoadas ?

Desque perdi da vista o claro lume,
E perdi a esperança, & a causa della,
Nam choro por razão, mas por costume,
Já mais pude co Fado ter cautela,
Nem houve nunca em mi contentamento.

Que nam fosse trocado em dura estrella:

Que bem livre vivia, & bem izento,
Sem nunca fer ao jugo sometido,
De nenhum amoroso pensamento.

Lembre-me, Agrario amigo, que o sentido
Tam fôra de amor tinha, que me ria,
De quem por elle via andar perdido.

De varias cores sempre me vestia,
De boninas a fronte coroava,
Nenhum pastor cantando me vencia.

A barba então nas faces me apontava,
Na luta, no correr, & em qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.

Da minha idade tenra em tudo estranha,
Vendo, como acontece, affeiçoadas
Muitas Ninfas do rio, & da montanha.

Com palayras mimosas, & forjadas
Da solta liberdade, & livre peito,
As trazia contentes, & enganadas.

Mas nam querendo Amor, que deste geito
Dos coraçõens andasse triunfando,
Em quem elle criou tam puro effeito.

Pouco & pouco me foi de mi levando
Dissimuladamente às mãos, de quem
Toda esta injuria agora està vingando.

A G R A R I O.

DESTE teu caso, Almeno, eu fei mui bem,
O principio & o fim, que Nemoroso,
Iffo tudo contado, & mais me tem.

Mas querote dizer, se o enganoso

Amor he costumado a desconcertos ;
 Que nunca amando fez pastor ditoso .

Já que nelle estes casos são tam certos ,
 Porque os estranhas tanto , que de magoa
 Te choraó as montanhas , & os desertos ?

Vejote estar gastando em viva fragoa ,
 E juntamente em lagrimas , vencendo
 A grão Sicilia em fogo , & o Nilo em agoa ,

Vejo que as tuas cabras , nam querendo
 Gostar as verdes hervas se emmagrecem ,
 As tetas aos cabritos encolhendo .

Os campos , que co tempo reverdecem ,
 Os olhos alegrando descontentes ,
 Em te vendo parece , que entristecem ,

Todos os teus amigos , & parentes ,
 Que là da ferra vem por consolar-te ,
 Sentindo n'alma a pena , que tu sentes :

Se querem de teus males apartarte ,
 Deixando a casa , & gado , vãs fugindo ,
 Como cervo ferido , a outra parte .

Nam vês que Amor as vidas consumindo
 Vive sò de vontades enlevadas ,
 No falso parecer de hum gesto lindo ?

Nem as hervas das agoas desejadas
 Se fartão , nem de flores as abelhas ,
 Nem este Amor de lagrimas cansadas .

Quantas vezes , perdido entre as ovelhas ,
 Chorou Febo de Dafne as esquivanças ,
 Regando as flores brancas , & vermelhas ?

Quantas vezes as asperas mudanças ,

O namorado Gallo tem chorado,
De quem o tinha envolto em esperanças?

Estava o triste amante recoftado,
Chorando ao pè de hum freixo o triste caso,
Que o falso amor lhe tinha destinado,

Por elle o sacro Pindo, & graõ Parnaço
Na fonte de Aganipe distilando,
O fazião de lagrimas hum vaso.

Vinha o intonso Apollo alli culpando
A fobeja tristeza perigofa,
Com asperas palavras reprovando.

Gallo, porque endoudeces, que a fermofa
Ninfa que tanto amaste, descubriendo
Por falsa a fê, que dava, & mentirofa,

Polas Alpinas neves vai seguindo
Outro amor, outro bem outro defejo,
Como inimiga em fim de ti fugindo.

Mas o misero amante, que o defejo
Mal empregado, Amor lhe defendia,
Ter de tamanha fê vergonha, ou pejo;

Da falsifica Ninfa nam sentia,
Senam, que o frio do gelado Rheno,
Os delicados pès lhe offenderia.

Ora se tu vès claro, amigo Almeno,
Que de Amor os defastres faõ de forte,
Que para matar basta o mais pequeno.

Porque nam poés hũ freyo a mal tam forte,
Que em estado te poem, que sendo vivo,
Jã nam se entende em ti, vida, nem morte?

A L M E N O .

AGRARIO, se do gèsto fugitivo,
 Por caso da Fortuna desestrado,
 Alguma hora deixar de ser cativo,
 Ou sendo para as Urfas degradado,
 Aonde Boreas tem o Oceano,
 Cos frios Hyperboreos congelado;
 Ou onde o filho de Clymene infano
 Mudando a cor das gentes totalmente;
 As terras apartou do trato humano;
 Ou se por qualquer outro accidente
 Deixar este cuidado tam ditoso,
 Por quem sou, de ser triste, tam contente;
 Este rio, que passa deleitoso,
 Tornando para traz irà negando
 A' natureza o curso presuroso:
 As feras pelo mar irão buscando
 Seu pasto, andarse haõ pola espessura,
 Das hervas os Delfins apacentando.
 Ora se tu ves n'alma quaõ segura
 Tenho esta fê, & amor, para que insistes
 Nesse conselho, & pratica tam dura?
 Se de tua porfia nam disistes,
 Vaite pastar teu gado a outra parte,
 Que he dura a companhia para os tristes:
 Huma sò cousa quero encomendarte,
 Para repouso algum de meu engano,
 Antes, que o tempo em fim de mi te aparte,
 Que se esta fera, q' anda em trajo humano,
 Vires pela montanha a andar vagando,

De meu despojo rica , & de meu dano ;
 Com os vivos espiritos inflamando
 O ar , o monte , & a ferra , que consigo
 Continuamente leva namorando :

Se queres contentarme como amigo ,
 Passando lhe diràs , gentil pastora ,
 Nam ha no mundo vicio , sem castigo.

Tornada em duro marmore nam fora,
 A fera Anaxerete , se amoroso
 Mostrara o rosto angelico algum hora :
 Foi bem justo o castigo riguroso ;
 Porém quem te ama , Ninfa , nam queria
 Noda tam fea em gesto tam fermoso.

A G R A R I O.

TUDO farei , Almeno , & mais faria ,
 Por te ver algum dia descansado ,
 Se se acabão trabalhos algum dia.

Mas bem vês como Febo já empinado
 Me manda , que da calma iniqua , & crua
 Recolha em algum valle o manso gado ;

Tu nessa fantasia falsa , & nua ,
 Para engano mayor de teu perigo ,
 Nam queres companhia senam sua.

Voume daqui , & fique Deos contigo ,
 E ficaràs melhor acompanhado.

A L M E N O.

ELLE contigo vâ , como comigo
 Me fica acompanhando meu cuidado.



E C L O G A III.

DE ALMENO & BELISA,

continuando com a passada.

PASSADO já algum tempo, que os amores
 De Almeno, por seu mal, eraõ passados,
 Porque nunca Amor cumpre o q̃ promete,
 Entre hums verdes ulmeiros apartados,
 Regando pelo tempo as brancas flores,
 Em lagrimas cansadas se derrete,
 Quando a linda pastora, que compete
 Co monte em aspereza,
 Co prado em gentileza,
 Por quem o triste Almeno endoudecia,
 Fella praya do Tejo discurria
 A lavar a beatilha, & o trançado;
 Já o Sol consentia,
 Que sahisse da sombra o manso gado.

E ACORDADO já do pensamento,
 Que tam desacordado o sempre teve,
 Vio por acerto o bem, que incerto tinha,
 E porque donde Amor a mais se atreve,
 Alli mais enfraquece o entendimento,
 Nam lhe soube dizer, o que convinha;
 Como homem, que à aprazada briga vinha,
 A quem de fõra engana
 A confiança humana,

E depois vendo o rosto, a quem resiste,
 Treme, teme o perigo, & nam insulste,

Tom. II.

X

Já se arrepende , a audacia lhe fallece ,
 Desta arte o pastor triste ,

Oufa , arrecea , esforça , & enfraquece.

E TENDO allí atonito o sentido ,

Cometeo com furor defatinado ,

E tirou da fraqueza coração :

Cometimento foi desesperado ,

Que huma sò salvação tem hum perdido ,

Perder toda a esperança à salvação ,

As magoas , que passarão se dirão.

Mas as que ella dizia ,

Lembrandolhe , que via

As agoas murmurar do Tejo amenas ,

Remeto a vòs , ô Tagides Camenas ,

Que de magoa nam posso dizer tanto ,

Porque em tamanhas penas ,

Me canfa a pena , & a dor me impede o canto.

B E L I S A .

QUE ALEGRE campo , & praya deleitosa ,

E quam saudosa faz esta espessura ,

A fermosura angelica , & serena ,

Da tarde amena , & quam saudosamente

A festa ardente abranda , suspirando

De quando em quando o vento alegre , & frio ,

No fundo rio os mudos peixes saltao ,

No ar se esmaltão os Ceos d'ouro , & verde ,

B Febo perde a força da quentura ,

Pola espessura levaõ passeando

O gado brando , ao som das çanfoninas ,

Pifando as finas & fermosas flores ,

Os guardadores, que cantando o gesto
 Fermoſo & honeſto das paſtoras, que amão,
 Ao ar derramão mil ſuſpiros vãoſ,
 Hum louva as mãos, & outro os olhos bellos,
 Outro os cabellos de outro, em ſom ſuaue,
 A amoroſa ave leva o contraponto,
 Mas ò que conto, & ſaudoſa hiſtoria,
 Que na memoria aqui ſe me offerece!
 Señam me eſquece, já neſte lugar
 Ouvi ſoar nos valles, algum dia,
 E reſpondia o ecco o nome em vão
 Num coração, Belifa retumbando;
 Eſtjou cuidando como o tempo paſſa,
 E quam eſcaſſa he toda alegre vida,
 E quam cumprida quando he triſte, & dura:
 Neſta eſpeſſura longo tempo amei,
 Se me enganei, com quem do peito amava,
 Nam me peſava de ſer enganada,
 Fui ſalteada emfim de hum pensamento,
 Que hum movimento tinha caſto, & ſam,
 Converſação foi fonte deſte engano,
 Que por meu dano entrou com falſa cor,
 Porque o amor na Ninfa, que he ſegura,
 Entra em figura de vontade honeſta,
 Mas que me preſta agora dar diſculpa,
 Se ahi houve culpa pola o firme amor,
 Sò num paſtor, que nunca o Sol, nem Lua,
 Ou ſerra algũa deſde o Ibero ao Indo,
 Outro tam lindo virão, tam manhoso,
 Neſte amoroſo eſtado, & ſe que tinha,



Que n'alma minha tam secretamente ,
 Vivi contente amando , & encobriendo ,
 Elle fingindo mentirofos danos ,
 Que faó enganos , que nam custão nada ,
 Tendo alcançada já no entendimento ,
 A fê , & intento meu sò nelle posto ,
 Que logo o rosto mostra os coraçãoes ,
 E as affeçoens cos olhos se praticão ,
 Que mais se publicão muito , que palavras
 Com suas cabras sempre à parte vinha ,
 Onde eu manrinha os olhos , & o desejo.
 Tu manso Tejo , & tu florido prado ,
 Do mais passado emfim , que aqui nam digo,
 Sereis me obrigo testemunho certo ,
 Que descuberto vos foi tudo , & claro.
 Oh tempo avaro , ô forte nunca igual !
 Quamanho mal quereis à humana gente ,
 Porque hum contente estado assi trocastes !
 Vòs me tirastes , do meu peito isento ,
 O pensamento honesto , & repoufado ,
 Já dedicado ao coro de Diana.
 Vòs n'úa ufana vida me pusestes ,
 E alli quifestes que gozasse o dano
 Do doce engano , que se chama amor ,
 Com cujo error passava o tempo lèdo ;
 E vòs tam cedo me tirais hum bem ,
 Que amor já tem impresso n'alma minha.
 Despois que a tinha envolta em esperanças ,
 E com lembranças tristes me deixais ,
 Mal me pagais a fê , que sempre tive ;

Mas assi vive, quem sem dita nasce.
 Mas já que a face alegre o sol esconde,
 E nam responde a alguém a tantas magoas,
 Senam as agoas, que dos olhos saem,
 As sombras caem, & vãose as alimárias
 Das ervas varias fartas, seu caminho
 Buscando o ninho os passaros sem dono,
 Já pelo sono esquecem o comer,
 Quero esquecer tambem tam doce historia,
 Pois he memória, que traz mór cuidado,
 Isto he passado, & se me deo paixão,
 Os dias vão gastando o mal, & o bem,
 E nam convem quererme magoar,
 Do que emmendar nam posso já com magoas;
 Nas claras agoas deste rio brando,
 Que vão regando o campo matizado,
 Este trançado lavar quero em fim,
 Que já de mi me esqueço co a lembrança
 Desta mudança, que esquecer nam sei:
 Bem, que eu virei mudar opinião,
 Que em fim são homés a que o esquecimento
 Depressa faz mudar o pensamento.

A L M E N O.

SE A vista nam me enganava a fantasia,
 Como já me enganou mil vezes, quando
 Minha ventura enganos me soffria;
 Parece-me, que vejo estar lavando
 A húa Ninfa hum vèu no claro Tejo,
 Que se me está Belisa afigurando.
 Nam pôde ser verdade isto que vejo,

Que facilmente aos olhos se afigura
Aquillo, que se pinta no desejo.

Oh acontecimento, que a ventura
Me dà para môr dano, esta he por certo,
Que nam he d'outrem tanta fermosura.

Se poderei falarlhe de mais perto?
Mas fugirmeha, nam pôde ser, que o rio
Para acolà nam tem caminho aberto.

Oh temor grande, ô grande desvario!
Que a voz me impede, & a lingua negligente
Delta arte està tornando o peito frio.

De quanto me sobeja estando ausente,
Que para lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta agora em estar presente,

Oh aspeito suave, & peregrino!
Pois como tam azinha assi se esquece,
Huma fê verdadeira, hum amor fino?

B E L I S A.

Oh altas semidêas, pois padece
Em vosso rio a honra delicada,
De quem tamanha força nam merece.

Ou seja por vòs, Ninfas, reservada,
Ou n'algúa arvore alta, ou pedra dura,
Seja por vòs azinha transformada.

A L M E N O.

Ah Ninfa, nam te mudes a figura,
Nem Vòs Deofas queiraes, que eu seja parto
De se mudar tamanha fermosura.

Porque a quem falta a voz para fallarte,
E a quem fallece a lingua, & oufadia,

Tambem faltarão mãos para tocarte.

BELISA.

QUE me queres, Almeno, ou que porfia
Foi a tua tam aspera comigo?

Minha vontade nam to merecia.

Se com amor o fazes, eu te digo,

Que amor, que tanto mal me faz em tudo,

Nam pôde ser amor, mas inimigo.

Nam es tu de saber tam falto, & rudo,

Que tam sem fiso amasses, como amaste.

A L M E N O.

ONDE viste tu, Ninfa, amor fefudo?

Porque te nam alembra, que folgaste

Com meus tormentos tristes, & algum hora

Com teus fermosos olhos já me olbaste?

Como te esquece já, gentil pastora,

Que folgavas de ler nos freixos verdes,

O que de ti escrevia cada hora?

Como tam prestes a memoria perdes

Do amor, que me mostravas, que eu nam digo

Se o vds, ò altos montes, nam disferdes?

Porque te nam alembra do perigo,

A que sò por me ouvir te aventuravas,

Buscando horas de festa, horas de abrigo?

Co a maçan da discordia me tiravas,

Que a Venus, que a ganhou por fermosura,

Tu como mais fermosa lha ganhavas.

E escondendote entre a espessura,

Hias fugindo como vergonhosa

Da namorada, & doce travessura.

Nam era esta a maçon d'ouro fermosa,
Com que encuberta assi de astucia tanta,
Cidipe se enganou de cobiçosa.

Nem a que o curso teve de Athalanta,
Mas era aquella, com que Galathea
O pastor cativou, como elle canta.

Se más tençoens puserão noda fea,
Em nosso firme amor de enveja pura,
Porque pagarei eu a culpa alhea?

Quem desta fê, quem deste amor nam cura,
Nunqua teve sugeito o coração:
O firme amor, co alma eterna dura.

B E L I S A .

MAL conheces, Almeno huma affeição,
Que se eu desse amor tenho esquecimento,
Meus olhos magoados to dirão.

Mas teu sobejo, & livre atrevimento,
E teu pouco segredo descuidando,
Foi causa deste longo apartamento.

Vês as Ninfas do Tejo, que mudando
Me vão já pouco a pouco o claro gesto,
N'outra forma mais dura traspassando?

Hum sò segredo meu te manifesto,
Que te quiz muito, em quanto Deos queria,
Mas de pura affeição, & amor honesto;

E pois teu mau cuidado, & ousadia
Causou tam dura & aspera mudança,
Folgo, que muitas vezes to dizia.

Ficcate embora, & perde a confiança,
Que mais me nam verás, como já viste,

Que assi se defengana huma esperança.

A L M E N O.

Oh duro apartamento , ô vida triste ,
Oh nunca acontecida desventura !

Pois como , ô Ninfa , assi te despediste ?

Assi se ha de ir tornando sem ter cura ,
Nessa silvestre , & aspera dureza ,
Tam branda , & excellente fermosura ?

Tua nunca entendida gentileza
E teus membros assi se transformarão ,
Negando selhe a propria natureza ?

Desta arte teus cabellos se tornarão ,
Deixando já seu preço ao ouro fino ,
Em folhas , que a cor tem do , que negarão ?

Se este consentimento foi divino ,
Consintame tambem que perca a vida ,
Antes que a mais me obrigue o desatino.

Que se a Fortuna dura , embravecida ,
Tanto no meu tormento se desmede ,
Nam viva mais huma alma tam perdida.

E vòs feras do monte , pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro ,
Fartai já de meu fangue vossa sede.

E vòs pastores rudos deste outeiro ,
Porque a todos em fim se manifeste
Que cousa he amor puro , & verdadeiro ;

Ao pé deste funereo acipreste ,
Me fareis hum sepulcro sem arco ,
De boninas , que o prado ameno veste ,
Com desusadas musicas de Orfeo .



Que me vòs cantareis , & desta forte
 Nam haverei inveja ao Maufoleo ;

E porque minha cinza se conforte
 Em vossos metros doces , & suaves ,
 As exequias fareis de minha morte :

Alli responderão as altas aves ,
 Nam modulas no canto , nem lascivas ,
 Mas de dor , hora roucas , hora graves.

Nam correrão as agoas fugitivas
 Alegres por aqui , mas faudofas ,
 Que pareção , que vem dos olhos vivas ,

Nacerão pelas prayas deleitosas
 Os asperos abrolhos , em lugar
 Dos roxos lirios , das pudicas rosas.

Nam trarão as ovelhas a pastar
 Derredor do sepulero os guardadores ,
 Que nam comerão nada de pezar.

Virão os Faunos , guarda dos pastores ,
 Se morri por amores preguntando ,
 Responderão os eccos , por amores.

Dos que por aqui forem caminhando ,
 Hum epitafio triste se lerà ,
 Que esteja minha morte declarando ;

E no tronco de huma arvore estará ,
 Numa ruda cortiça pendurado ,
 Escrito cuma fouce , alli dirà :

Almeno fui pastor de manso gado ,
 Em quanto o consentio minha ventura ,
 De Ninfas , & pastoras celebrado.

Se alguma hora por dita na espessura ,

O amor se perder , & a affeição ,
Tirem a pedra desta sepultura ,
E em figura de cinza os acharão.

E C L O G A I V .

FRONDOSO & DURIANO.

CANTANDO por hum valle docemente ,
Decião dous pastores , quando Febo
No Reyno de Neptuno se escondia :
De idade cada hum era mancebo ,
Mas velho no cuidado , & descontente ,
Do que lhe elle causava parecia :

O que cada hum dizia ,
Lamentando seu mal , seu duro fado ,
Nam sou eu tam oufado ,
Que o ouse a cantar sem vossa ajuda ;
Porque se a minha ruda

Frauta deste favor vosso for digna ,
Posso escusar a fonte Caballina.

EM VÒS tenho Helicon , tenho Pegaço ,
Em vòs tenho Caliòpe , em vòs Thalia ,
E as outras sete irmãas co fero Marte ,
Em vòs perde Minerva sua valia ,
Em vòs estão os sonhos de Parnaço ;
Das Pierides em vòs se encerra a arte ,

Co a mais pequena parte ,
Senhora , que me deis de ajuda vossa ,

Podeis fazer , que eu possa
Escurecer ao Sol resplandecente ,

Podéis fazer , que a gente
Em mi do grão poder voffo se espante ,
E que voffos louvores sempre cante.

P O D E I S fazer , que creça d'hora em hora
O nome Lusitano , & faça enveja
A Smirna , que de Homero se engrandeca ,
Podéis fazer tambem , que o mundo veja
Soar na ruda frauta , o que a sonora
Cithara Mantuana sò merece.

Jà agora me parece ,
Que pòdem começar os meus pastores
Tratar de seus amores ,
Porque inda que presentes nam estejam ,
As que elles ver defejão ,
Mudança do lugar , menos de estado ,
Nam muda hum coração de seu cuidado.

J A ' D E I X A V A dos montes a altura ,
E nas salgadas ondas se escondia
O Sol , quando Frondoso , & Duriano ,
Ao longo de hum ribeiro , que corria
Pela mais fresca parte da ver'ura ,
Claro , suave , & manso todo o anno ,
Lamentando feu dano ,
Vinha já recolhendo o manso gado ,
E hum estando calado ,
Em quanto hum pouco o outro se queixava ;
Apoz elle tornava
A dizer de feu mal , o que sentia ,
E em quanto elle fallava , o outro ouvia.
V I N H A O S E alli queixando aos penedos ,

Aos silvestres montes, & aspereza,
 Que quasi de seus males se dohião,
 Alli as pedras perdião sua dureza,
 Alli os correntes rios estar quedos,
 Prontos a tuas queixas parecião,

E sò, as que podião
 Estes males curar, que ellas causavão,
 O ouvido lhe negavão,
 Por perderem de todo a esperança,
 Mas elles, que mudança
 De amor com tantos males nam fazião,
 Fallando inda com ellas lhes dizião.

F R O N D O S O.

Isto he o que aquella verdadeira
 Fê, com que te amei sempre, merecia,
 Sem nunca te deixar hum sò momento?
 Como, cruel Belisa, te esquecia
 Hum mal, cuja esperança derradeira
 Em ti sò tinha posto seu assento?

Nam vias meu tormento?
 Nam vias tu a fê, com que te amava?
 Porque nam te abrandava,
 Este amor, que me tu tam mal pagaste?

Mas pois já me deixaste,
 Co a esperança de ti toda perdida,
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

D Ú R I A N O.

Se os males, que por ti tenho sofrido,
 (O' Silvana em meus males tam constante)
 Quiseras, que alguma hora te dissera,



Ainda , que de duro diamante ,
 Fora teu cruel peito endurecido ,
 Creio , que à piedade te movera :

Já agora em branda cera

Os montes são tornados , & os penedos ,
 E os rios , que estão quedos ,
 Sentirão meus suspiros , minhas queixas ;

Tu só , cruel , me deixas ,

Que es mais , que montes , & penedos dura ,
 E fugitiva mais , que a agoa pura .

F R O N D O S O .

ONDE está aquella falla , que sohia
 Só com seu doce tom , que me chegava ,
 Avivar-me os espiritos cansados ?

Onde está o olhar brando , que cegava
 O Sol resplandecente ao meyo dia ?

Onde estão os cabellos delicados ,
 Que ao vento espalhados ,
 Escurecião o ouro , & a mim maravão ?

E a quantos os olhavão ,

Causavão também novos accidentes ?

Porque cruel consentes ,

Que goze outro da gloria a mi devida ?
 Perca , quem te perdeo , também a vida .

D U R I A N O .

NENHUM bem vejo , que a meu mal espere ,
 Senam se he esperar , que morte dura ,
 Emfim me venha dar tua saudade :
 Vejo faltarme a tua fermosura ,
 A vontade me diz , que desespere ,

Contradizme a razão esta vontade ;

Diz , que numa beldade ,

Em quem mostrou o cabo a natureza ,

Nam ha tanta crueza ,

Que a hum tam firme amor desprezar queira

E huma fê verdadeira :

Mas tu , que de razão nunca curaste ,

Porque era dar-me a vida , ma tiraste.

F R O N D O S O .

A QUEM , Belisã ingrata , te entregaste ?

A quem dêste , cruel , a fermosura ,

Que sò a meu grão tormento se devia ?

Porque huma fê deixaste firme , & pura ?

Porque tam sem respeito me trocaste ,

Porque sò nem olhar te merecia ?

E o bem , que te queria ,

Que nunca perderei senam por morte ,

Nam he de mayor forte ,

Que quanto cega a gente estima , & preza

Sò a tua crueza ,

Foi nisto contra mim endurecida ,

Perca , quem te perdeu , tambem a vida.

D U R I A N O .

LEVASTEME meu bem num sò momento ,

Levasteme com elle juntamente ,

De cobrallo já mais a confiança ,

Deixasteme em lugar delle sòmente ,

Huma continua dor , & hum tormento ,

Hum mal , de que nam pôde haver mudança ,

Tu que eras a esperança



Dos males, que me tu cruel causaste,
 De todo te trocaste,
 Com Amor conjurada em minha morte;
 Porém se minha sorte
 Consente, que por ti seja causada,
 Morte nam foi mais bemaventurada.

FRONDOSO.

NAM naceste de alguma pedra dura,
 Nam te gèrou alguma tigre Hircana,
 Nam foi tua criação entre a rudeza:
 A quem, cruel, sahiste deshumana?
 No Ceo formada foi tua fermosura,
 Onde a mesma brandura he natureza;
 Esta tua dureza,
 Onde teve principio, ou a tomaste?
 Porque dura engeitaste
 Hum verdadeiro amor, que tu bem vias!
 A fè que conhecias,
 Por outra de ti nunca conhecida?
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

VAISE co seu pastor o manso gado,
 Porque de amor entende, àquella parte
 Que a natureza irracional lhe ensina,
 O rustico Leão sem nenhuma arte,
 Do instinço natural sò ensinado,
 Aonde sente amor alli se inclina:
 E tu, que de divina
 Nam tens menos, que Venus, & Cupido,
 Porque se quer co ouvido,

Hum amor verdadeiro nam soccorres;
 Ou porque te nam corres;
 Que te vença o Leão em piedade,
 Se Venus nam te vence na beldade;

FRONDO'S O.

A mim nam me faltava, o que se preza;
 Entre os celestes Deoses, que formirão
 A tua mais que humana fermosura,
 Em mim os voluntarios Ceos faltarão,
 Em mim se perverteo a natureza;
 De huma cruel fermosa creatura;

Mas pois, Belisa dura,
 Que do mais alto Ceo a nós vieste,
 Em teu peito celeste
 Hum tal contrario pôde aposentar-se;
 Nam he contrario achar-se
 Tamanha fê, tam mal agradecida?

Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Por ti a noite escura me contenta,
 Por ti o claro dia me aborrece,
 Ábrolhos para mi são frescas flores;
 A doce Filomela me entristece,
 Todo o contentamento me atormenta,
 Com a contemplação de teus amores;
 As feitas dos pastores,
 Que pôdem alegrar toda a tristeza,
 Em mim tua crueza
 Faz, que o mal cada hora vão dobrando.
 Oh cruel, até quando



Durará em ti hum aborrecimento,
E a vida em mim, que sofre tal tormento?

F R O N D O S. O.

FUGISTE de hum amor tam conhecido,
Fugiste de huma fê tam clara, & firme,
E fugiste, a quem nunca conhecaste:
Nam por fugir de amor, mas por fugirme,
Que bem vias, que tinha merecido

O amor, que tu a outrem concedeste;

A mi nam me fizeste
Nenhuma semrazão, que bem conheço,

Que tanto nam mereço;

Fizeste à quelle bem firme & sincero,

Que sabes, que te quero,

Em lhe tirar a gloria merecida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

D U R I A N O.

CRÊCE cada hora em mim mais o cuidado,
E vejo que em ti crece juntamente
Cada hora mais de mim o esquecimento:
Oh Silvana cruel, porque consente
O teu feminino peito delicado,
Esquecerlhe hum tam aspero tormento?

Tal aborrecimento

Mereçe hum capital teu inimigo,

Namja eu, que sò contigo

Estou contente, & nada mais deſejo:

Se alguma hora te vejo,

Tu es hum sò bem meu, huma sò gloria,
Que nunca se me aparta da memoria.

FRONDOSO.

OLHOS, que virão já tua fermosura,
 Vida, que sò de verte se sostinha,
 Vontade, que em ti era transformada,
 Huma alma, que a tua em si sò tinha,
 Tam unida consigo, quanto a pura
 Alma co debil corpo està liada;

E agora apartada
 Se vê de si com tal apartamento,
 Qual será seu tormento?

Qual será aquelle mal, que tem presente?
 Mayor he, que o que sente
 O triste corpo na ultima partida:
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

REGENDO n'outro tempo o manso gado,
 Tangendo minha frauta nestes vales,
 Passava a doce vida alegremente:
 Nam sentia o tormento destes males,
 Menos sentia o mal deste cuidado,
 Que tudo então em mim era contente;

Agora nam sômente
 Desta vida suave me apartaste,
 Mas outra me deixaste,
 Que ao duro mal, que sinto cà no peito,
 Me tem já tam affeito,
 Que sinto já por gloria minha pena,
 Por natureza o mal, que me condena.

FRONDOSO.

JUNTAMENTE viver compridos annos,



Os Fados te concedão , que quizerão
 Ajuntarte com tal contentamento ;
 Pois os bens todos para ti nascerão ,
 Tormentos para mim , males , & danos ;
 Logra tu sò teu bem em meu tormento ,
 Nenhum apattamento ,
 Belifa , me farà deixar de amarte ,
 Porque em nenhuma parte
 Puderás nunca estar sem mim huma hora :
 Consente pois agora ,
 Que em pago desta fê tam conhecida ,
 Perca , quem te perdeo , tambem a vida.

D U R I A N O .

VEJATE eu, crua , amar , quem te desame,
 Porque saibas , que coufa he ser amada
 De quem tu aborreces , & desprezas :
 Vejate eu ser ainda desprezada ,
 De quem tu mais desejas que te ame ,
 Porque fintas em ti tuas cruezas ,
 Sintas tuas durezas ,
 E quanto pôde o seu cruel effeito
 Num coração fogeito ;
 Porque em sentindo o mal, q' eu sinto agora ,
 Espero que alguma hora ,
 Faça o teu proprio mal de mim lembrarte
 Já que nam pode o meu nunca abrandarte.

F R O N D O S O .

MIL ANNOS de tormento me parece
 Cada hora , que sem ti , & sem esperança
 Vivo de poder mais tornar a verte ;

Sustentame esta vida tua lembrança ,
 A vida sobre tudo me entristece ,
 A vida antes perderá , que perdette ;
 Mas eu se por quererte
 Hum bem , que em ti sò tem seu firme assento ,
 Padeço tal tormento :
 Que inda espera de ti , quem te defama ,
 Ou ao menos te ama ,
 Com algum falso amor , ou fê fingida ?
 Perca , quem te perdeo , tambem a vida .

D U R I A N O .

ENTÃO , cruel , verás se te merece
 Com tamanho desprezo ser tratada
 Huma alma , que de amarte sò se preza ;
 Mas como pòdes tu ser desprezada ,
 Se o menos , que em ti fôra se parece ,
 Abrandar pòde montes , & aspereza ?
 Porque se a natureza
 Em ti o remate poz da fermosura ,
 Qual serà a pedra dura ,
 Que a teu valor resista brandamente ?
 Quanto mais fraca gente
 Que ao humano parecer nam se defende ,
 E a mesma Venus Deosa ao teu se rende .

F R O N D O S O .

E pois fê verdadeira , amor perfeito ,
 Tormento desigual , & vida triste ,
 Junta com hum continuo sofrimento ,
 E hum mal , em que todo o mal consiste ,
 Nam pudêrão mover teu duro peito ,

A mostrares se quier contentamento
 De veres meu tormento ,
 Mas antes isto tudo desprezaste ,
 E a outrem te entregaste ,
 Por me nam ficar nada , em que esperasse ,
 Senam quando acabasse
 A vida , que a meu mal he tam cumprida ,
 Perca , quem te perdeo , tambem a vida.

D U R I A N O .

LONGO curso de tempo , & apartado
 Lugar , a hum coração , que está entregue ,
 Nam podem apartar de seu intento ;
 Porque foges , cruel , a quem te segue ?
 Nam vês , que teu fugir he escusado ,
 Que sem mim nunca estás hū sô momento !
 Nenhum apartamento
 (Inda , que a alma do corpo se me aparte)
 Poderà ausentarte
 Desta alma triste , que continuamente
 Em si te tem presente ;
 Torna cruel , nam fujas , a quem te ama ,
 Vem dar a morte , ou vida , a quem te chama .

A NOITE escura , triste , & tenebrosa ,
 Que já tinha estendido o negro manto ,
 De escuridade a terra toda enchendo ,
 Fez pôr a estes pastores fim ao canto ,
 Que ao longo da ribeira deleitosa ,
 Vinhaõ seu manço gado recolhendo .
 Se aquillo que eu pretendo

Deste trabalho haver , que he todo vosso ,
 Senhora , alcançar posso ,
 Nam serà muito haver tambem a gloria ,
 E o lauro da vitoria ,
 Que Virgilio procura , & haver pretende ,
 Pois o mesmo Virgilio a vòs se rende .

E C L O G A V.

De sua puericia.

A QUEM darci queixumes namorados ,
 Do meu pastor queixoso namorado ?
 A branda voz , suspiros magoados ,
 A causa , porque n'alma he magoadado ?
 De quem serào seus males consolados ,
 Quem lhe farà devido gafalhado ?
 Sò vòs , senhor fermoso , & excellente ,
 Especial em graças entre a gente .

POR PARTES mil lançando a fantasia ,
 Busquei na terra , estrella que guiasse
 Meu rudo verso , em cuja companhia
 A santa piedade sempre andasse
 Luzente , & clara , como a luz do dia ,
 Que o rude engenho meu me alumiasse ,
 Em vossas perfeçoens , graó senhor , vejo ,
 Ainda além cumprido o meu desejo .

A vòs se dem , a quem junto se ha dado
 Brandura , mansidão , engenho , & arte ,
 De hum espirito divino acompanhado ,
 Dos sobrehumanos hum em toda a parte ;

Em vòs as graças todas se hão juntado
 De vòs em outras partes se reparte;
 Sois claro rayo, fois ardente chama,
 Gloria, & louvor do tempo, azas da Fama.

EM QUANTO eu aparelho hum novo espirito
 E voz de Cisne tal, que o mundo espante,
 Com que de vòs, senhor, em alto grito,
 Louvores mil em toda a parte cante:
 Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
 Entre vacas, & gado petulante;
 Que quando tempo for em melhor modo,
 Ha me de ouvir por vòs o mundo todo.

As vis querelas brandas, & amorosas,
 Seirão de vòs tratadas brandamente,
 Verdades d'alma pouco venturosas,
 Sahidas com suspiro vivo, & ardente,
 Que em vossas mãos se entregão valerosas
 Para despois viverem entre a gente,
 Chorando sempre a antiga crueldade,
 E os coraçõens movem a piedade.

JA' DECLINAVA o Sol contra o Oriente,
 E já do dia o mais era passado,
 Quando o pastor co grave mal, que sente,
 Por dar alivio em parte a seu cuidado,
 Se queixa da pastora docemente,
 Cuidando de ninguem ser escutado;
 Eu, que o ouvi, numa arvore escrevia
 As magoas, que cantou, & assi dizia.

OU TU no monte Caucaço es nacida,
 Ou marmor te pario, fermosa, & dura,

Que

Que nam pôde ser seja concebida
 Dureza tal de humana creatura :
 Ou es quiça em pedra convertida ,
 E tens da natureza tal ventura ;
 Porém nam fez em ti boa impressão ,
 Sò de marmor tornarte o coração .

JA' ESTA minha voz rouca , & chorosa ,
 A gente mais remota moveria ,
 E se soltasse a vea lagrimosa ,
 Os Tigres em Hircania amansaria :
 Senam foras cruel quanto fermosa ,
 Meu longo suspirar te abrandaria ,
 Mas suspirar por ti , & bem quererte ;
 Que fazem , senam mais endurecerte ?

SE DEIXARAS vencer a crueldade
 De tua tam perfeita fermosura
 Hum pouco , viras bem minha vontade ,
 E viras esta fê tam limpa , & pura :
 Por ventura , que houveras piedade ,
 E tivera eu quiça melhor ventura ;
 Mas nunqua achou igual tua belleza ,
 Senam se foi em ti tua dureza .

JA' HUM peito abrandàra , que nam sente
 Meu duro , & grave mal , segundo he forte ,
 Se deecera ao inferno fero , & ardente ,
 Movera à piedade a mesma morte ;
 Se huma sò gota de agoa brandamente
 Torna brando hum penedo duro , & forte ,
 Tantas lagrimas minhas nam farãõ
 Hum pequeno final num coração ?

Tom. II.

A a



NA TESTA tenho fonte viva de agoa
 Que por meus olhos tristes se derrama,
 No peito està de fogo viva fragoa,
 Que tudo em si converte, & tudo inflama:
 Amor ao derredor, por mayor magoa,
 Voando, mais acende a ardente chama,
 E se ques ver se ardentes são seus tiros,
 Olha se são ardentes meus suspiros.

QUANDO grita, & rumor grande se sente,
 Que se acende algum fogo em casa, ou torre,
 De pura compaixão vai toda a gente
 Gritando, agoa ao fogo, & cada hum corre:
 Assi anda meu peito em chama ardente,
 E co a agoa dos olhos se focorre,
 Que quem me abraça, outra agoa me defende,
 Porque com esta o fogo mais se acende.

QUANDO vemos, que sae là no Oriente
 O Sol, seu curso antigo começando,
 Fermoço, intenso, puro, & refulgente,
 O monte, campo, mar tudo alegrando:
 Quando de nós se esconde no Ponente,
 E n'outras terras sae alumiano,
 Sempre em quanto vai dando ao mundo giro,
 Por ti meus olhos chorão, & eu suspiro.

CAMINHA o dia todo o caminhante,
 Vem, acabado, a noite, em que descança;
 Trabalha na tormenta o mareante,
 Goza o dia sereno, & de bonança:
 Recobra o anno fertil & abundante
 Na terra o lavrador, se nella cança;

Mas eu de meu trabalho , & mal tam forte ,
Tormento espero emfim , & crua morte.

DE OUVIR meu mal as rosas matutinas ,
Com dô de mi se cerrão , & enmurchecem ;
Com meu suspiro ardente as cores finas
Perdem o cravo , & lirio , & nam florecem :
Co a roxa Aurora as pallidas boninas
Em vez de se alegrarem , se entristecem ;
Deixa seu canto Progne , & Filomena ,
Que mais lhe doe , que a sua , a minha pena.

RESPONDE o monte concavo a meus ays ,
E tu como atpid cerrashe o ouvido ,
As aryores do campo , os animaes ,
Mostrão sentir meu mal , sem ter sentido ;
E a ti as minhas cores desiguaes ,
Nam movem esse peito endurecido :
Por mais , & mais que chamo , nam respondes ,
E quanto mais te busco , mais te escondes.

NAQUELLA parte adonde costumavas
Apacentar meus olhos , & teu gado ,
Alli onde mil vezes me mostravas ,
Ser eu de ti o Pastor mais desejado ,
Mil vezes te busquei , por ver se davas
Ainda algum descanso a meu cuidado ,
No campo em vaô te busco , & busco o monte ,
Qual o ferido cervo busca a fonte.

Este lugar de ti deseparado ,
Com cujas sombras frias já folgaste ,
Agora triste , & escuro he já tornado ,
Que todo o bem contigo nos levaste :

A a ij

Tu eras nosso Sol mais desejado ,
 Nam temos luz , despois que nos deixaste ,
 Torna meu claro Sol , vem já meu bem ,
 Qual he o Josué , que te detem ?

DESPOIS que deste valle te apartaste ,
 Nam pace o manso gado com segura ,
 Secou-se o campo , desque lhe negaste
 Dos teus fermosos olhos a luz pura :
 Secou-se a fonte , donde já te olhaste ,
 Quando menos , que agora , aspera , & dura ,
 Nega sem ti a terra dando gritos ,
 Passo às cabras , & leite aos cabritos .

SEM TI , doce cruel , minha inimiga ,
 A clara luz , escura me parece ,
 Este ribeiro , quando amor me obriga ,
 Com meu chorar por ti continuo crece :
 Nam ha fera , que a fome nam persiga ,
 Nem o campo sem ti já nam florece ,
 Cegos estão meus olhos , já nam vem ,
 Pois que nam podem ver meu claro bem .

O CAMPO como dantes nam se esmalta ,
 De boninas azues , brancas , vermelhas ,
 Nam vem ao pasto , & sentem da agoa a falta
 As mansas & pacificas ovelhas :
 Tambem , cruel , contigo o Ceo lhe falta ,
 Nam achão flor melifluas abelhas ;
 Com lagrimas , que manam dos meus olhos ,
 A terra nos produz duros abrolhos .

TORNA pois já , pastora , a este prado ,
 E restituirás esta alegria ,

Alegraràs o monte , o campo , & gado ,
 Alegraràs tambem a fonte fria :
 Torna , vem já , meu sol , tam desejado ,
 Faràs a noite escura claro dia ,
 E alegre já esta magoada vida ,
 Em tua ausencia toda consumida .

VEM COMO quando o rayo transparente ,
 Deste nosso Horizonte , que escondido
 Deixa hum certo temor à mortal gente ,
 Que lhe causa ver o orbe escurecido ,
 E quando torna a vir claro , & luzente ,
 Alegra o mundo todo entristecido ,
 Assim he para mim tua luz pura
 Claro Sol , & a ausencia noite escura .

TU ESQUECIDA já do bem passado ,
 E do primeiro amor , que me mostraste ,
 Teu coração de mim tens apartado ,
 E tambem o lugar desfeparaste :
 Nam te quero eu a ti , mais que a meu gado ?
 Nam sou eu mesmo aquelle , que tu amaste ?
 Pois onde mereci tam graõ desvio ?
 Ouveme , pois me vês já morto & frio .

BEM VES , que por amor se move tudo ,
 E nam ha , quem de amor se veja izento ,
 O animal mais simples baixo , & rudo ,
 O de mais levantado pensamento :
 Até debaixo da agoa o peixe mudo ,
 Lá tem de amor tambem seu movimento ,
 A ave que no ar cantando voa ,
 Tambem por outra ave se afeiçoa .

A a iij

A MÚSICA do leve passarinho ,
 Que sem concerto algum solta , & derrama ,
 D'um raminho saltando a outro raminho ,
 Cantando com amor , suspira , & chama :
 Em quanto em seu amado & doce ninho
 Nam acha aquelle , a quem sò busca , & ama,
 Nam cessa do trabalho , que tomara ,
 Tendo sò seu descanso , em quem achàra.

A FERA , que he mais fera , & o Leão ,
 Sempre acha outro Leão , & outra fera ,
 Em quem possa empregar huma affeição ,
 Que lhe a conversação no peito gèra :
 Tambem sabe sentir sua paixão ,
 Tambem suspira , morre , & defespera ,
 Acena , salta , brada , ferve , & geme ,
 E , nam temendo nada , amor sò teme.

O CERVO , que escondido , & emboscado ,
 Temendo o cubiçoso caçador ,
 Está na selva , monte , bosque , ou prado ,
 Alli onde anda & vive , vive amor ;
 De amor , & de temor acompanhado ,
 Com justa causa amor tem & temor ,
 Temor , de quem alli ferilo vinha ,
 E amor , a quem já ferido o tinha.

SE o animal infensível , que nam sente ,
 Tambem sente de amor a frecha dura ,
 Porque te nam abranda o fogo ardente ,
 Que procede de tua fermosura ?
 Porque escondes a luz do Sol à gente ,
 Que nesses olhos trazes bella , & pura ?

Mais bella , mais suave , & mais fermosa ,
Que lirio , que jasmin , que crayo , & rosa .

Pòde ser , se me viras , que sentiras
Ver desfazer hum peito em triste pranto ,
E bem pouco fizeras se me viras ,

Jà que eu sò por te ver suspiro tanto :
As magoas , & suspiros , que me ouviras ,
Te puderão mover a grande espanto ,
A dor , a piedade , & sentimento ,
E a mais , que para mais he meu tormento .

OS PENSAMENTOS VÃO AO VENTO LEVE ,
O suspirar em vão tambem ao vento ,
O esperar à calma , à chuva , à neve ,
E nam te poder ver hum sò momento ;
Tormento he , que sòmente a ti se deve ,
E se pòde inda haver mayor tormento ,
Quem te vio , & se vê de ti ausente ,
Muito mais passará mais levemente .

FAZ MOÇA A PEDRA DURA EM SUA DUREZA ,
Co agoa , que lhe toca brandamente ,
Abranda o ferro forte a fortaleza
Se lhe toca tambem o fogo ardente :
Sò em ti nam conheço a natureza ,
Que a ser de pedra , ferro , ou de serpente ,
Jà teu peito cruel fora desfeito ,
Ou do fogo , ou das lagrimas , que deito .

QUANDO A FERMOZA AURORA MOÍTRA A FRONTE ,
Alegra toda a terra vendo o dia ,
Quando Febo aparece no Orizonte ,
Manifesta tambem grande alegria :

Contente come o gado ao pè do monte ,
 Alegre vai beber à fonte fria ,
 Tudo contente està , & alegre tudo ,
 Eu sò , sò pensativo , triste , & mudo .

SE DA alma , & do corpo tens a palma ,
 E do corpo sem alma nam tens dò ,
 Ha dò do corpo sò , que està sem alma ,
 Pois sem alma nam vive o corpo sò :
 Em a chama , no ardor , no fogo , & calma ,
 Na affeição , no querer , eu sou hum sò ,
 Nam acharàs vontade mais cativa ,
 Nem outra , como a tua , tam esquivã .

SE TE apartas por nam ouvir meu rogo ,
 Onde estiveres te ei de importunar ,
 Posto que vás por agoa , ferro , ou fogo ,
 Contigo em toda a parte me has de achar :
 Q' o fogo , em q' arfo , & a agoa , em q' m'afogo ,
 Em quanto eu vivo for , ha de durar ,
 E o nò , que me tem preso , he de tal sorte ,
 Que nam se ha de soltar em vida , ou morte .

NESTE meu coração sempre estaràs ,
 Em quanto a alma estiver com elle unida ,
 Meu espirito tambem possuiràs ,
 Depois que a alma do corpo for partida :
 Por mais , & mais , que faças , nam faràs
 Que nam te ame nesta & na outra vida ,
 Impossivel serà , que eternamente
 Estês de mi ausente , estando ausente .

CA' ME acompanharà tua memoria ,
 Se o rio , que se diz do esquecimento ,

Da minha, nam borrar tam longa historia,
 Tam grave mal, tam duro apartamento:
 Atè quando te veja entrar na gloria,
 Vivirei num continuo sentimento,
 E ainda então irà, se isto ser possa,
 Esta minha alma là servir a vossa.

AQUI com grave dor, com triste acento:
 Deo o triste pastor fim a seu canto,
 Co rosto baixo, & alto o pensamento,
 Seus olhos começãõ novo pranto:
 Mil vez fez parar no ar o vento,
 E apiedou no Ceo o coro santo,
 As circumstantes selvas se abaixãõ,
 De dò das tristes magoas, que escutãõ.

COM huma mão na face, & encoltado,
 Em sua dor tam enlevado estava,
 Que como em grave sono sepultado,
 Nam vio o Sol, que já no mar entrava:
 Berrando andava em roda o manço gado,
 Que o seguro curral já desejava,
 Nas covas as raposas, & em seus ninhos
 Se recolhem os simples passarinhos

JA' SOBRE hum seco ramo estava posto
 O mocho, com funesto, & triste canto,
 A cujo som o paltor ergueo o rosto,
 E vio a terra envolta em negro manto:
 Quebrando então o fio a seu desgosto,
 Mas nam quebrando o fio a seu pranto,
 Para melhor cuidar em seu cuidado,
 Levou para os curraes o manço gado.

E C L O G A VI.
AO DUQUE DE AVEIRO.

ALICUTO *peſcador.* AGRARIO *paſtor.*

ARUSTICA contenda deſufada
Entre as Muſas do boſque , & das arêas ,
De ſeus rudos cultores modulada ;
A cujo ſom attonitas , & alheas
Do monte as manſas vacas eſtiverão ,
E do rio as ſaxatiles lampreas :
Deſejo de cantar , que ſe moverão
Os troncos as avenas dos paſtores ,
E os ſilveſtres brutos ſuſpenderão :
Nam menos o cantar dos peſcadores ,
s ondas amansou já do alto pègo ,
E fez ouvir os mudos nadadores :
E ſe por ſuſtentarſe o moço cego
Nos trabalhos agreſtes a alma inflama ,
O que he mais proprio no ocio , & no ſoſſego,
Mais maravilhas dando à voz da Fama ,
No meſmo mar undoso , & vento frio ,
Braſas vivas acende a roxa flama-
Vòs ò ramo d'hum tronco alto & ſombrio ,
Cuja frondente coma já cobrio
De Luſo todo o gado , & ſenhorio ;
E cujo ſaõ madeiro já ſahio
A lançar a forçoſa , & larga rede ,
No mais remoto mar , que o mundo vio.

E vòs cujo valor tam alto excede,
 Que a cantalo com voz alta, & divina,
 A fonte de Parnafo move a fede:

Ouvi da minha humilde çanfonina
 A armonia, que vòs alevantais
 Tanto, que de vòs mefmo a fazeis dina.

E fe agora, que afavel me efcutais,
 Nam ouvirdes cantar com alta tuba,
 O que vos deve o mundo, que dourais:

Se os Reys, Avòs voffos, que de Juba
 Os Reynos devaflarão, nam ouvis,
 Que naz azas do verfo excelfo fuba:

Senam fabem as frautas pastoris,
 Pintar de Toro os campos femeados,
 De armas, de corpos fortes, & gentis,
 Por hum moço animofo fultentados,
 Contra o indomito pay de toda Espanha,
 Contra a Fortuna van, & injuftos Fados.

Hum moço, cujo eforço animo, & manha
 Fez do Olimpo decer o duro Marte,
 E darlhe a quinta Efpera, que acompanha:

Senam fabem cantar a menor parte
 Do fapiente peito, & grão confelho,
 Que pòde, ò Reyno illuftre, defcanfarte.
 Peito, que o douto Apollo fez vermelho,
 Deixar o faero monte, & as nove irmãs,
 Diz que a elle fe afeitem, como a efpelho:

Saberão sò cantar as fuas vãs
 Contendas de Alicuro vil, & Agrario,
 Hum de efcamas cuberto, outro de lãs.

Vereis, Duque sereno, o estillo vario
A nós novo, mas n'outro mar cantado,
D'hum que sò foi das Musas secretario.

O pescador Sincero, que amansado
Tem o peito de Pocrita co canto,
Polas sonoras ondas compassado.

Deste seguindo o som, que pòde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façaos novo estillo, & novo pranto.

Partirase do monte Agrario infano,
Para onde a força sò do pensamento
Lhe encaminhava o lasto peso humano;

Embebido num longo esquecimento
De si, & do seu gado, & pobre fato,
Apos hum doce sonho, & fingimento.

Rompendo as silvas horridas do mato
Vai por cima de outeiros, & penedos,
Fugindo emfim de todo humano trato.

Ante os seus olhos leva os olhos lèdos
Da branca Dinamene, que enverdece
Sò co meneo os valles, & os rochedos,

Ora se ri configo, quando tece
Na fantasia algum prazer fingido,
Hora falla, hora mudo se entristece.

Qual a tenra novilha, que corrido
Tem montanhas fragosas, & espessuras,
Por buscar o cornigero marido:

E cansada nas humidas verduras
Cahir se deixa ao longo do ribeiro,
Jà quando as fombas vem decendo escuras;

E nem

E nem co a noite ao valle seu primeiro
 Se lembra de tornar , como sohia ,
 Perdida pelo bruto companheiro :

Tal Agrario chegado enfim se via ,
 Onde o grão pègo horrifono suspira ,
 Numa praya arenosa , humida , & fria.

Tanto que ao mar estranho os olhos vira ;
 Tornando em si , de longe ouvio tocarse
 De douta mão , nam vista , & nova lyra.

Pelo som desufado desviar-se ,
 Para onde mais soava , desejan-do
 De ouvir , & conversar , & de provar-se.

Nam tinha muito espaço andado , quando
 Numa concavidade de hum penedo ,
 Que pouco , & pouco fora o mar cavando :

Topou hum pescador , que pronto , & quedo
 Numa pedra assentado brandamente
 Tangendo , fazia o mar sereno , & lèdo.

Mancebo era de idade florecente ,
 Pescador grande do alto , conhecido
 Pelo nome de toda a humida gente.

Alicuto se chama , que perdido
 Era pela fermosa Lemnoria ,
 Ninfa que tem o mar ennobrecido.

Por ella as redas lança noite , & dia ,
 Por ella as ondas tumidas despreza ,
 Por ella sofre o Sol , & a chuva fria.

Co seu nome mil vezes a braveza
 Dos ventos feros amansou co verso ,
 Que remove das rochas a dureza.



E agora em som de voz suave, & terço,
 Está seu nome aos eccos enfindo,
 Por estilo do agreste som diverso:

Do qual Agrario attonito afrouxando
 Da fantasia hum pouco seu cuidado,
 Suspenso esteve, os numeros notando,

Mas Alicuto vendose estorvado
 Pelo pastor da musica divina,
 Alevantando o rosto sofflegado,

Lhe diz assi: Vaqueiro da campina,
 Que vens buscar as arenosas prayas,
 Onde a bella Anfitrite sò domina?

Que razão ha pastor, porque te fayas
 Para o nosso escamoso & vil terreno,
 Dos mui floridos myrtos, & altas fayas?

Que se agora o mar vès brando, & sereno
 E estenderemse as ondas pela arèa,
 Amanfadas das agoas, com que peno:

Logo veràs o como desenfrea
 Eolo o vento pelo mar undoso,
 De forte, que Neptuno o arrecca.

Responde Agrario, ò musico & amoroso
 Pescador, eu nam venho a ver o lago
 Bravo, & quièto, ou vento brando, & iroso;

Mas o meu pensamento, com que apago
 As flamas ao desejo, mo trazia
 Sem ouvir & sem ver, suspenso, & vago.

Atè que a tua angelica armonia
 Me acordou, vendo o som, com q' aqui cantas
 A tua perigosa Lemnoria.

Mas se de verme cà no mar te espantas ,
 Eu me espanto tambem do estillo novo ,
 Com que as ondas horrifonas quebrantas .

O qual, posto que certo, louvo, & aprovo,
 Desejo de provar contra o silvestre
 Antigo pastoril, que eu mal renovo ,

E tu que no tocar pareces mestre ,
 Pòdes julgar se he clara a differença
 Entre o canto maritimo , & o campestre .

Nam ha , disse Alicuto , em mi detença ,
 Mas antes alvorogo , inda que veja
 Que essa tua confiança sò me vença .

Mas porque saibas , que nenhuma enveja
 Os pescadores temos aos pastores ,
 No som , que pelo mundo se deseja :

Toma a lyra na mão , que os moradores
 Do vitreo fundo vejo já juntarse ,
 Para ouvir nossos rusticos amores .

E bem vès pela praya apresentarse
 Nas conchas varia cor à vista humana ,
 E o mar vir por entre ellas , & tornase ;

Sollegada do vento a furia insana ,
 Encrespa brandamente o ameno rio ,
 Que aqui de seu licor mistura , & dana .

Este penedo concavo , & sombrio ,
 Que de cangrejos ves estar cuberto ,
 Nos dà abrigo do Sol quièto , & frio .

Tudo nos mostra emfim repouso certo ,
 E nos convida ao canto , com que os mudos
 Peixes saem ouvindo ao ar aberto .



Assi se defaíão estes rudos
 Poetas, nos officios discrepantes,
 Nos engenhos porêm sutis, & agudos.
 E já mil companheiros circumstantes
 Estavão para ouvir, & aparelhavão
 Ao vencedor os premios semelhantes,
 Quando já as lyras subito tocavão,
 Agrario começava, & da harmonia
 Os pescadores todos se admiravão;
 E desta arte Alicuto respondia.

A G R A R I O.

Vòs femicapros Deoses do alto monte,
 Faunos longevos, Satyros, Sylvanos,
 E vòs Deosãs do bosque, & clara fonte,
 Ou dos troncos, que vivem largos annos,
 Se tendes pronta hum pouco a sacra fronte
 A nossos versos rusticos, & humanos,
 Ou me dai já a coroa de loureiro,
 Ou penda a minha lyra dum pinheiro.

A L I C U T O.

Vòs humidas Deidades deste pègo,
 Tritoeus ceruleos, Proteo, com Palemo,
 Vòs Nereidas do sal, em que navego,
 Por quem do vento as furias pouco temo:
 Se às vossas ricas àras nunca nego,
 O congro nadador na pã do remo,
 Nam consintais, que a musica marinha
 Vencida seja aqui na lyra minha.

A G R A R I O.

PASTOR se fez hum tempo o moço louro,

Que do sol as carretas move, & guia;
 Ouvio o rico Anfriso a lyra douro,
 Que o seu sacro inventor alli tangia:
 Io foi vaca, Jupiter foi touro,
 Manfas ovelhas junto da agoa fria
 Guardou o bello Adonis, & tornado
 Em bezerro Nepruno foi já achado.

A L I C U T O.

PESCADOR já foi Glauco, o qual agora
 Deos he do mar, & Proteo Focas guarda;
 Naceo no pègo a Deosa, que he Senhora
 Do amoroso prazer, que sempre tarda:
 Se foi bezerro o Deos, que o mar adora,
 Tambem já foi Delfim, & quem resguarda
 Verà, que os moços pescadores erão,
 Que o escuro enima ao vate dèrão.

A G R A R I O.

FERMOZA Dinamene, se dos ninhos
 Os implumes penhores já furtei
 A' doce Eilomela, & dos murtinhos,
 Para ti, fera, as flores apanhei:
 E se os crespos medronhos nos raminhos,
 A ti com tanto gosto apresentei,
 Porque nam dás a Agrario desditoso,
 Hum sò revolver de olhos piedoso?

A L I C U T O.

PARA quem trago de agoa em vaso cavo
 Os curvos camaroens vivos saltando?
 Para quem as conchinhas ruivas cavo,
 Na praya os secos buzios apanhando?

B b iij

Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral venho arrancando,
Senam para a fermosa Lemnoria,
Que cum sò riso a vida me daria?

A G R A R I O.

QUEM vio o desgrenhado, & crespo inverno
De altas nuves vestido, horrído, & feo,
Ennegrecendo a vista o Ceo superno,
Quando os troncos arranca o rio cheo:
Rayos, chuvas, trovoens, hum triste inferno,
Mostra ao mundo hum pallido receo,
Tal he o amor ciofo, a quem suspeita,
Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

A L I E U T O.

SE alguem vio pelo alto o sibilante
Furor, deitando flamas, & bramidos,
Quando as pasmosas ferras tras diante,
Horrído aos olhos, horrído aos ouvidos,
A braços derrubando o já nutante
Mundo, cos elementos destruidos;
Assi me representa a fantasia,
A desesperação de ver hum dia.

A G R A R I O.

MINHA alva Dinamene, a Primavera,
Qu: os campos deleitosos pinta, & veste,
E rindose huma cor aos olhos gèra,
Com que na terra vem o arco celeste,
O cheiro, rosas, flores, a verde era,
Com toda a fermosura amena agreste,
Nam he para meus olhos tam fermosa,

DE L. DE CAMOENS. 295

Como a tua, que abate o lirio, & rosa.

A L I C U T O.

A s conchinhas da praya, que apresentaõ
A cor das nuves, quando nace o dia,
O canto das Sirenas que adormentaõ,
A tinta, que no murice se cria;
Navegar pelas agoas, que se assentaõ
Co brando bafo, quando a festa he fria,
Nam pôde Ninfa minha assi a prazermes,
Como verte huma hora alegre verme.

A G R A R I O.

A DEOSA, que na Lybica alagoa,
Em forma virginal appareceo,
Cujo nome tomou, que tanto soa,
Os olhos bellos tem da cor do Ceo:
Garços os tem, mas huma, que a coroa
Das fermosas do campo mereceo,
Da cor do campo os mostra graciosos,
Quem diz, que nam saõ estes os fermosos?

A L I C U T O.

PERDOEMME as Deidades, mas tu Diva,
Que no liquido marmor ès gèrada,
A luz dos olhos teus celeste, & viva,
Tens por vicio amoroso atravessada:
Nos peitos lhe chamamos, mas quem priva
De luz o dia baixa, & fofsegada,
Traz a dos seus nos meus, que o nam nego,
E com tudo isso ainda assi estou cego.

Assi cantavaõ ambos os cultores
Do monte, & praya, quando os atalharaõ,



A hum pastores , a outro pescadores.

E quaesquer a feu vate coroàraõ
De capellas idoneas , & fermosas ,
Que as Ninfas lhe teceraõ , & ordenàraõ.

A Agrario de murtinhos , & de rosas ,
A Alicuto de hum fio de torcidos
Buziõs , & conchas ruivas , & lustrosas.

Estavão na agoa os peixes embebidos ,
Com as cabeças fóra , & quasi em terra ,
Os musicos delfins estaõ perdidos.

Julgàraõ os pastores , que na ferra
O cume , & preço està do antigo canto ,
Que quem o nega contra as Muías erra.

Dizem os pescadores , que outro tanto
Tem da sonora frauta , quanto teve
O campo pastoril do antigo Manto.

Mas já o pastor de Admeto o carro leve
Molhava n'agoa amàra , & compellia
A recolher a roxa tarde , & breve ,
E foi fim da contenda o fim do dia.

E C L O G A VII.

D O S F A U N O S .

AS doces cantilenas , que cantavaõ
Os femicapros Deoses amadores
Das Napèas , que os montes habitavaõ ,

Cantando escreverei , que se os amores
Aos silvestres Deoses maltratàraõ ,
Já ficaõ desculpados os Pastores.

Vós, senhor Dom Antonio, aonde acháraõ
O claro Apollo, & Marte hum ser perfeito,
Em quem suas altas mentes affináraõ.

Se meu engenho he rudo, & imperfeito,
Bem sabe onde se salva, pois pretende
Levantar com a causa o baixo effeito:

Em vós minha fraqueza se defende,
Em vós instilla a fonte de Pegaço,
O que meu canto pelo mundo estende.

Vedes as altas Musas do Parnaço,
Cantando vos estaõ na doce lyra,
Tomandome das mãos tam alto caso;

Vedes o louro Apollo, que me tira
De louvar vossa estirpe, & escutece,
O que em vosso louvor meu canto aspira;

Ou por me haver enveja me fallece,
Ou por nam ver soar na frauta ruda,
O que a sonora cythara merece.

Pois sei, Senhor, dizer, que a lingua muda;
Em quanto Progne triste o sentimento
Da corrompida irmã co pranto ajuda:

E em quanto Galathea ao manso vento
Solta os cabellos louros da cabeça,
E Tytiro nas sombras faz assento,

E em quanto flor ao campo nam faleça,
(Senam recebeis isto por afronta)
Farà que o Douro, & o Ganges vos conheça.

E já que a lingoa nisto fica pronta,
Consenti que a minha Ecloga se conte,
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.

No cume do Parnaço duro monte,
De silvestre arvoredo rodeado,
Nace huma cristalina, & clara fonte,
Donde hum manso ribeiro derivado,
Por cima d'alvas pedras, mansamente
Vai correndo suave, & sossegado.

O murmurar das ondas excellente
Os passaros excita, que cantando
Fazem o monte verde mais contente.

Tam claras vão as agoas caminbando,
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se podem huma, & huma estar contando.

Nam se veráõ ao redor pisadas
De fera, ou de pastor, que alli chegasse,
Porque do espesso monte são vedadas.

Herva nam se verá, que alli criasse
O monte ameno triste, ou venenosa,
Senam, que là no centro as igualasse.

O roxo lirio apar da branca rosa,
A cecem branca, & a flor, que dos amantes,
A cor tem magoada, & faudosa.

Alli se vem os myrthos circumstantes,
Que a cristalina Venus encubrirão
Da companhia dos Faunos peulantes,
Ortelan, manjarona, alli respiraõ,
Onde nem frio inverno, ou quente estio
As mucharaõ já mais, ou secas viraõ.

Desta arte vai seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado, & o deserto,
Sempre com verdes arvores sombrio.

Aqui huma linda Ninfa por acerto
 Perdida da fragueira companhia ,
 A quem este alto monte era encuberto ;
 Cansada já da caça vindo hum dia ,
 Quiz descansar à sombra da floresta ,
 E tirar nas mãos alvas da agoa fria.

E vendo a novidade manifesta
 Do srio , & como as arvores co vento
 As calmas defendião da alta sêta ,
 Das aves o lascivo movimento ,
 Que em seus modulos versos ocupadas
 As azas daõ ao doce pensamento .

Tendo notado tudo , já passadas
 As horas da graõ sêta se tornou
 A buscar as irmaãs no centro amadas .

Despois que largamente lhes contou ,
 Do nam visto lugar , que perto estava ,
 Que tanto por estremo a namorou ;

Que ao outro dia fossem , lhes rogava ,
 A lavar-se naquella fonte amena ,
 Que tam fermosas agoas destilava .

Já tinha dado hum giro a luz serena ,
 Do graõ pastor de Admeto , & já nacia
 Aos ditosos amantes nova pena ,

Quando as fermosas Ninfas à portia ,
 Para o lugar do monte caminhavaõ ,
 Rompendo a manhaã roxa , alegre , & fria .

De huma os cabellos louros se espalhavaõ
 Pelo fermoso collo sem concerto ,
 Com dous mil nõs suaves se enlaçavaõ .

Outra levando o collo descuberto ,
 Por mais despejo em tranças os atara ,
 Havendo por prezado o desconcerto ;

Dinamene , & Efire a quem topàra
 Nũas Febo , num rio , & encobriãõ
 Seus delicados corpos na agoa clara ;

Sirene , & Nise , que das mãos fugiraõ
 Do Tegeo Pan , Amanta , & mais Elyfa ,
 Dêstras nos arcos mais , que quantas tiraõ :

A linda Daliana , com Belisa ,
 Ambas vindas do Tejo , que como ellas
 Nenhuma tam fermosa as hervas pisa .

Todas estas angelicas donzellas ,
 Pelo viçoso monte alegres hiaõ ,
 Quaes no Ceo largo as nitidas estrellas .

Mas dous silvestres Deoses , que traziaõ
 O pensamento em duas occupado ,
 A quem de longe mais , que a si queraõ :

Nam lhe ficava monte , valle , ou prado ,
 Nem arvore , por onde quer que andavaõ ,
 Que nam soubesse delles seu cuidado .

Quantas vezes ao rio , que passavaõ ,
 Deriveraõ seu curso , ouvindo os danos ,
 Que atè os duros montes magoavaõ ?

Quantas vezes amor de tantos annos
 Abrandàra qualquer vontade izenta ,
 Se em Ninfas coraçoens ouvesse humanos ?

Mas quem de seu cuidado se contenta ,
 Offereça de longe a paciencia ,
 Que Amor de alegres magoas se sustenta .

Que

Que o moço Idalio quiz nesta ciencia ,
 Que se compadeceſſem dous contrarios ,
 Diga o quem tiver delle experiencia.

Indo os Deoſes emfim por montes varios
 Exercitando os olhos faudoſos ,
 Ao cristalino rio tributarios ;

Topàrao d'uns pès alvos , & mimoſos
 As piſadas na terra conhecidas ,
 As quaes foraó ſeguindo preſſuroſos :

Mas encontrando as Ninfas , que deſpidas
 Na clara fonte estavaó , nam cuidando
 Que d'alguem foſſem viſtas , ou ſentidas :

Deixaraóſe eſtar quedos , contemplando
 As feiçoens nunca viſtas , de maneira ,
 Que viſſem ſem ſer viſtos , eſpreitando.

Porèm a eſpeſſa mata menſageira
 Da futura cilada , co rugido
 Dos raminhos de huma aſpera aveleira ,
 Moſtrando a hum dos Deoſes eſcondido ,
 Todas tamanha grita levantàraó ,
 Como ſe foſſe o monte deſtruído.

E logo aſſi deſpidas ſe lançaã
 Pela eſpeſſura tam ligeiramente ,
 Que mais entãó , que os ventos avoàraó.

Qual o bando das pombas , quando ſente
 A fermoſa Aguia , cuja viſta pura
 Nam obedece ao Sol reſplandecente :

Empreſtalhe o temor da morte dura
 Nas azas nova força , & nam parando
 Cortaó o ar , & rompem a eſpeſſura.



Deſta arte vão as Ninfas , que deixando
De ſeu deſpojo os ramos carregados ,
Nũas por entre as ſilvas vão voando.

Mas os amantes já deſeſperados ,
Que para as alcançar em fim ſe vião
Nada dos pès caprinos ajudados :

Com amorofos brados as ſeguião ,
Hum ſò , que o outro ainda nam tomava
Folego algum , da preſſa que trazião ,
Mas deſpois de cansado ſe queixava.

PRIMEIRO SATYRO.

AH NINFAS fugitivas ,
Que ſò por nam uſar humanidade ,
Os perigos dos matos nam temeis !

Para que ſois eſquivas ,
Que inda de nõs nam peço piẽdade ,
Mas deſſas alvas carnes , que offendeis ,

Ah Ninfa nam vereis ,
Que Eurydice , fugindo deſſa ſorte ,
Fugio do amante , & nam da fera morte !
Tambem aſſi Eperic foi mordida

Da bibora eſcondida :
Olhai á ſerpe , Ninfas , na erva verde ,
Quem a condição nam perde , perde a vida.

QUE TYGRE , ou que leão ,
Que peçonhenta fera venenofa ,
Ou que inimigo emfim vos vai ſiguindo :

De hum brando coração ,
Que preſo deſſa viſta riguroſa ,

De si para vòs foge , andais fugindo ?

Olhai , que em gesto lindo ,

Nam se consente peito tam disforme ,

Senam quereis , que tudo se conforme :

Posto que bellas na agoa vos vejais ,

A fonte nam creais ,

Que vos tras enganadas por vingança

Destá nossa esperança , que enganais.

MAS AH , que nam consinto ,

Que nem palavra minha vos offenda ,

Posto que me desculpa a magoa pura :

Ninfas digo que minto ,

Que nam pôde haver nunca quem pretenda

De desfazer em vossa fermosura :

Se amor de tanta dura ,

Por tanto mal tam pouco bem merece ,

Nam estranheis minha alma , que endourece ,

Que se falla doudices de improvizo ,

Sem tento , nem aviso ,

Queira Deos , que dureza tam crecida ,

Que me nam tire a vida além do siso.

COUSAS grandes , & estranhas

Tem peio mundo feito , & faz natura ,

Q' a qué vos nam vio , Ninfas , muito espantão

Nas Libicas montanhas

As Scitales são feras da pintura

Tam singular , que sò co a vista encantão ,

As Hiênas levantão

A voz tam natural à voz humana ,

Que a quem as ouve facilmente engana ;

C c ij



E vòs (ò gentis feras) cujo aspeito

O mundo tem fugeito,

Tendes da natureza juntamente,

A vista & voz de gente, & fero o peito.

D A s amorofas leys,

Com que liga natura os coraçoens,

Andais fugindo, Ninfas, na espessura?

Como nam vos correis,

Que em vòs ajaõ tam duras condiçoens,

Que possaõ mais, que a provida natura?

Se vossa fermofura

He sobre natural, nam he forçado,

Que assi tenha tambem o peito irado:

Mas antes ao amor, em cuja mão

Os coraçoens estão,

Por vossa gentileza tam fermofa,

Lhes deveis amorofa condição.

AMOR he hum brando afeito,

Que Deos no mundo poz, & a natureza,

Para aumentar as coufas, que criou;

D'amor está fugeito,

Tudo quanto possue a redondeza,

Nada sem este effeito se gèrou;

Por elle confervou

A cauza principal, o mundo amado,

Donde o pay famulento foi deitado,

As causas elle as ata, & as conforma

Com o mundo, & reforma

A materia: quem ha que nam o veja?

Quanto meu mal defeja sempre forma.

ENTRE as hervas dos prados
 Nam ha machos , & femeas conhecidas ,
 E junto hũa da outra permanece ?

Nam estaõ carregados
 Os ulmeiros das vides retorcidas ,
 Onde o cacho esforçado amadurece ?

Nam vedes , que padece
 Tanta tristeza a Rola pela morte
 Da sua amada & unica consorte ?
 Pois là no Olimpo a quantos cativou
 Cupido , & maltratou ?

Melhor que eu , o dirà a futil donzela ,
 Que là na sua tella o dibuxou.

A H c a s o grande , & grave !
 Ah peitos de diamante fabricados ,
 E das leys absolutos naturais !

Aquelle amor suave ,
 Aquelle poder alto , que forçados
 Os Deoses obedecem , desprezais ?
 Pois para que saibais ,
 Que contra o fero amor nunca ouve escudo ,
 O seu costume he ter vingança em tudo ;
 Eu vos verci deitar em hum momento ,

Suspiros mil ao vento ,
 Lagrimas tristes , pranto , nova dor ,
 Por quem tenha outro amor no pensamento.

M A I s quizera dizer
 O desditoso amante , que ajudado
 Se via entaõ da magoa , & da tristeza ,

Mas foi-lho defender
 O outro companheiro como irado ;
 Com tam disforme , & aspera dureza ;
 Aquillo , que a rudeza ,
 E a ciencia agreste lhe ensinàra ,
 Imaginando , como que acordàra
 D'algum fonho, arrancando d'alma hũ grito :
 O mais , que alli foi dito ,
 Vòs montes o direis , & vòs penedos ,
 Que em vossos arvoredos anda escrito.

S A T Y R O S E G U N D O .

N E M vòs nascidas fois de gente humana ,
 Nem foi humano o leite , que mamastes ;
 Mas d'alguma disforme fera Hircana ,
 Là no Caucaço monte vos creastes :
 Daqui tomastes a aspereza infana ,
 Daqui o frio peito congelastes ,
 Sois Sphinges nos gèstos naturais ,
 Que o rosto sò de humanas amostrais.

S E V ò s fostes criadas na espessura ,
 Onde nam ouve coufa , que se achasse
 Animal , erva , planta , ou pedra dura ,
 Que em seu tempo passado nam amasse ;
 Nem a quem a affeição suave , & .puta ,
 Nessa presente fórma nam mudasse ,
 Porque nam deixareis tambem memoria
 De vòs , em namorada , & longa historia!

O L H A I como na Arcadia foterrando
 O namorado Alfeo sua agoa clara ,

Lá na ardente Sicilia vai buscando
 Por debaixo do mar a Ninfa cara,
 Assi mefmo vereis passar nadando
 Acis, que Galathea tanto amára,
 Por onde do Ciclope a grande magoa,
 Converteo do mancebo o fangue em agoa.

VIRAI os olhos, Ninfas, à Erycina
 Espessura, vereis alli mudarfe
 Egeria, & em fonte clara, & cristalina,
 Pela morte da Numa destilarfe:
 Olhai, que a triste Biblis vos ensina
 Com perderfe de todo, & transformarfe
 Em lagrimas, que emfim pudêraõ tanto,
 Que acrescentáraõ sempre o verde manto.

E SE entre as claras agoas ouve amores,
 Os penedos tambem foraõ perdidos,
 Olhai os dous conformes amadores,
 Lá no monte Ida em pedra convertidos:
 Lethea por cahir em váos errores,
 De sua fermofura procedidos,
 Oleno, porque a culpa em si tomava,
 Por nam ver castigar, quem tanto amava.

TOMAI exemplo, & vede em Cypro aquella
 Por quem Isis no laço poz a vida,
 Tambem vereis em pedra a Ninfa bella,
 Cujá voz foi por Juno consumida,
 E se queixar se quer de sua estrella,
 A voz estrema sò lhe he concedida;
 E tu tambem, ò Dafnis, que trouxeste
 Princito ao monte o doce verso agreste.

TAMANHO amor lhe tinha a branda amiga
 Que em inimiga emfim se foi tornando ,
 Que porque Ninfa eſtranha outra o fogiga ,
 Suas magicas ervas vai buscando ;
 Olhai a crua dor a quanto obriga ,
 Que por vingar ſua ira transformando
 Se foi em pedra , ò dura confuſaõ !
 Deſpois lhe peſaria , mas em vaõ.

OLHAI , Ninfas , as arvores alçadas ,
 A cuja ſombra andais colhendo flores ,
 Como em ſeu tempo foraõ namoradas
 Que ainda agora o tronco ſente as dores.
 Vereis tambem , ſe fordes alembradas ,
 Como a cor das amoras he de amores ,
 O ſangue dos amantes na verdura ,
 Teſtemunha de Tiſbe a ſepultura.

E LA' pela odorifera Sabèa ,
 Nam vedes , que de lagrimas daquella ,
 Que com ſeu pay , & ſe ajunta , & ſe recrea ,
 Arabia ſe enriquece , & vive della ?
 Vede mais a verde arvore Penea ,
 Que foi já n'outro tempo Ninfa bella ,
 E Cypariſſo angelico mancebo ,
 Ambos verdes com lagrimas de Febo.
 ESTÁ o moço de Frigia delicado
 No mais alto arvoredado convertido ,
 Que tantas vezes fere o vento irado ,
 Galardaõ de ſeus erros merecido :
 Que da alta Berecinthia ſendo amado ,
 Por huma Ninfa baixa foi perdido ,

E a Deosa , a quem perdeo do pensamento ,
 Quiz , que tambem perdesse o entendimento.

O SUBITO furor lhe afigurava ,
 Que o monte , as cascas , & arvores cahiaõ ,
 Já dos pudicos membros se privava ,
 Que a Deosa , & a furia grande o constrangiaõ :
 Já no indino monte se lançava ,
 De sua morte as feras se dohiaõ :
 Desta arte perdeo Athis na espessura ,
 Despois de tantas perdas , a figura.

LEMBREVOS quando as gentes celebravaõ
 Em Grecia as grandes festas de Lyço ,
 Onde as fermosas Ninfas se juntavaõ ,
 E os sacros moradores de Lyceo :
 Todos em doce sono se occupavaõ
 Pelo monte , despois que anoiteceo ,
 Mas o Deos do Helesponto nam dormia ,
 Que hum novo amor o sono lhe impedia.

MAS ELLA emfim os braços estendendo ,
 Em ramos se lhe foraõ transformado ,
 Em raizes os pès se vaõ torcendo ,
 E o nome de Lotho sò lhe vai ficando :
 Vedes Napcas este caso horrendo ,
 Que vos està de longe ameaçando ?
 Que assi tambem d'aquella , a quem seguia
 O sacro Pan , a forma se perdia.

E QUE direis de Filis , que perdida
 Da saudosa dor , em que vivia ,
 A desesperaçãõ emfim trazida
 Do cumprido esperar de dia em dia :

Por defatar do corpo a triste vida ,
 Atava ao colo a cinta , que trazia ,
 Mas o tronco sem folha pelo monte
 Rhodope abraça o lento Demofonte.

N A S boninas tambem vereis Jacintho ,
 Por quem Febo de si se queixa em vam ,
 Vereis o monte Idalio em sangue tinto
 Do neto de feu pay , da mãy itimam :
 Chora Venus a dor do moço extinto ,
 Maldiz o Ceo , & a Terra com razaõ ,
 A Terra porque logo nam se abrio ,
 O Ceo porque tal morte permitio.

E TU constante Clycie , a quem falece
 A fê de teus amores enganofos ,
 No louro amante , que de ti se esquece ,
 Se esquecem os teus olhos faudofos :
 Nenhum alegre estado permanece ,
 Que são do mundo os gostos mentirofos ,
 E a tua clara luz , por quem suspiras ,
 Ainda agora em herva a folha viras.

TRAGOVOS estas coufas à lembrança ,
 Porque se estraphe mais vossa crueza ,
 Com ver que a creação & a longa usança
 Vos nam perverte , & muda a natureza :
 Dou as lagrimas minhas em fiança ,
 Que em tudo quanto está na redondeza ,
 Coufa de amor izenta , se atentais ,
 Em quanto vos nam virdes nam vejais.

J A' DISSE , que de amor sempre tiverão
 As coufas insensivcis pena , & gloria ,

Vede as sensiveis como se perdêrão ,
 E dirvoshei das aves larga historia ,
 Que as penas , que em sua alma se sofrerão
 Nas azas lhe ficarão por memoria ,
 E aquelle altivo , & leve movimento ,
 Lhe ficou do voar do pensamento .

O doce Roxinol , & a Andorinha ,
 De donde ellas se forão transformando ,
 Senam do puro amor , que o Tracio tinha
 Q' em poupa ainda a amada anda chamando?
 Clama sem culpa a misera avezinha ,
 Que na praya de Fafis habitando ,
 Do rio toma o nome , & assi se vai
 Chamando à mãy cruel , & injusto o pay .

V E D E a quem engeitou Pallas por fallar ,
 Que dos amores he mayor deffeito ,
 E aquella , que succede em seu lugar ,
 Ambas aves de amor usado effeito ,
 Huma , porque fugia ao Deos do mar ,
 Outra , porque tentara o patrio leito ,
 E Scylla , que a seu pay poz em perigo ,
 Sò por ser muito amiga do inimigo .

E P I c o a quem ficarão ainda as cores
 Da purpura Real , que ter sohia ,
 E Esaco , que o seguir de seus amores ,
 O trouxe a ver tam cedo o estremo dia ;
 Ou vede os dous tam firmes amadores ,
 Que amor aves tornou na praya fria ,
 Do Rey dos ventos era genro o triste ,
 Que Alcione na praya morto viste .

§ 12 E C L O G A S

ESTAVA a triste Alcione esperando
 Com longos olhos o marido ausente ,
 Mas os irados ventos allopando ,
 Nas agoas o afogarão tristemente :
 Em sonhos se lhe está representando ,
 Que o coração prefago nunca mente ,
 Sò do bem as suspeitas mentirão ,
 Porque as do mal futuro certas são .

AO PRANTO os olhos seus a triste enfaya ,
 Buscando o mar com elles hia , & vinha ,
 Quando o corpo sem alma achou na praya
 Sem alma o corpo achou , que n'alma tinha ,
 Oh Nereidas do Egeo consolaya ,
 Pois este triste officio vos convinha ,
 Consolaya , sabi das vossas agoas ,
 Se consolação ha em grandes magoas .

MAS ò necio de mi , estou fallando
 Das avezinhas mansas , & amorosas ,
 Se tambem teve amor , poder , & mando
 Entre as feras montezes venenosas :
 O Leão , & a Leoa , como , ou quando
 Taes formas alcançarão temerosas ?
 Sabe-o da Deosa Dindymene o templo ,
 E a que o deu a Adonis por exemplo .

QUEM fosse a mansa vaca dilohia ,
 Mas o graó Nilo o diga , que a adora ;
 Que forma teve a Urfa saberséhia
 Do Polo Boreal , onde ella mòra :
 O caço de Acéon tambem diria
 Em cervo transformado , & melhor fora ,

Qu:



Que dos olhos perdera a vista pura ,
Que escolher , nos seus galgos sepultura.

Tudo isto Acteon vio na fonte clara ,
Onde a si de improviso em cervo vio ,
Que quem assi desta arte alli o topára ,
Que se mudasse em cervo permitio :
Mas como o triste amante em si notára
A defusada fôrma , se partio ;
Os seus, q' o nam conhecem, o vão chamando,
E estando alli presente o vão buscando.

Cos OLHOS, & co gèsto lhes fallava ,
Que a voz humana já mudada tinha ,
Qualquer delles por elle entáo chamava ,
E a multidáo dos caens contra elle vinha :
Que viesse ver hum cervo lhe gritava ,
Acteon aonde estás ? acude afinha ,
Que tardar tanto he este ? lhe dizia :
He este , he este o ecco respondia.

QUANTAS cousas em vão estou fallando ,
(O esquivas Napeas) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando ,
De quem meu dano tanto sò deseja :
Pois por mais que de mi me andeis tirando ,
E por mais longa emfim , que a vida seja ,
Nunqua em mi se verá tamanha dor ,
Que amor a nam converte em mais amor.

AQUI (ò Ninfas minhas) vos pinteí ,
Todo de amores hum jardim suave ,
Das aves , pedras , agoas vos conteí ,
Sem me ficar bonina , fera , ou ave :



Se este amor que no peito aposentei,
 Que dos contentamentos tem a'chave,
 Por dita em tempo algum determinasse,
 Que de tam longos annos vos pesasse;

QUANTO mais devagar vos contaria,
 De minha larga historia, & nam alhea,
 E com quanta mais agoa regaria
 De contente, que o rio, a branca area:
 Novo contentamento me seria,
 Formar de meu cuidado a nova idèa,
 E vòs gostando deste estado ufano,
 Zombarieis então de voffo engano.

MAS COM quem fallo, ou o q' estou gritando,
 Pois nam ha nos penedos sentimento?
 Ao vento estou palavras espalhando,
 A quem as digo, corre mais que o vento:
 A voz, & a vida a dor me està tirando,
 E nam me tira o tempo o pensamento,
 Direi en fim as duras esquivanças,
 Que sò na morte tenho as esperanças,

AQU I o triste Satyro acabou,
 Com soluços, que a alma lhe arrancavão,
 E os montes infensiveis, que abalou,
 Nas ultimas repostas o ajudavão:
 Quando Febo nas agoas se encerrou,
 Cos animaes, que o mundo alumiavão,
 E co luzente gado appareceo,
 A celeste pastora pelo Ceo.

ECLOGA VIII.

PISCATORIA.

A RDE, por Galathea branca, & loura,
Serenos pescador, pobre forçado,
D'huma estrella, que quer à mingoa moura,

Os outros pescadores tem lançado
No Tejo as redes, elle sò fazia
Este queixume ao vento descuidado.

Quando virà, ò Ninfa bella, o dia
Em que te possa dar a conta estreita
Destá doudice triste, & van porfia?

Nam vès, q me foga alma, & q me engeita,
Buscando num sò riso da tua boca,
Nos teus olhos azuis manfa colheita?

Se neste esprito alguma magoa toca,
Se d'amor fica nelle huma pégada,
Que te vai Galathea nesta troca?

Dartehei minha alma, là ma tens roubada,
Nam ta demandarei, dame por ella
Huma sò volta de olhos descuidada.

Se muito te parece, & minha estrella
Nam consentir ventura tam ditosa,
Doute as azas do amor perdidas nella.

Que mais te posso dar, Ninfa fermosa,
Inda que o mar de aljofar me cubrira
Todá esta praya lèda, & graciosa!

Calão as ondas, quebra o vento a ira.
Minha tormenta triste nam sossega,

D d ij



O peito arde em vão, em vão suspira.

Ao romper da alva anda à nevoa cega,

Sobre os montes da Arrabida viçosos,

Em quanto a elles a luz do Sol nam chega.

Eu vejo aparecer outros fermosos

Rayos, que a graça, & cor ao Ceo ronbárao,

Ficão meus olhos cegos mais faudosos.

Quantas vezes as ondas se encrespárao

Com meus suspiros, quantas com meu pranto

Se parárao com magoa, & me escutárao?

Se na força da dor a voz levanto,

E ao fom do remo, que agoa vai ferindo,

Perante a Lúa meu cuidado canto;

Os maviosos delfins me estão ouvindo,

A noite soffegada, o mar calado,

Sò Galathea foges, & vas rindo.

Estranhas por ventura o mar cercado

Da fraca rede, a barca ao vento solta,

E hum pobre pescador aqui lançado?

Antes que dê no Ceo o Sol huma volta,

Se pôde melhorar minha ventura:

Como acontece aos outros n'agoa envolta.

Igual preço nam he da fermosura,

A arêa de ouro, que do Tejo espraya,

Mas hum amor, que para sempre dura.

Veção teus olhos, bella Ninfa, a praya,

Verás teu nome na miçosa arêa,

Nunqua sobre elle o mar com furia faya.

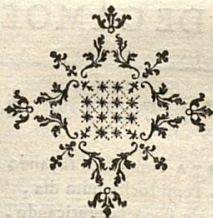
Vento, ou ar, atêgora o nam saltêa,

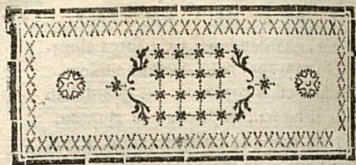
Tres dias ha, que escrito aqui o deixoa

Amór , guardandoo a toda força alhea.

Elle com suas mãos mesmo ajudou ,
Escolher estas conchas , que guardando
Para ti huma , & huma , sò ajuntou.

Hum ramo te colhi de coral brando ,
Antes que o ar lhe dèsse , parecia ,
O que de tua boca estou cuidando ,
Ditoso se o soubesse ònda algum dia.





ELEGIAS
D E
LUIS DE CAMOENS.

ELEGIA I.

O POETA Simonides fallando
Co capitão Temistocles hum dia ,
Em cousas de sciencia praticando ,
Huma arte singular lhe prometia ,
Que então compunha , com que lhe ensinasse
A se lembrar de tudo , o que fazia.
Onde tam sutis regras lhe mostrasse ,
Que nunca lhe passasse da memoria ,
Em nenhum tempo as cousas , que passasse :
Bem merecia certo Fama , & gloria ,
Que dava regra contra o esquecimento ,
Que enterra em si qualquer antiga historia.

ELEGIAS DE L. DE CAMOENS. 319

Mas o capitão claro, cujo intento
 Bem differente estava, porque havia
 As passadas lembranças por tormento.

O' illustre Simonides, dizia,
 Pois tanto em teu engenho te confias,
 Que mostras à memoria nõva via;
 Se me desstes huma arte, que em meus dias
 Me nam lembrasse nada do passado,
 Oh quanto melhor obra me farias!

Se este excellente dito ponderado
 Fosse, por quem se visse estar ausente,
 Em longas esperanças degradado;
 Oh como brádaria justamente,
 Simonides, inventa nõvas artes,
 Nam messas o passado co presente!

Que se he forçado andar por varias partes,
 Buscando à vida algum descanso honesto,
 Que tu Fortuna injusta, mal repartes;

E se o duro trabalho he manifesto,
 Que por grave que seja ha de passar-se,
 Com animoso espirito, ledo gesto,

De que serve às pessoas alembrar-se
 Do que se passou já, pois tudo passa,
 Senam de entristecer-se, & magoar-se?

Se n'outro corpo huma alma se traspassa,
 Nam como quiz Pythagoras na morte,
 Mas como manda amor na vida escassa

E se este amor no mundo està de sorte,
 Que na virtude sò de hum lindo objecto,
 Tem hum corpo sem alma vivo, & forte,

Onde este objecto falta , que he defecto
 Tamanho para a vida , que já nella ,
 Me está chamando à pena a dura Aleto;
 Porque me nam criara minha estrella ,
 Selvatico no mundo , & habitante
 Na dura Scythia , ou na aspereza della ?

Ou no Caucaſo horrendo tenro infante ,
 Criado ao peito de huma tygre Hyrcana ,
 Homem fora formado de diamante.

Porque a cerviz ferina , & inhumana ,
 Nam fometera ao jugo , & dura ley ,
 Daquelle , que dà vida , quando engana ,
 Ou em pago das agoas , que estilei ,
 As que do mar passei foraõ de Lethe ,
 Para que me esquecèra ; o que passei ,
 Que o bem , que a esperança van promete ,
 Ou a morte o estorva , ou a mudança.
 Que he mal , q̄ hũa alma em lagrimas detrete.

Já senhor cahirá como a lembrança
 No mal do bem passado he triste , & dura ,
 Pois nacé adonde morre a esperança ,
 E se quizer saber como se apura
 N'uma alma saudosa , nem se enfade
 De ler tam lōnga , & misera escriptura.

Soltava Eolo a redea & liberdade
 Ao mánſo Favonio brandamente ,
 E eu já a tinha solta à saudade.

Neptuno tinha posto seu Tridente
 A proa a branca escuma dividia ,
 Com a gente maritima contente.

O Coro das Nereidas nos seguia ,
 Os ventos namorada Galathea
 Configo sossegados os movia.

Das argenteas conchinhas Panopea ,
 Andava pelo mar fazendo molhos ,
 Melanto , Dinamene , com Legea.

Eu trazendo lembranças por antolhos ,
 Trazia os olhos na agoa sossegada ,
 E a agoa sem sossego nos meus olhos.

A bemaventurança já passada ,
 Diante de mi tinha tam presente ,
 Como senam mudasse o tempo nada.

E com o gesto immòto , & descontente
 Cum suspiro profundo , & mal ouvido ,
 Por nam mostrar meu mal a toda a gente ;

Dizia , ò claras Ninfas , se o sentido
 Em puco amor tivestes , & inda agora
 Dã memoria o nam tendes esquecido ;

Se por ventura fordes algum hora ,
 Aonde entra o graõ Tejo dar tributo
 A Thetis , que vòs tendes por senhora ;

Ou por verdes o prado verde enxuto ,
 Ou por colherdes ouro rutilante ,
 Das Tagicas arèas rico fruto.

Nellas em verso heroico , & elegante ,
 Escrevei numa concha , o que em mi vistes ,
 Pòde ser que algum peito se quebrante ,

E contando de mi memorias tristes ,
 Os pastores do Tejo , que me ouvião ,
 Oução de vòs as magoas , que me ouvistes.

Ellas, que já no gèsto me entendião,
 Nos meneos das ondas me mostravão,
 Que em quanto lhe pedia consentiào.

Estas lembranças, que me acompanhavão,
 Por tranquillidade da bonança,

Nem na tormenta grave me deixavão:

Porque chegando ao Cabo da Esperança
 Começo da faudade, que renova,
 Lembrando a longa, & aspera mudança:

Debaixo estando já da estrella nova,
 Que no novo Emisferio resplandece;
 Dando do segundo axe certa prova;

Eis a noite com nuves se escurece,
 Do ar subitamente foge o dia,
 E o largo Oceano se embravece;

A machina do mundo parecia,
 Que em tormenta se vinha desfazendo,
 Em ferras todo o mar se convertia.

Lutando Boreas fero, & Noto horrendo,
 Sonoras tempestades levantavão,
 Das naos as vellas concavas rompendo.

As cordas co ruído affoviavão,
 Os marinheiros já desesperados,
 Com gritos para o Ceo o ar coalhavão.

Os rayos por Vulcano fabricados,
 Vibrava o fero, & aspero Tonante,
 Tremendo os Polos ambos de affombrados.

Alli amor mostrandose possante,
 E que por nenhum medo nam fugia,
 Mas quanto mais trabalho, mais constante.

Vendo a morte diante , em mi dizia ,
 Se alguma hora , senhora , vos lembrasse ,
 Nada do que passei me lembraria.

Emfim nunca houve causa , que mudasse
 O firme amor intrinseco daquelle ,
 Cujo peito huma vez de si se entrasse.

Huma cousa , senhor , por certo asselle ,
 Que nunca amor se affina , nem se apura
 Em quanto está presente a causa delle.

Desta arte me chegou minha ventura ,
 A esta desejada , & longa terra ,
 De todo o pobre honrado sepultura.

Vi quanta vaidade em nós se encerra ,
 E dos proprios quam pouca , contra quem
 Foi logo necessario termos guerra.

Que huma Ilha , que o Rey de Porçã tem ,
 Que o Rey da Pimenta lhe tomãra ,
 Fomos tomarlha , & succedeonos bem.

Com huma armada grossa , que ajuntãra
 O Visorrey , de Goa nos partimos
 Com toda a gente d'armas , que se achãra ,
 E com pouco trabalho destruimos
 A gente no curvo arco exercitada ,
 Com mortes , com incendios os punimos.

Era a Ilha com agoas alagada ,
 De modo , que se andava em almadias ;
 Em fim outra Veneza trasladada.

Nella nos detivemos sòs dous dias ,
 Que forão para alguns os derradeiros ,
 Que passarão de Styge as agoas frias.

Que estes são os remedios verdadeiros,
Que para a vida estão aparelhados,
Aos que a querem ter por cavaleiros.

Oh lavradores bemaventurados,
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo foflegados!

Dálhes a justa terra o mantimento,
Dálhes a fonte clara a agoa pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.

Nam vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente,
Nam temem o furor da guerra dura.

Vive hum com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o sono foflegado
Algum cuidado do ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,
E da fermosa cor de Assyria tinto,
E dos torçais Atalicos lavrado:

Senam tem as dilicias de Corintho,
E se de Pario os marmores lhe faltão,
O Piropo, a Esmeralda, & o Jacinto.

Se suas casas d'ouro nam se esmaltão,
Esmalta felhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltão.

Alli amostra o campo varias cores,
Vemse ramos pender co fruto ameno,
Alli se affina o canto dos pastores.

Alli cantàra Titiro, & Sileno,
Emfim por estas partes caminhou
A san justiça para o Cco sereno,

Ditose

Ditoso seja aquelle , que alcançou
Foder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas , que criou.

Este bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda a cousa ,
Como se gera a chuva , & neve fria :

Os trabalhos do Sol , que nam repoufa ,
E porque nos dà a Lua a luz alhea ,
Se tolhernos de Febo os rayos oufa.

E como tam depressa o Ceo rodèa ,
E como hum sò os outros traz consigo ,
E se he benigna , ou dura Cytherea.

Bem mal pôde entender isto que digo ,
Quem ha de andar seguindo o fero Marte ,
Que traz os olhos sempre em seu perigo.

Porèm seja , senhor , de qualquer arte ,
Que posto , que a Fortuna possa tanto ,
Que tam longe de todo o bem me aparte ,

Nam poderá apartar meu duro canto
Desta obrigação sua , em quanto a morte
Me nam entrega ao duro Radamanto ,
Se para tristes ha tam lèda sorte.

ELEGIA II.

AQUELLA , que de amor descomedido ,
Pelo fermoso moço se perdeu ,
Que sò por si de amores foi perdido ;
Despois que a Deosa em pedra a converteo ,
De seu humano gesto verdadeiro ,
A ultima voz sò lhe concedeo.

Tom. II,

E e



Assi meu mal do proprio ser primeiro,
 Outra cousa nenhuma me consente,
 Que este canto, que escrevo derradeiro:
 E se ainda alguma vida estando ausente,
 Me deixa amor, he porque o pensamento
 Sinta a perda do bem de estar presente.

Senhor, se vos espanta o sentimento,
 Que tenho em tanto mal para escrevelo,
 Furto este breve tempo a meu tormento:

Porque quem tem poder para soffelo,
 Sem se acabar a vida co cuidado,
 Tambem tera poder para dizelo.

Nem eu escrevo mal tam costumado,
 Mas n'alma minha triste, & saudosa,
 A saudade escreve, & eu traslado,

Ando gastando a vida trabalhosa,
 Espalhando a continua saudade,
 Ao longo de huma praya saudosa.

Vejo do mar a instabilidade,
 Como com seu ruído impetuoso,
 Retumba na mayor concavidade;

E com sua branca escuma furioso,
 Na terra a seu pesar lhe está tomando
 Lugar onde se estenda cavernoso.

Ella como mais fraca lhe está dando
 As concavas entranhas, onde esteja
 Suas salgadas ondas espalhando,

A todas estas cousas tenho inveja
 Tamanha, que nam sei determinarne,
 Por mais determinado que me veja.

Se quero em tanto mal desesperarme,
 Nam posso, porque amor & saudade
 Nem licença me dão para matarme.

A's vezes cuido em mim se a novidade,
 E estranheza das cousas co a mudança,
 Se poderão mudar huma vontade,

E com isto afiguro na lembrança
 A nõva terra, o novo trato humano,
 A estrangeira gente, & estranha usança.

Subome ao monte, que Hercules Thebano,
 Do altissimo Calpe dividio,
 Dando caminho ao mar Mediterraneo.

Dalli estou tenteando aonde vio
 O pomar das Hesperidas, matando
 A sepe, que a seu passo resistio.

Em outra parte estou afigurando
 O poderoso Antheo, que derrubado
 Mais força se lhe estava acrescentando.

Mas dos Herculos braços sogigado,
 No ar deixou a vida, nam podendo
 Da madre Terra já ser ajudado;

E nem com isso em fim, que estou dizendo,
 Nem com as armas tam continuadas,
 De lembranças passadas me defendo.

Todas as cousas vejo demudadas,
 Porque o tempo ligeiro nam consente,
 Que estejaõ de firmeza acompanhadas.

Vi já que a Primavera de contente
 De mil cores alegres revestia
 O monte, o rio, o campo alegremente:

E c ij



Vi já das altas aves a harmonia ,
 Que atè aos montes duros convidava ,
 A hum modo suave de alegria.

Vi já que tudo em fim me contentava ;
 E que de muito cheyo de firmeza ,
 Hum mal por mil prazeres nam trocava.

Tal me tem a mudança & estranheza ,
 Que se vou pellos campos , a verdura
 Parece que se seca de tristeza.

Mais isto he já costume da ventura ;
 Que aos olhos , que vivem descontentes ,
 Descontente o prazer se lhe afigura.

Oh graves & insufriveis accidentes
 De Fortuna & de Amor , que penitencia
 Tam grave dais aos peitos innocentes !

Nam basta experimentarme a paciencia ,
 Com temores , & falsas esperanças ,
 Sem q̄ tambem me atente o mal de ausencia ?

Trazeis a hum brando animo em mudanças
 Para que nunca possa ser mudado ,
 De lagrimas , suspiros , & lembranças.

E se estiver ao mal acoftumado ,
 Tambem no mal nam consentis firmeza ,
 Para que nunca viva descansado.

Vivia eu soffegado na tristeza ,
 E alli nam me faltava hum brando engano ,
 Que tirasse os defejos da fraqueza :

E vendome enganado estat ufano ,
 Deo à roda Fortuna , & deo comigo ,
 Oude de novo choro o novo dana.

Já deve de bastar , o que aqui digo ,
 Para dar a entender o mais , que callo ,
 A quem já vio tam aspero perigo .

E se nos bravos peitos faz aballo ,
 Hum peito magoado , & descontente ,
 Que obriga , a quem o ouve , a confortallo .

Nam quero mais , senam que largamente ,
 Senhor , me mandeis novas dessa terra ,
 Ao menos poderei viver contente .

Porque se o duro Fado me desterra ,
 Tanto tempo do bem , que o fraco espirito
 Desempare a prisaõ , onde se encerra ,

Ao som das negras agoas do Cocito ,
 Ao pè dos carregados arvoredos ,
 Cantarei , o que n'alma tenho escrito .

E por entre esses horridos penedos ,
 A quem negou natura o claro dia ,
 Entte tormentos asperos , & medos :

Com a tremula voz cansada , & fria ,
 Celebrarei o gèsto claro , & puro ,
 Que nunca perderei da fantasia ;

E o musico de Thracia já seguro
 De perder sua Eurydice tangendo ,
 Me ajudará ferindo o ar escuro .

As namoradas sombras revolvendo
 Memorias do passado me ouvirão ,
 E com seu choro o rio irá crescendo .

Em Salmoneo , as penas faltarão ,
 E das filhas de Belo juntamente ,
 De lagrimas os vasos se encherão .

E c iij

Que se amor nam se perde em vida ausente,
 Menos se perderà por morte escura,
 Porque em fim a alma vive eternamente,
 E amor he effeito d'alma, & sempre dura.

ELEGIA III.

O SULMONENSE Ovidio desterrado
 Na aspereza do Ponto, imaginando
 Verse de seus parentes apartado:
 Sua cara mulher defemparando,
 Seus doces filhos, seu contentamento,
 De sua patria os olhos apartando:
 Nam podendo encubrir o sentimento,
 Aos montes & às agoas se queixava
 De seu escuro, & triste nascimento.
 O curso das estrellas contemplava,
 E como por sua ordem discurria
 O Ceo, o Ar, & a Terra adonde estava.
 Os peixes pelo mar nadando via,
 As feras pelo monte, procedendo
 Como seu natural lhes permitia.
 De suas fontes via estar nascendo
 Os saudosos rios de cristal,
 A' sua natureza obedecendo.
 Assim sò de seu proprio natural,
 Apartado se via em terra estranha,
 A cuja triste dor nam acha igual.
 Sò sua doce Musa o acompanha,
 Nos versos saudosos, que escrevia,
 E choro, com que alli o campo banha,

Desta arte me afigura a fantasia ,
 A vida , com que vivo desterrado
 Do bem , que n'outro tempo possuhia ,
 Alli contemplo o gosto já passado ,
 Que nunca passará pela memoria ,
 De quam o tem na mente debuxado.

Alli vejo a caducæ & debil gloria ,
 Desenganar meu erro co a mudança ,
 Que faz a fragil vida transitoria ;

Alli me representa esta lembrança ,
 Quam pouca culpa tenho , & me entristece ,
 Ver sem razão a pena , que me alcança.

Que a pena , que com causa se padece ,
 A causa tira ao sentimento della ,
 Mas muito doe , a que se nam merece.

Quando a roxa manhaã fermosa , & bella
 Abre as portas ao Sol , & cae o orvalho ,
 E torna a seus queixumes Filomela ;

Este cuidado , que co sono atalho ,
 Em sonhos me parece , que , o que a gente ,
 Por seu descanso tem , me dà trabalho :

E despois de acordado cegamente
 (Ou por melhor dizer defacordado ,
 Que pouco acordo tem hum descontente)

Dalli me vou com passo carregado ,
 A hum outeiro erguido , & alli me assento,
 Soltando a redea toda a meu cuidado.

Despois de farto já de meu tormento ,
 Dalli estendo os olhos saudosos
 A parte aonde tinha o pensamento.



Nam vejo senam montes pedregosos,
E os campos sem graça & secos vejo,
Que já floridos vira, & graciosos.

Vejo o puro, suave, & brando Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito seu desejo.

Humas co brando vento navegando,
Outras cos leves remos brandamente
As cristalinas agoas apartando.

Dalli fallo co a agoa, que nam sente,
Com cujo nascimento a alma fae
Em lagrimas desfeita claramente

Oh fugitivas ondas esperai,
Que pois me nam levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai.

Atè que venha aquelle alegre dia,
Que eu vâ onde vos his, contente, & ledo:
Mas tanto tempo, quem o passaria!

Nam pôde tanto bem chegar tam cedo,
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tam aspero degredo.

Mas esta triste morte, que virà,
Se em tam contrario estado me acabasse,
A alma impaciente, adonde irá?

Que se às portas Tartareas chegasse,
Temo, que tanto mal pela memoria,
Nem ao passar do Lethe, lhe passasse.

Que se à Tântalo, & Tycio for notoria
A pena, com que vai, que atormenta,
A pena, que lâ tem, terão por gloria.

Esta imaginação sò me acrescenta
Mil magoas no sentido, porque a vida
De imaginaçoens tristes se sustenta.

Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal, que possue, se refuma
Imagina na gloria possuída.

Atè que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado,
Em que Fortuna faça, o que costuma,
Se n'ella habi mudar hum triste estado.

ELEGIA IV.

A PAIXAM DE CHRISTO
NOSSO SENHOR.

SE quando contemplamos as secretas
Causas, porque o mundo se sustenta,
O revolver dos Ceos, & dos Planetas;
E se quando à memoria se apresenta
Este curso do Sol, que he taõ medido,
Que hum ponto sò não mingua, nê se augméta
Aquelle effeito tarde conhecido,
Da Lúa, em ser mudavel, tam constante,
Que minguar, & crescer he seu partido;
Aquella natureza tam possante
Dos Ceos, que tam conformes, & contrarios
Caminhão, sem parar hum breve instante;
Aquelles movimentos ordinarios,
A que responde o tempo, que não mente,
Cos effeitos da terra necessarios;

Se quando emfim revolve futilmente
Tantas causas a leve fantasia,
Sagaz, eſcrutadora, & diligente;

Vê bem (ſe da razão ſe não desvia)
O Altiffimo ſer, puro, & divino,
Que tudo pôde, manda, move, & cria.

Sem fim, & ſem começo, hum ſer contino,
Hum padre grande, a quem tudo he poſſivel,
Por mais arduo que ſeja ao homem indino,

Hum ſaber infinito incomprehenſivel,
Hũa verdade, que nas couſas anda,
Que mora no viſivel, & inviſivel?

Eſta potencia em fim, que tudo manda,
Eſta cauſa das cauſas, reveſtida
Foy deſta noſſa carne miſeranda.

Do Amor, & da Juſtiça, compellida
Polos erros da gente, em mãos da gente,
Como ſe Deos não foſſe, perde a vida.

O' Chriſtão deſcuydado & negligente,
Pondera iſto, que digo, repouſado,
Não paſſes por aqui tam levemente.

Não, que aquelle Deos alto, & increado,
Senhor das couſas todas, que fundou
O Ceo, a terra, o fogo, & o mar irado;

Não do confuſo Caos, como cuidou
A falta Theologia, & povo eſcuro,
Que neſta ſó verdade tanto errou:

Não dos atomos falſos de Epicuro;
NÃO DO largo Occano como Tales,
Mas sò do pensamento caſto, & puro.

Olha, animal humano, quanto vales,
Que por ti este grande Deos padece
Novo modo de morte, novos males.

Olha, que o Sol no Olympto se escurece,
Naõ por opposição d'outro Planeta,
Mas sô por que virtude lhe falece.

Naõ ves, que a grande machina inquieta
Do mundo se desfaz toda em tristeza,
E naõ por natural causa secreta?

Naõ ves, como se perde a natureza,
O ar se turba, o mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza?

Naõ ves, que os montes caõ? a terra treme?
E que até na remota & grande Athenas,
O fabio Dionysio sente, & teme?

O summo Deos, tu mesmo te condenas
Pelo mal, em que eu sô sou taõ culpado,
A tamanhas afrontas, tantas penas!

Por mim, senhor, no mundo reputado
Por falso, & por quebrantador da Ley,
A fama a ti se poem de meu peccado.

Eu, senhor, sou ladraõ, tu summo Rey,
Eu sô furtey, tu com ladroens padeces,
A pena a ti se dá, do que eu pequey.

Eu servo sem valor, tu summo preço,
Em preço vil te poens por me tirares
Do cativo eterno, que mereço.

Eu por perder te, & tu por me ganhares
Te das aos homens baixos, que te vendem
Sô para os homens presos resgatares.

A ti , que as almas sôltas , a ti prendem ,
 A ti , summo Juiz , ante Juizes ,
 Te accusão , polo error dos que te offendem .

Chamaôte malfeitor , não contradizes ,
 Sendo tu dos Prophetas a certeza ,
 Dizem , que quem te fere , prophetizes .

Rimse de ti ; tu choras a crueza
 Que sobre elles virâ . A gente dura ,
 Por quem tu vens ao mundo , te despreza .

O teu rosto , de cuja fermosura
 Se veste o Ceo , & o Sol resplandecente ,
 Diante de quem muda estâ a Natura ;

Com cruas bofetadas da vil gente .
 De precioso sangue estâ banhado ,
 Cuspido , arpellado cruelmente ?

Aquelle corpo tenro & delicado ,
 Sobre todos os Santos Sacrosanto ,
 De açoutes rigurosos flagellado !

Despois cuberto mal de hum pobre manto ,
 Que se pegava às carnes magoadas ,
 Para dobrarlhe as dores outro tanto !

Magoavãono as chagas não curadas ,
 Hum tormento causandolhe , excessivo ,
 Ao despir pelas mãos crueis & iradas .

As santíssimas barbas de Deos vivo ,
 De resplendor ornadas , lhe arrancavão ,
 Para desempenhar Adaõ captivo .

Com cordas pelas ruas o levavão ,
 Levando sobre os hombros o Tropheo
 Das vitorias , que as almas alcançavão .

O' tu ,

O' tu, que passas, homem Cyrineo,
Ajuda hum pouco este Homem verdadeiro,
Que agora como humano enfraqueceo.

Olha, que o corpo aflito de marteiro,
E dos longos jejús debilitado,
Naõ pôde já co peso do madeiro.

O' naõ enfraqueçais, Deos encarnado,
Essas quedas, que tanto vos magoão,
Sopportay Cavalleiro sublimado.

Que aquellas altas vozes, que lá soão,
Dos Padres saõ, que estaõ no Limbo escuro,
Que já de Louro & Palma vos coroaõ.

Todos vos bradão, que subais ao muro
Da Cidade infernal, & que arvoreis
Encima essa bandeira muy seguro.

O' Santos Padres, naõ vos appresseis,
Que muito mais a Deos, que à vós custaráo
Essas duras prisoens, em que jazeis.

Aquellas mãos, que o mundo edificarão,
Aquelles pés, que pisão as Estrellas,
Com duríffimos prègos se engravarão.

Mas qual ferâ a pefsoa, que as querellas
D'angustiada Virgem contemplasse,
Que não se mova à dõr, & à magoa d'ellas?

E que dos olhos seus não estillasse
Tanta copia de lagrimas ardentess,
Que carreiras no rostõ assinalasse?

Oh quem lhe vira os olhos refulgentes
Desfazêndose em lagrimas, regando
Aquellas bellas faces excellentes!



Quem a vira cos gritos ir tocando
As estrellas, a quem responde o Ceo,
Cos accentos dos Anjos retumbando!

Quem vira quando o claro rosto erguro
A ver o Filho, que na Cruz pendia,
Donde a nossa saude descendeo!

Que magoas tam saudosas, que diria,
Que palavras tam miseras, & tristes
Para o Ceo, para a gente espalharia!

Pois que feria, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso, & com vinagre amaro,
Matar a sede ao Filho, que paristes?

Não era este o licor suave, & claro,
Que para o confortar, então darieis
A quem vos era, mais que a vida, charo.

Como, Virgem Senhora, não corrieis
A dar as tetas puras ao Cordeiro,
Que padecer na Cruz com sede vieis?

Não sô era esse, Senhora, o verdadeiro
Porto, que vosso filho desejava,
Morrendo pelo mundo n'hum madeiro.

Mas a salvação sô, que alli ganhava
Para o misero Adão, que alli bebia
Na fonte, que do peito lhe manava.

Pois, ò pura, & santissima Maria,
Que em fim sentistes esta magoa', quanto
A gravidade della o requeria,

D'essa fonte sagrada, & peito santo
Me alcançai hũa gota, com que lave
A culpa, que me agrava, & pesa tanto.

Do licor salutifero, & suave
 Me abrangey, com que mate a sede dura
 D'elic mundo tão cego, torpe & grave.

Assi, Senhora, toda a criatura,
 Que vive, & viverá, que não conhece
 A ley do vosso Filho, santa & pura;

O falsissimo hereje, que carece
 Da graça, & com danado & falso sprito
 Perturba a santa Igreja, que florece,

O povo pertinaz no antigo rito,
 Que só o desterro feu, que tanto dura,
 Lhe diz, que he pena igual ao seu delito.

O torpe Ismaelita, que mistura
 As leys, & com preceitos viciosos
 Na terra estende a feita falsa impura;

O idolatras maos superficiosos.
 Varios de opinioens, & de costume
 Levades de conceitos fabulosos.

As mais remotas gentes, onde o lume
 Da nossa Fè não chega, nem, que tenham
 Religião algũa se presume:

Assi todos em fim, Senhora, venhão,
 Confessar hum só Deos crucificado,
 E por nenhum respeito se detenhão.

Mas de todos o vicio já passado,
 O seu nome co. vosso neste dia,
 Seja por todo mundo celebrado,
 E respondão os Ceos, J E S U S, M A R I A.



ELEGIA V.

AO DOUTOR MESTRE BELCHIOR.

*Em louvor de sua filha Dona MARIA DE
FIGUEIROA, na India em Damão.*

SE obrigaçoens de fama podem tanto,
Que inda de Helena vive hoje a memoria,
Fazendo cada vez mayor espanto;
Se tambem de Lucrecia a Livia historia,
Inda que já passada, cá florece,
E por fama, & triumpho hoje tem gloria;
Se a perfeição de Laura nunca esquece,
Tambem he que por fama laureada,
Nos ficou por Petrarca, & hoje crece;
E se aquella cruel Troyana espada,
Deo com a morte vida à fermosura
De Dido, por Virgilio celebrada:
E se Venus fermosa, hoje segura
Se apresenta em mil versos, & Diana
Com as nove Irmãs d'Apollo tem ventura,
Que fará a fermosura soberana
De Figueiroa illustre, de quem quero
Cantar com doce Lira, & Mantuana?
Mas se me ella não falta, della espero
Cantar, não destas já, que já acabarão;
Destas cante Virgilio, cante Homero:
Que se outras com seus versos celebrarão,
Foy, que por sua idade, a desta dama
(Por inda estar no Ceo) não na alçarão:

Mas tinhalhe a ventura Oriental cama,
Guardada lâ em Damão, por que nacendo,
Perder fizesse às outras gloria & fama.

E em quanto alegre declarar pretendo;
Vòs Pay de tal thefouro, daine ouvidos,
Para delle dizer, mais do que entendo.

Não reproveis meus versos d'atrevidos,
Antes dailhe louvor, para que sejam
De tal dama, & de vòs favorecidos:

Que milagres d'amor, farei que vejão?
Ditei os olhos belios, boca, & rizo,
Mil partes, que outras damas ter deseção.

Cabellos d'ouro, emfim seu grande avizo,
Sua arte, perfeição, & fermosura,
Que na terra nos mostra hum Parayso?

Que mais? o grave aspeito, & a brandura,
A boca de rubis, chea de perlas,
Das crystalinas mãos a neve pura?

Senhora Dona Maria, entre as mais bellas,
Vòs fois, quem nossa idade hoje enriquece,
E entre ellas fois qual sol entre as Estrellas.

Por vòs Damão, Senhora, hoje florece,
Por vòs as Musas já do sacro monte,
Donde contino o Louro verde crece,

Vos vem apresentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas,
Aspegateas flores de Eliconte.

A vòs se vem cantando rodeadas
Das Ninphas: que o dourado Tejo cria,
Com suas doces Liras temperadas.



E com seu suave canto , & melodia ,
 Chegadas a vòs já dizem cantando ,
 Esta he por quem Apollo emmudecia.

Esta he , por quem Vertuno desprezando
 Pomona , de contino se abrafava ,
 Na menos parte sua imaginando.

Esta he por quem em fonte se tornava
 O avô de Phaetonte , & porque Orpheo
 As furias infernais aquebrantava ;

Esta he , por quem sô Troya se perdeo ;
 Esta he , a quem Paris deo a maçaã d'ouro ,
 E esta por quem Orlando endoudeceo.

Esta he , quem desdo Ganges até o Douro ,
 Sô sem falta compoz a natureza ,
 Do Indico Oriental todo o thesouro ;

Esta he , quem trouxe a luz toda à nobreza
 Dos de Liaõ Fajardos , que descende
 Do Real tronco Ingrez , na môr alteza.

Esta he a flor do Lago , que se estende ,
 E em quem do novo nace a Real planta ,
 Esta he , a quem o mesmo Amor se rende ,

Esta he , por quem a Aurora se levanta ,
 Na parte Oriental , mais clara , & pura ,
 Esta he , por quem morrendo o Cisne canta.

Esta he , por quem nos dotou sô a ventura ,
 De mil primores chea colocada ,
 Em rara perfeição de fermosura.

Esta serà de nòs sempre cantada ,
 E dos novos Poetas mil louvores
 Terà com fama eterna , & sublimada.

Na festa de Deos Pan cem mil pastores
 Desta felice terra a ti cantando ,
 Mil ramos levaraõ cheos de flores.

Ati as suas lutas dedicando ,
 Seus jogos pastoris de cem mil partes ,
 Com versos te estaraõ sempre louvando.

E tu , que de teu ser nunca te partes
 Com fermosura , & graça de contino ,
 Com que por fama ao mundo te repartes,
 Com rosto branco , alegre , & peregrino
 Accitaràs seus versos , coroadã
 De rosas , & de louro ati sò dino.

Dali do nosso choro venerada
 Teràs cargo da selva de Diana ,
 E entre nós tu seràs mais estimada.

Dali , ô alta Dea & soberana
 Governaràs o Indico Oriente ,
 E todo Estado alem da Taprobana.

Dali correndo irã de gente em gente
 Tua fama , fazendo esquecida
 A das antigas Damas do Occidente ,
 Ganhando teu louvor immortal vida.



ELEGIA VI.

*A' morte de D. MIGUEL DE MENESES,
filho de Dom Henrique de Meneses,
Governador da Casa do Civel, que morreu
na India.*

QUE novas tristes são, que novo dano!
Que mal inopinado incerto soa,
Tingindo de temor o vulto humano?

Que, vejo as prayas humidas de Goa
Ferver com gente attonita, & torvada
Do rumor, que de boca em boca soa.

He morto Dom Miguel, ah crua espada,
E parte da lustrosa companhia,
Que se embarcou na alegre, & triste armada;
E de espingarda ardente, & lança fria
Passado pello torpe, & iniquo braço,
Que nossas altas famas injuria.

Não lhe valeo rodêla, ou peito de aço,
Nem animo de Avòs altos herdado,
Com que se defendeo tamanho espaço.

Não terse em derredor todo cercado
De corpos de inimigos, que exhalavão
A negra alma de corpo transpassado.

Não com palavras fortes, que voavão
A animar os incertos companheiros,
Que fortes caem, & timidos viravão.

Mas ja postos nos termos derradeiros,
Passados por mil partes, & cortados
Os membros sô do nobre esforço incertos.

Os olhos de furor acompanhados,
Que inda na morte as vidas amedrentão
Dos fracos inimigos espantados.

Postos no Ceo, parece que apresentão
A pura alma à Suprema Eternidade,
Por quem os Ceos, & terra se sustentão.

E pedindo dos erros, que na idade
Verde, & quasi innocente, ja fazia,
Perdão á pia & justa Magestade:

As rosas apartou da neve fria,
E como flama fraca, a quem fallece
Seu humido licor, de que vivia:

Nas mãos do choro Angelical, que dece,
Se entrega, & vai gozar da vida eterna,
Que com tão justa morte se merece.

Vaite alma em paz à gloria sempiterna,
Vai, que quem pella Ley santa & divina
Morre, a dá à Deos, que os Ceos governa.

Quando pella razão devida, & dina
Do Rey, da Patria, & honra dos passados
Sacrificar a vida nos ensina.

Nos assentos de estrellas esmaltados
Lhe dá lugar a altissima Clemencia
Entre os Heroes à gloria destinados.

Mas ah, quem fosterá perpetua ausencia
De tão charo Senhor, tão fido amigo!
Quem porá contra magoas resistencia!

Aquelle animo grande, que do antigo
De seus mayores era alto retrato,
Desprezador de todo o vil perigo.



Misturado com doce, & brando trato
 Cos iguaes juntamente, & cos menores
 A todos amoroso, a todos grato.

Aquelle espirito nobre, onde mayores
 Esperanças crecção, se o tão duro
 Caso, as não cortara em novas flores!

Em verde idade, siso ja maduro,
 Alegre riso, ledo, & aberto peito,
 Em repoufado espirito seguro.

Não soberbo, & por arte contrafeito,
 Mas todo puro, & em fim da natureza,
 Mais para o Ceo, que para a terra feito.

Tambem do corpo a humana gentileza,
 O bem talhado gesto, que mostrava
 Forças iguaes, & manhas com destreza.

A cor, que o fresco rosto matizava
 As rosas, flores novas de alegria,
 Com que o Verão as faces adornava.

Tudo os fios da morte, que desvia
 Dos propósitos nossos, & saltea,
 Corrarão cruamente, quando abria.

Deixa pois tu, fermosa Cytherea,
 Do gentil filho, & neto de Cyniras

^{1.ª} O pranto pella morte horrenda, & fca;

E tu dourado Apollo, que suspiras
 Pello crespo Hyacinto, moço charo,
 Por quem a clara luz ao mundo tiras;

Vinde, & chorai hũ moço ao mundo raro,
 Não de ferino dente vulnerado,
 Nem de animal algum, que haja reparo.

Mas sô do fero imigo traspassado,
 Que sem duvida incerta, ou pio medo
 A vida poz nas mãos de Marte irado.

Está tu tambem moço Idalio quedo,
 Deixa de dar o venenoso mel
 A beber pellos olhos triste, & ledô.

Que ja os fermosos olhos de Miguel
 Cubertos saõ do negro & escuro manto
 Da ley geral à todos, mais cruel.

E vòs filhas de Thepsis, que do canto
 Podeis bem mitigar a ley immensa
 Dos irmãos generosos, & alto pranto;

Naõ consintaes que fação larga offensa
 A grande integridade, que se devem,
 Não são agoas do dano recompensa.

Que ja diante os olhos me descrevem,
 Quando as bocas da fama voadora
 Ao patrio, & claro Tejo as novas levem.

A profunda tristeza, que em hum hora
 Tal posse tomarà dos altos peitos,
 Que à razão quasi quasi deite fora.

Alli de dor os coraçõens sogeitos
 Pezadas lhe serãõ consolaçoens,
 E pezados exemplos, & respeitos.

Pequena he certo a dor, que com razoens
 Se pôde refrear, nem com memoria
 De outros antigos, & integros varoens.

Mas porèm se igualaes a vida á gloria
 Meu grande Dom Phelippe, & pretendeis
 Deixar de vossas obras larga historia.



Eu não vos admoesto, que estreiteis
O coração na Estoica disciplina,
Onde livre de effeitos vos mostreis,

Que mal natura nossa determina
Medo, esperanças, dores, & alegria,
Como o Cynico velho nos ensina.

Immanidade estúpida diria
O Sulmonense canto, & vil rudeza
He não sentir effeitos, que a alma cria.

Porém se não sentir nada, he bruteza,
E se paixão de vida se consente,
Tambem o sentir muito he ja fraqueza.

Se doe a opinião do mal presente,
E medo, & opiniaõ do mal futuro,
Saõ em fim tudo opinioens da gente.

O verdadeiro sabio està seguro
De leves alegrias, & de espanto,
De dor, que turba da alma o licor puro.

Inda antes que aconteça o riso, & o pranto
Os tem ja no sentido meditados,
Livre està de alyoroço, & de quebranto.

E como de alta torre vê cuidados
Humanos vaõs, & aquella differença
De ambiçoens, & cobiças, & peccados.

Todo caso acha nelle só presença,
Que como as febres são da carne humana,
Assi os effeitos d'alma são doença.

Se esta doutrina credes, que he profana,
Ponde os olhos na nossa, que he divina,
E sobre todas santa & soberana.

Vereis

Vereis Aram, que não se contamina
Sobre os montes seus, que defendida
A dor lhe foi da santa disciplina.

Não chega a ver parentes, que da vida
Partidos são, que na alma a Deos agrada,
Que nenhũa afflicção do mundo impida.

Nòs fomos geração a Deos dicada
Sacerdotal, que em tempo nenhum deve
Do gentilico culto ser tocada.

Se dos antigos Padres ja se escreve,
Que chorando, aos mortos enterrarão
Com dor, & pranto publico, & não leve;

Era porque inda as portas não quebrarão
Do Ceo sereno aquellas mãos cravadas,
Que os antigos contagios alimparão.

E tambem por ornar as sempre usadas
Pompas do funeral enterramento
Com publicas exequias costumadas.

Esta alta fortaleza, & sofrimento
Como a forte Varão vos he devido,
E como ley do santo documento.

Bem conheço, que o corpo assi perdido,
Que do sepulcro nobre aqui carece
Será de aves, ou feras consumido.

Mas tambem nisto vi que se parece
Co do gram Bifavò, que pella vida
Real a sua às lanças offerece.

Fazendo com seus membros impedida
A passagem aos feros Tingitanos,
Ficou sem sepultura merecida.



E lá nos aposentos soberanos
O recebem da palma coroado,
Desprezando do corpo baixo os danos.

E elle diz, que das gentes enterrado
Qualquer corpo será, mas quem morreo
Por Deos, he sò dos Anjos sepultado.

Que mais rico, & fermoso Mausoleo,
Que pyramides altas, que figura
De mortalha, que chegue a eitar no Ceo!

Facil he a perda aqui da sepultura;
Diogenes prudente, & Theodoro
Pouco sentem do corpo essa jactura.

Assi fermoso, inteiro, assi decoro,
Adora quem o tem, como o tomou
Quando se ouvir o extremo som sonoro.

Mas oh, que temor supito occupou
Vosso peito famoso, ò Portugueses,
Que pavido temor vos lanceou.

Que lançadas, que golpes, que revêses,
Vos fizerão fazer tamanha injuria
Aos Lusitanos bellicos arneses?

Ou ja de Capitão sobeja incuria?
Ou a fraqueza? Não, que elle sustentava
Co seu corpo dos barbaros a furia.

Ou do ferreo cano a força brava
Com estrondos, que atroão mar, & terra,
Que os coraçoes no peito congelava.

Ou quem vos fez que os impetos da guerra
Não sustenteis com valor sempre ousado,
Desprezando o furor, que a vida enterra.

A vida pella patria, & pello estado
 Pondo, vossos Avôs a nos deixarão
 Terras, mares, & exemplo sublimado.

Elles à desprezar nos ensinarão
 Todo o temor, pois como agora os netos
 Subitamente assi degenerarão.

Não podem certo não viver quietos
 Com fea infamia peitos generosos
 Em publicos lugares, nem secretos.

Mortos os Espartanos valerosos,
 Da fera multidão fazendo estremos
 Taes epitaphios tinham gloriosos.

Dirás hospede tu, que aqui jazemos
 Passados do inimigo fezo, em quanto
 A's santas leys da patria obedecemos.

Fugindo os Persas vão com frio espanto,
 Mas achão as mulheres no caminho
 Amostrandolhe o ventre sem ter manto,
 Pois fugis do perigo, que he visinho,
 Fracos, vinde esconder vos (lhe dizião)
 Outra vez no materno escuro ninho.

Vedes quaes com mais gloria ficarião
 Se aquelles que em fim morré peilo Estado,
 Se os outros, que as mulheres injurião?

Mas tu claro Miguel, que ja acordado
 Deste sonho tão breve estás naquella
 Torre do Ceo seguro, & repousado;

Onde com Deos unida a forte, & bella
 Alma, com teus mayores reluzindo,
 Por cada chaga tens hua clara estrella.



Os pes o cristalino Ceo medindo,
 Pizando essas luciferas Esferas,
 Ja da terrena os olhos encobrin-do.

Agora hum curso, & outro consideras;
 Agora a vaidade dos mortais,
 Que tu tambem passáras, se viveras:
 Mais a pena cantára, a poder mais.

ELEGIA VII.

*A MORTE DE DOM TELLO,
 que matarão na India: achouse em hum
 manuscrito do Arcebispo Dom Rodrigo
 da Cunha, feito no anno de 1568.*

SAYAõ desta alma triste & magoada
 Palavras magoadas de tristeza,
 E seja ao mundo a causa declarada.

Saya do peito a voz, com que a graveza
 Sogiga, doma, & as gentes move tanto,
 Por mais & mais que tenhaõ de dureza.

E vòs meus olhos tristes entre tanto
 Em lagrimas esta alma derretida
 Choraí, que amargo choro he o meu canto.

Quanto de mim a causa foi sentida,
 Seja de vòs chorada, & juntamente
 Choremos hũa morte, & hũa vida.

A bondade choremos innocente,
 Cortada em flor, que pella acerba morte
 Nos foi arrebatada dentre a gente.

E aquella immensa dor, & dura sorte
Da magoadã mãy, cuja alma triste
Tambem cortada foi com agudo corte.

O' espirito gentil, que ao Ceo subiste,
Porque engeitaste a minha companhia,
E acompanharte eu não consentiste.

Este he o canto heroico, & de alegria,
Que eu ja em teu louvor aparelhava,
Como o tornou a morte em Elegia?

Esta he a esperança, que nos dava
De ti, tua terra & alegre mocidade,
De quem tão grandes cousas se esperava?

O Hymineo, que em maes perfeita idade
Com honras mil te andava aparelhando
A mãy, de quem não ouveste piedade:

Que agora, como Hecuba, anda bramando,
Buscando em vam a casa em toda a parte
Amado Filho meu, por ti bradando?

Quem me vedou os olhos teus ferrarte,
Que em tam amarga, & triste despedida
Pudera esta alma minha acompanharte?

Quem te privou da chara, & doce vida,
Meu Filho tão fermoso & mal logrado,
Dous coraçoes passou hũa sô ferida.

Em terra de desterro, ay filho amado,
Deixandome sem ti desemparrada,
Quizeste ser de estranhos sepultado.

Se hias para fazer tão grão jornada,
Não levarás em tua companhia
Esta misera mãy desconsolada?



Quicã que algum foccorro te seria,
Que vendo vir a espada em alto erguida,
Filho, com hum grito meu te avisaria.

Ou recebêra o golpe nesta vida,
Metendome no meio, & tu viveras,
Fartãra de meu sangue esse homicida.

Ay filho, meu amor, que tu sò eras
Quem com tua vida alegre algum defcanço
A meu viver cançado dar puderas.

E tu seràs tambem quem manço a manço
Me acabaràs a vida, que eu queria
Sem ti ver acabada de hum sò lanço.

E vòs tambem mulheres, que parifites
Ajudaime á chorar, por que em mal tanto
Não satisfazem só meus olhos tristes.

Assi com grave dor de canto a canto
Até nos coraçõens de môr dureza
Soa hũa yoz confusa, hum amargo pranto.

O tu, honra, & primor da natureza,
Illustre, & fermosíssima Maria,
Não trates mal, senhora, tal belleza.

Pois só custodia es, donde alegria
Defunta, & tal chorada em dia amargo
Resurgirá em outro alegre dia.

Que a ti deu o movedor do mundo o cargo
De alegrares a mãy chorosa, & triste,
Que alegre vivirá por tempo largo.

Posto que a dor do irmão muito sentiste
Não destruas as lindas tranças bellas,
Pois o remedio nisso não consiste.

Não trates mal as nitidas estrellas
 Dos olhos teus com lagrimas ardentes,
 Pois tem mais resplendor que todas ellas.

Não offendas as faces resfulgentes,
 Obra de Deos, com mão despiedosa,
 Da patria honra, se louvor das gentes.

Mas vai com doce voz, branda, & amorosa
 Confola a triste mãy desconsolada
 Com tua vista alegre, & taõ fermosa.

Prometelhe, que em si resuscitada
 Verá sua alegria ja perdida,
 De todos tam sentida, & tam chorada.

Pois teu remedio está só em sua vida,
 Que haja de ti materna piedade,
 Não dê tanto lugar á dor crecida.

Bem se permite á fraca humanidade
 Por filho tal, & tanto tempo ausente
 Hum moderado pranto, huma faudade.

Mas taõ continua dor, que espante a gente,
 E poem em tal estremo a vida amada,
 Nem o múdo o quer, né Deos não o consente.

Não foi a morte de Heitor sempre chorada
 Da triste mãy, que além de filho amado,
 Era por elle só Troya amparada.

Mas ja despois de morro, & arrastado
 Com Grego applauso, vozes, & alarido,
 O corpo houve às mãos desconjuntado.

Perdida a cor, o collo recaido,
 Não parecia Heitor, que dantes era,
 De pô, de sangue, & de fuor tingido.

Com seus olhos lavoulhe a chaga fera,
Côm suas mãs o rosto lhe alimpava
Sem alma, & sangue, ja de cor de cera.

Mas vendo em fim quão pouco aproveitava
Seu choro, & né por mais q em vaõ bradando
Chamava Heitor, Heitor refuscitava.

De lagrimas os olhos enxugando,
Defenganada ja do Filho amado
Se foi com a amada filha consolando.

Nem sempre o fero Achilles foi chorado
Dè Thetis sua mãy, do branco coro,
Príncipe Grego taõ assinalado.

Tambem pagou à morte o antigo foro,
E à Deosa não valeo ser prevenida,
Nem suspiros valêraõ, nem seu choro.

Tambem a este acabou mortal ferida,
Sendo meio immortal, & filho amado
De Deosa de Nerco taõ querida.

Nas agoas de Acheronte foi banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro não pudeffe ser cortado.

Mas a agoa não chegou àquella parte,
Que esquadrinhou a setta aguda, & forte,
Que contra ella não val engenho, & arte.

Choráraõ as Gregas gentes sua morte,
Os Phocas, & Delphins tambem choráraõ,
Chorou do gram Nereo toda a corte.

Tantas lagrimas tristes derramáraõ,
Tanto chorou a mãy, que muito o amava,
Que o Xanto, & o Simois acrescetaráraõ.

Mas vendo que o chorar não aproveitava,
E que era dor perdida, & defatino,
Os seus fermosos olhos alimpava.

E com alegre rosto de ar benino
O Ceo, a Terra, o Mar, tudo alegrando,
E os cidadãos do Reyno cristalino.

Os seus verdes cabellos espalhando
Ao vento, de mil Ninfas rodeada,
Tomando a vista atraz de quando é quando:

De Paullipe, & Oricia acompanhada,
De Doris, Menalipe, & de Melanto,
Se foi para Nereo consolada.

Deixai pois ja, senhora, o amargo pranto,
A pena, a dor, o mal que tanto crece,
E dai lugar ao meu inculto canto.

Com graõ difficuldade se offerece
A grandes desventuras; taes como esta:
A darlhe iguaes palavras, quaes merece.

Por tanto eu senhora, agora nesta
Não as hei de buscar por consolarte,
Que aos tristes consolar só a razão presta.

Tambem serão perdidas nesta parte
Consolaçoens, que em choro de amargura
Força não tem, por mais que tenham d'arte.

Se as lagrimas não vence a razão pura,
Fortuna sempre a outras acrescenta,
Guardete Deos de mór desventura.

Não digo, que a alma esté de maço a izenta,
Porque humano he sentir, mas he fraqueza,
Não soffrer o que Deos nos apresenta.

Não he este mundo a nossa natureza;
Estrada si, por onde caminhamos,
Pretendendo chegar á Summa Alteza.

Neste caminho hum passo estreito achamos,
Morte se chama horrenda, & defabrida,
Divida, que Adam fez, & nós pagamos.

A todos he commum esta partida,
Quem morre, não morreo, partio primeiro,
E o que ha depois da morte he eterna vida.

Todo animal que nasce está foreiro
A passar este passo estreito tanto,
Todos lá havemos de ir por derradeiro.

Deixa, senhora, deixa o amargo pranto,
Teu filho está no Ceo resplandecente,
Ja entre os Cidadãos de Coro santo,

Nossas memorias tristes não as sente,
Ja livre, & de theatro está olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.

Da visãõ beatifica gozando,
Sem medo, ou sobrefalto de perdella
O mundo, & seus afagos desprezando.

Dalli contépla de huma, & de outra estrella,
Ou fixa, & errante, o curso, & movimento,
Tendo, sem se mover, os pés sobre ella.

Veloz, qual o ligeiro pensamento,
Passa de polo a polo, & o Ceo conhece
Que seu caminho faz com passo lento.

E porque o mar continuo mingoa, & crece,
Comprende, & a quinta essencia pura, & neta,
E com que luz a Lua resplandece.

Nem nos espanta no ar qualquer cometa,
Os pontos sabe de hum, & de outro signo,
Por onde faz seu curso o grao Planeta.

Hum Anjo novo tens, santo, & benino,
Vive senhora alegre, & consolada,
Que por ti roga ao Padre de continuo.

O' alma pura em alto aleyantada,
Que là estás nesse Ceo luzente, & claro,
Desta mortal pritaõ ja desatada.

O' senhor meu Dom Telo, amigo charo
Que do terreno Sol, onde viveste
Te arrebatou sem tempo o tempo avaro.

Se ao passar de Lethe não perdeste
A memoria de mim, que tanto te amo,
E por intimo amigo me tiveste,

Com attençaõ escuta o meu reclamo,
Não desprezes de ouvir là dessa altura
A baixa & rouca voz, com que te chamo.

Que quando concedido da ventura
Me for o que eu por ti agora peço,
Não borrarã o teu nome a fama escura.

Em tanto as baixas Rimas te offereço
Em penhor da vontade, & amor profundo,
Atè cumprir o que hora aqui profereço.

Que entaõ te cantarã por todo o mundo,
Com linguas mil a fama soberana,
E occupará teu nome sem segundo
Do patrio Tejo alem da Taprobana.



ELEGIA VIII.

A HUMA DAMA.

Não me julgueis, senhora a atrevimento
 O que me faz fazer hum mal tão forte,
 Que não me basta nelle o sofrimento.

Que tal me traz ja agora minha sorte,
 Que me faz buscar vossa crueldade,
 Donde sô por remedio espero a morte.

Não vos pude callar esta verdade,
 Porque força não tem poder humano
 Contra outro, que não tem humanidade.

Amor, que tudo faz para môr dano
 Me deu mal, levoume o sofrimento,
 Ah duro Amor, cruel, & deshumano!

Não vos lembre, senhora, meu tormento
 Que este bem o merece a ousadia
 De eu empregar em vós meu pensamento.

Lembrovos hum amor, que cada dia
 Em mim tão verdadeiro, & firme crece,
 Que alheo me traz ja do que sohia.

Não peço que o pagueis, como merece,
 Que não mereço eu tanto, mas sô peço,
 Que por mim não cuideis que desmerece.

Porque se sô pôr si he de tal preço,
 Que a suprir basta seu merecimento
 Quanto eu de minha parte desmereço.

Bem vejo que em tomar o sofrimento
 Para viver, melhor remedio fora,
 Que hum tão desordenado atrevimento.

Mas

Mas eu, que do viver menos, ja agora
 Que de todo a livro, pois crescendo
 Vão com a vida os males cada hora,
 Vos quiz manifestar meu mal, sabendo
 A' quanta desventura se aventura,
 Quem pretende fazer o que eu pretendo.

Quizeffe, ô oxalâ, minha ventura,
 Que castigasseis vòs esta ousadia
 Com hũa cruel morte triste, & dura.

Que não seria morte, mas seria
 Hum suave remedio doce, & brando
 Deste mal, que me mata cada dia.

Atè quando, senhora, & atè quando
 Terà lugar em vòs vossa crueza,
 E a morte não em mim, q' a estou chamando?

Abrande meu amor vossa dureza,
 Que esta alma em si transforma com tal cura,
 Que ja não he amor, mas natureza.

Abrande ja huma vida, em que sò dura
 A alma, porque veja, & exprimente,
 Que não tem fim a graõ desaventura.

Abrande ja huma dor, que juntamente
 A vida penetrou, & a alma triste,
 Elhe roubou o estado seu contente.

Mostrai vos poderosa em quem resiste
 Em desobedecer, ou enojarvos,
 E não ja contra quem vos não resiste.

Em quem cuidar que digno foi de amarvos,
 Mostrai vosso poder, pois o metece,
 Em mim não, q' o não sou taõ sò de olharyos.

Attentai por huma alma , que se esquece
De si , porque em vòs poz sua lembrança ,
E tal , que em nenhum tempo desfallece.

Nem fospeito que possa aver mudança ,
Num coração , que mais que a si vos ama ,
Dailhe ja morte , ou vida , ou esperança ,
Que tudo ferà gloria por tal dama.

*TRADUCCAM dos Versos Propheticos
da Sibilla Erithrea , que refere Santo
Agostinho l. 18. c. 23. da Cidade de Deos ,
nos quaes pellas primeiras letras se lem
JESU CHRISTO FILHO DE DEOS .
E SALVADOR.*

JUIZ o extremo , horrifico , & tremendo ,
E Juiz sempiterno , alto , & celeste
Significarà a terra humedecendo.

Verseha nella hum suor , que manifeste
Como em carne virà Deos , a quem veja
Ho credulo , & incredulo terrestre.

Rey justo , que almas , & que corpos reja
Juiz ferà , quando este mundo inculto
Sobre espinhos crueis deitado seja.

Todo o vão simulacro , & rico culto
Ousará engeitar a gente , & guerra
Farà co mar o fogo , & cru tumulto.

Immensa a luz , que as carnes desenterra ;
Lançarà fóra as portas vâas do Averno ,
Hos justos seus levando à santa terra.

Outros que saõ os maos , no fogo eterno
Deitarã , descobrindo se os segredos ,
E sendo claro todo o feito interno.

Desfarsêha a terra, os montes, & os penedos,
E serã tudo pranto , & estridor duro ,
Obras de grande dor , & tristes medos.

Serã tornado o Sol de todo escuro ,
E destruida a machina do mundo ,
Sem luz a Lua , Estrellas , & Orbe puro.

Altos feraõ os valles , & em profundo
Lugar se abaixarãõ os altos montes ,
Verseha no mar o vento furibundo.

Haverã sò de fogo -vivas fontes :
Da trombeta medrosa o som terrivel
Ouvido farã pâldas as fronteas ,
Responderã dos maos gemido horrivel.

ELEGIA IX.

Nãõ porque de algum bê tenha esperança
Vos escrevo meu mal em tal estado ,
Que sei , que em vòs farã pouca mudança.

Mas ja perdido , triste , & magoado
Para remedio tomo escrever dores ,
Esperar de vòs outro he escusado.

O que não faz amor em meus amores ,
O que lagrimas tristes não fizeraõ ,
Bem menos o faraõ causas menores.

Pois onde as mais tẽgora se perdẽraõ ,
Percãose estas palavras de meu ser ,
Que pouco me doem ja , ja me doeraõ.

H h ij

Sempre deste meu mal tive sospoita,
Não que de todo em todo me faltasse
Húa esperança vã em fim desfeita.

Faziame o desejo que esperasse,
A razão d'outra parte, que temesse,
E de esperanças vãs não confiasse.

Que olhasse, que por ellas não perdesse
A doce liberdade, o riso, o canto,
De que depois em vão me arrependesse.

Amor, que tudo pôde, pode tanto,
Que para ver o mal em que me vejo,
Me não deu olhos mais que para pranto.

Não curei a razão, segui o desejo,
Outras cousas segui, de qualidade,
Que choro, & callo, por não ser sobejo.

Pella vossa neguei minha vontade,
Logo como vos vi, no mesmo ponto
Vos entregou a vida a liberdade.

O que passou depois, não vo lo conto,
De que serve contar cousas sobejas,
A quem lhe soube dar hum tal desconto.

Ah esperanças minhas, ja perdidas,
Agora, para mais ter que contar,
Soube que fostes vãs, fostes fingidas.

Em que posso, ou que devo hoje esperar,
Onde acharei de novo outros enganos,
Que possão defenganos enganar.

Mas he vento cuidar enganar danos,
O' triste, que nem na alma tem alento,
Tem seu remedio sô no fim dos annos?

Ja não espero ver contentamento,
Perdi quanto esperei numa sô hora,
E não perdi em muitas o tormento.

E sobre tantas perdas, inda agora,
Que esperava de vós a vós queixarme,
Não mo consente Amor, que na alma mora.

Poemse diante, a fim sô de estorvarme,
Que vos offenderei, mostrando aqui
Que tanta fê pagaes com maltratarime.

E então este temor deixame assi,
Alem de magoado, frio, & mudo,
Rependido de quanto escrevi.

Cousas de vosso gosto ainda cudo,
Como se não cuidasse, o que não creio,
Não perder isto, como perdi tudo.

Mas vasse o medo ja, pois que ja veo
O defengano, sem se ter sabida,
Que a certeza podia ter receo.

Agora não me dà perder a vida,
Nem a deve recear quem a despreza,
Mataime, se de mim sois offendida.

Senão mateme ja minha tristeza,
Que este sô bem me fica, este me val,
Se mo não estorvar vossa crueza.

Quem se não espantará, vendome tal?
Temer, que o triste fim, que me ordenastes,
Mo negueis por remedio de meu mal.

Entre silvestres feras vos criastes,
Pois dais por galardão do que esperava
Cruezas desusadas do que usastes.

H h iij

Quantas lagrimas triste derramava,
 Quantos suspiros dava noite, & dia,
 Se vos não via, & em quanto vos olhava.

Tremia diante vos, ausente ardia,
 Abrandava este mal ter para mim,
 Que sentia meu fogo essa alma fria.

Mas muito diferente foi o fim
 De tudo o que cuidava no começo,
 Por onde de hum mal n'outro, a tantos vim.

Vida para tal vida não vos peço,
 Morte para tal morte qual me mata
 Me podeis dar, que bem vo lo mereço.

Porque com a dor a lingua se desfata,
 E com gritos vos chama, & com razão
 Sem fê, defamavel, cruel, ingrata.

Por isso acabei ja vossa tenção,
 Fartai, senhora, ja vossas cruezas
 No sangue deste triste coração.

Acabei de acabar tantas tristezas,
 Pois acabastes ja vâas esperanças,
 Acabem ja tambem minhas firmezas.

Acabe a vida, acabarão lembranças,
 Mas tudo está por vós taõ acabado,
 Como muitas em mim as confianças,
 Que tanto me trouxerão enganado.

E L E G I A X.

Foime alegre o viver, já me he pezado,
 Que do contentamento que sentia
 A' minha custa estou desenganado.

Ao r'gaço da morte a dor me guia,
 Porém, porque com vida mais me mata,
 Dilatandoma vai de dia em dia.

Mandame amor fugir da morte ingrata,
 (Pois não sofre limite em vós amor)
 Que elle os laços ordena, elle os desfata.

Lancei contentamentos a voar,
 Tarde os espero ver, que he seu costume
 Ter azas ao fugir, freyo ao tornar.

O pensamento posto em alto cume,
 Para sacrificar-se à vossa vista,
 No coração me guarda eterno lume.

Com o pensamento os olhos tem conquista,
 Pois sempre em vós está, porque os não leva,
 Que elle muro não tem, que lhe resista.

Ainda que minha alma em vós se enleva,
 Em todo tempo não deixa de arder,
 Quando o móte arde é calma, ou quando neva.

Vivei cuidados em quanto eu viver,
 Ou porque em sombras vossas sempre viva,
 Ou porque me appresseis para morrer.

Vontade minha, sempre sois cativa,
 Meu pensamento, nunca sois mudado,
 Flamma de amor, fereis sempre em mi viva.

Suave cativoiro, doce estado,
 Brando fogo de amor, que em vós guardaes
 A fim de meu desejo retratado.

Nunca nesta alma a minha, aonde estaes,
 Falteis, porque então falta a esperança,
 Sem quem me falta a vida muito maes.

Senhora , em cujo peito odio & mudança
Lanção fora o Amor , & sua firmeza ,
Que daes esquecimento por lembrança.

Armada dos espinhos da crueza ,
Trazeis por apparencias a brandura
No rosto , a qual o peito pouco preza.

Mostroume hum leve bem minha ventuta,
Paguey o logo com longo tormento ,
Que o gosto foge sempre , & a pena dura.

A tanta dor hum leve sentimento
Nunca em vós pude ver , quãto em vão digo,
Mais mudavel que o vento o dais ao vento.

No principio meu Fado me foi amigo ,
Naveguei pello mar deste desejo ,
Que leva de hum perigo a outro perigo.

Em vós he pouco o amor , em mim sobejo,
Cresce em mim, falta em vós, & de maneira,
Que de quanto em vós vi , ja nada vejo.

Mostroufeme o tormento na primeira
Com rosto alegre , para que o seguisse ,
E lanceime ao seguir nesta cegueira.

Fortuna , porque quiz que eu o sentisse ,
Mostrase , por mostrar qual dentro era ,
Eu choro meu engano , & ella risse.

Quem em contentamentos vãos espera ,
Espere cedo de defenganarse ,
Que tem breves limites sua espera.

Porèm quem ha , que mais queira livratse
De tão doce prisão , ou quem deseje
Dos nós desses cabellos desatarse ?

Os olhos, a quem as luzes tem inveja
 Que em vòs o Amor de amor tédés vécido,
 Quem ha que vos não ame, & vos não veja?

Rosto fermoso, em quem está esculpido
 O mór bem, que se póde ver na terra,
 Quem ha, não queira ser por vòs perdido?

Olhai, senhora, as horas apressadas,
 Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
 De neve, & torna as rosas descóradas.

Ireis ver ao cristal os olhos bellos,
 E ja os não vereis quaes dantes eraõ,
 Pois quaes entãõ seraõ, não queiraes vellos.

Usai dos bens, que vaõ como nasceraõ,
 Olhai, que tudo desce de alto estado,
 Que tambem os prazeres meus deceram,
 Mas não descerá nunca meu cuidado.

N E L E G I A X I.

N U N C A hum appetite mostra o dano
 Antes de ser de todo effituado,
 Mas no fim vem mostrar o desengano.

Dureza a causa, & eu desesperado,
 Pello que imaginou o pensamento,
 Ando por esta serra desterrado.

Espalhando a voz ao leve vento,
 Delle sò consolado, delle ouvido,
 O faço sabedor de meu tormento.

Que monte ha, que não tenha ja movido,
 Que aspera montanha, ou roca dura,
 A força de meu mal não merecido.

Nas duras pedras achafe brandura,
 Falta nesse cruel humano peiro,
 Quem vio nunca mayor defaventura!

Pouco pôde em ti amor perfeito,
 Quando de hum movimento vive indigno;
 Que ja mais se negou a hum fogeito.

Da ventura, de vós, de meu destino,
 Pois todos contra mim são conjurados,
 Este yalle farei de meu mal digno.

Co elle a noite, & o dia meus cuidados
 Passarei em acerba & longa vida
 Em queixas, & em suspiros defusados.

Porque sei que serás disso servida,
 Não deixarei dos montes a dureza.
 Até tua vontade ser movida.

Aqui me sobirei na môr alteza
 Da ferra, onde logo contemplada
 Serà tua perfeição, tua crueza.

A alma em ti sò prompta, & ocupada
 Estando de tormento esquivo, & duro,
 Oprimida serà de ti levada.

Discorrendo hum passo, & outro escuro,
 De mal em mal, de hum em outro dano,
 A paga tal verá de hum Amor puro.

E vendo aqui tão claro o defengano,
 Cos olhos feitos fontes mudará
 Lugar tão infelice, & deshumano.

E o que môr tormento lhe dará
 A lembrança de algum contentamento,
 Que inda que pequeno, magoará.

Fará por divertir o pensamento
 Desta parte tristíssima mudando
 Húa lembrança chea de tormento.

Alli algum espaço porfiando,
 Tendo por impossivel esquecerte,
 Ficarà ao vento vozes dando.

Alli se queixará de conhecerte,
 Alli dura, cruel, despiadosa
 Dirá: Dize, que podes ja moverte.

Mais que Venus (dirá) dize, fermosa,
 Quando nessa belleza pura, & rara
 Se verá húa hora piedosa.

Alli dirá, cruel, & quem cuidara
 De hum espirito taõ resplandecente
 Tão fera condição, & taõ avara.

Alli viverá triste, alli ausente,
 O costumado mal por si sofrendo,
 De o quererem tu tanto contente,
 Como o mundo está ja conhecendo.

ELEGIA XII.

LA sierra fatigando de contino
 Los passos varagofos vov moviendo,
 Perdiendo de la vida todo el tino.

De mis suspiros tristes no pudiendo
 El alma apartar, y el pensamiento
 De aquella por quien yo estoy muriendo:

Que aunque la ausencia es grave tormento,
 Que te olvide en ello es imposible,
 Que con amor no puede apartamiento,

Veote con spirito invisible
 En el muy vivo tengo aquel meneo
 Tan fiero para mi, y tan terrible.

Todo lo más alegre triste veo,
 El fresco valle, el monte, la espesura,
 La clara fuente encja aun el deseo.

El dia se me buelve en noche escura,
 No puede amanecer de dó ausente
 Tus claros ojos son, de tu hermosura.

Permite ya, señora, que presente,
 Do quiera que tu luz es detenida
 Sean el alma, y vida juntamente.

En tu servicio alli prompta la vida
 Pornè en alma sola en contemplarte,
 Aunque me seas siempre endurecida.

El mal que hazes dulce en toda parte,
 Sabroso es el tormento, yo lo quiero,
 Pues es tu voluntad no ablandar te.

Que quando una hora venga, q̄ no espero,
 Piedosa, y blanda más que las passadas,
 Y me quieras oir, viendo que muero.

Las tristes no seran de mi dexadas,
 Que no sabrè vivir sin el estado
 De penas, tanto tiempo ya provadas.

Hablo como furioso, y transportado,
 Pido lo que me es más enojoso,
 Holgando de me ver tan olvidado.

Quien fatigado es, no dá reposo,
 Que sufras con paciencia te conviene,
 Las queexas del, que a si se es odioso.

Al tiempo que bolando ya más viene
 Mis desusadas bozes encomienda,
 Que así la triste boz en ti detiene.

La fuerça del dolor ninguna emienda
 Puede tomar em mi, que satisfaga
 Lo menos que la quexa em mi te ofienda.

Incurable parece una llaga,
 Y lo es, que reciba de tu mano,
 No quiera Amor, que yo jamás deshaga
 Su voluntad en esto, que es en vano.

ELEGIA XIII.

DE peña en peña muevo las passadas,
 La tristissima boz al ayre dando
 Voy cantando mis quexas desusadas:

Incierto en el camino, que pisando
 De un monte esquivo, al otro me encamina,
 En medio dél estoy en ti pensando,

O' rigoroso passo, y quan indigna
 El alma veo aqui de sola una hora
 Poder en ti pensar cosa tan digna.

Si el alma aun no es merecedora
 Purissima, y perfecta, y que me puede
 De esperanza quedar en ti, señora?

Mas que puedo querer, Fortuna rueda,
 Llevandome de un triste en otro estado,
 Y si es tu voluntad un bien no quede.

En mi no vive ya, es transformado
 En ti, el triste espirito, que tenia
 De ti sola se quiere ver mirado.

Que aunque en fatigas pafse noche, y dia
De tu mano fe viesse, ó en passo estrecho
La firme voluntad no mudaria.

Y fi por realeza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecido
Quisiesse ya mostrar un nuevo hecho.

Adó me llegaria aquel fonido
De tu nueva mudança, y mi ventura,
Al eco, al yalle, al monte empedernido.

Dó no fe cantaria tu blandura,
En que region estraña, ó nueva parte
Quedara por loar a tu hermosura.

Quien no pusiera estudio, ingenio, y arte,
Y quando todo nõ, mucho dixiera,
Mostrando que cupiera en ti ablandarte.

Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aspera montaña intratada,
Que mis mudadas voces no oyera.

Mas no quiere Amor, que la usada
Quea, en estas sierras esparzida
De tanto tiempo ya sea dexada.

Ni tu querrás que yo dexé la vida,
Para me dar tormento aun más fiero,
Ni con tan luenga usança interrumpida.

Cada hora más aspera te espero,
Que vengas pido, el mal sea más duro,
Que el que puedo sufrir, ya no lo quiero.

Pruevafe este amor perfecto, y puro
En fatigas mayores, en crueza,
Quanto fuere mayor, es más seguro.

Excedes en las fieras en dureza,
Quando se ha visto, en esta pura y rara
Gracia, del duro monte la aspereza.

De los bienes que puedes dar avara,
Al que puedes dar vida, y por ti pena,
Pues niegas lo que el mundo no pensara,
Haze en tu voluntad, como ella ordena.

ELEGIA XIV.

AO ILLUSTRE SENHOR
PEDRO DA SYLVA.

ILLUSTRE & nobre Sylva, descendido
Do gram filho de Anchifes valeroso,
Por armas, & por sangue esclarecido.

Que como forte, oufado, & piedoso
A's costas salvou o pay de longos annos
E o filho pella maõ tento & mimoso.

E os Penates, que tinhaõ os Troyanos,
Tirou no mór conflicto da Cidade,
Em que Gregos fizeraõ tantos danos.

Crescendo foi de húa em outra idade
Esta illustre progenie generosa
Em virtude, valor, honra, & bondade.

Atè chegar à nossa tam ditosa,
Pois nelle o Ceo a ti Sylva nos deu,
Que a fazes com tuas obras mais fermosa.

Aonde o inclito Rey de motu seu,
Movido pello spirito, que o guia
A mayores proezas, que a Theseo.

Pellas partes , que em ti ja conhecia ,
 Ou decreto de cima te escolheo
 Por começo do fim que pretendia.

De Capitaó de Tanger te proveo
 Em tempo que o Maluco affaz valente
 O grande Imperio de Africa venceo.

E sendo esta eleição do Rey valente ,
 Da cega inveja foste mormurado ,
 Porque ninguem escapou ao maldizente.

Naó te negáraó seres esforçado ,
 Mas diziaó , que á guerra em tal idade
 Servia Capitaó exprimentado.

E que em tempo de tal necessidade
 Convinha velho amparo , & forte escudo,
 Em quem naó possa haver temeridade.

Mas bem ao contrario se vio tudo ,
 Pois prudencia , & esforço juntamente
 Em ti exprimentou o Mouro rudo.

Quando com gram conselho, & pouca gente
 Atravessaste os campos Africanos ,
 Como gram Capitaó , velho , valente.

E foste a parte , onde os Mauritanos
 Naó tinhaó visto lança de Christaóes
 Havia longos tempos , longos annos.

Tomaste descuidado hum Capitaó
 No tempo , & assi na guerra exprimentado ,
 Em quem se confiava Tetuaó.

Alafe , irmaó de Alafe , nomeado ,
 Que naó só o seu campo defendia ,
 Mas entrava no nosso confiado.

Este, que toda a grande Berberia
Tinha, por mui prudente, & animoso,
Agora o tens na tua estrebria.

Que pôde aqui dizer pois o invejoso,
Onde taõ claro vé, que nessa idade
Supre o nobre fangue generoso.

Naõ te dira, que foi temeridade
Para feito como este tam valente,
Com ter seguro o campo, & a cidade.

Nem te pôde negar seres prudente,
Pois tempo, & conjunção foste escolher
Em que não arriscaste a tua gente.

Mas assi te soubeste recolher
Com gram despojo feito, denso dano,
Sem hum dos que levasse se perder.

O' felice Varaõ, Sylva Troyano,
Quem te pôde louvar, como venceste,
Pois no dia menor, que tinha o anno
O mayor feito em Africa fizeste.



P E T I Ç A M

*Ao Regedor , em nome de huma nobre Moça,
presa no Limoeiro , por se dizer, que fizera
adulterio a seu marido , que estava na In-
dia ; feita por LUIS DE CAMOENS.*

SPRITO valeroso , cujo estado
O aito Deos prospere & crescente ,
Regendo o fiel Reyno descansado ,
Com vida felicissima , & contente :
A vòs , em quem o humil necessitado
Acha sempre favor , & amor ardente ,
Peço queirais ouvir , que na verdade ,
Zelo , & amor de Deos me persuade.

NA Ò vos seja pesado o atreverme
A querer emprender sujeito alheyo ,
Porque fizeraõ lagrimas moverme
Vir ante vòs ousado , & sem receyo .
E se por tal quizerdes conhecerme ,
Servindovos de mim , por algum meyo ,
O nome , o braço , a Musa , & quanto posso ,
Ha já muito , Senhor , que tudo he vosso .

QU E M vos isto offerece dirà quanto
Desejo muito ha já servos aceito ,
Porque com vosso zelo , o favor santo ,
Faça meu rude verso algum proveito ;
Que cobrindome vòs com vosso manto ,
A eu ser nobre tendo algum respeito ,

Sey que posso ganhar , o que não tenho ,
 Pois me não faltão forças , nem engenho.

POREM isto , Senhor , deixando à parte ,
 Que razão he devida , a que me guia ,
 A vós venho com força , engenho , & arte ,
 Por influxo do Ceo , que a vós me envia :
 A vós , a quem tem dado Apollo , & Marte ,
 De seus thesouros parte , & melhoria ,
 Venho cantar com voz rouca , & chorosa ,
 Por húa encarcerada desditosa.

A vós venho , Senhor , na confiança
 Do vosso nome pondo meu sentido ,
 Que quem em vós confia , tudo alcança ,
 Sendo cousa , de que Deos he servido ;
 E pois elle vos deo justa balança ,
 Para pezar justiça , & dar ouvido ,
 Ouvi a petição da miseravel ,
 Com quem Fortuna foi tão pouco affavel.

O U V I da pobre Dona Catharina
 O grande desemparo inopinado ,
 A quem nenhum remedio determina ,
 Ou permite seu duro , & cruel fado ;
 Que se na tenra idade foi mofina ,
 Sua vida entregando ao vão cuidado ,
 Aja nisso castigo com brandura ,
 Porque o medo a fará viver segura
 ATA , Senhor , cuidar , que he moça pobre ,
 Que pobreza não tem nenhum respeito ,
 E mais não tendo idade , que lhe sobre ,
 Para saber fugir do que he mal feito :

Aja tambem cuidar , que he fangue nobre ,
 E ao jugo da Igreja inda fugeito ,
 E que pôde nacer de tal processo
 Hum grande , & cruelissimo successo.

CERTO que com razão urgente , & clara
 Tem algúa razaõ a infelice ,
 Que se ninguém recolhe , nem ampara
 A triste orfaã na flor da meninice ,
 A Fortuna cruel , em tudo avara ,
 Para lhe acarretar triste velhice ,
 Lhe entrega a honra , & pura castidade
 Nas mãos de húa vital necessidade.

BEM SEI , que de ter culpa não carece ,
 Só por não ser do fangue seu lembrada ,
 Mas defelhe , o castigo , que merece ,
 E não para tão longe desterrada :
 Que se para là for , bem se conhece ,
 Quam vilmente serà vituperada ,
 Dando motivo ao rude marinheiro ,
 Que seja incontinente carniceiro.

VEDE , Senhor , o risco , a que se obriga
 A desditosa , & fragil mocidade ,
 Se honra não vai buscar , ou parte amiga ,
 Que lhe defenda sua honestidade .
 Não queirais não , Senhor , que o mundo diga ,
 Ah , que grande rigor , & crueldade !
 Como já vai dizendo , & murmurando ,
 Sua grande ignorancia disculpando .

EU CERTO não duvido , que o Piloto ,
 O Mestre , o Marinheiro , o Capitão

Usem do costumado vicio roto
 Com todas, as que em seus poderes vão:
 Daime vós, Senhor, hum, que estê remoto
 De tal dilicia, nesta occasião;
 E eu direi ser falso, o que vos digo,
 Tomando sobre mim todo o castigo.

JÁ N A O ha hi João posto em deserto,
 Que sejã ao Ceo, por casto, tão aceito,
 Nem ha, quem não cometta desconcerto,
 Nessa torpeza brutta, & vil fugeito:
 Já não ha hi Hieronymo tão certo,
 Que, com pedra na mão, ferindo o peito,
 Da carne stimulado, assi lhe diga,
 Não te chegues a mim, carne inimiga.

A C U L P A he dos parentes descuidados,
 Que, vendoa sem amparo & sem abrigo,
 Em tempo, que os mais ricos & esforçados,
 Temendo a Deos, fugião seu castigo:
 Hús para seus jardins determinados,
 Outros por onde o Ceo lhes fosse amigo,
 A deixaraó tam sò nesta Cidade,
 Batalhando co a vil necessidade.

Pors, quem ouvera ahí, que não cahira,
 Vendose em tal extremo, em tal miseria,
 Qual Arthemisa aqui não consentira,
 Qual Romana Sofronia, ou qual Valeria?
 E qual Lucrecia fora que isto vira,
 Que não rendera o jugo à vil materia?
 Qual Thebana Thimochia, ou linda Sara,
 Ou qual mulher de Ulisses se negara?

Q U A L fora, a que se vira em tão infesta

Batalha, turbulenta, & espantosa,
 Exercitando a morte rija & mesta,
 Seu duro officio, brava, & rigurosa.
 Que Nympha ouvera ahi, que Deosa Vesta,
 Em virginal estado poderosa,
 Que não rendera a tudo o casto nome,
 Por não morrer nas mãos da dura fome?

AH, VALEROSO sprito, caso he isto,
 Para se dar perdão à fraca ovelha,
 Não seja o perdão seu, seja de Christo,
 Pois elle a perdoar nos aconselha:
 Assim nos altos Ceos sejais bem quisto,
 E vos incline Deos attenta orelha,
 Que vos lembre, Senhor, seu desemparo,
 Pois sois dos póbres pay & amigo claro.

POR isso olhai, Senhor, o quanto importa
 Cortar occasiões com fio agudo,
 Porque não se cortando, abrese porta
 Do lascivo desejo ao Nauta rudo.
 E, se, como vos digo, esta se corta,
 Olhando bem as leys do claro estudo,
 Será grandeza vossa muy fobida,
 Dessa real profapia produzida.

OLHAI, que tem, Senhor, húa minina
 Do ausente consorte, & filha sua,
 Muito desemparada, & pequenina,
 Fóra do natural, despida & nua.
 Sede vós, Senhor, agoa da Piscina,
 A vosso zelo tudo se attribua,
 Que, movendovos elle, não duvido,
 Que tudo a ella seja concedido.

CAPITULO.

AQUELLE mover de olhos excellente,
 Aquelle vivo espirito inflamado
 Do cristalino rosto transparente;

Aquelle gésto immòto, & repoufado,
 Que estando n'alma propriamente escrito,
 Nam pôde fer em verso trasladado:

Aquelle parecer que he infinito,
 Para se comprehender de engenho humano,
 O qual offendo em quanto tenho dito:

Me inflama o coração d'hum doce engano,
 Me enleva, & engrandece a fantasia,
 Que nam vi mayor gloria, que meu dano.

Oh bemaventurado seja o dia,
 Em que tomei tam doce pensamento,
 Que de todos os outros me desvia.

E bemaventurado o sofrimento,
 Que soube fer capaz de tanta pena,
 Vendo que o foi da causa o entendimento!

Façame, qué me mata, o mal, que ordena,
 Trateme com enganos, defamores,
 Que então me salva, quando me condena:

E se de tam suaves disfavores,
 Penando vive hũa alma consumida,
 Oh que doce penar, que doces dores!

E se hũa condição endurecida,



Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer, que doce vida!

E se me mostra hũ gesto brando, & humano
Como que de meu mal culpada se acha.
Oh que doce mentir, que doce engano!

Eu em querelhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
Oh que doce fingir, que doce cacha!

Assi que ponho jã no sofrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.

Se sinto tanto bem sô na memoria
De vos ver, linda dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a vitoria?

Se tanto vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para mercervos,
Que quero eu mais que tervos por senhora?

Se procede este bem de conhecervos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, senhora, que querervos?

Se em meu proveito faz qualquer partido,
Sô na vista de hũs olhos tam serenos,
Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?

Se meus baixos espiritos de pequenos,
Ainda nam merecem seu tormento,
Que quero eu mais, q' o mais nam seja menos?

A causa emfim me esforça o sofrimento,
Porque a pesar do mal, que me resiste,
De todos os trabalhos me contento,
Que a razã faz a pena alegre, ou triste.

A. B. C.

A. B. C. *Feitos em mottes.*

A. A. A. A.

A NNA quizestes que fosse
O voffo nome da pia
Para mòr minha agonia.

Apelles se fora vivo ,
E a vevos alcançara ,
Por vòs retratos tiràra.

Achilles morreo no templo
Contemplando de giolhos ;
Eu quando vejo effes olhos.

Artemisa sepultou
A feu irmão , & marido ;
Vòs a mim , & a meu sentido.

B.

B E M vejo que fois fenhora
Estremo da fermosura ,
Para minha sepultura.

C. C.

C LEOPATRA se matou ;
Vendo morto a feu amante ;
E eu por vòs em ser constante.

Cassandra disse de Troya ,
Que havia ser destruida ,
E eu por vòs d'alma , & da vida,

Tom. II,

K k



D. D.

DIDO morreo por Eneas,
 E vòs mataes quem vos ama,
 Julgai se fois cruel dama.
 Dianira innocente
 Da mà morte caufadora,
 Vòs da minha sabedora.

E.

EURIDICE foi a cauza
 De Orpheo hir ao inferno,
 Vòs de ser meu mal eterno.

F. F.

FEDRA sò de puro amor
 Morreo por seu enteado,
 Eu morro de defamado.
 Febo vai escurecendo
 Ante vossa claridade,
 E eu sem ter liberdade.

G. G.

GALATEA fois senhora,
 Da fermosura extremo,
 E eu perdido Polyphemo.
 Genebra, que foi Rainha,
 Se perdeo por Lançarote,
 E vòs por me dar a morte.

H. H.

HERCULES, huma camisa
De chamas, o consumo,
Minha alma desque vos vio.
Hebis, & Dido morrerão
Com o rigor da mudança,
Eu vendo vossa esquivaça.

J. J.

JUDITH que o duro Holofernes
Degolou, se viva fora,
Mate lhe dereis senhora.
Julio Cesar conquistou
O mundo com fortaleza,
Vòs a mim com gentileza.

J. J.

JULIO CESAR se livrou
Dos imigos com abrolhos,
Eu não posso desles olhos.
Jazia se o Minotauro
Preso no seu laberintho,
Mas eu mais preso me sinto.

L. L.

LEANDRO se afogou,
E foi sua causa Hero;
E a mim o que vos quero.
Leandro se afogou
No mar de sua bonança,
Eu no de vossa esperança.

K k ij



M. M.

MINERVA dizem que foí
 E Pallas Deoſas da guerra,
 E vòs, ſenhora, da terra.
 Medèa foi mui cruel,
 Mas não chegou a metade
 De voſſa gram crueldade.

N. N.

NARCISO o fiſo perdeo
 Em vendo a ſua figura,
 Eu por voſſa fermofura.
 Nimphas enganão mil Faunos
 Com ſeu ar & fermofura,
 E a mim voſſa figura.

O. O.

OS olhos choraõ o dano,
 Que em vos verem ſentirão,
 Mas eu pago o que elles virão.
 Orpheo com a doce Arpa
 Venceo o reyno de Plutão,
 Vòs a mim com perfeição.

P. P.

PARIS a Helena roubou,
 Por quem Troya foi perdida,
 E vòs a mim alma, & vida.
 Pyrrho matou Policena
 Perfeita em todos ſinaes,
 E vòs a mim me mataes.

Q. Q.

QUANTO mais desejo vovos,
Menos vos vejo senhora:
Não vos ver melhor me fora.
Querendo ver a Diana,
Ateon perdeu a vida,
Que eu por vòs trago perdida.

R. R.

REMEDIO nenhum não vejo,
Que remedee meu mal;
Nem crueza à vossa igual.
Roma o mundo fogeita
Com armas, saber, temor,
Vòs a mim sò por amor.

S.

SERENA na mòr Fortuna
Com enganos vai cantando
E vòs sempre a mim matando:

T. T.

THISBE morreo por Pyramo;
A ambos matou o Amor;
A mim vosso disfavor.
Thisbe pello seu amante
Morreo com amor sobejo,
Mas eu mais morto me vejo.

K k iij

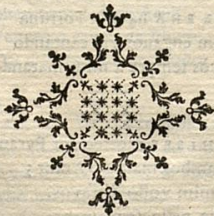


V. V.

V E N U S que por mais fermosa,
 Lhe deu Paris a maçãa,
 Não foi quanto vòs louçãa,
 Venus levou a maçãa,
 Por vòs não serdes, senhora,
 Nacida naquella hora.

X. X.

X P ò vos acabe em graça,
 E vos faça piedosa,
 Tanto, quanto sois fermosa.
 Xantopea tornou atraz
 Por Aponio a invocar,
 E vòs não a meu chamar.



ESTANÇAS

Na medida antiga, que tem duas contrariedades, louvando, & deslouvando, huma Dama.

Sors huma Dama De graõ merecer,
 Das feas do mundo, Sois bem apartada,
 De toda a mã fama Andaes alongada
 Sois cabo profundo Do bem parecer.
 A vossa figura Bem claro mostraes
 Não he para ver Em vós fealdade,
 Em voffo poder Não ha hi maldade,
 Não ha fermofura, Que não precedaes.

Fostes dotada, De fresco caraõ,
 De toda a maldade, Vos vejo ausente,
 Perfeita beldade Em vós he presente
 De vós he tirada A mã condiçaõ.

Sois muito acabada Em ter perfeiçaõ
 De tacha, & de glosa, Mui alhea estaes,
 Pois quãto a fermofa Mui muito alcançaes
 Em vós não ha nada De pouca razaõ.



A M O N T E

*Catherina bem promete ,
Ora mã , como ella mente.*

CA T H E R I N A he mais fermosa
Para mi , que a luz do dia ,
Mas mais fermosa seria ,
Se não fosse mentirosa ;
Hoje a vejo piedosa ,
A menhã taõ diferente ,
Que sempre cuidou que mente.

P R O M E T E O M E ontem de vir ,
Nunca mais appareceo ,
Creo que não prometeo ,
Senaõ sò por me mentir :
Fez-me em fim chorar , & rir ,
Rio quando me promete ,
Mas chorei quando me mente.

J U R O U M E aquella cadella
De vir pella alma , que tinha ,
Enganou-me , & tinha a minha ,
Deulhe pouco de perdella ;
A vida gasto apoz ella ,
Porque ma dà , se promete ,
Mas tirama , quando mente.

M A' , mentirosa , malvada ,
Dizei , porque me mentis ,

Prometeis , & entaõ fugis ,
 Pois sem tornar , tudo he nada :
 Naõ sois bem aconselhada ,
 Que quem promete , se mente ,
 O que perde naõ o sente.

TUDO vos consentiria
 Quanto quizesseis fazer ,
 Se este vosso prometer
 Fosse por me ter hum dia ;
 Todo entaõ me desfaria
 Com gosto , & vòs de contente ,
 Zombarieis de quem mente.

MAS pois folgaes de mentir ,
 Prometendo de me ver ,
 Eu vos deixo o prometer ,
 Deixai-me vòs o servir ;
 Haveis entaõ de sentir
 Quanto a minha vida sente
 O servir a quem lhe mente.

CATHERINA me mentio
 Muitas vezes , sem ter lei ,
 E todas lhe perdoei
 Por huma sò que cumprio :
 Se como me consentio
 Fallarlhe , o mais me consente ;
 Nunca mais direi que mente.



M O T T E.

Sem vòs, & com meu cuidado.

G L O S A.

QUERENDO Amor esconderyos;
Em parte que vos não viße,
Com estremos de queter vos,
Cegoume os olhos com vevos
Levou os, sem que os viße.

Eu cego, mas atinado,
Quando vi que vos não via,
Do mefino Amor indignado,
Ja vedes qual ficaria
Sem vòs, & com meu cuidado.

M O T T E.

*A alma, que està ofrecida
A tudo, nada lhe he forte.
Assi passa o bem da vida,
Como passa o mal da morte.*

G L O S A.

DE MANEIRA me succede,
O que temo, & o que desejo,
Que sempre o que temo, vejo
Nunca o que a vontade pede.

TENHO tam ofrecida
Alma, & vida a toda a forte,

Que isso me dera da morte,
Como ja me dà da vida.

M O T T E.

*Ferro, fogo, frio, & calma
Todo o mundo acabarão,
Mas nunca vos tirarão
Alma minha da minha alma.*

G L O S A.

NAõ vòs guardei quando vinha
Em torre, força ou engenho,
Que mais guardada vos tenho
Em vòs que fois alma minha.

ALLI nem frio, nem calma,
Naõ podem ter jurdição,
Na vida sim, porèm naõ
Em vòs, que tenho por alma.

M O T T E.

*Esperei, ja naõ espero
De mais vos servir senhora,
Pois me fazeis cada hora
Tanto mal, que desfespéro.*

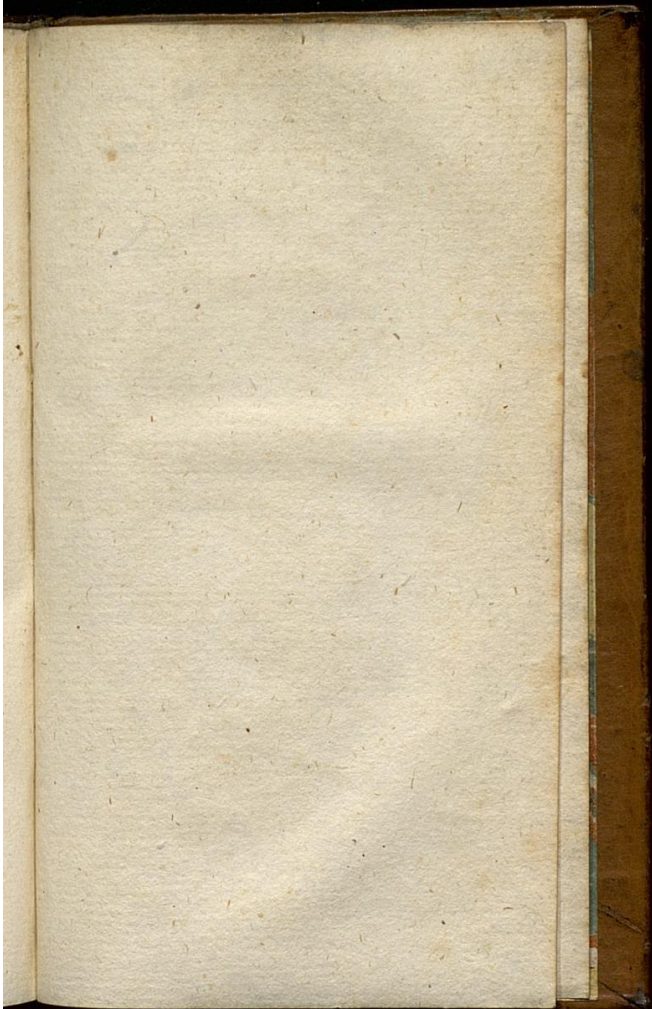
G L O S A.

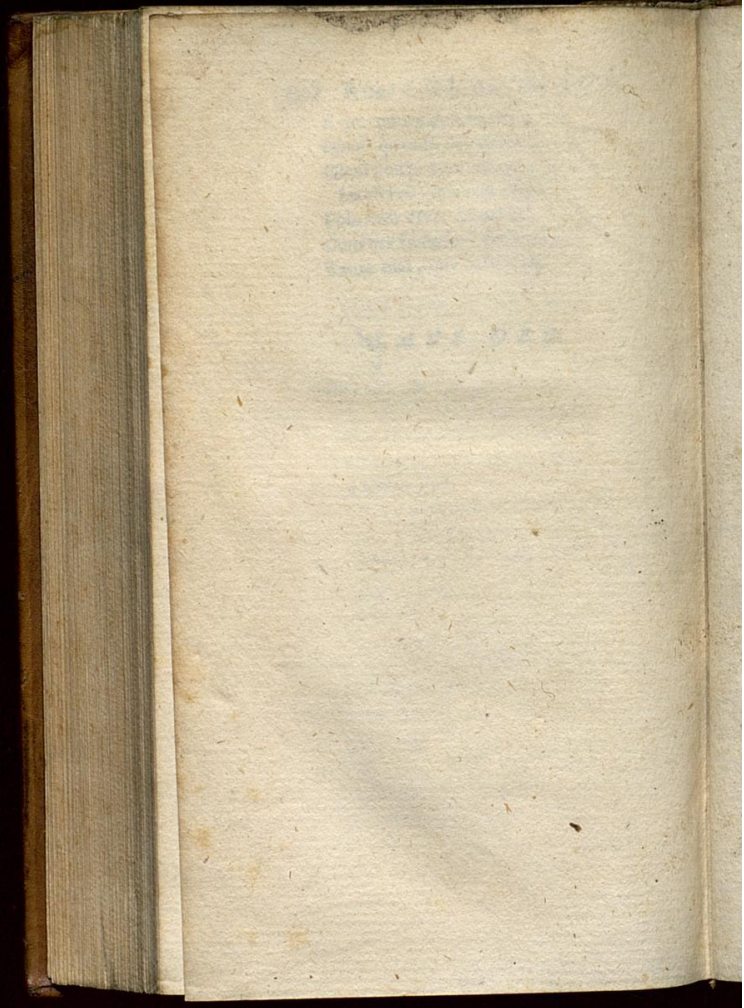
Pois sei certo que folgaes,
Quando mais mal me fazeis,

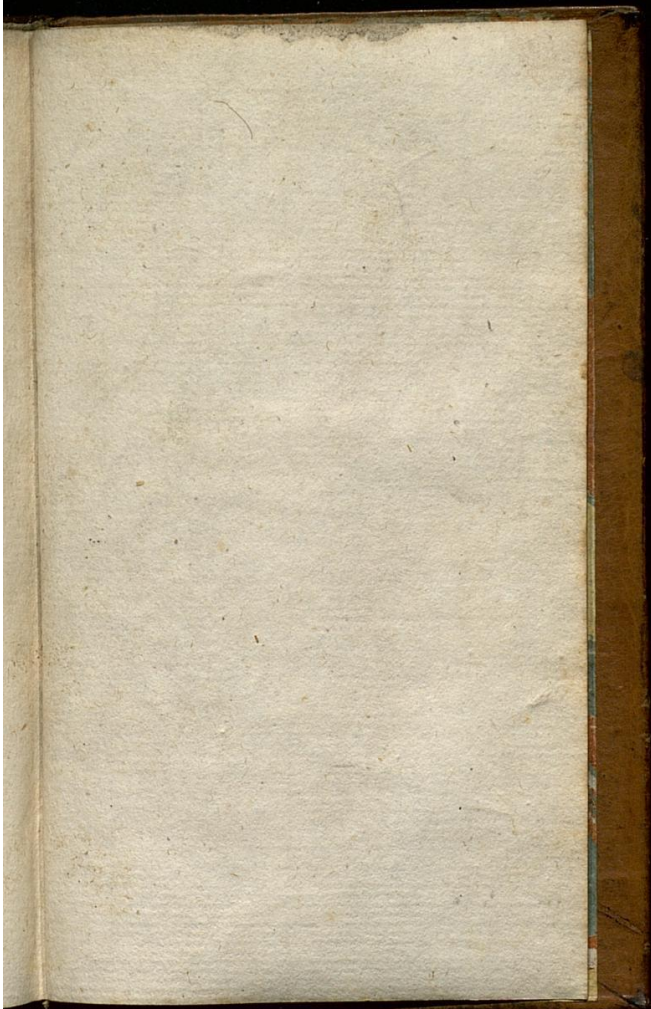
396 RIMAS DEL. DE CAMOENS:

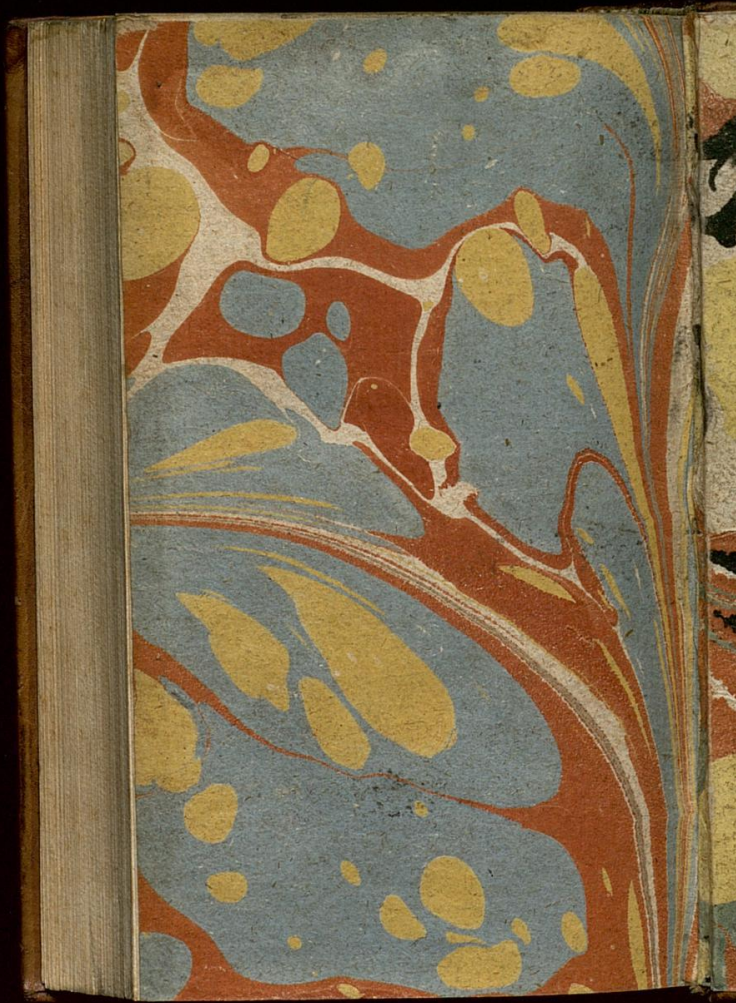
E que nunca defcanças ,
Senaõ quando me mostraes
Quaõ pouco bem me quereis.
Serviros mais naõ espero ,
Pois meu viver empeora ,
Com me fazerdes , senhora ,
Tanto mal , que defespero.

LAUS DEO.

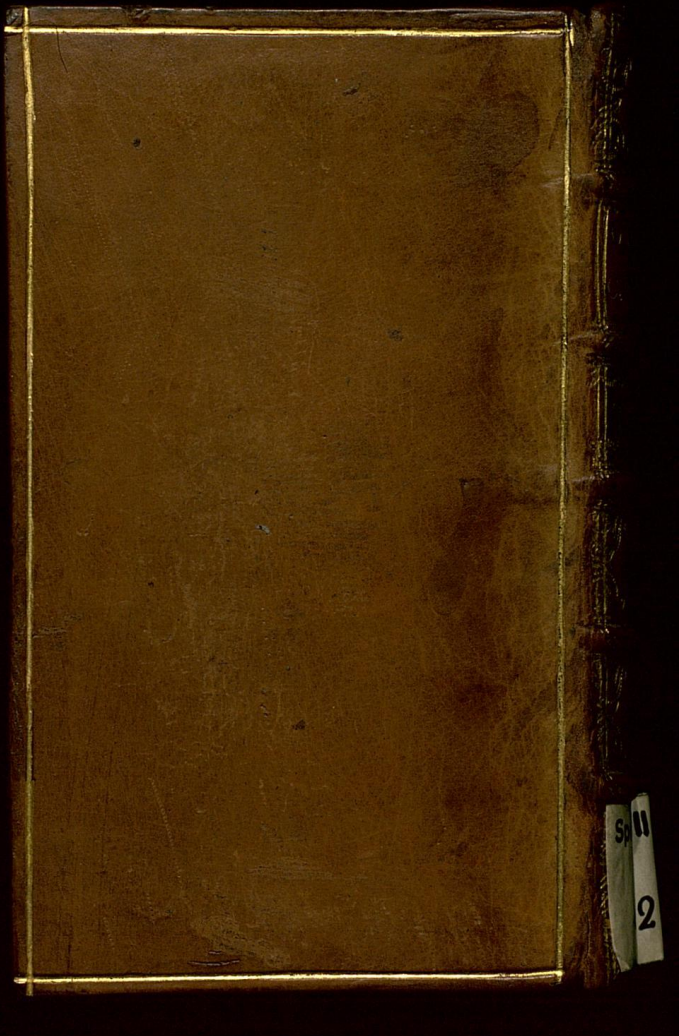












Sp II
2

